UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

História social do LSD no Brasil: os primeiros usos medicinais e o começo da repressão

JÚLIO DELMANTO

VERSÃO CORRIGIDA
SÃO PAULO
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

História social do LSD no Brasil: os primeiros usos medicinais e o começo da repressão

JÚLIO DELMANTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História Social

ORIENTADOR: Dr. Henrique Soares Carneiro

VERSÃO CORRIGIDA
SÃO PAULO
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D336h

Delmanto, Júlio
História social do LSD no Brasil: os primeiros usos medicinais e o começo da repressão / Júlio Delmanto ; orientador Henrique Carneiro . - São Paulo, 2018.
295 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Contracultura . 2. Drogas . 3. Ditadura militar . 4. LSD. 5. Brasil . I. Carneiro , Henrique, orient. II. Título.

Nome: DELMANTO, Júlio.

Título: História social do LSD no Brasil: os primeiros usos medicinais e o começo da repressão

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História Social

ORIENTADOR: Dr. Henrique Soares Carneiro

Banca Examinadora:

Profº Drº _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profº Drº _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profº Drº _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profº Drº _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

ao gordão, meu pai, que virou lágrima
à minha mãe dileta e ao meu irmão ivan,
que ficaram aqui comigo

I'm gonna talk that freedom talk
Let me see you walk that freedom walk

Freedom Time, The Wailers

Agradecimentos

Hoje só quero a pureza disso comigo
Verdades de olhares sinceros
Onde eu possa encontrar abrigo
Gente bonita – Fióti

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que me apoiou no âmbito do Convênio FAPESP/CAPES por três já saudosos anos, sob processo número 2015/00332-9. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Eternamente grato também ao Henrique Carneiro, minha porta de entrada pro mundo da academia e guia intelectual, espiritual, moral, enciclopedial. À Silvia e ao Michel também.
A todos que são ou foram orientandos do Henrique também agradeço muito, aos integrantes do Laboratório de Estudos Históricos sobre Drogas e Alimentação – LEHDA, ao Lucas Avelar, companheiro de quarto e aventuras nas Orópa. Também bastante agradecido ao Carlos Torcato, Cadu, sem quem eu não teria bolsa talvez nem projeto, grande parceiro e inspirador, mesmo que se alinhando ao tricolor errado. Assim como o Luciano Thomé, companheiro até de tema, os dois grandes e recentes pais ainda! Já aproveitando o flow gremista agradeço ao Tiago Ribeiro, grande pensador, e ao chapa Denis Petuco, o Paulo Freire que a gente pode chamar de nosso.

A todas pessoas que entrevistei, que me receberam e me abriram as portas de suas histórias incríveis e muitas vezes dolorosas. Especialmente ao Luiz Carlos Maciel e ao Raul Fiker, in memoriam, foi uma honra ter conhecido vocês. Assim como foi uma enorme satisfação conversar com Osmar Ludovico da Silva e Antonio Peticov, figuras que você só de estar no mesmo espaço já fica mais sábio, com o beat Cláudio Willer, com os grandes cineastas André Luiz "Meteorango Kid" Oliveira e Neville D'Almeida, que me apresentou a Ilha da Gigoia. Ao Celso Frederico, e a todos outros que me ajudaram a acessar documentos, a entender como se pesquisa, a sobreviver e caminhar entre a burocracia: funcionários das Bibliotecas da USP, dos arquivos do Tribunal de Justiça, do CEBRID, do Arquivo Nacional, do Arquivo do Estado, que lugares mais cheios de vida. Ao Vinicius e ao Danilo Mekari pela entrevista com a Maria Alice Vergeuiro.

Agradeço muito ao à Thamires mil sobrenomes Sarti, que vai ser logo reconhecida como uma das maiores pesquisadoras da porra toda e que me ajudou a pensar essa coisa de trajetórias, de metodologia – e até um pouco de astrologia! – e ao monstrão Rafael Zanatto, que me ajudou em tanta coisa e ainda é sangue bom demais.

À Bia Labate, incansável, mente sem fronteiras, que abre tantas portas e ensina tanto pra todo mundo, agradeço muito também. Também ao mito Edward MacRae, que junto com o Joey, vulgo Wagner Coutinho Alves, “frito da cena”, também são incansáveis e geniais. Ao Maurício Fiore, grande referência acadêmica de quem tenho a honra de ser amigo, agradeço demais e sempre, à Ana Aranha também. Agradeço ao Paulo Malvasi, ao Luis Fernando Tofoli, ao Cristiano Maronna, ao Sidarta Ribeiro, ao Bruno Ramos Gomes, grandes cabeças e corações, e também agradeço bastante à Sandra Goulart, outra pesquisadora incrível, e à não menos maravilhosa Mariana Broglia que em um minuto já passou de colega de trabalho à amiga pra vida toda. Muito grato à Tharcila Chaves, que mora na neve com o sorriso mais quente, e ao Wander Wilson, beat dos tempos modernos. Agradeço muito a Jaque Nikiforos, que abriu seu sofá cama e seu mundo novo pra mim lá no Velho Mundo e fez tudo ser ensolarado e florido.

Agradeço muito a todos que me convidaram para eventos acadêmicos e ou conviveram comigo neles e em seus prés e pós, em vários lugares do Brasil e do mundão, foi caminhando que se fez esse caminho, e no meio dele só apareceram pessoas inesquecíveis, que viraram saudade e esperança. Agradeço especialmente a Bárbara Braz, muito mais rainha que qualquer castelo que vimos, Lucas Richert e Caroline Marley, da Escócia, thanks a lot!, Guus Zwitser, holandês mexicano, Andrés Gongora, colombiano carioca, Alessandro Stella, italiano francês, tenho vontade de dar um abraço na sua vida!, ao Alejo Bermudez, colombiano mexicano, Marcos García, mexicano francês, todos gente boa demais demais demais, ao Jônatas Carvalho, ao Frederico Policarpo, à Maria de Lourdes, ao Marcos Veríssimo, ao Emílio e ao Ricardo Brave, agradeço bastante pelo intercâmbio, e aos amigos que me fazem ter tanta saudade do nosso México lindo y bandido: José Domingo, companheiro de tantos eventos e confidências, no mámes ya eres mi carnal para la vida wey!, Pamela, volando siempre tan arriba, Fany, Olmo, Nídia, Hector Joe, Emma, Aldo, Jorge Tinajero - si, me muero lejos de vocês!

Agradeço também aos professores com quem tive aula durante o Doutorado, principalmente Vera Telles, Rubens Adorno e Júlio Simões, e ao Paulo Arantes, o maior professor, na acepção da palavra e para além da sala de aula, que existe.

Agradeço muito a todos os companheiros de ativismo e de antiproibicionismo, ao lado de quem já avançamos tanto: e foi só o começo. Seria impossível listar todo mundo, mas agradeço especialmente aos que são ou foram integrantes do Coletivo Desentorpecendo a Razão, o DAR, que só me dá orgulho – e trabalho e preocupação! Juliana Paula, Rafael Presto, Gabriel Barrela, Carol,

João Pedro, Juliana Machado, Gustavo, Robertinha, Havana Prisicila, Ilana, agora Rafael, Edu, Caio, Dayane, só fera, dream team, agradeço demais por todo o aprendizado e apoio. Agradeço à Maria Antonia Goulart, in memoriam, por nunca desistir. Agradeço à Gabi, que viu de perto esse projeto nascer e sempre vai fazer parte do que entendo por liberdade (e felicidade), e a toda sua família maravilhosa, especialmente a minha queridíssima Tânia.

A que dividiram gramados nem tão gramados comigo, a todos e todas que jogam que pelo União Lapa e fazem do sábado o melhor dia da semana, Dri (e Luan!!), Juninho, Danilão, Mandioca, Camilinha, Iuri, Ruth, Rodrigo, Vivi, Alyne, Luis, Giba, Coelho, Brunão, Reynaldinho, Jô, Luca, Pedrinho, Kaká, Bahia, Julio Carlos, Zóio, toda a molecada xovem, é muita gente, muito obrigado. Agradeço ao Gastón, à Flora, ao Gordon, à Flor, à María, amigos distantes saudades gigantes. Agradeço muito à Flávia Leão, à Raquel Porangaba, à Marina Mattar, à Monique Felix, à Fernanda Luz (e Ninota!), Amanda Carneiro, à Luiza Ferreira, à Thereza Meirelles, à Isa Bentes, à Julia Chequer, à Raiana Ribeiro (exceção aqui pro Nâno), à Vivi Letayf, à Camila Issa, mulheres brilhantes e de muita visão. Agradeço demais à Harumi querida, pequena gigante: voa como borboleta, pica como abelha!

E agradeço também, imensa e eternamente, a meus amigos queridos que me deram sustento durante essa caminhada, longa e cheia de obstáculos: ao Renato Meninão Filev, ao Filipoo RádioGuga Cecílio, ao Jean Jãn Gustavo, ao Danilo Turkão Mekari, ao Rodrigo Avatar Vinagre, ao Pedro Bebezão Nogueira, ao Thiago Pistola Moraes, ao Vinicius Tabaco Furuie, minha eterna paixão platônica intelectual, ao Vitinho, ao Vitão, ao Rena, ao Heitor, ao Igor, ao Rodolfo, ao Tadeu, ao PH, ao Felipe Suna, ao Fernando Spuri, ao Fernando Profeta, ao Rafael Naka: broulove eterno pra vocês, que são importantes demais. Ao Dani, parceiro de reggae e vida (que são a mesma coisa né!), à Lia, que me lê melhor que ninguém (achei que você ia gostar de um trocadalho!), à Pri e à Júlia, tão luminosas e iluminadoras, à Ni, xinoquinha do meu coração: amo vocês, agradeço demais por tudo.

Aproveito e agradeço também ao Rogério Ceni, por que não?, que saudade!, e a Albert Hofmann, o pai da criança-problema.

E por fim, agradeço novamente à minha família, aos Delmanto, especialmente a Zélinha, melhor pessoa do mundo!, aos Franklin de Matos e principalmente à minha mãe e irmão, a quem dedico esse trabalho, e tudo mais que precisar. Agradeço a meu pai, por tudo que pra sempre vive em nós.

Resumo

Depois de apresentar as origens históricas da contracultura, no Brasil e nos Estados Unidos, e contextualizar um pouco das relações entre os integrantes destes movimentos e o uso de drogas, sobretudo maconha e ácido lisérgico, esse trabalho traça, através principalmente da análise de trajetórias individuais que se cruzam de uma forma ou de outra, uma história social da chegada do LSD ao Brasil. O trabalho investiga, com profundidade, o primeiro processo judicial por tráfico e porte da substância, iniciado em janeiro de 1970, em São Paulo, estudando a trajetória dos principais réus, a repercussão midiática, os relatos feitos a posteriori e as formas de ação da polícia e da justiça, em um momento em que não só a ditadura militar vivia sua fase mais violenta, após o AI-5, como também vigorava a lei de drogas mais dura que o país já teve. Analisando os autos de dito processo, e também uma ampla variedade de outras fontes, orais e documentais, apresenta-se como se desenrolou o começo da repressão ao LSD no Brasil, e recupera-se também como foi a chegada da substância ao país, que se deu pela via medicinal na virada dos anos 1950 para os 1960.

Abstract

After presenting the historical origins of the counterculture in Brazil and in the United States, and also after contextualizing some of the relations between the members of these movements and the use of drugs, especially marijuana and lysergic acid, this work traces, mainly through the analysis of individual trajectories which intersect in one way or another, a social history of the arrival of LSD in Brazil. This thesis investigates in depth the first judicial process for trafficking and possession of the substance, begun in January 1970, in São Paulo, studying the trajectory of the main defendants, the media repercussion, the reports made a posteriori and the forms of action of the police and the justice system, at a time when not only the military dictatorship was experiencing its most violent phase, after the "AI-5", but the hardest drug law in the country's history was also in force.By analyzing the files of this process, as well as a wide variety of other sources, both oral and documentary, the beginning of the repression of LSD in Brazil is described, as well as the medical origins of the substance's arrival in the country.

Sumário

Introdução - 13

CAPÍTULO 1: A contracultura nos Estados Unidos - 22

- Os Sixties - 27
- Anarquistas místicos: os beats e as drogas - 33
- Ainda os Sixties: Vietnã, rebeliões estudantis e por direitos civis - 40
- A revolta dos não oprimidos: marcos iniciais da contracultura - 44
- Veículo para a consciência cósmica: drogas e contracultura - 52
- LSD, a pedra filosofal - 58
- Kesey e Leary - 67

CAPÍTULO 2: A contracultura no Brasil - 77

- O avesso da modernização - 77
- Luiz Carlos Maciel, o guru - 87
- Os beats paulistanos - 96
- Drogas e Tropicália - 115
- Swinging London - 140

CAPÍTULO 3: O LSD no Brasil - 144

- Primeiros trabalhos acadêmicos - 155
- Murilo Pereira Gomes: entender nosso papel na peça da vida - 167
- Cesário Morey Hossri: da parapsicologia à caça de diamantes - 176
- Jamil Haddad: desdobrar e tresdobrar a personalidade - 187
- Começo da cobertura midiática - 190

CAPÍTULO 4: O primeiro processo judicial por tráfico de LSD no Brasil - 197

- “Que, no decorrer da sua experiência, o declarante sentiu amor por todas as pessoas” - 201
- Repercussões do caso na imprensa - 214
- “Grã-finos tomavam LSD na 'Festa do Embalo'” - 222
- Depoimentos dos réus em juízo - 227
- “A polícia queria entrar na onda, e ela mesma traficar” - 231
- Outras estratégias das defesas - 239
- A sentença - 244
- Antonio Peticov: “o Papa do LSD” - 251
- Osmar Ludovico da Silva: traficante, hippie, pastor - 260
- Barry John Holohan: “não importa como isso termine, um dia eu vou matar Antonio Peticov” - 271

Considerações finais - 277

Bibliografia - 284

Introdução

> Me preguntaba cómo se arma una vida. ¿Con qué pequeños datos y grandes decisiones se va trazando esse retrato que, alguna vez, será lo que quede de esos años? ¿Piensan los hombres, las mujeres, en el dibujo de sus próprias biografias cuando toman ciertas decisiones determinadas vías? ¿O sus vidas más que nada les suceden, se transforman en su historia cuando ya son historia, cuando no hay mucho que pueda cambiar salvo el relato? Me preguntaba: ¿Quién arma cada vida?
> Me lo pregunto sin saber la respuesta, sin saber si la respuesta me sirve para algo: sin respuestas.
>
> Martín Caparrós (2014, p. 40)

Osmar Ludovico da Silva era um jovem de classe média, morador do bairro da Pompeia em São Paulo, quando decidiu botar "o pé na estrada", segundo suas próprias palavras: mudou-se para a Europa antes do golpe de 1964, vivendo em diversos países e se aproximando das formas de agir e pensar que compunham a nascente contracultura dos anos 1960 e 1970. Envolvido com o comércio de haxixe para se sustentar, teria se tornado um entreposto de um traficante libanês, e depois tentado ir buscar direto na fonte, em Beirute, para vender na Dinamarca, onde viva. Foi preso em 1968 com 13 quilos de haxixe escondidos no painel do carro, e passou um ano preso, entre prisão comum e uma espécie da manicômio judicial. Superlotação, torturas. Lá, Osmar conheceu Barry John Holohan, preso pelo mesmo motivo: um australiano de criação católica rígida, sócio de cassino em Londres e que posteriormente se descreveu como alguém que buscava mais aventuras do que dinheiro ao entrar para o tráfico .Quando soltos, Barry foi para a Califórnia, Osmar voltou para São Paulo, tendo um plano em vista: vender LSD no Brasil para comprar cocaína, que seria vendida na Europa.

Para isso, Barry contava com um aliado, o misterioso inglês John Emery, de cerca de 50 anos, distante do perfil hippie da maioria dos outros envolvidos. Juntos vieram ao Brasil e encontraram Osmar, que os apresentou ao artista plástico Antonio Peticov, de 23 anos, um "agitador cultural" daquilo que começava a ser a cena hippie da cidade de São Paulo. Peticov começou a distribuir os comprimidos importados da Califórnia entre seus amigos do meio intelectual e artístico da cidade:

pelo preço cobrado e pelo perfil de alguns dos supostos compradores identificados, pode-se inferir que eram os filhos da elite paulistana os que estavam começando a se encantar com o potencial do ácido lisérgico, e da cultura contracultural em geral. Isso era dezembro de 1969, janeiro de 1970, momento em que a ditadura militar estava em sua etapa mais brutal, depois de aprovado o famigerado Ato Institucional número 5, AI-5, e no qual o Brasil tinha também a mais dura lei de drogas de sua história, que equiparava usuários, traficantes e até propagandistas das drogas com as mesmas penas.

Na tarde do dia 28 de janeiro de 1970, o artista plástico Antonio Peticov, de 23 anos, saiu de uma consulta no dentista e voltou para seu apartamento no centro de São Paulo, onde dois amigos seus o esperavam. Pouco depois, recebeu a visita do policial civil Angelino Moliterno, conhecido como Russinho e integrante do Esquadrão da Morte, que o prendeu por posse e tráfico de LSD e levou os outros dois como testemunhas, o que naquele tempo podia significar também uns dias no xadrez. A partir daí há várias versões do que aconteceu, mas uma coisa é certa: com esse flagrante estava iniciado o primeiro processo judicial por tráfico de LSD do Brasil.

Ao saber da prisão de Peticov, Osmar teria ido se esconder em um sítio com um amigo, Domingos Proietti. Antes, incumbiu outro amigo seu, que já fazia parte dos planos desse pioneiro e mal articulado grupo de traficantes, José Gaspar Vaz Ribeiro, de buscar Barry no hotel em que estava, no centro de São Paulo, e levá-lo até a rodoviária para que ele partisse para o Rio de Janeiro, evitando uma prisão que eles consideravam improvável. No caminho, José Gaspar encontra um amigo seu de bairro, da Pompeia, Gibrail D'Ávila Junior, que tinha carro e pra quem ele pede uma carona. Ao chegarem no hotel e buscarem Barry, são cercados pela polícia e presos. Em outra diligência, caem também Domingos e Osmar.

Resumidamente, esse é o começo da principal história que eu conto nesse trabalho: a partir dessas pessoas de trajetórias tão singulares mas também tão exemplares teve início o primeiro processo judicial por tráfico de LSD no Brasil, no começo de 1970. Mas isso tá muito longe de ser tudo, depois dessa prisão muita coisa aconteceu com esses sete personagens citados, os primeiros réus que foram processados, e condenados, por essa acusação no país, em uma história que revela muito do funcionamento judicial e policial daquele momento, atravessado pela arbitrariedade e pela tortura – algo que infelizmente mudou mais de roupagem do que de conteúdo nos dias atuais. E não só: as trajetórias desses personagens, de diferentes formas e em distintos níveis, também se entrelaçam com muitas outras histórias, que juntas formam um pouco do que foi a relação entre drogas e contracultura para uma geração, formam o começo da história social do consumo e da

repressão do LSD no Brasil.

Das páginas do processo e dos jornais da época, e dos relatos de alguns dos envolvidos, vemos uma série de personagens surgirem: o delegado que começou a investigação porque leu nos jornais que o FBI estava no Brasil procurando LSD; o investigador psicopata que se vendeu para mudar de depoimento e que era membro de um grupo de extermínio controlador do mercado de cocaína da cidade; o juiz que se preocupa com "a mocidade" e defende os valores familiares e a virgindade feminina nos autos; o artista traficante e hippie que na prisão não larga sua bíblia, que uns dizem que entregou seus amigos, outros que não, e que vai do Carandiru a um show do Jimi Hendrix, com um casamento anulado no meio, em muito menos tempo do que se poderia imaginar; os testemunhos que o defendem, os testemunhos que o entregam; o misterioso inglês financiador da operação que nunca foi visto muito menos pego; os traficantes internacionais hippies que se convertem na cadeia e mudam pra sempre de vida; a discussão sobre o ácido lisérgico causar ou não dependência, ser ou não proibido; a tortura como principal e talvez único método de investigação, acareação e construção de provas; a mídia e suas informações absolutamente conflitantes, estereotipadas e muitas vezes aleatórias.

Essas são algumas das histórias que envolvem minha principal fonte, o processo judicial que encontrei após descobrir que o juiz do caso havia publicado um livro sobre isso. Quando comprei o livro não imaginava que ele era constituído de partes da sentença, o que já é uma grande fonte, muito menos que nele acharia o número do processo. Mesmo com esse número, nunca imaginei que o processo estaria disponível para consulta nos arquivos do Tribunal de Justiça de São Paulo, como estava, em suas mais de mil páginas, provavelmente distantes de qualquer olhar humano por décadas. Ao encarar essa montanha de páginas, nunca imaginei dela fosse sair uma quantidade tão grande de detalhes, contradições, omissões: de histórias, de História. Ao buscar mais sobre os personagens e sobre o caso, também não esperava que fosse encontrar tanta coisa, que se tratasse de gente tão fascinante como são todas as vidas bem documentadas. Não esperava tanta coisa na imprensa da época, não imaginava que não só o juiz do caso tivesse um livro publicado mas também um dos réus, e nos Estados Unidos ainda por cima, não tinha nem de longe como supor que dois dos réus tinham se convertido ao cristianismo por conta de um amigo do pai daquele que, supostamente, foi o responsável por suas prisões.

Foi uma grande sorte de ter encontrado esse processo tão simbólico, e foi mais sorte ainda ele envolver pessoas de trajetórias tão ricas e únicas – eu poderia ter encontrado o primeiro processo por ácido lisérgico do Brasil e ele poderia envolver um só réu, poderia não ter tamanha cobertura na

imprensa, poderia não ter personagens vivos dispostos a falar, etc. e etc. Por conta disso, minha pesquisa de Doutorado, que começou em 2014 e termina no final dessas linhas, mudou completamente.

Meu projeto inicial de Doutorado previa um olhar mais abrangente, e provavelmente menos aprofundado, sobre as relações entre drogas e contracultura no Brasil dos anos 1960 e 1970. Talvez inspirado - ou quem sabe contaminado – por minha pesquisa de Mestrado (Delmanto, 2013), que fizera exatamente esse olhar panorâmico mas sobre as relações entre drogas e esquerda no Brasil após 1961, meu plano era, através de uma diferenciação inicial entre jovens urbanos e moradores de comunidades, fazer o máximo de entrevistas possíveis e, a partir disso, mapear e tematizar as principais questões relativas a esse tema nesse contexto e época, sobretudo para as pessoas identificadas com a contracultura. Apesar de já ter a disposição de restringir as escalas da análise através da utilização não só de fontes orais mas de abordagens micro-históricas, eu não tinha muita ideia de como faria isso, pensava que talvez ao final da pesquisa fosse restringir a redação a menos trajetórias, mas minha ideia inicial era coletar entrevistas, documentos e outras informações e fontes sobre o máximo possível de pessoas, grupos e comunidades envolvidos com a contracultura.

Com o tempo fui vendo que só em relação especificamente ao uso de LSD e à chegada da substância no Brasil, que depois observei ter se dado por via medicinal, já havia uma quantidade suficiente de informações e documentos para que isso tivesse grande importância no trabalho. Mais ainda por constatar que essa é uma história que não foi contada pela ainda jovem, e esparsa, historiografia brasileira do campo das drogas. Mesmo assim, eu ainda trabalhava com a ideia de uma visão panorâmica sobre drogas e contracultura no Brasil – imaginava que no mínimo faria um relato de diversas trajetórias individuais, vendo seus pontos de contato e distanciamento, sem saber exatamente como faria para trazer para a prática de meu trabalho historiográfico as leituras metodológicas que vinha fazendo cada vez mais, e que apontavam exatamente para o lado contrário dessa visão ampla e generalizante, valorizando um olhar sobre o individual que ilumine também o social, e não apenas um enfoque sobre o segundo aspecto. Ao descobrir esse processo judicial encontrei também um caminho para fazer isso.

Essa convicção da importância do processo judicial foi crescendo durante a pesquisa, à medida que eu encontrava novas fontes. Com o tempo, o que seria uma das principais histórias contadas acabou se tornando a principal, tal a diversidade de materiais encontrados: o livro do juiz Geraldo Gomes levou ao processo, este em si já uma fonte de grande valor, trazendo as vozes dos réus, testemunhas, peritos, do juiz, do delegado, do promotor, até da mídia; sabendo quem eram os réus e a data das

prisões, pude encontrar também diversas reportagens publicadas em distintos órgãos de imprensa da época; a descoberta dos nomes ainda permitiu a busca por prontuários no arquivo das polícias políticas da ditadura e eu fiz ainda entrevistas com dois dos réus e mais uma pessoa envolvida indiretamente com o processo. Um dos entrevistados me deu reportagens guardadas e ainda me indicou um livro de um dos réus que menciona o caso, publicado fora do Brasil e do qual eu não tinha conhecimento.

Ou seja, pude reunir fontes diversas, e em alguns momentos conflitantes, sobre o início da repressão ao ácido lisérgico no Brasil, um momento em que inclusive se discutia judicialmente, e também na imprensa, se a substância era ou não proibida. Com isso, por um lado pude me aproximar mais da ideia inicialmente prevista de variar as escalas do relato que faria na redação da tese, tendo a perspectiva micro-histórica como um dos pontos de apoio da reflexão metodológica. Por outro lado, essa descoberta de tantas fontes distintas me levou a diminuir a centralidade que as fontes orais inicialmente teriam: como se verá, elas ainda são utilizadas e foram muito importantes na pesquisa, mas talvez em uma intensidade menor do que eu pensava, convivendo em pé de igualdade com fontes documentais produzidas na época e também relatos, escritos, feitos a posteriori. Além disso, com a decisão de dar papel central a esse processo judicial na narrativa aqui apresentada, ter o LSD como igualmente protagonista acabou sendo uma consequência, o que levou a que eu me aprofundasse nas pesquisas sobre a chegada da substância ao Brasil.

Inicialmente eu previa um retrato amplo da relação de pessoas da contracultura com diversas drogas, lícitas inclusive, afinal é inerente ao tipo de visão que tenho do fenômeno do consumo e das políticas de drogas buscar um tratamento que não se fie na distinção legal entre as substâncias, entendendo e problematizando constantemente a origem política, e os interesses e os problemas, que estão por trás dessa distinção. Ao começar a pensar nesse caso de Peticov, Osmar e companhia como central na narrativa da minha então futura e agora presente tese, foi inevitável que eu me debruçasse especificamente sobre a chegada do LSD ao Brasil. Fazendo isso, me dei conta que havia pouco material sobre isso, essa era uma história que não estava escrita, e que ainda não está completamente, longe disso. No entanto, acho que aqui, principalmente no terceiro capítulo dessa tese, eu apresento uma contribuição para uma a meu ver necessária, e também fascinante, história social do LSD no Brasil – como aliás fizeram Martin Lee e Bruce Shlain (1992) em relação à substância nos Estados Unidos em seu livro *Acid dreams: the complete social history of LSD*, inspiração para o título da minha, mais humilde, pesquisa.

Essa contribuição na minha opinião é valiosa não só por apresentar quando, e como, se deu o início

da repressão ao ácido lisérgico no Brasil, mas também por demonstrar que a droga chegou ao país da mesma forma que aconteceu em muitos outros lugares do mundo, pela via medicinal. Distribuída gratuitamente pela empresa suíça Sandoz, para quem o "pai da criança-problema" Albert Hofmann trabalhava quando descobriu a substância, a substância teve uma série de adeptos no campo médico brasileiro, já a partir dos anos 1950. Também recebia atenção midiática, até meados dos anos 1960, primordialmente sob esse viés, do uso terapêutico. Ao recuperar a trajetória, os métodos e as opiniões de alguns desses médicos creio que sedimento parte do pontapé inicial dessa história social do LSD, que obviamente pode ser enriquecida com tudo que aconteceu com a droga, e seus consumidores, depois que foram condenados os primeiros réus, que é onde termina essa tese.

Analisando a vida e a obra desses médicos, me chamou atenção também outro aspecto que acredito que é outra contribuição interessante dessa pesquisa, que é o fato de muitos desses pioneiros na investigação do ácido lisérgico, quase todos psiquiatras, terem ideias e práticas bastante conservadoras, algumas vezes pode-se dizer que até abomináveis, algo diferente do que eu esperava, pensando que talvez fosse encontrar profissionais mais "alternativos", que gostassem de medicina oriental, de macrobiótica, de paz e amor. Pelo contrário, alguns desses médicos trabalhavam com eletrochoques como punição, outros em clínicas ou hospitais muitíssimos suspeitos, outros viam a homossexualidade como doença, para citar alguns exemplos. Um chegou até a colaborar com a polícia aplicando LSD em um preso durante um interrogatório!

Por fim, ainda comentando as decisões que fui tomando no caminho dessa pesquisa, creio que cabe mencionar brevemente dois aspectos. O primeiro deles é que, se por um lado o achado do processo restringiu o escopo do que eu estava investigando, fazendo meu recorte se fechar no processo e na chegada medicinal do LSD, por outro ele me permitiu uma amplitude em um outro sentido, ao que me parece. Ao analisar o processo, no quarto e último capítulo dessa tese, acabo por tematizar questões para além das concernentes ao debate sobre drogas, que eram e são meu foco central. Vendo os eventos de perto, numa escala menor, mais aproximada, eles falam por si sós no sentido de levantarem outras discussões e reflexões sobre a forma que justiça, polícia e imprensa funcionavam durante a ditadura militar. Além disso, analisar e organizar as diferentes versões para os mesmos fatos nos propicia um ótimo material para a reflexão historiográfica, para vermos diante de nossos olhos o processo de constituição e interpretação das fontes a partir dos interesses de quem as produziu e, ocasionalmente, analisa, posteriormente.

O outro ponto que eu gostaria de comentar é mais relativo à forma do trabalho, à narrativa escolhida para contar essa história, não só nos capítulos 3 e 4, que tematizam o começo da chegada e da

repressão ao LSD no Brasil, respectivamente, como também nos outros dois, enfocados no histórico da contracultura nos Estados Unidos e em nosso país. Inspirado no precioso livro *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*, de Sandra Lauderdale Graham, busquei, na medida de minhas limitações de tempo e capacidade, uma narrativa que, assim como no trabalho dessa historiadora, mostrasse "pessoas identificáveis em relações vivas, fundadas nas particularidades do tempo, do lugar e da situação" (Graham, 2005, p.195). Como a própria Graham (2005, p.13) aponta em outro momento, nesse processo muitas vezes o trabalho está "mais próximo da arqueologia do que da biografia completa", são "histórias pequenas sobre eventos vistos de perto, tão perto quanto seria possível chegar". Mas, por serem pequenas e "em close-up", essas histórias "põem em foco verdades surpreendentes sobre o funcionamento de uma sociedade e uma cultura obscurecidas nas visões mais abrangentes e distantes".

A forma escolhida foi do "close-up" no processo judicial e em seus integrantes, concordando, completamente com Adriana de Souza (2012, p.145) quando ela defende que social e individual não sejam vistos em oposição[1]. Mas não só, uma vez que nos outros capítulos eu fui além desses personagens, traçando um retrato menos detalhado e mais abrangente de alguns fenômenos históricos como a contracultura brasileira e sua relação com as drogas ou como a chegada medicinal do LSD ao Brasil. No entanto, mesmo nesses outros momentos da tese, não perdi a ideia de ter as trajetórias individuais como foco central da narrativa.

Falo dessas trajetórias, me apego a elas para tecer minha narrativa, sem esquecer, evidentemente, do longo e incontornável debate existente sobre os limites da biografia, desde Pierre Bordieu e seu artigo sobre a "ilusão biográfica", à, por exemplo, um livro que gosto muito, que é o *Amor y anarquía*, de Martín Caparrós (2014), triste e linda biografia da ativista argentina Soledad Rosas, no qual também o autor reflete muito sobre o que é contar a história de alguém, o que é essa seleção de fatos que busca a posteriori conferir sentido a uma existência humana, única e não generalizável, e

1

"O social é resultado da ação de indivíduos em suas relações com outros indivíduos. Levada adiante, esta perspectiva fornece uma opção aos clássicos métodos da história social. Em vez de partir do princípio de que existiam grupos organizados socialmente, e proceder à elaboração de prosopografias, o historiador pode – por esta proposta – concentrar-se na trajetória de alguns (ou de um) indivíduos para, através delas, percorrer em múltiplos espaços e temporalidades as relações nas quais eles se inscreviam". (Souza, 2012, p. 146)

muito provavelmente não compreensível, como são todas as experiências humanas. Como observa Avelar (2012, p.70), não podemos esquecer que toda biografia tem sua "dimensão ficcional", seja uma autobiografia ou escrita por um terceiro. A possibilidade de uma individualidade fixa, unitária e coerente é menos interessante do que "uma pluralidade de identidades, referências, locais", uma vez que "os vários aspectos de uma vida não são suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na ideia de uma identidade".

Concordar com essas preocupações não me fez evitar as trajetórias, até por elas estarem, na forma como eu as narro, longe da ideia de biografia, de traçar um relato completo da vida de uma ou mais pessoas. As trajetórias aqui surgem na medida em que se conectam, como um emaranhado que vai se desfazendo à medida em que os fios vão sendo puxados. Mais do que os fios, me interessam os nós, a forma como essas vidas, únicas e inenarráveis, se entrecruzaram em determinados momentos, contextos, lugares, problemas. No meu caso, o nó principal é o LSD, ou a relação entre a contracultura e as drogas. É a partir desse interesse que vou puxando os fios das trajetórias, dos fragmentos, das pegadas que a passagem dessas pessoas pelo mundo foram deixando. Um processo de arqueologia, como disse Graham, no qual os vestígios encontrados vão ajudando a traçar não um sentido para a vida de uma ou outra dessas pessoas, mas sim o caminho pelo qual o LSD chegou e ganhou importância no Brasil, na vida de determinadas pessoas.

"Aquele que detém a autoridade não cita: as fontes - matéria-prima do passado - falam por meio dele", afirmou Perry Anderson (2016, p.8) na introdução de seu *Passagens da antiguidade ao feudalismo.* Não sou tão radical a ponto de achar que o passado pode falar por si só, sem a intervenção dos olhares e anseios do presente, mas, na medida do possível, creio que procurei me pautar também por essa preocupação explicitada por Anderson, a de fazer com que as sejam as fontes quem narrem a história até onde for viável. Não para que seja apresentada uma impossível e inexistente visão neutra ou imparcial do passado, mas para que esse retrato que faço dele, a partir dos meus olhos e interesses, seja contado usando o máximo possível das vozes dos envolvidos. Por mais que sejam divergentes, contraditórias, incompletas, são essas vozes que conferem concretude à história relatada, que fazem com que o passado apareça no trabalho historiográfico não como uma tese pronta mas como um retrato, circunscrito e delimitado, do que foi aquele período em questão, aquelas pessoas, aquele tempo vivo, um retrato dos pequenos dados e das grandes decisões tomadas, pra usar as palavras já citadas de Martín Caparrós.

São trajetórias únicas como todas as trajetórias, e o quanto pude as narrei assim, buscando sua unicidade, dentro da infinitude de acasos e possibilidades circundantes. Mas que aparecem no texto

pelo que têm de comum, pelo seu ponto de conexão, por se tocarem exatamente ali onde é o reside meu maior interesse, na junção entre a contracultura e o consumo de drogas e, mais especificamente ainda, na história social do LSD no Brasil. Se o entrelaçamento das trajetórias que aqui apresento ajudar a compreender o processo de chegada e proibição do LSD no Brasil, contribuindo para a história social do ácido lisérgico em nosso país, creio que minha missão estará cumprida. Se essa leitura servir ainda como estímulo para a reflexão do fazer e do pensar histórico, para trazer questões pertinentes a discussões metodológicas do uso e do estatuto das fontes, da construção da narrativa histórica, ficarei duplamente feliz e satisfeito. Se der pra se divertir e emocionar com essas histórias que gostei tanto de conhecer e investigar, então, aí tá perfeito!

São Paulo, 20 de julho de 2018 – 4h22 da madrugada

CAPÍTULO 1

A contracultura nos Estados Unidos

Almost cut my hair
Happened just the other day
It's gettin' kind of long
I could've said it was in my way
But I didn't
and I wonder why
I feel... like letting my freak flag fly
And I feel like I owe it, to someone, yeah

"Almost cuy my hair" - Crosby, Stills, Nash & Young.

Em suas pesquisas sobre sexualidade, Michel Foucault (1988, p.104) apontou que onde há poder há resistência – e que esta não se encontra jamais em posição de exterioridade àquele. Goffman e Joy (2004, p.22), por sua vez, defendem que o que se conhece como contracultura é um impulso presente na história humana desde tempos imemoriais: onde há cultura há contracultura, há indivíduos e grupos radicalmente afastados dos pressupostos assumidos como centrais por sua sociedade (Roszak, 1971, p.64). Difícil de ser definida de forma estanque, ela é em verdade "uma dimensão da vida social", "indissoluvelmente ligada à ideia de liberdade", como define Gilberto Velho (2007, p.204).

Goffman e Joy (2004, p.28) rejeitam a definição de contracultura como meramente um estilo de vida diferente do majoritário, qualificando sua essência como antiautoritária, um fenômeno histórico caracterizado pela afirmação do poder individual como forma de criação de meios de vida diferentes dos impostos pelas autoridades e convenções sociais. Como consequência, definem alguns princípios básicos ou "meta valores" que distinguiriam esta forma de pensamento e prática de outras formas de dissidência: primazia da individualidade em contraste com as convenções sociais e os controles governamentais; desafio ao autoritarismo em suas formas explícitas e implícitas e conexão entre mudanças individuais e sociais.

Assim, se a partir deste ponto de vista podem ser considerados contraculturais desde os criadores do cristianismo a filósofos orientais, passando por socráticos, românticos, bruxas, hereges e pela boemia parisiense do início do século XX, é a partir dos anos 1960 que se forma, e se difunde no imaginário popular, na mídia e na historiografia, o conceito de contracultura, ou como apontam

Goffman e Joy (2004, p.224) "a" contracultura, consolidada neste período como um movimento social de "caráter fortemente libertário", com forte apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com "uma prática e um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental, especialmente certos aspectos essenciais da racionalidade veiculada e privilegiada por esta mesma cultura" (Pereira, 1984, p.8).

Surgido sobretudo nos Estados Unidos e depois difundido globalmente, este momento contracultural iniciado nos anos 1960 foi moldado pelo contexto específico do pós-guerra, marcado pelo fantasma de uma possível destruição nuclear iminente, pela racionalidade tecnocrata, pelo advento da juventude como setor social específico e pela polarização entre os governos estadunidense e soviético em sua busca por hegemonia planetária. Ganharam força no momento os posicionamentos de esquerda definidos por Goffman e Joy (2004, p.249) como "pós-comunistas", igualmente críticos à tecnocracia capitalista e ao comunismo soviético, vistos como lados da mesma moeda de autoritarismo e repressão ao livre desenvolvimento humano e aos anseios da juventude. Nas palavras de Luiz Carlos Maciel (2007, p. 66), expoente da contracultura brasileira, "nós queríamos que a nossa vida fosse diferente da vida que a gente via os adultos viverem". Isso implicava em rupturas políticas, comportamentais e geracionais, num contexto de crescente valorização da transformação e ressignificação das práticas cotidianas.

A mudança passa a ser buscada e almejada não só nos planos político e econômico, como defendido pela esquerda tradicional, principalmente em suas vertentes marxistas, mas também no âmbito das relações pessoais e da própria consciência individual. "Para além da tática da resistência, mas moldando-a sempre, tem de haver uma atitude de vida que procure não simplesmente mobilizar forças contra os desatinos da sociedade, mas transformar o próprio sentido que os homens têm da realidade", assinala Roszak (1971, p.302).

Surgem neste contexto buscas, com seus diferentes graus de organização e teorização, por "novos tipos comunitários, novos modelos familiares, uma nova moral sexual, novos meios de ganhar a vida, novas formas estéticas, novas identidades pessoais opostas à política do poder, do lar burguês e da sociedade do consumo" (Roszak, 1971, p.88). Fortalece-se uma "radicalização da crítica comportamental" e passam a ser valorizados cada vez mais os aspectos "subterrâneos" e "marginais" das realidades urbanas: "a identificação não é mais imediatamente com o 'povo' ou o 'proletariado revolucionário', mas com as minorias: negros, homossexuais, *freaks*, marginal de morro, pivete, Madame Satã, cultos afro-brasileiros e escola de samba" (Buarque de Hollanda, 1981, p.66).

Como resultado da desconfiança tanto com os ideais de esquerda quanto com os de direita, fortalece-se a defesa do "*drop out"*, da construção da "Sociedade Alternativa", como cantou Raul Seixas – "uma sociedade que você escolhe em detrimento da sociedade estabelecida" (Maciel, 2007, p.71), que pode ser atingida através da *recusa* dos valores e práticas dominantes. Como resumiu Roszak (1971, p.301):

> Se recuse a contentar-se com meras horas vagas para dar vazão à potencialidade mágica da sua personalidade; se torne surdo e cego às blandícias de coisas como carreira, prosperidade, mania do consumo, política de poder, progresso tecnológico; e, por fim, não tenha mais do que um sorriso triste para a baixa comédia desses valores, passando-lhes de largo.

Neste quadro, o recurso à alteração de consciência buscada por meio do uso de psicodélicos e drogas em geral, ilícitas ou em vias de se tornarem, assume um papel importante dentro dos ideais de contestação, resistência e busca por outras formas de viver e conviver. Tornou-se mundialmente famosa, e reproduzida, a consigna criada pelo ativista psicodélico Timothy Leary: "Turn on, tune in, drop out", algo como "ligue-se, sintonize-se, caia fora" – as drogas, sobretudo as psicodélicas, são vistas aqui como instrumentos potencializadores – ou "combustíveis" (Goffman e Joy, 2004, p.248) – da transformação da natureza humana buscada pelos integrantes da contracultura, como possíveis aportes para o exercício da liberdade e da expansão do conhecimento interior, componentes vistos como fundamentais para a construção de outra sociedade (Leary, 1998, p.64-66, p.142 e p.159).

Valoriza-se uma "nova sensibilidade pop, bissexual, das drogas, da liberação psicanalítica" (Buarque de Hollanda, 1982, p.77) e o reformismo da vida cotidiana, o agir a partir do específico, é encarado como forma de se buscar a totalidade (Guarnaccia, 2010, p.140), num contexto em que, segundo Roszak (1971, p.220), estimulam-se novas religiosidades e o consumo de drogas como formas de procura de "novas bases para um programa de transformação social radical".

Ao definir a contracultura dos anos 1960, Capellari (2007) qualifica tal movimento como a "representação dada a um conjunto de manifestações de repúdio ao *modus vivendi* predominante no Ocidente, por parte da juventude dos anos 60 e 70 do século passado, das quais resultaram algumas transformações socioculturais, ainda que nem sempre as defendidas por seus teóricos e apologistas". O autor sintetiza em quatro as principais manifestações da contracultura: 1) a desvalorização do racionalismo, que em seus desdobramentos traria as rebeliões nas universidades, contra o sistema de ensino, e "a construção de novos paradigmas, ou visões de mundo, baseadas em correntes culturais

subterrâneas do Ocidente, em filosofias e religiões orientais e em certas vertentes da psicanálise e do marxismo"; 2) a recusa ao *american way of life,* "expressa em um estilo de vida descompromissado e errante, sendo característico o dos *hippies"*; 3) o pacifismo e, por fim, 4) o hedonismo, "caracterizado pela valorização do corpo e das emoções, sendo as suas principais manifestações a 'revolução sexual' e o culto às drogas psicotrópicas, normalmente relacionadas a um de seus principais veículos de disseminação, a música rock".

A partir dessa definição, ele prossegue destacando que, apesar das evidentes especificidades políticas, econômicas e culturais do Brasil ditatorial de então, as condições que deram origem à contracultura nos EUA também estavam presentes em nosso país no final dos anos 1960, ainda que possivelmente em menor escala de importância e disseminação. "De um lado, a consolidação de uma classe média urbana e, junto a ela, a disseminação de valores burgueses, expressos pelo consumismo e pelo internacionalismo cultural; de outro, a estruturação de uma tecnoburocracia, a partir de uma lógica peculiar".

Se nos Estados Unidos e na Europa os movimentos contraculturais atingiram algumas vezes um caráter massivo (Guarnaccia, 2010), de grande influência no debate político público e com manifestações levando às ruas milhares de pessoas (Mailer, 1968), no Brasil a penetração e a amplitude destas concepções foram menores, o que levou Guerreiro (2009) a avaliar que o movimento "passou de raspão" pelo país. Ainda que houvesse segregação racial e repressão no contexto estadunidense, além da incursão militar do país no Vietnã, o contexto brasileiro de autoritarismo e restrição política tinha suas especificidades por conta do regime ditatorial militar iniciado com o golpe de 1964 e recrudescido com o Ato Institucional número 5 de 1968, fatos que não só produziram mudanças econômicas e políticas significativas como incidiram sobre o próprio imaginário social (Coelho, 1990).

Além disso, o componente cultural brasileiro afetou as práticas contraculturais surgidas no país de forma importante. Se os *hippies* estadunidenses beberam na fonte da geração *beat*, no Brasil o antecessor direto da contracultura é o chamado movimento tropicalista (Coelho, 1990, p.146), que deixa de existir enquanto projeto coletivo no final de 1968, quando parte de seus membros é obrigada a se exilar fora do país (Dunn, 2008) – Heloísa Buarque de Hollanda (1981, p. 67) chega a qualificar os artistas contraculturais como "pós-tropicalistas".

Em contraposição às organizações da esquerda armada, que visariam a constituição de um "aparelho de Estado alternativo" (Coelho, 1990, p.90), a contracultura brasileira é definida por Coelho (1990, p.111) como "uma prática social que procurava romper com as características do

processo de modernização autoritária vivido pela sociedade brasileira no período 1969-1974 (os ‘anos de chumbo’), através de um questionamento da racionalidade que estruturaria a organização social e os comportamentos individuais”. Esse ímpeto de transformação surge no país em resposta ao endurecimento da repressão mas também como forma alternativa de contestação frente à esquerda armada, vista com “descrença” (Buarque de Hollanda, 1981, p.69) pelos componentes da contracultura por conta de seus ideais de disciplina e hierarquia e também por conta das “desilusões” ocorridas no plano internacional: “a invasão da Tchecoslováquia não deixa mais dúvidas quanto ao totalitarismo soviético, a atuação do PCD em maio de 68 mostra-se totalmente reacionária em sua política de alianças com o Estado, Fidel Castro intensifica a repressão e a censura às artes em Cuba, etc. A fé no marxismo como ideologia redentora é abalada pelo sentimento de que a única realidade seria o poder”, avalia Buarque de Hollanda (1981, p.69).

Estremecidas e questionadas as antigas referências, a defesa da mudança passa a ser feita em outros marcos por alguns setores de jovens urbanos, que começam a valorizar outras formas de pensar o mundo. Observa-se então uma conjuntura marcada, entre os jovens não apoiadores do regime militar, pela dicotomia entre contracultura e luta armada, entre esquerdistas e “desbundados”, como relata Lucy Dias (2003, p.160): “Pra quem ficou no país, disposto a botar pra quebrar, só existiam duas possibilidades, curtir o barato da descoberta de si mesmo e fazer sua revolução comportamental, sem script prévio”, ou “roer o próprio fígado e não ver outra saída senão virar guerrilheiro, entrando de sola na contra-revolução armada, com previsível script final”. A autora define as opções como “mutuamente excludentes”, uma vez que os “desbundados” defenderiam o processo individual, de autorrevolução, como saída, ao contrário dos guerrilheiros, que “reprimiam os sentimentos pessoais, seguindo um rígido manual de conduta que desvalorizava as questões individuais em prol do coletivo e de uma revolução social que viria” – o orgasmo ficava para depois da revolução, resume Dias.

Em minha dissertação de mestrado (Delmanto, 2013) procurei analisar de que maneira o setor que era crítico ao desbunde via o recurso à alteração de consciência. Um dos entrevistados por mim durante a pesquisa, o ex-deputado Lizst Vieira, chega a utilizar o consumo de drogas como elemento de distinção entre estes dois campos da ação contestatória do período ao dizer que “o famoso ano de 68 no Brasil teve duas vertentes: uma revolucionária no sentido político de luta contra a ditadura militar, e outra na linha de contracultura. Eu fazia parte da primeira, que não usava drogas” (Delmanto, 2013, p.124). Também em entrevista para este trabalho, Frei Betto coadunou com a avaliação de Vieira e situou as duas correntes como opostas e desconectadas ao declarar: “não fiz parte da contracultura porque fui para a resistência”.

Igualmente ex-ativista de organizações armadas, Alex Polari é mais um que utiliza a opção pelo consumo de drogas como critério diferencial entre contracultura e combate armado à ditadura, ao ver a existência de "uma esquina da História, onde se abriram esses dois caminhos, cada vez mais inconciliáveis": "para a minha geração, a opção foi exatamente essa: ou pirar, viajar nas drogas, ou entrar na luta armada. Heroísmo x alienação, como era visto por nós, que optamos pela luta armada; caretice x liberação, como era visto por eles, que entraram noutra" (Buarque de Hollanda e Pereira, 1980, p.243).

Apesar de vislumbrar a existência de "pontos de contato" entre esquerda armada e contracultura, o poeta Antonio Risério (2008), que na época identificou-se mais com o lado contracultural, aponta que o "desbundado queria mesmo era ficar em paz, queimando seu baseado e ouvindo Rolling Stones ou Janis Joplin. Antes que alterar o sistema de poder, pretendia, através da transformação interior, erigir-se em novo ser de uma nova era, amostra grátis do futuro", descreve, afirmando que enquanto "o terrorista queria arrombar a porta, saltando com dois pés no peito do porteiro, o desbundado estava mais interessado em cintilações lisérgicas nas águas de Arembepe, em conversas sobre revolução sexual e iluminação interior" – "É a distância entre a granada e o LSD, a pedra filosofal da contracultura".

A partir destes exemplos, observa-se que tanto para alguns militantes de esquerda quanto para componentes do campo contracultural o recurso à alteração de consciência por meio das chamadas drogas – sobretudo as alucinógenas (Maciel, 2007, p.70; Almeida e Eugenio, 2007, p.163) – era um critério importante para identificar as convicções políticas e as visões de mundo dos jovens que vivenciaram a contestação ao regime militar brasileiro. No que diz respeito especificamente ao movimento contracultural, para Carvalho (2008, p.28) a cultura das drogas constituía-se como "uma marca indelével" deste setor.

***

Os Sixties

No livro *Sixties counterculture*, Kallen (2001, p.105) situa a contracultura estadunidense dentro de um movimento social mais amplo e diversificado de contestação social. A especificidade apresentada pelo autor para destacar este setor contracultural dentro do campo da "nova esquerda" é exatamente o uso de drogas, mais especificamente o LSD, que segundo ele teria se popularizado nas

ruas a partir de 1965 e "desencadeou uma onda de loucura psicodélica que transformou a América praticamente do dia para a noite". Segundo Kellen, a atmosfera até então conservadora do país foi "repentinamente fraturada por uma revolução sem precedentes e induzida pelas drogas contra os valores tradicionais americanos" [traduções minhas].

O sociólogo Lewis Yablonsky tinha 43 anos e era professor universitário quando decidiu percorrer comunidades e eventos hippies no fim dos anos 1960: o resultado está no livro *The hippie trip*, publicado em 1968 e que traz um interessante panorama do momento e do movimento contracultural, com entrevistas feitas com diversos ativistas e moradores de comunidades e também com reflexões pessoais do autor sobre suas próprias transformações ocorridas durante suas viagens e encontros. Com essa bagagem de diversas idas a comunidades e de centenas de entrevistas gravadas e também outras centenas feitas por questionário, de forma quantitativa, Yablonsky (2000, p.224) em dado momento sintetiza que "todas as experiências e eventos que ouvi falar em minha viagem estavam de alguma maneira conectados com o fenômeno do LSD" [tradução minha]. Mesma ênfase dada por David Farber (2002, p.18), para quem o uso de drogas ilícitas pelos jovens nos Estados Unidos neste momento significou uma "rebelião cultural" e uma "nova orientação cultural":

> The ilegal drugs of choice in the 1960's complicate the reductive exercise. In the 60's, white middle-class youths restocked the medicine chest. In particular, they added marijuana and LSD. What some of them took and why some of them took what they did challenged the meaning most Americans – with the law on their side – had uneasily attached to the intoxicated state. The difference beetwen legally medicated, legally intoxicated, and illegaly high *did* sometimes signify a new cultural orientation, even a cultural rebellion, in the United States both because some of the young white middle-class drug users insisted that it did and because legal and legally designated authorities *ensured* that it did[2].

O modo com que algumas pessoas utilizavam algumas drogas, prossegue Farber, facilitou seus objetivos de fugir das regras e regulamentações que a cultura dominante lhes impunha. O autor traz uma citação de John Sinclair (Farber, 2002, p.27), importante ativista que em 1968 formaria o White Panther Party, falando do ácido lisérgico como um "sacramento mágico" que lhe deu "a

[2] As drogas ilícitas à escolha nos anos 1960 complicaram o exercício redutivista. Nos 60's jovens brancos de classe média reabasteceram seus armários de remédios. Particularmente, adicionaram maconha e LSD. O que alguns deles tomaram e por que alguns deles tomaram o que tomaram desafiou o que a maioria dos americanos - com a lei em seu lado - com esforço relacionou ao estado intoxicado. A diferença entre legalmente medicado, legalmente intoxicado e ilegalmente chapado realmente às vezes significava uma nova orientação cultural, até uma rebelião cultural, nos Estados Unidos tanto porque alguns jovens brancos de classe média usuários de drogas insistiam que sim quanto porque a lei e as autoridades asseguravam também asseguravam isso. [Tradução minha]

ideologia" que permitiu a conexão com as energias da mudança. "A maconha, que veio a nós diretamente a partir das pessoas negras, dos músicos negros em particular, nos deu um começo nessa direção, mas o LSD abriu o caminho em direção ao futuro tão amplo quanto o céu e nós estávamos subindo", exaltou Sinclair, para quem o uso de ácido servia para aplastar o negativismo e o medo dos corpos. "E nos deu a visão que necessitávamos para seguir adiante, a visão de arco-íris que nos mostrou como todas as pessoas poderiam viver juntas em harmonia e paz exatamente como nós estávamos começando a viver" [tradução minha].

Antes de comentarmos com maior profundidade e com mais exemplos essa conexão entre uso de drogas e contracultura, que aparenta ser intrínseca, é necessária uma digressão sobre o contexto histórico em que se desenvolve este movimento, é necessário olhar para o que acontecia nos Estados Unidos da América nos chamados "Sixties", os Anos Sessenta como se passou a dizer em português.

O historiador Terry H. Anderson faz um aprofundado retrato político da década de 1960 nos Estados Unidos em seu livro *The Movement and the Sixties: protest in America from Greensboro to Wounded Knee.* Anderson define como marco inicial dos *Sixties* os protestos realizados em fevereiro de 1960 em Greensboro, na Carolina do Norte, após quatro jovens universitários negros se recusarem a aceitar a divisão racial em uma lanchonete. Já o final do período é localizado no ano de 1973, quando termina o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã e também quando acontece o incidente de Wounded Knee (estado de Dakota do Sul), no qual centenas de indígenas controlaram por 71 dias este local simbólico por ter sido palco de um massacre contra populações originárias, em 1890.

Em outro momento, quando comentava a importância da invasão militar estadunidense no Vietnã como impulsionadora e aglutinadora dos movimentos sociais dos anos 1960, Anderson (1995, p.130) levanta a hipótese de que os *Sixties* tiveram marcos simbólicos iniciais diferentes para diferentes grupos sociais. Se o "turning point" da década começou cedo para o movimento negro, com Greensboro nos primeiros meses de 1960, para os estudantes brancos e seus pais a década teria começado a tomar forma de fato em 1964 e 1965, quando os jovens alunos se rebelaram contra as administrações e as regras de conduta das universidades. Seria apenas com a escalada da Guerra, entre o fim de 1965 e o fim de 1967, que a década passou a ser a dos "sixties" para "toda a nação": para Anderson (1995, p.135) o confronto serviu como "ignição" para o período que ele avalia em seu livro, a partir do ponto de vista dos movimentos de contestação ao *american way of life*.

Dentro desta periodização, Anderson faz uma divisão dos *Sixties* em duas ondas, a de surgimento, que iria de 1960 a 1968 e tem como foco central as questões de raça e contra a guerra, e a da crista, que seria de 1968 aos "early 1970's" - apesar de surpreendentemente falar pouco, e somente de passagem, sobre drogas nas 500 páginas do livro, o autor identifica a contracultura mais com o segundo período, definindo-a como um setor minoritário dentro do "Movimento", que era como os próprios participantes identificavam essa "onda" plural e multifacetada de movimentos contestatórios composta tanto pelos integrantes da contracultura como também pelo movimento contra a guerra do Vietnã e pelos movimentos feminista, estudantil e negro.

A análise de Anderson alinha-se a diversos outros autores que veem a década de 1960 como um momento em que a prosperidade econômica e a abundância do período após o término da Segunda Guerra Mundial coincidiram com a tomada de protagonismo da geração dos "baby boomers", pessoas cujos nascimentos compuseram a explosão demográfica pós 1945 e que entraram na adolescência, nos anos "teen", nos anos 1960. Entre 1946 e 1964 o número de nascimentos registrados aumentou consideravelmente, resultando numa geração de mais de 70 milhões de baby boomers. Em 1960, por conta do baixo índice de natalidade durante os anos de depressão econômica e guerra, havia 16 milhões de jovens entre 18 e 24 anos nos Estados Unidos, segundo Anderson (1995, p.89), cenário alterado com o "baby boom", que elevou o número de jovens para 25 milhões em 1970: "de repente, a nação era jovem", resume o autor, que diz que a geração dos *Sixties* pode ser definida como composta por qualquer pessoa que chegou aos dezoito anos entre 1960 e 1972. Ele cita uma pesquisa que ouviu jovens em 1969, com 80% dos entrevistados dizendo sentirem-se parte uma nova geração.

Diferente da geração anterior, marcada pelos esforços de guerra e pela penúria da depressão econômica, cada vez mais jovens brancos de classe média tinham oportunidades que seus pais não tiveram e podiam viajar ou fazer universidade antes de "se tornarem adultos" - essa possibilidade de fincar pés e raízes no mercado de trabalho e na vida de família nos subúrbios brancos podia agora ser postergada ou mesmo evitada, o que gerava conflito com as expectativas da geração que sustentava material e emocionalmente essas possibilidades e valores. Para (Anderson, 1995, p.15), ser uma "happy family" não era apenas uma boa ideia– era uma obrigação. Também entre os negros havia um componente geracional estimulando formas de ação políticas mais rebeldes, o que é atestado por Anderson (1995, p.48) quando, por exemplo, destaca que "os estudantes também estavam cansados de ouvir os velhos negros de classe média que estavam mais satisfeitos com o status quo e com suas posições econômicas" [tradução minha].

Em sua fantástica autobiografia, a pantera negra Assata Shakur (2013, p.222) conta inclusive sobre os "blyppis", os "black hippies". Depois de falar de outros jovens negros de sua geração e bairro, que não teriam perspectivas para além de gastar todo o dinheiro com cocaína, Assata fala dos que recorriam às drogas para fugir dos problemas de suas comunidades, fossem negras ou brancas, mas faz questão de diferenciar seus amigos "blyppis" desse tipo de atitude – cito na sofrida tradução em espanhol a que tive acesso:

> Algunos intentaban escapar a través de las drogas, flipando con mundos que no existían, en algun tipo de odisea interior. Pero en su caso, las drogas no eran completamente autodestructivas, aunque conozco por lo menos a uno que se fue zambando de esta vida y no volvió. A través de mis amigos hippy blippy, me interesé por un montón de cosas. Me empezaron a gustar poetas como Allen Ginsberg, Sylvia Plath, Ferlinghetti, todo tipo de novelistas, música, comida, etc. No me identificaba con todo lo que veía, pero mis horizontes se ampliaron[3].

Anderson (1995, p.14) afirma que a geração dos pais dos "baby boomers" via a política externa em termos binários, opondo Bem e Mal, capitalismo e comunismo. Articulado a isso, o patriotismo e um suposto amor aos Estados Unidos que justificavam envolvimento em guerras, como a da Coreia. Para essa geração comunismo ou comunista – ser um "commie" - virou um termo genérico para qualquer coisa que fosse percebida como "antiamericana", que questionasse o legado e o modo de vida proposto pelo lado do Bem na Guerra Fria. Já os filhos dessa geração tinham uma visão diferente sobre o que era crescer nos anos 1950 e sobre o que esperavam do futuro, como explica Anderson (1995, p.32):

> What needs to be emphasized here is not the historical debate on the 1950's – but the future activist's *perception* of that decade. Kids growning up during the fifties who later became active in the moviment did not view the fifties as a time of glory or even a very creative era. Instead, they perceived the decade in terms of conformity and consensus, rules and regulations. As teenagers, many of them began to realize that they would rebel against the double standarts, and against the lifestyle of their parents. [4]

---

[3] Alguns tentavam fugir através das drogas, se lançando em mundos que não existiam em algum tipo de odisseia interior. Mas no seu caso, as drogas não eram completamente autodestrutivas, ainda que eu conheça ao menos a um que saiu dançando dessa vida e não voltou mais. Através dos meus amigos hippy blippy me interessei por um monte de coisas. Comecei a gostar de poetas como Allen Ginsberg, Sylvia Plath, Ferlinghetti, todo tipo de romancistas, música, comida, etc. Não me identificava com tudo que via, mas meus horizontes se ampliaram. [Tradução minha]

[4] O que precisa ser enfatizado aqui não é o debate histórico dos anos 1950 - mas a percepção futura dos ativistas sobre essa década. Crianças crescendo durante os anos cinquenta e que depois se tornariam ativas no movimento não viam os cinquenta como um tempo de glória ou mesmo como uma era criativa. Ao contrário, percebiam a década em termos de conformismo e consensos, regras e regulações. Como adolescentes, muitos deles começaram a pensar que eles poderiam se rebelar contra a hipocrisia e contra o estilo de vida dos seus pais. [Tradução minha]

Separada do movimento trabalhista pelas incursões dos líderes sindicais da Direita nos primeiros anos da Guerra Fria, até o momento da intensificação dos movimentos pelos direitos civis dos negros, a Esquerda estadunidense era, nas palavras de Norman Mailer (1968, p.244) "um fenômeno profundamente típico de classe média, repleto de amargas cisões de família, muito decoro e boas maneiras, alicerces acadêmicos, rigidez intelectual", "reagindo às mudanças cataclísmicas de um modo diverso ao de um paciente reagindo a uma operação (sofrimento, náusea, convalescência), e muita habilidade na guerra organizacional de extermínio (não muito diferente das maquinações que intervêm na reformulação de um testamento)". Havia para o escritor "um excesso de oralidade compulsiva" e "um extraordinário amor ao debate nas reuniões",

> A década de 1950 foi um período profundamente infeliz para a Esquerda; na de 1960 com Cuba, direitos civis, Kennedy, Berkeley, a Grande Sociedade e a guerra no Vietnam, o sangue novo dos movimentos negros e da juventude reanimou a Esquerda, mas só por um certo período. Por volta de 1965, os negros já estavam descontentes, até profundamente entediados com a retórica da esquerda, que parecia condizer muito pouco com os próprios imperativos, e a juventude mostrava-se obviamente hostil à Velha Esquerda. Na altura da Marcha de Abril, eram profundas as cisões entre raças e gerações. Mas o gigantesco e inesperado da Marcha de Abril, suas dimensões imprevistas – ninguém acreditara, no seu íntimo, que pudesse atrair 250 mil pessoas – proporcionaram novas esperanças à Velha Esquerda, a qual, sendo profundamente classe média (e, portanto, vinculada a lógica do passo seguinte) participou, reforçou, impregnou e, sem dúvida, inspirou muitos movimentos pacifistas da classe média. Existem alianças políticas que são atraentes, assim como há outras que são conscienciosas. Pela mais rudimentar avaliação existencial, as alianças atraentes não são assexuadas, as alianças conscienciosas são apagadas, sem brilho. Qualquer coalizão da Velha e da Nova Esquerda, ou da Nova Esquerda e dos militantes negros, é conscienciosa, e, por vezes, quase insuportável. Por outro lado, a coalizão entre a Nova Esquerda e os hippies, ou a Velha Esquerda e os liberais de classe média, nos movimentos pacifistas, foi atraente, pois de tais reuniões saíram ideias, esperanças, entusiasmos, até surpresas agradáveis – essas últimas não andam longe de ser olhadas como um maná pelo velho esquerdista, pois a ortodoxia de sua mente não admite muitos espaços para surpresas.

Segundo Charles Reich (1970, p.35), em *O renascer da América*, os anos posteriores à Guerra Civil estadunidense representaram um "período de fusões, consolidações e monopólios de empresas", o que teria acarretado na "destruição paulatina do mercado livre" e na "aparição do poder corporativo para planejar a economia, distribuir recursos, dividir áreas de atividade empresarial, fixar preços, limitar a entrada de novas empresas e controlar os próprios compradores". Para o autor, "o povo americano, que fugira das monarquias da Europa, teve apenas alguns decênios de liberdade antes de ser conquistado por uma série de autocratas que exerciam maior poder que os velhos". O país seria cada vez mais permeado por uma ética de organização, ordem e eficiência que seria nada menos do

que uma ética da repressão, o que levou Reich (1970, p.22) a concluir que "a grande questão dos tempos atuais é saber como viver dentro de uma sociedade tecnológica, saber que mentalidade e que maneira de viver podem preservar a humanidade do indivíduo e a sua própria existência contra o domínio das forças por ele criado".

Para Reich, o "Estado Corporativo" havia se tornado "um robô irracional" que destruía o meio ambiente e a convivência humana, tendo acrescentado "às injustiças do Século XIX a despersonalização, a ausência de finalidade e a repressão ao ponto de ameaçar a destruição de toda a finalidade e de toda a vida". Diante disso, haveria segundo ele a necessidade de uma "nova consciência", de uma "razão transcendente", que estaria fazendo sua primeira aparição entre a juventude naquele momento – o livro foi publicado pela primeira vez em 1970.

Essa nova consciência já vinha sendo gestada, proposta, divulgada ou vislumbrada em iniciativas culturais políticas anteriores entre a juventude estadunidense a partir dos anos 1950, período em que começa a se consolidar a existência pública da juventude enquanto um setor social específico. Popularizado a partir de 1954 com o sucesso de Bill Haley e Chuck Berry, o rock and roll apelava exatamente a este público, e de acordo com Anderson (1995, p.34) em alguma medida demonstrava rebelião, tendo tido seu papel na formação de uma "revolta geracional"; o mesmo se pode dizer da música folk (Anderson, 1995, p.94), com suas letras politizadas se tornando muito populares no início dos anos 1960, muitas vezes tematizando questões não só relativas à juventude mas a direitos civis e antimilitarismo.

Se o movimento estudantil começa a se articular no início dos anos 1960, como veremos adiante, já nos anos 1950 dezenas de milhares de estudantes buscando diversão em massa durante o período de férias – algo que até hoje existe sob o nome de "spring break" - em alguns momentos se revoltaram contra intervenções policiais durante suas festas. De acordo com Anderson (1995, p.33), a delinquência juvenil também passou a ser um tema de destaque entre políticos e meios de comunicação no período, com a formação de gangues de jovens se tornando um problema de agenda pública. Também nos anos 1950, um grupo de intelectuais e poetas obteve mídia, sucesso e crescente influência com um discurso rebelde e muitas vezes influenciado pelas drogas.

***

Anarquistas místicos: os beats e as drogas

Em um artigo sobre a formação do White Panther Party e sua proposta de "total assault on the culture", Jeff Hale (2002, p.126) está falando sobre o líder desse movimento, o ativista John Sinclair, mais especificamente sobre o momento em que ele conheceu a maconha, quando atribui, de passagem, a introdução do consumo da erva na cultura branca estadunidense aos "beatniks", dizendo que ela havia sido ""parte da cena negra urbana de jazz na América desde os anos 1920, antes dos beatniks a introduzirem na cultura branca" [tradução minha]. Apenas por esse rápido comentário, não mais desenvolvido no resto do artigo, podemos ver o quão conectados com as drogas estão os escritores e artistas que se viram participantes do chamado Movimento Beat – a ponto destes chegarem a ser considerados os introdutores da maconha entre parte da população dos Estados Unidos.

De acordo com Goffman e Joy (2004, p.238), o escritor John Clellon Holmes "introduziu para o mundo" o termo beat em um artigo de novembro de 1952, publicado no *The New York Times* com o título de "This is the Beat Generation". Até aquele momento os termos "hipster" e "beat" eram usados como sinônimos, e Holmes apontou que beat implicava

> the feeling of having been used, of being raw. It involves a sort of nakedness of mind, and, ultimately, of soul: a feeling of being reduced to the bedrock of consciousness. In short, it means being undramatically pushed up against the wall of onself. (Goffman e Joy, 2004, p.238)[5]

Em 1957, com a publicação dos poemas de *Howl,* de Allen Ginsberg, e da ficção *On the road*, de Jack Kerouac, os beats se tornaram uma "obsessão popular" (Goffman e Joy, 2004, p.238). No prefácio ao livro *The Beat Book: writings from the Beat Generation*, uma coletânea de poemas e escritos organizada por Anne Waldman (2007) e com primeira edição publicada em 1996, Allen Ginsberg diz que a "Beat Generation" foi identificada dessa forma pela primeira vez em 1948, numa conversa entre John Clellon Holmes e Jack Kerouac. Eles estariam discutindo a natureza das gerações e falando sobre o glamour das gerações perdidas, quando Kerouac teria dito: "Ah, isso não é nada menos do que uma geração beat" - segundo Ginsberg, seu colega teria usado esse termo não para nominar a geração em questão, mas para "unname it". De acordo com o poeta, o artigo de 1952 já citado teria captado o olhar público, e com posterior engajamento de figuras como os escritores Herbert Huncke e William Burroughs o termo passou a fazer parte de uma certa "hip language", sendo usado como gíria para estar sem dinheiro ou lugar para morar. Posteriormente, ainda segundo Ginsberg, a palavra ganharia outros usos antes de designar o movimento literário a que estamos nos

[5] O sentimento de ter sido usado, de ser/estar cru. Envolve uma espécie de nudez mental e, em última análise, de alma: um sentimento de ser reduzido ao alicerce da consciência. Em suma, significa estar dramaticamente empurrado contra a parede de si mesmo. [Tradução minha]

referindo. Este é definido como um grupo de amigos por Ginsberg:

> [the beat generation literary movement is] a group of friends who had worked together on poetry, prose, and cultural conscience from the mid-forties until the term became popular nationally in the late fifties. The group consisted of Kerouac, Neal Cassady (Kerouac's prototype hero of *On the Road*), William Burroughs, Herbert Huncke, John Clellon Holmes (author of *Go, The Horn*, and other books), and myself. We met Carl Solomon and Philip Lamantia in 1948, encountered Gregory Corso in 1950, and first saw Lawrence Ferlinghetti and Peter Orlovsky in 1954[6].

Em meados dos anos 1950 esse grupo teria aumentado e agregado mais autores, como LeRoi Jones, Gary Snyder e Michael McClure. “Todos nós aceitamos o termo 'beat' em um tempo ou outro, humorística ou seriamente, mas sempre com simpatia”, afirmou Ginsberg no mesmo prefácio, no qual ele também menciona alguns dos ideais essenciais e originais desse movimento artístico que a seu ver teriam sustentado o interesse por ele ao longo das décadas: “uma inquisitividade na natureza da consciência, levando à familiarização com o pensamento oriental, a prática da meditação, a arte como extensão ou manifestação da exploração da textura da consciência, a libertação espiritual como resultado” [tradução minha]. De acordo com o poeta, esses ideais inicias levaram a outras discussões e posturas políticas, como a questão da liberação sexual, “particulary gay liberation”, e outras como antifascismo, multiculturalismo e absorção da cultura negra dentro do *mainstream*.

Alguns destes pontos citados por Ginsberg já prenunciam a discussão sobre o uso de drogas, mas mesmo se tratando de um prefácio curto ele faz questão de dedicar um parágrafo inteiro a este tema, versando mais especificamente sobre psicodélicos e demonstrando o interesse que essa discussão despertava senão para todo o movimento ao menos para ele, uma figura de destaque:

> Our interest in pshychedelic substances as educational tools, particulary marijuana, mushrooms, and LSD, led to a more realistic approach to drug laws, recognizing that tobacco and alcohol are physically more destructive than all other drugs except cocaine. Thus the junk problem should be decriminalized and medicalized, and hemp, now a problem, should be transformed into an asset for the failing family farm to help reinhabit countryside and provide some sustainable product (cloth, rope, etc.) as alternative to plastic consciousness[7].

---

[6] [o movimento literário da geração beat] é um grupo de amigos que trabalharam juntos na poesia, na prosa e na consciência cultural desde a metade dos quarenta até que o termo se tornou popular nacionalmente no final dos anos cinquenta. O grupo consistia de Kerouac, Neal Cassady (herói protótipo de Kerouac de On the Road), William Burroughs, Herbert Huncke, John Clellon Holmes (autor de Go, The Horn e outros livros) e eu. Conhecemos Carl Solomon e Philip Lamantia em 1948, Gregory Corso em 1950, e encontramos Lawrence Ferlinghetti e Peter Orlovsky pela primeira vez em 1954. [Tradução minha]

[7] Nosso interesse em substâncias psicodélicas como ferramentas educacionais, especialmente maconha, cogumelos e LSD, levou a uma abordagem mais realista das leis sobre drogas, reconhecendo que o tabaco e o álcool são fisicamente mais destrutivos do que todos os outros medicamentos, exceto a cocaína. Assim, o problema dos

Após comentar sobre a "apreciação do Eros" proposta pelos beats e mencionar outros valores que teriam adentrado o pensamento mainstream, como ecologia, maconha, liberdade gay e multiculturalismo, Ginsberg aponta que, apesar disso, a Geração Beat e os Sixties em geral provocaram uma reação negativa por parte do Sistema, fizeram uma "direita intoxicada entrar em estado de Negação (como na terminologia do AA) da realidade, e reforçar sua codependência com as leis repressivas" [tradução minha].

Qualificando os beats como professadores de um "anarquismo místico", Claudio Willer (2014, p.49) ressalta que o Movimento Beat foi a primeira rebelião artística antiburguesa a não ser protagonizada apenas por artistas provenientes da burguesia, e apresenta alguns exemplos de posicionamentos e reflexões destes artistas com a temática das drogas. Um exemplo famoso é a expulsão de Allen Ginsberg de Cuba em 1965, por expor sua homossexualidade e defender uso e legalização da maconha. Outro é a forma como McClure defendia a exploração dos limites como forma de se chegar ao equilíbrio e à paz interior: "Os pensadores gregos (em contraste com os intelectuais mais mentalistas) concebiam a moderação como uma estrutura pessoal, atingida por meio da descoberta e afirmação dos extremos", afirmou, antes de concluir que "quando um homem chegava aos extremos, ele encontrava os limites circundantes das possibilidades e ela ERA A MODERAÇÃO- era formado dentro do campo da sua experiência" (apud in Willer, 2014, p.73).

Em outro livro, Willer (2009, p.50) caracteriza as drogas como um "vetor" da "Nova Visão" proposta pelos beats – o outro seria formado pelas leituras, pelo estudo poético e literário empreendido pelos jovens escritores. Ele cita drogas como morfina, heroína, benzedrina e anfetamina como as primeiras experimentadas, seguidas de maconha, haxixe, cogumelos, mescalina e "uma variedade de preparados químicos ou extratos de substâncias da natureza. De quebra, tranquilizantes como o nembutal e o farto consumo de bebidas". Ou seja, entre os artistas componentes da "Geração Beat" havia interesse por praticamente qualquer tipo de drogas.

Após ressaltar que o consumo de drogas acompanha a humanidade desde os primórdios, Willer (2009, p.53) aponta que a discussão sobre o uso de drogas entre os beats precisa levar em conta o fato de serem substâncias diferentes, com distintos efeitos e consequências em pessoas também específicas. Cada componente do movimento tinha suas próprias relações com diversas substâncias:

---

junkies deve ser descriminalizado e medicalizado, e a maconha, que agora é um problema, deve ser transformada em um ativo para a agricultura familiar para ajudar a reabitar o campo e fornecer algum produto sustentável (tecido, corda, etc.) como alternativa à consciência plástica. [Tradução minha]

> Kerouac, em alguns momentos, foi um coquetel de tudo. Volumosos charros, charutões de maconha, chaves abrindo as portas do paraíso na chegada ao México em *On the Road*, anulando o calor, o cansaço, a sujeira. Mas não apreciava alucinógenos, e sua experiência com a psilocibina oferecida por Timothy Leary foi traumática. Gregory Corso, por sua vez, foi mesmo um *junkie*, apreciador incondicional, sem culpa ou desconforto, daquilo de que pudesse servir-se (além de jogador compulsivo). Michael McClure publicou um livro intitulado *Peyote Poems*, homenageando os efeitos desse alucinógeno. Neal Cassady destruiu-se principalmente com anfetaminas. Burroughs foi um viciado de verdade, em heroína e morfina, além de tomar anfetamina e cocaína. Mas suas descrições do mundo dos drogados, em *Junkie* e no prefácio de *Almoço nu*, o retratam como o inferno.

Willer deixa Allen Ginsberg para o fim de sua lista sobre as relações entre escritores beats e drogas. O poeta é qualificado de "místico" e como buscador da "transcendência através de alucinógenos" - seus poemas sob efeito de diferentes substâncias relatariam experiências místicas. "Ginsberg politizou os alucinógenos. Chegou a recomendar sua distribuição maciça como meio de pacificar a humanidade", relata Willer (2009, p.55), que vê como tão ou mais importantes do que as reflexões místicas sobre o uso de drogas as análises e críticas que o poeta fazia às políticas de guerra às drogas, além do envolvimento da CIA com tráfico e lavagem de dinheiro.

Estes dois aspectos destacados por Willer a respeito de Ginsberg inclusive são parte importante da argumentação do livro *Drugs and the "Beats": The role of drugs in the lives and writings of Kerouac, Burroughs and Ginsberg*, escrito por John Long. Nele, o autor diferencia dois tipos de escritos: os sobre drogas e feitos sob efeito de drogas. Ambos teriam diversos e recorrentes exemplos entre as obras dos escritores beats, e Long (2005, p.215) chega a declarar que as drogas foram fatores "dominantes" na vida dos três autores que ele prioriza em sua análise. Outro ponto importante da trajetória de Allen Ginsberg é sua cumplicidade e seu companheirismo psicodélico com Timothy Leary, sobretudo a partir de 1960, quando o poeta propiciou ao então professor universitário sua primeira experiência com cogumelos. Desenvolveram a partir de então uma parceria, com boa dose de megalomania, que tinha como objetivo difundir o uso de psicodélicos e a expansão da mente em escala nacional e global, visando a transformação das relações humanas (Elcock, 2015, p.61)[8].

As drogas constituíram uma importante parte do material literário de Ginsberg, Burroughs e

[8] Segundo Elcock (2015, p.121), posteriormente esse modo de pensar se espalhou pelo movimento contracultural: "The notion that LSD and psychedelics were the key to the next stage of human evolution and would bring about a better world was one that was widespread in the psychedelic counter-culture".

Kerouac segundo Long (2005, p.36), para quem inclusive a alteração de consciência seria o principal ponto de contato entre as obras dos três. Além disso, Long acredita que a própria forma de composição literária dos autores teria sido alterada de forma importante por conta do uso de drogas: no caso de Kerouac's através da relação entre o uso de anfetaminas e o método de escrita espontânea utilizado e defendido por ele; em Ginsberg ele relaciona drogas, sobretudo maconha e LSD, e sua métrica poética "inusual"; já no caso de Burroughs, para Long seu estilo de escrita, cinematograficamente inspirado, baseado em "cut-ups" está completamente ligado ao uso de drogas.

O autor apresenta ainda (Long, 2005, p.175) uma entrevista em que Allen Ginsberg está comentando o poema "Marijuana Notation"[9], e diz que o uso de maconha permitiu que ele se desse conta de que vinha ignorando aspectos e percepções da vida cotidiana. A partir disso, tentou neste poema fazer uma abordagem "mais realística": "I'm still daydreaming, still talking about my own thoughts, but at least about in a normal tone of voice that you can understand". Em seu livro *Indian Journals*, publicado em 1960, há um poema com um verso que diz "ganja makes me write" (Long 2005, p.176).

Segundo Long, Burroughs foi viciado em opiáceos por ao menos vinte anos, e isso teria tido

[9] MARIJUANA NOTATION
How sick I am!
that thought
always comes to me
with horror
Is it this strange
for everybody?
But such fugitive feelings
have always been
my métier

Baudelaire- yet he had
great joyful moments
staring into space
looking into the
middle distance,
contemplating his image
in Eternity
They were his moments
of identity
It is solitude that
produces these thoughts

It is December
almost, they are singing
Christmas Carols
in front of the department
stores down the block on
Fourteenth Street

consequências em praticamente todos os aspectos de sua vida. “As drogas estavam na origem de seu desejo de uma mudança de consciência que se tornou uma das principais preocupações de sua vida”. Já Ginsberg teria sido um “ grande apologista do uso inteligente de drogas”, além de ter feito diversas viagens com o fim específico de conhecer e experimentar novas drogas - “não se pode ignorar seu interesse em mudar a consciência, o misticismo oriental e a música psicodélica”, resume [traduções minhas]. Long ainda deixa subentendido que as drogas podiam ser o elo identitário entre Kerouac e os beats, ao afirmar que ele também frequentou a cena das drogas por muitos anos, “e às vezes parecia que as drogas eram a única coisa que ele tinha em comum com seus companheiros, já que suas ideias políticas e morais divergem consideravelmente”. Para Long, anfetaminas e álcool estariam diretamente ligados aos problemas de saúde que o levaram à morte.

Já em relação ao segundo aspecto, escrever sobre drogas, Long (2005, p.216) também conclui ser este um fator dominante dentro das obras destes três autores. “De seu primeiro livro, *Junkie*, Burroughs dedicou-se às drogas”, destaca, apontando que também *Naked Lunch*, *The soft Machine* e *The Yage Letters*, “e todos os livros a seguir também foram mais ou menos influenciados pelo mundo da dependência”. Seus personagens, seus modos de falar e suas gírias, as situações em que se envolviam e mesmo “a mentalidade geral que anima os mundos fantásticos criados por Burroughs” estava quase sempre girando em torno da temática das drogas na opinião de Long, que (se) questiona: “Se removêssemos o elemento droga das obras de Burroughs, o que restaria?”[traduções minhas].

Sobre Ginsberg, Long afirma ser “relativamente fácil” mostrar a importância dos escritos sobre drogas em sua carreira. Além das cartas incluídas no livro *The Yage Letters*, e que versam de forma praticamente exclusiva sobre o tema, Long cita também diversos poemas de Ginsberg sobre substâncias como LSD, mescalina e mesmo óxido nitroso – o gás hilariante. Nos poemas reunidos em *Indian Journals*, há o relato de uso de drogas como morfina, maconha e haxixe durante uma viagem pela Índia. “Em suma, o uso, os efeitos e as consequências das drogas são mencionados em um grande número de poemas de Ginsberg, e em todas as suas coleções sem exceções.”.

A escrita sobre drogas no caso de Kerouac para Long é menos óbvia do que no caso dos dois outros autores. Mesmo assim, em livros como *On the road*, *Visions of Cody* e *Mexico City Blues* haveria passagens que claramente mostrariam o interesse no tema. “E não nos esqueçamos que o álcool é certamente tema latente de 'Sartori in Paris' e o delirium tremens em 'Bir Sur'”, finaliza Long. Nas palavras de Anderson (1995, p.36), os beats buscavam “ridicularizar” a sociedade dos anos 1950 e a cultura da Guerra Fria, e assim influenciaram toda uma geração posterior de ativistas e críticos

sociais.

Lembrando da desproporção existente entre o baixo número de componentes do movimento beat em contraposição à enorme influência cultural e midiática exercida por eles, Long (2005, p.36) defende que no nascimento e desenvolvimento deste grupo já se prenunciavam alguns dos temas da contracultura, como o amor livre e o "drop out": "Com os beatniks encontramos a origem das palavras-chave, frases e conceitos dos anos sessenta, como 'drop out' e 'amor livre', novo interesse na religião oriental, protestos contra guerra, anti-materialismo e a cultura da droga." [tradução minha].

Para Staller (2006, p.61), o que os beats tentaram capturar em sua escrita não era o componente de delinquência juvenil que compunha suas existências pessoais mas sim a as qualidades inerentes na luta por sobrevivência e a espiritualidade que provém das margens do mainstream. "Os beats reinterpretaram o que a sociedade careta considerava atos de delinquência (incluindo prostituição, pequenos furtos, vadiagem, drogas) como atos de sobrevivência, de espiritualidade e de um ponto de vista alternativo", resume [tradução minha]. Os impactos e influências desse tipo de postura no movimento contracultural iniciado na década seguinte são evidentes e inquestionáveis.

***

Ainda os Sixties: Vietnã, rebeliões estudantis e por direitos civis

"Vocês todos conhecem o clichê: os 1950's foram um período de conformismo ao estilo *Father Knows Best*", afirmam Goffman e Joy (2004, p.231), para quem este foi um momento histórico de grande ansiedade e mesmo paranoia, com os estadunidenses tentando colocar o fantasma da destruição nuclear e da possibilidade de um confronto militar com a União Soviética para baixo de um tapete de consumismo e propaganda. Destacado por diversos outros comentadores do período, este medo de um desastre nuclear é visto pela dupla de autores como uma das causas do hedonismo hippie, da mentalidade de busca pelo prazer e pela vivência plena do aqui e agora:

> Hipsterism thrived on the very nuclear anxieties thath the straights were trying to forget. The possibility of instant apocalypse formed a perfect excuse for turning away from the responibilities and delayd rewards of ordinary adult life. Why cautiosly build a career, a family, and a reputation when there was no future? The hipster was liberated to live for the moment. In his famous pean to this subculture, "The White Negro", Norman Mailer wrote that hipsters were all about "the search for an orgasm more apocalyptic than one that preceded it", a statement intended both sexually an

> as a metaphor for any deeply intense and ecstatic exerience of being in the moment. (Joy e Goffman, 2004, p.233)[10]

De acordo com Anderson (1995, p.58) a questão da bomba nuclear, e do medo produzido em torno do tema, era crítica na segunda metade dos anos 1950, principalmente após um estudo na atmosfera ter indicado a presença de resíduos nucleares em alimentos no país, resultado dos testes atômicos que eram então realizados. Alguns estudantes formaram grupos para fazer ativismo especificamente sobre esta causa, e no primeiro semestre de 1960 cerca de mil estudantes realizaram um protesto pelo desarmamento nuclear em Harvard – três meses após os eventos de Greensboro muitos estudantes participaram de um evento sobre o tema com 15 mil pessoas no Madson Square Garden e exigiram o fim dos testes nucleares. Segundo Anderson, nos primeiros anos da década de 1960, 25 jornais com temática pacifista surgiram em cerca de 20 campus universitários.

O momento em que os "baby boomers" começaram a ter idade para entrar na universidade era também de crescimento de vagas disponíveis no ensino superior, anteriormente algo provido majoritariamente pela inciativa privada para um público de elite. Segundo Anderson (1995, p.95), a educação passava então por um processo de democratização nos Estados Unidos, e no final da década de 1960 cerca de três quartos dos estudantes universitários estava em instituições estatais, sendo que praticamente metade dos jovens entre 18 e 21 anos estava matriculado em alguma universidade. Em 1960 havia três milhões de universitários, em 1965 havia cinco milhões e em 1973 esse número chegava aos dez milhões. Antes da Segunda Guerra, nenhuma universidade no país tinha mais do que 15 mil estudantes, em 1970 esse número já era maior do que cinquenta, sendo que oito delas já tinham mais do que 30 mil. A universidade aumentava numericamente e também em sua importância midiática, política, cultural e social.

Se o movimento estudantil ainda estava se consolidando e expandindo, enfrentando suas primeiras batalhas, a década de 1960 assistiu a confrontos por direitos civis desde seus primeiros momentos. Ações como os "sit-ins", que desobedeciam as legislações segregacionistas de determinados estados do país, principalmente no sul, e manifestações como as comandadas por Martin Luther King Jr. pressionavam mais e mais o presidente John Kennedy para que federalizasse a questão e acabasse

---

[10] O "hipsterismo" prosperou exatamente nas ansiedades nucleares que os caretas tentavam esquecer. A possibilidade de um apocalipse instantâneo formou uma desculpa perfeita para se afastar das responsabilidades e retardar as recompensas da vida adulta ordinária. Por que cautelosamente construir uma carreira, uma família e uma reputação quando não havia futuro? O "hipster" foi liberado para viver o momento. Em seu famoso livro para esta subcultura, *The White Negro*, Norman Mailer escreveu que os hipsters se referiam à "busca de um orgasmo mais apocalíptico do que um que o precedia", uma afirmação destinada tanto sexualmente quanto como uma metáfora para qualquer intensidade profundamente intensa e extática de viver o momento. [Tradução minha]

com todas as leis discriminatórias do país. Essa possibilidade foi interrompida com o assassinato do presidente, outro momento importante da década, ocorrido em 22 de novembro de 1963. Houve grande comoção[11] e estardalhaço midiático, e segundo Anderson este evento ajudou a influenciar na descrença de parte da sociedade, sobretudo os jovens, com a política institucional, vista como dominada por poderes econômicos, mafiosos e conspiradores.

Oito meses após a morte do presidente, seu vice, Lyndon B. Johnson, assinou o Civil Rights Act, que, nas palavras de Anderson (1995, p.76) representava o reconhecimento, pela primeira vez em três séculos, de que os negros também estavam protegidos pela Constituição dos Estados Unidos. O ato ilegalizava as separações entre brancos e negros em ambientes públicos, e também estabelecia avanços rumo à igualdade de direitos no que diz respeito às eleições e aos direitos políticos. Como o mesmo Anderson ressalva, uma lei no entanto não transforma mentalidades, e os conflitos continuaram ocorrendo, talvez com mais violência dada a intransigência dos racistas em aceitarem as recentes mudanças e o avanço dos direitos dos negros. Durante o verão de 1964, 80 ativistas pelos direitos civis foram agredidos, sendo 30 baleados e quatro mortos. Cerca de trinta residências de moradores negros foram queimadas e houve 17 atentados a bomba em três meses, além de 37 igrejas incendiadas. “Mississipi was burning”, resume Anderson (1995, p.79).

Fundado em abril de 1960, o Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC), passou a estabelecer laços entre os estudantes universitários recém engajados ou simpatizantes dos ideais da Nova Esquerda e o movimento negro no sul do país. De acordo com Anderson (1995, p.82), ao voltarem para suas casas e universidades estes estudantes percebiam que o racismo não era uma questão apenas sulista, tendo que concordar com o advogado e ativista negro Len Holt, que na época escreveu que os Estados Unidos eram então compostos por 50 Mississipis. O SNCC teve grande envolvimento com as manifestações lideradas por Martin Luther King em Selma, Alabama, no ano de 1965. Quando o movimento foi reprimido, manifestações e campanhas de solidariedade foram realizadas em diversas universidades, e o exemplo de coragem dos manifestantes negros serviu de estímulo à ação por parte dos estudantes brancos, de acordo com Anderson (1995, p.119). Em 1964, protestos pela liberdade de manifestação dentro do campus da Universidade de Berkeley, na Califórnia, serviram de estímulo para a criação do Free Speech Movement, o que daria maior vigor e atenção para os jovens manifestantes. Este foi o primeiro grande protesto estudantil coberto pela mídia, e o envolvimento jovem cresceria ainda mais com a escalada da participação militar estadunidense no Vietnã.

[11] Segundo Anderson (1995, p.75) somente no primeiro mês após a morte de John Kennedy, cerca de 70 mil pessoas visitaram seu túmulo para prestar algum tipo de homenagem.

De acordo com Anderson (1995, p.121), o conflito no Vietnã começou de forma sutil, sem declaração de guerra, mobilizações massivas ou fanfarras. Há muitos anos os Estados Unidos já estavam de alguma forma envolvidos no país: em 1950 a administração de Truman apoiou a França em sua tentativa de manter o controle sobre as antigas colônias da Indochina, em 1954 os estadunidenses pagavam quase 80% dos custos militares dos franceses em seus combates contra Ho Chi Min, e na virada dos Cinquenta para os Sessenta uma série de apoios econômicos foram dados a fim de influenciar os rumos políticos do país. Kennedy aumentou os valores, e declarou que o Vietnã era "the corner-stone of the Free World in Southeast Asia, the Keystone to the arch, the finger in the dike". Em 1963 os Estados Unidos já tinham 16 mil "consultores" trabalhando no Vietnã do Sul.

Em agosto de 1964 rebeldes norte-vietnamitas atacaram um barco da Marinha dos Estados Unidos, e com isso Lyndon Johnson obtém autorização do Congresso para tomar medidas militares, mesmo dizendo publicamente que o país não tem interesse em aumentar sua presença no Vietnã. Este foi um ano eleitoral, em que Johnson deixou de ser vice e venceu a eleição para um mandato de mais quatro anos, tendo dito na campanha que não defendia o aumento do papel dos Estados Unidos neste conflito. Como aponta Anderson (1995, p.123), se os eleitores estadunidenses quisessem guerra poderiam ter optado pelo candidato Republicano, o governador da Califórnia Barry Goldwater, que defendia isso explicitamente.

Anderson relata que diversas decisões de Jonhson foram tomadas com base em informações que no momento não eram de conhecimento público. Na virada de 1964 para 1965 já havia 20 mil "consultores" estadunidenses atuando no Vietnã, e informações de que os sul-vietnamitas estavam quase ganhando a guerra, algo que também era omitido do público, levaram o presidente a autorizar bombardeios e mais tropas. No início de 1965, uma pesquisa teria indicado que 25% das pessoas sequer sabia que os Estados Unidos estavam lutando no Vietnã; por outro lado, 80% defenderam que o país bombardeasse o Vietnã do Norte. Pesquisas anteriores teriam evidenciado que cerca de dois terços dos estadunidenses não tinha opinião sobre o conflito. Um protesto realizado em Nova York reuniu três mil pessoas contra o bombardeio, e posteriormente outras três mil pessoas se reuniram na Universidade de Michigan para propor uma mudança na política externa do país. Em abril de 1965, 20 mil pessoas marcharam contra a guerra na capital Washington.

Em agosto de 1965, Lyndon Johnson assina o Voting Act Rights, que obteve apoio de lideranças negras como Martin Luther King, e a importância e a urgência de mudanças nesta questão ficaram

explícitas no mesmo mês, quando 34 pessoas morreram e milhares ficaram feridas ou foram presas na revolta de Watts, em Los Angeles. Nos dois anos seguintes Johnson "deu à geração dos anos 60 uma razão para se preocupar com o futuro - ele massivamente escalou o papel da América na Guerra do Vietnã. A geração cool se tornou história" (Anderson, 1995, p.129). Em 1966, o presidente aumentou de 180 mil para 385 mil o número de soldados no Vietnã, e o número de mortes triplicou. Em 1967 já eram 525 mil soldados, e as mortes passaram de 9 mil para 16 mil em um ano. Mesmo assim, a opinião pública estadunidense em geral ainda apoiava a guerra: pesquisas indicavam que esse apoio era de cerca de dois terços. Enquanto a administração de Lyndon Johnson investiu mais de 300 bilhões de dólares no Vietnã, apenas 50 milhões teriam sido investidos em iniciativas de combate à pobreza segundo Anderson (1995, p.169). Apenas no ano de 1967, revoltas e levantes urbanos como o de Watts resultaram em quatro mil feridos e ao menos 90 pessoas mortas: "em casa e no exterior, os Estados Unidos estavam em guerra", resume o historiador.

A partir da escalada da presença estadunidense no Vietnã após 1966, o movimento estudantil se aproxima cada vez mais da radicalidade, rejeitando crescentemente a luta por reformas e a disputa institucional. A influência do movimento negro era grande, e este teria dois pontos de virada com a formação do Partido dos Panteras Negras, em 1967, e com o assassinato de Martin Luther King, em abril do ano seguinte. As saídas pacíficas pareciam cada vez mais fechadas para os jovens e os dissidentes nos Estados Unidos, e em 1969 esse momento de indefinição e radicalização dentro da esquerda se cristaliza no "racha" ocorrido no Students for a Democratic Society (SDS) em seu congresso, exatamente por conta da divisão entre reformistas e defensores de ações armadas, como os Weathermen, que propunham "trazer o Vietnã para casa" através de ações armadas espetaculares. Ao mesmo tempo, desde 1967 os hippies estavam definitivamente na mídia com seu Flower Power, aproximando-nos da segunda onda definida por Anderson, que se inicia em 1968 e tem a contracultura como centro.

Como aponta Staller (2006, p.36), a cobertura da grande imprensa estadunidense enfocando os hippies foi dramática e intensa, mas de curta duração. As primeiras reportagens no *The New York Times* teriam aparecido em 1966, e atingido o clímax em 1967, decaindo na sequência até o tema desaparecer totalmente das páginas deste jornal já em 1973. Em seu (ótimo) romance *O clube dos jardineiros de fumaça*, Carol Bensimon (2017, p.106) mistura depoimentos e trajetórias de vida reais com sua trama fictícia, que se passa na Califórnia atual. Em um desses parênteses na trama, no qual conta trajetórias de indivíduos reais, ela situa "o fim do amor em Haight-Ashbury" em 1971 e 1972. "Um bando de gente estava usando heroína, roubando, pedindo dinheiro nas esquinas ao lado de cãezinhos famintos que nada tinham com isso", e com isso os hippies começaram a fugir para

zonas menos urbanas, “em pequenos grupos que formavam para viver em paz e completa harmonia com a terra”.

***

A revolta dos não oprimidos: marcos iniciais da contracultura

Em seu livro *Antidisciplinary protest: sixties radicalism and postmodernism,* Julie Stephens (1998, p.21) critica uma visão que ela via como predominante nas Ciências Sociais até o período em que escrevia no que diz respeito à abordagem do tema aqui em questão: segundo a autora, invariavelmente as análises acadêmicas ignoravam a “hibridização característica dos protestos dos anos sessenta”, optando por narrar a década dos 1960 enfocando sobretudo a ação política com contornos mais tradicionais e ou relacionados mais diretamente à disputa de poder. “Considera-se que a ação real ocorreu apenas no lado político da experiência da década: a liberdade de expressão, os direitos civis, o poder negro e os movimentos anti-guerra. Em contrapartida, os hippies são rejeitados como um um lado cômico”, aponta [tradução minha].

Para Stephens esse seria apenas um lado do radicalismo dos Sixties nos Estados Unidos, que não poderia ser analisado apenas sob o enfoque das estratégias revolucionárias de transformação social – que seriam na verdade a forma menos característica de manifestação nessa década, caracterizada por uma nova linguagem de protesto que teria transgredido as fronteiras entre o político e o estético:

> This new politics was a playful and self-referential celebration of ambiguity, where the theatrical and the spectacle were privileged over the politcs of State policy (such as the allocation of public goods, or political-economic structure), and totalities like socialism, society, and in some cases even objective reality itself were parodied and dismissed. It was a politics which drew more on the themes of the popular culture than on the heritage of the Left for its language of protest.[12]

A partir deste entendimento, e buscando não ignorar o papel deste lado contracultural dos Sixties - “que era altamente autoconsciente e midiático, cheio de gestos autoparódicos, desenhando extensivamente motivos da cultura popular para sua linguagem de protesto e distinguido por suas recusas espetaculares da chamada racionalidade iluminista.” - Stephens propõe a ideia de “anti-

[12] Essa nova política era uma celebração lúdica e autorreferencial da ambiguidade, onde o teatral e o espetacular eram privilegiados sobre as políticas da política de Estado (como a alocação de bens públicos, ou estrutura político-econômica), e totalidades como o socialismo, a sociedade e, em alguns casos, até mesmo a própria realidade objetiva eram parodiadas e descartadas. Foi uma política que se baseou mais nos temas da cultura popular do que na herança da esquerda para sua linguagem de protesto.

disciplinary politics" para conceituar essa nova linguagem de protesto. O termo é levantado pela autora para evitar dualidades estanques que em sua opinião não são sempre produtivas ao enfocar o período, como a que opõe política e cultura.

Para Stephens (1998, p.40), a contracultura dos anos 1960 problematizou o próprio conceito de resistência:

> The sixities counterculture combined determined efforts to remain theoretically separate from and unblemished by the very aspects of society being resisted: what in the language of postmodernism could be called deconstructing the notion of an 'enemy', in the traditional politcal sense. Yet, in rejecting the idea of conventional political demands and insisting on "the freedom to stand around and do nothing", in never being for or against anything, in protesting no issues because, according to Rubin, "the truth was contained" not in any political purpose but' in the act, só the sixties counterculture problematized the very concept of resistance.
>
> Once the very core of familiar notions of radical opposition (the idea of resistance, for example) was itself called into question, for some it was an easy slide to the position that there was nothing outside to resist. "You" became the revolution. The revolution was achieved by "being it" or by simply "living it".[13]

Na introdução que Braunstein e Doyle (2002, p.5) fazem à coletânea de artigos *Imagine Nation: the American counterculture of the 1960s & 70s,* a popularização do termo contracultura é atribuída ao livro de Thedeore Roszak, anteriormente já citado e publicado pela primeira vez em 1968. Nos anos 1970, a palavra "estava a caminho de se tornar um termo que se referia a todas as divergências políticas, sociais ou culturais da década de 1960, abrangendo qualquer ação, desde fumar maconha em um concerto de rock até ofender um policial". Os organizadores do livro acreditam que nesse momento houve uma "inflação" do uso do termo, que passou a ter uma miríade de significados e formas de entendimento.

Braunstein e Doyle (2002, p.7) identificam a primeira utilização do termo contracultura em uma discussão sobre ideologia publicada pelo sociólogo Talcott Parsons em 1951, no livro *The Social*

---

[13] A contracultura dos anos sessenta combinou esforços determinados para se manter teoricamente separada e sem mácula pelos próprios aspectos da sociedade que está sendo resistida: o que na linguagem do pós-modernismo poderia ser chamado de desconstruir a noção de um "inimigo", no sentido político tradicional. No entanto, ao rejeitar a ideia de demandas políticas convencionais e insistir na "liberdade de ficar parado e não fazer nada", em nunca ser a favor ou contra qualquer coisa, em não protestar por questões porque, segundo Rubin, "a verdade estava contida" não em qualquer propósito político, mas no ato, a contracultura dos anos sessenta problematizou o próprio conceito de resistência. Uma vez que o próprio núcleo de noções familiares de oposição radical (a ideia de resistência, por exemplo) foi questionado, para alguns, foi um deslize fácil para a posição de que não havia nada para resistir. "Você" se tornou a revolução. A revolução foi alcançada por "ser" ou simplesmente "viver aquilo".[Tradução minha]

System. Posteriormente, já "no fim dos anos 1960", o acadêmico J. Milton Yinger publicaria um artigo sobre as dimensões psicológicas do desvio social, utilizando a palavra para diferenciá-la da categoria sociológica de "subcultura", "que ele definiu como um subconjunto neutro de uma sociedade maior, como, por exemplo, grupos raciais, étnicos ou religiosos". Quando Theodore Roszak publica seu "best seller" *The making of a Counter Culture*, ele revisita o termo mas limitando-o àquele período específico dos Sixties. Com o sucesso de vendas e de mídia de sua obra – com repercussões e citações inclusive na imprensa brasileira – o termo é difundido dentro e fora dos meios acadêmicos. De acordo com Yablonsky (2000, p.28), a palavra hippie[14] ganhou a grande mídia sobretudo a partir de 1967, com um artigo publicado na revista *Ramparts* no mês de março, intitulado "The Social History of the Hippies".

Frank Musgrove (1974, p.19) define a contracultura como a revolta dos não oprimidos, como uma resposta não ao fechamento mas à abertura. Seria uma busca por novas formas de convivência e interação nos marcos da sociedade pós-industrial, e estaria menos para uma ideologia revolucionária e mais para um "exploratory curriculum", uma defesa da exploração máxima das possibilidades humanas na busca de felicidade. Para Braunstein e Doyle (2002, p.10) o conceito de contracultura falseia e reifica o que nunca teria sido propriamente um movimento social. Seria na verdade, para eles, uma coleção instável de atitudes, tendências, posturas, gestos, estilos de vida, ideais, visões, hedonismos, prazeres, moralismos, negações e afirmações. Esses papéis seriam desempenhados por pessoas que se definiam primeiramente pelo que não eram: "o que eles eram era o que eles poderiam se tornar - mais um processo do que um produto e, portanto, mais uma direção ou um se deslocar do que um movimento" [tradução minha]. De acordo com estes autores, entre aqueles que estavam ou posteriormente estariam sendo vistos como pertencentes à categoria da contracultura havia um entendimento da crise não só dos Estados Unidos mas dos valores do Ocidente industrializado, e essa situação seria identificada como produto da cultura e não do Estado, como supostamente defenderia um "marxismo vulgar".

Em seu livro *Ecstasy and holiness*, de 1974, Frank Musgrove concorda que a contracultura como um grupo de ideias ou como um grupo de pessoas é em sua aparência dividida, contraditória, fragmentada. Mesmo assim, ele acredita ser possível encontrar uma correlação entre cada uma dessas atitudes divergentes, alguns valores e posturas comuns que formariam e caracterizariam o movimento para seus integrantes e analistas. "A contracultura é sobre a dignidade humana e o

[14] O escritor brasileiro Paulo Coelho publicou em 2018 um romance autobiográfico intitulado exatamente *Hippie.* Em dado momento, Coelho (2018, p.16) diz que "ninguém sabia exatamente o que a palavra 'hippie' queria dizer, e isso não tinha a menor importância. Talvez seu significado fosse 'uma grande tribo sem líder' ou 'marginais que não assaltam'".

significado pessoal: ela considera o exercício do poder não menos degradante do que a submissão", resume Musgrove (1974, p.197).

Braunstein e Doyle (2002, p.11) propõem uma divisão da contracultura nos Estados Unidos em duas fases. A primeira seria "a contracultura dominada pela juventude branca, altamente otimista e até utópica do período do 'Flower Children'". Para eles, os pontos de início podem ser diferentes, mas essa fase teria começado quando os Beatles saíram em turnê pela primeira vez em 1964, atingido seu auge em 1967 e 1968 e depois começado a decair gradualmente a partir da eleição que levou Richard Nixon à Casa Branca, em 1968. Essa seria uma fase de muitos "paradoxos": Braunstein e Doyle citam por exemplo o fato de que era um movimento completamente baseado na juventude mas cujos principais porta-vozes eram "consideravelmente mais velhos do que suas plateias" [tradução minha], como Timothy Leary, Allen Ginsberg e Gary Snyder. Segundo os autores, neste momento os termos "hippie" e "contracultura" eram tratados como sinônimos, sendo que hippie era uma palavra com maior divulgação midiática desde alguns anos antes, tendo começado a perder este uso geral, passando, nos anos 1970, a designar mais um estilo de se vestir, uma atitude ou um estilo de vida.

Anderson (1995, p.243) ressalta que o termo hippie tinha significados diferentes para as gerações mais velhas e mais novas. A geração dos pais utilizaria essa palavra para designar qualquer tipo de pessoa ou conduta que de alguma forma desafiasse algo ou se revoltasse contra algo. As pessoas que tinham cabelos longos, se vestiam de forma diferente ou usavam drogas – Anderson cita especificamente a maconha – eram rotuladas pela mídia como "dirty, costume protesters", e usuários eram frequentemente rotulados como traficantes sem qualquer tipo de diferenciação. Na avaliação do historiador, após a categoria hippie ter se consolidado de forma pejorativa na cultura mainstream, a classe média branca dos subúrbios "fechou-se em desgosto em vez de tentar entender a rebelião".

Braunstein e Doyle avaliam que a orientação mais utópica desta primeira fase da contracultura seria resultado em boa medida de um momento de prosperidade econômica com pleno emprego, e com prognósticos posteriores de otimismo para a economia do país. Como destaca Musgrove (1974, p.11), a Califórnia dos anos 1960 era um dos lugares mais ricos do planeta naquele momento, senão o principal. O desenvolvimento da automação na indústria e mesmo no campo para alguns apontava para a possibilidade de uma diminuição radical da necessidade de trabalho, até mesmo de sua abolição. "Muitos daqueles compreendidos pelo termo "hippies" na metade da década de 1960 sentiam que seria mais fácil transcender o capitalismo do que destruí-lo", avaliam, não sem

sinalizarem que essa orientação era produto da constituição de classe média branca do movimento hippie daquele momento: seriam "suposições da plenitude material baseadas em raça" [tradução minha].

Economicamente, o início dos anos 1970 já não era tão promissor, e a isso se combinava a ênfase na "lei e na ordem" dada pela gestão de Nixon, que tinha uma plataforma e uma ideologia pessoal declaradamente anticontracultura. Para Braunstein e Doyle a contracultura fragmenta-se a partir deste momento em uma série de movimentos de libertação cultural, iniciando o que eles definem então como a segunda fase. As expectativas a respeito da possibilidade de transformação radical dos Estados Unidos – seja via revolução, política institucional ou outras formas de ação – começaram a despencar, enquanto ao mesmo tempo a defesa da "practical liberation" ao nível do estilo de vida se tornou o "countercultural mode".

Se os organizadores do livro *Imagine Nation* definem 1968 como final da primeira fase da contracultura, Frank Musgrove (1974, p.19) toma esse ano como marco final do período, restringindo-o em sua opinião e análise aos anos entre 1964 e 1968 – período em que teriam havido 1496 revoltas estudantis no país. O autor diz que a contracultura foi feita sobretudo por estudantes e hippies, e localiza seu nascimento, seu marco inicial, em Berkeley, no final de 1964, mais especificamente na ocupação de prédios da universidade que cerca de mil e quinhentos estudantes, convocados pelo Free Speech Movement, realizaram por dois dias – tendo sido retirados com violência pela polícia. De acordo com Musgrove, em 1967 já havia provavelmente 250 mil "full-time hippies" nos Estados Unidos, com estimativa de três quartos destes pertencerem a famílias de classe média ou alta, e a contracultura permaneceria altamente ligada aos meios universitários durante a metade dos anos 1960.

Em seu livro publicado ainda no calor do momento, em 1970, Charles Reich (1970, p.179) demonstra que a questão dos marcos iniciais da contracultura já era confusa e polêmica naquele período:

> Uma cronologia se baseia na turma universitária de 1969, que entrou para a universidade no outono de 1965. Outra data importante é o verão de 1967, quando a plena força da revolução cultural foi pela primeira vez visível. Mas mesmo no outono de 1967, o número de pessoas envolvidas era ainda muito pequeno. O novo grupo extraiu muito daqueles que tinham sido expostos ao melhor da educação das artes liberais – poesia, arte, teatro, literatura, filosofia, boa conversação. Mais tarde, o grupo começou a compreender estudantes "comuns" da classe média. Com o tempo, houve atletas universitários e intelectuais, amantes de motocicletas e esquis bem

> como amantes de arte e literatura. Mas o núcleo do grupo sempre foi branco, bem instruído e de classe média.

Rossinow (2002, p.100) identifica o início da contracultura não nas universidades, mas nas ruas de São Francisco, mais especificamente no famoso cruzamento entre as ruas Haight e Ashbury, "around 1965". Mesma opinião de Kallen (2001, p.107), que qualifica a cidade de São Francisco como o centro do universo hippie e diverge apenas da data, localizando-a um ano antes: "A cena lá [San Francisco] começou em 1964, quando centenas de pequenos grupos de amigos encontraram um elo comum no consumo de LSD" - no centro dessa articulação estaria o escritor Ken Kesey, que juntamente com o grupo dos Marry Pranksters, era ativamente envolvido na promoção de eventos e na distribuição de ácido lisérgico.

Já Goffman e Joy (2004, p.249), em seu *Counterculture through the ages*, estabelecem o ano de 1962 como marco inicial da contracultura, por conta de dois eventos. O primeiro é a elaboração e divulgação do "Port Huron Statement", o manifesto que os estudantes do Students for a Democratic Society lançaram e que ajudou a definir e propagar a "nova esquerda" estadunidense. O outro evento é a demissão dos professores Richard Alpert e Timothy Leary da universidade de Harvard, por conta de suas pesquisas e militâncias com substâncias psicodélicas. "Esses dois pequenos sinais na tela de radar sociopolítico dos Estados Unidos provariam ser os pontos de partida para os principais movimentos que mais tarde convergiriam para a bagunça profana que era o final dos anos 60", resumem [tradução minha].

Anderson (1995, p.241) defende que a contracultura precisa necessariamente ser definida de forma ampla, e que atuava de forma reativa ao *establishment* político, ao contexto dominante da Guerra Fria. O autor indica que a imprensa apontava na época de auge do movimento que haviam 200 mil "full-time hippies", outras 300 mil pessoas que dividiam práticas e crenças com estes hippies, e que a cada ano 20 mil pessoas estavam "dropping out", fugindo de casa e indo viver em comunidades ou nas ruas. No fim da década de 1960 os hippies tinham estabelecido milhares de comunidades rurais e também urbanas, em praticamente todas as grandes cidades, sem falar na grande movimentação de pessoas que viajavam de carona pelo país, muitas delas adolescentes fugindo de casa. Segundo Anderson, nos primeiros anos da década de 1970 "talvez 3 milhões de pessoas se sentissem parte da contracultura, mas sempre foram minoria dentro de outra minoria - o movimento" [tradução minha].

Tanto na narrativa de Kallen quanto na de Joy e Goffman, fica claro que para determinados analistas

o papel das drogas é fundamental não só no desenvolvimento da contracultura hippie nos Estados Unidos mas também em sua própria formação, em sua própria origem. Essa narrativa já existia durante o próprio período, como podemos observar em uma entrevista realizada por Yablonksy (2000, p.152) com Sonny, um ativista e morador de comunidade na época em que o pesquisador realizava seu livro *The hippie trip*. Quando ambos estão conversando sobre as origens do movimento hippie, Sonny aponta o papel preponderante que, para ele, o LSD teve nessa trajetória:

> The junction point between what you might call the hippie world and the beatniks world of the previous generation was the introduction of LSD and other psychedelic drugs. Probably people became aware of it at first through Huxley's essays. LSD, mescaline, grass, have been on the scene almost forever but it's spreading now. And I would say that if the hippie movement has a rallying cry it would have to be the psychedelic-drug revolution. [15]

Após dialogar com os escritos sobre drogas de Baudelaire e Michaux, Octavio Paz (1969, p.112) conclui que o uso de alteradores de consciência "en nuestros días" representaria uma crítica ao tempo linear e uma nostalgia ou pressentimento de um outro tempo. Sendo assim, os analistas da relação entre o uso de drogas e os jovens da nascente contracultura dos anos 1960, comentada pelo poeta mexicano em determinado momento do ensaio, se equivocariam por excluir da discussão dois setores que seriam os que "realmente tienen algo que decir": os cientistas e os poetas, que seriam capazes de entender esse sintoma de mudança na sensibilidade contemporânea:

> Es cierto que el número de jóvenes que han ingerido LSD y otras sustancias alcanza tales proporciones, especialmente en los Estados Unidos, que es fácil compreender la excitación del público y la alarma de las autoridades. No es menos cierto que las medidas legislativas y policiacas ni son una solución ni ayudan a entender el problema. Al contrário, lo exacerban y lo envenenan. No se necesita ser sociólogo o antropólogo para darse cuenta de que la afición a las drogas no es sino uno de los resultados de los cambios que ha experimentado ls sociedad industrial desde la segunda guerra. Tampoco es extraño que el fenómeno sea más intenso y extenso allí donde los cambios han sido mayores: los Estados Unidos. Sería absurdo atribuir a las drogas poderes críticos y subversivos: los muchachos no creen en "the american way of life" porque ingieren drogas – las ingieren porque han dejado de creer en essas ideas y, a tientas, buscan outras. (…) El uso generalizado de drogas es outro anuncio más de un cambio en la sensibilidad contemporánea. (Paz, 1969, p.103)[16]

---

[15] O ponto de junção entre o que você pode chamar de mundo hippie e o mundo dos beatniks da geração anterior foi a introdução de LSD e outras drogas psicodélicas. Provavelmente, as pessoas começaram a perceber a princípio através dos ensaios de Huxley. LSD, mescalina e maconha têm estado em cena quase para sempre, mas estão se espalhando agora. E eu diria que se o movimento hippie tiver um grito de guerra, teria que ser a revolução das drogas psicodélicas. [Tradução minha]

[16] É verdade que o número de jovens que ingeriram LSD e outras substâncias atinge tais proporções, especialmente

Para outros, no entanto, essa origem está mais ligada a outros fatores, com outros aspectos históricos e atores sendo enfatizados, como o movimento estudantil. Porém, outro elemento já mencionado de passagem anteriormente é consensual entre qualquer analista: a origem branca e de classe média, ou alta, dos componentes da contracultura em sua origem e desenvolvimento. Em artigo sobre a vida em comunidades durante este período, Miller (2002, p.343) aponta que essas tentativas de constituição de modos de vida alternativos eram "esmagadoramente brancas; um estudo sobre o assunto descobriu que elas eram menos de 1% não brancas, enquanto a população americana estava em 12% não branca no momento" [tradução minha]. Além disso, esse autor ressalta que as comunidades eram compostas sobretudo por pessoas originárias das classes médias ou ainda mais altas.

Em seu *O teste do ácido do refresco elétrico*, Tom Wolfe (1993, p.144) faz uma descrição dos jovens engajados na contracultura dos anos 1960 destacando que eles provinham sobretudo de Los Angeles, São Francisco e Nova York e que eram em sua maioria "de classe média, mas não da alta burguesia e sim da pequena burguesia, se é que esse velho mingau de conceitos ainda pode ser escrito – lares com cultura, mas com pouco dinheiro, ou com dinheiro, mas nenhuma cultura", descreve. Na descrição que Wolfe faz desses jovens "afinados", as drogas psicodélicas têm papel de destaque:

> As pessoas caretas viviam tentando descobrir o que estava *errado* aqui – porque nunca tinham experimentado esse sentimento. Os caretas os chamavam *beatniks*. Imagino que a Gente Maravilhosa identificava aquilo com a vibração da Geração Beat do final dos anos 50, mas na verdade havia uma motivação inteiramente nova nos padrões desse círculo boêmio peculiar: qual seja, as drogas psicodélicas.

***

Veículo para a consciência cósmica: drogas e contracultura

---

nos Estados Unidos, que é fácil entender a empolgação do público e o alarme das autoridades. Não é menos verdade que as medidas legislativas e policiais não são uma solução nem uma ajuda para entender o problema. Pelo contrário, elas exacerbam e envenenam. Você não precisa ser um sociólogo ou um antropólogo para perceber que o vício em drogas é apenas um dos resultados das mudanças pelas quais a sociedade industrial passou desde a Segunda Guerra Mundial. Não é estranho que o fenômeno seja mais intenso e generalizado onde as mudanças foram maiores: os Estados Unidos. Seria absurdo atribuir a drogas poderes críticos e subversivos: os meninos não acreditam no "american way of life" porque ingerem drogas - eles os ingerem porque deixaram de acreditar nessas idéias e, tateando, procuram outras. (...) O uso generalizado de drogas é outro anúncio de uma mudança na sensibilidade contemporânea. [Tradução minha]

Compilado no já citado livro *Imagine Nation,* há um artigo de David Farber (2002) que trata exclusivamente da questão do uso de drogas dentro da contracultura dos Sixties estadunidenses. O autor ressalta inicialmente que os Estados Unidos sempre foram um país onde o uso de drogas era "endêmico", muito antes do Verão do Amor: "Os americanos viviam em uma sociedade na qual substâncias poderosas eram metabolizadas para mudar o processo mental e as funções corporais", destaca Farber (2002, p.19), que afirma que o cidadão médio do país aceitava "Um estado intoxicado como medicamental ou recreacionalmente necessário - pelo menos para alguns americanos, em alguma parte do tempo" [tradução minha]. Em 1965, por exemplo, teriam sido prescritas 123 milhões de receitas médicas para tranquilizantes e 24 milhões para anfetaminas.

"Surpreendentemente, essas drogas foram tomadas por pessoas consideradas cidadãos de funcionamento normal", prossegue Farber, que lembra que somente em 1965 três mil pessoas morreram de overdose de medicamentos legalmente prescritos nos Estados Unidos. Mais do que o uso de drogas da indústria farmacêutica, era muito disseminado o consumo de tabaco: em meados da década de 1960, praticamente 80% dos homens adultos entre dezoito e sessenta e quatro anos fumavam tabaco. "Seja derretendo de Valium, seja hypados no speed, socialmente bêbados ou gentilmente atordoados de nicotina, os americanos da década de 1960 aparentemente aceitaram o estado intoxicado como parte integrante do modo de vida americano.", resume [tradução minha].

Também por esse entendimento, Martin Torgoff (2005), em seu livro *Can't find my way home,* sobre drogas nos Estados Unidos na segunda metade do Século XX, descreve o período entre o pós Guerra e o fim do século como "the great stoned age". Para Farber, no entanto, por mais que as drogas sempre tenham permeado a história e o cotidiano dos cidadãos dos Estados Unidos, as diferenças entre as substâncias, suas especificidades, e as formas com que estas eram usadas, com suas motivações também específicas, fazem dos Sixties os Sixties. Ele salienta (Farber , 2002, p.34) também o papel preponderante que a ilegalidade de determinadas substâncias teve na construção da rebeldia na utilização destas, destacando que a criminalização do LSD, por exemplo, ocorrida no meio da década de 1960, enfatizou a divisão entre os mundos dos "stoned" e dos consumidores de álcool, quando ambos não passavam de diferentes tipos de drogados.

> By making everyone who was stoned a part of a "illegal nation", the "Intoxicated State" seemed to define all drug users as part of a counterculture, whether they used their stoned state simply to watch TV and giggle or to figure how to live a completely new life as far outside the boundaires of the State and commercial marketplace as they could get. (…) Criminalization made LSD use both more dangerous (impure "street" acid/ jail time) and more a clear sign of cultural rebellion. Just by using LSD or even marijuana, an individual was declaring himself or helsef an opponent of the

> status quo willing to go to jail in pursuit of a favorite form of altered consciousness. Society had declared that everyone who dropped acid was a criminal.[17]

Farber cita um texto de Jerry Rubin, ativista antiguerra que depois seria chave na criação dos Yippies – tentativa de aproximação ou mesmo de fusão entre ideais e práticas da contracultura e da nova esquerda –, no qual ele comenta exatamente essa conexão entre a ilegalidade das substâncias e a rebeldia da condição, e decisão, de seguir utilizando-as. Após dizer que toda uma geração de usuários de drogas foi rotulada de criminosa, Rubin resume o efeito desse tipo de política para estes jovens: "A maconha nos ensinou a desrespeitar as leis e as cortes" [tradução minha].

Na síntese feita por Farber (2002, p.36), o uso de drogas - "including acid", como ele faz questão de sublinhar – não necessariamente redirecionou os usuários para nenhum lugar em particular. Mesmo que o LSD seja uma substância poderosa "que poderia quebrar mentes, provocar visões de êxtase e facilitar insights profundos", ele defende que isso não significa que ele tenha feito por si só as pessoas se rebelarem contra o que quer que seja: "assim como apenas o trabalho em um chão de fábrica não fazia com que todos sonhassem em se unir a um sindicato trabalhista". Junto com outros alteradores de consciência, o LSD possibilitou sim que algumas pessoas explorassem os mapas de sua consciência e chegassem a um novo grau de coordenadas culturais, prossegue Farber, mas não era o fato de "getting high per se" que realmente fazia a diferença para esse pequeno grupo de pessoas: a euforia ou a introspecção que a alteração de consciência lhes propiciava os estimulava a pensar e propor novas possibilidades de vida. "Foi o sentido e a sensibilidade que a consciência alterada forneceu, muitas vezes canalizados pelo próprio processo coletivo ou orientado grupalmente de tomada de drogas, que encorajou alguns usuários de drogas a buscar as realidades de suas próprias decisões.", conclui [tradução minha]. Na síntese de Goffman e Joy (2005, p.41), a exploração das drogas – principalmente as psicodélicas mas não só, eles salientam – pelos integrantes da contracultura ia além dos usos mais costumeiros em busca de "recreação, alívio ou esquecimento", sendo na verdade "uma manifestação do grande e perene abraço de novas idéias, tecnologias, experiências e modos de ser da contracultura". Uma questão de ser, de modo de vida.

Como comentado anteriormente, Lewis Yablonsky diz que em sua *Hippie trip* por comunidades e

---

[17] Ao fazer todos que ficavam chapados parte de uma "nação ilegal", o "Estado Intoxicado" parecia definir todos os usuários de drogas como parte de uma contracultura, quer usassem seu estado alterado simplesmente para assistir TV e rir ou para descobrir como viver uma vida completamente nova, o mais fora dos limites do Estado e mercado comercial como eles pudessem conseguir. (...) A criminalização fez o uso de LSD usasse tanto mais perigoso (impureza do ácido "de rua"/ tempo na prisão) quanto um sinal mais claro de rebelião cultural. Apenas usando LSD ou até mesmo maconha, um indivíduo estava se declarando um oponente do status quo disposto a ir para a cadeia em busca de sua forma favorita de consciência alterada. A sociedade declarou que todos os que tomavam ácido eram criminosos. [Tradução minha]

eventos da contracultura ele chegou à conclusão de que praticamente tudo que viu e viveu tinha algum tipo de conexão com o fenômeno do uso de drogas, sobretudo LSD. Seu livro é baseado em observação participante mas também em centenas de entrevistas e em outras centenas de questionários quantitativos que o sociólogo desenvolveu e aplicou entre integrantes do movimento. Yablonksy (p.244) afirma que sua pesquisa revelou que a maioria das pessoas "in the hippie world" já teve várias viagens de ácido, sendo mais da metade teria usado LSD mais de dez vezes.

"Apesar de seu uso para diversão e 'baratos' a experiência do LSD pode ser, sob circunstâncias apropriadas, uma viagem espiritual profunda e significativa", opina Yablonsky, que durante o livro relata que antes nunca tinha feito uso de nenhuma substância ilícita, sequer fumado maconha, mas que as experiências e contatos com seu objeto de estudo despertaram uma curiosidade pessoal e investigativa dele em relação a estas drogas, o que o levou a experimentá-las, descrevendo alguns dos efeitos no livro. Apesar de destacar efeitos positivos e rebater alguns mitos, o pesquisador diz que não tinha intenção de continuar fazendo uso de maconha ou ácido no restante de sua vida.

Yablonsky fez, gravou e descreveu em partes no livro algumas longas entrevistas com o que ele chama de "high priests" do movimento hippie, pessoas respeitadas dentro de comunidades ou grupos contraculturais, que adquiriram, na visão do sociólogo, algum tipo de destaque ou liderança, por suas opiniões e ou atitudes. Diversas dessas conversas passam pela temática das drogas e da sexualidade, mostrando que estas eram preocupações importantes ao menos para os "caretas" da academia que olhavam o movimento de fora. Gridley é um desses entrevistados, um dos principais guias de Yablonsky durante sua viagem, tendo inclusive se tornado seu amigo, e em vários momentos ele demonstra ter opiniões formadas e posicionadas num espectro libertário em relação ao uso de drogas, com neste caso:

> In one of our discussions, I mentioned to Gridley that the fact that although the data isn't conclusive, there have been some resserach results which suggest that LSD might cause chromosome damage. His response was philosophical: "Look, man, when you drive a car on the freeway you have a good chance of being killed. Or if you smoke tobacco, you run a good risk of cancer. My use of acid is a calculated risk. It's related to my religious and philosophical goals and no one ever told me it was an easy trip". (Yablonsky, 2000, p.254) [18]

[18] Em uma de nossas discussões, mencionei a Gridley que, embora os dados não sejam conclusivos, houve pesquisas que sugerem que o LSD pode causar danos aos cromossomos. Sua resposta foi filosófica: "Olhe, cara, quando você dirige para a rodovia, tem uma boa chance de ser morto. Ou se você fuma tabaco, corre um risco de câncer. Meu uso de ácido é um risco calculado. Está relacionado aos meus objetivos religiosos e filosóficos e ninguém me disse que era uma viagem fácil". [Tradução minha]

Outro interlocutor de Yablonsky (2000, p.255) sobre a temática é apresentado como Stan Russell, e este, assim como outros entrevistados pelo sociólogo, relativiza uma visão generalizante sobre o uso de drogas dentro do contexto contracultural. Falando mais especificamente do LSD, ele diz ao entrevistador que "just taking LSD doesen't ensure that you get any insight out of it": Russell teria conhecido usuários de ácido que eram "as nutty as they can be" e outros que com seu uso tiveram uma "experience of stepping out of the social structure". Mais adiante, o interlocutor de Yablonsky diz que o LSD é a resposta aos sonhos da sociedade, mas que há muitos interesses que buscam que esta mesma sociedade não saiba disso.

Gridley tinha 33 anos, e já alguma experiência de vida em comunidades, caminhando cada vez mais para uma visão mística da ação contracultural: para ele, o *dropout* psicodélico levaria necessariamente à experiência mística (Yablonsky, 2000, p.43). Quando em maio de 1967 Gridley foi a uma rádio contar sobre sua trajetória e seus ideais hippies, na saída encontrou policiais revistando seu carro. Encontraram uma pequena quantidade de maconha, suficiente para ele ser preso e ter que lidar com esse processo durante um bom tempo. Em uma de suas conversas com Yablonsky (2000, p.56), ele diz que em sua opinião o movimento hippie é "de longe a coisa mais única e revolucionária a acontecer na história das espécies!", e que se envolver nisso de corpo e alma o fazia se sentir cem por cento do tempo como se estivesse em uma viagem forte de LSD.

A partir principalmente de suas conversas com Gridley, Yablonsky elabora uma lista de alguns conceitos que ele diz posteriormente ter identificado como comuns a boa parte dos hippies com quem conviveu, e que ele descreve como itens do "credo psicodélico". São dez os pontos listados pelo sociólogo e logo após o primeiro, que diz que o movimento hippie é espontâneo e não algo planejado e organizado, já há um item sobre drogas, que resume portanto a forma como o autor vê e sintetiza essa conexão entre alteração de consciência e movimento contracultural nos Estados Unidos no final dos 1960: "As drogas são chave para o Deus nos homens. Drogas são sacramentos para um maior conhecimento do universo. Drogas são um veículo para uma consciência cósmica".

O terceiro item fala sobre a ausência de lideranças no movimento, e o quarto sobre a liberdade sexual. No quinto "mandamento" está estabelecido que o *establishment* e a polícia são os inimigos e no sexto vemos outra menção às drogas, quando se aponta que "as comunidades são lugares onde as pessoas podem 'fazer suas coisas', usar drogas psicodélicas, buscar sua liberdade pessoal e identidade com uma quantidade mínima de 'perturbações' e interferências". Por fim, há itens sobre (e contra) violência, pela mudança interior, sobre educação infantil e espiritualidade. Uma visão geral sobre esses "dez mandamentos" do credo psicodélico hippie, sintetizado por alguém de fora e

autodefinido como “careta”, interessa aqui para vermos como dentro dessa suposta visão de mundo há um papel de destaque, central, para o uso de drogas, sobretudo as psicodélicas.

No “credo psicodélico” sintetizado por Yablonsky vemos dois aspectos importantes do uso de drogas neste ambiente contracultural estadunidense. Por um lado o expresso no item dois, que vê o uso de drogas de exploração pessoal e enteógena[19], de contato com a experiência mística através do uso de psicodélicos e de reflexão profunda sobre o papel da humanidade no mundo e no cosmos. Por outro, vemos como a utilização de psicodélicos se conectava às vezes intimamente com a vida em comunidade neste período.

O próprio Gridley quando está falando sobre sua trajetória a Yablonsky (2000, p.47) faz essa conexão entre uso livre de drogas e vida em comunidade, ao relembrar da vida em uma que se chamava “Strawberry fields”: “Era um lugar bonito onde as pessoas podiam ir e tomar ácido em uma atmosfera de confiança e relativamente livre de paranoia sobre a comunidade.”. De acordo com Gridley, nessa comunidade se usava ácido na tentativa de enfrentar e vencer os medos repressivos que os moradores supostamente teriam: “Nós acreditávamos que as drogas psicodélicas, dadas e recebidas em uma atmosfera de confiança, capacitam o homem a conhecer sua natureza de Deus e sua unidade com a vida.”. Não havia nenhuma regra ou ritual nessa comunidade, exceto por uma: havia o acordo de que quem estivesse sob influência de drogas psicodélicas não deixasse o território da Strawberry Fields, por questão de segurança. Sobre a questão da comunidade ser uma atmosfera de confiança e sem paranoia, Gridley acredita que isso reflete diretamente na qualidade da experiência psicodélica vivida, culpando o ambiente repressivo gerado pelas políticas de drogas por boa parte das “bad trips” pelas quais os jovens de então poderiam estar passando. De quebra, coloca na conta desse sistema repressivo o próprio crescimento do uso de ácido, atribuído à “realidade”:

> I think that our community did the community-at-large a tremendous service by having a place where people could go, take acid, and could freak out without harming themselves or the community. REALITY is more and more people are going to use acid. Whether we like or not. Unethical, immoral, depraved, call it what you want, sick, whatever! REALITY is that more and more people are going to use it. Repressive laws, paranoia-producing laws are going to cause more flip-outs. Our place was a paranoia-free, a place as has ever been where there is a lot of dope[20].

---

[19] Criado por Johnatan Ott, ao lado dos filólogos Carl Ruck e Danny Staples, do estudioso de cogumelos Gordon Wasson e do etnobotânico Jeremy Bigwood, o termo “enteógeno”é neologismo derivado de uma antiga palavra grega que significa “trazer o divino para si”.

[20] Eu acho que a nossa comunidade fez um enorme serviço à comunidade em geral, tendo um lugar onde as pessoas pudessem ir, tomar ácido e fritar sem prejudicar a si mesmas ou à comunidade. A REALIDADE é que mais e mais pessoas vão usar ácido. Quer gostemos ou não. Antiético, imoral, depravado, chame como quiser, doente, o que for! A REALIDADE é que mais e mais pessoas vão usá-lo. Leis repressivas, leis produtoras de paranoia vão causar

Como aponta Miller (2002) em seu artigo sobre “The Sixties-era communes”, a variedade entre as comunidades, rurais ou urbanas, que se formaram nos Estados Unidos nos Sixties era muito grande. Havia aquelas mais enfocadas na religião (e em inúmeras matrizes), as mais produtivas, as que estavam em áreas ocupadas, as que compravam terrenos, as familiares, as de amor livre, as de amor livre apenas entre integrantes da comunidade, as vegetarianas, etc e etc. Ou seja, é impossível, ainda mais no escopo deses comentários introdutórios da temática específica desse trabalho, traçar um panorama do que era o uso de drogas dentro da vida em comunidade nos Estados Unidos dos 1960. Mas podemos observar por esses registros e depoimentos que havia, em parte deste tipo de agrupamentos, preocupação e reflexão sobre tornar livre e potencializar o uso de drogas, principalmente psicodélicas. Por outro lado, neste caso e também no de outras comunidades não necessariamente filiadas ao “credo psicodélico”, havia também regulamentações, como é o exemplo da Strawberry Fields, da qual não se podia sair chapado. Em outro momento, participando de uma roda de conversa com outros ativistas – acompanhada por Yablonsky (2000, p.85), Gridley diria que em Strawberry Fields não se podia beber e nem usar heroína ou anfetaminas. “Nós realmente queríamos não ter regras, mas um monte de malucos da Meth vieram ficar limpos e nós realmente não conseguimos lidar com eles tão bem”.

Outro ponto a se destacar nessa fala de Gridley e em outros exemplos é a diferenciação que era feita por parte de integrantes da contracultura não só entre drogas lícitas e ilícitas mas também no interior do campo das ilícitas, com uma evidente valorização do LSD e da maconha em detrimento de outras substâncias – sendo que algumas delas, como cocaína, metanfetamina e heroína, eram em geral mal vistas e até, como vimos, proibidas em determinados contextos. O próprio Yablonksy (2000, p.23) destaca essas duas substâncias, ao dizer que para os hippies o LSD estava sempre presente, como chave pessoal para consciência cósmica e unidade universal, e que a maconha era “the basic black-bread staple of the hippie world”, “uma ajuda para a chapação geral” [tradução minha]. Por outro lado, no mesmo trecho, o autor ressalta a existência de substâncias vistas como “não sacramentais”, como a heroína.

Yablonksy (2000,p.257) também entrevista o Dr. Smith, médico de uma clínica gratuita estabelecida em Haight-Ashbury para atender os frequentadores da famosa área hippie. A entrevista enfoca-se nos usos problemáticos de drogas, questão que estimulou a criação do serviço segundo Smith, que já era diretor da seção de álcool e drogas em um hospital de São Francisco. De acordo com o

---

mais surtos. Nosso lugar era livre de paranoia, um lugar como nunca existiu onde tem muita droga. [Tradução minha]

médico, a clínica foi criada a partir da percepção dele de que o ambiente em Haight-Ashbury não era propício para lidar a contento, sem paranoia, com situações de "bad trips" e outros problemas possivelmente decorrentes do uso de drogas. Smith relata que era crescente o uso de metanfetaminas na região, substâncias que para ele não se coadunava com os ideais hippies por não ser uma droga social. Já a maconha seria "o álcool da cultura hippie", na opinião do médico, que também destaca o LSD como uma droga filosófica e religiosa, usada para recondicionar a mente e gerar visões de como a vida deveria ser.

***

LSD, a pedra filosofal

> LSD: como é possível – agora essas letronas cheias cacarejam à vontade em qualquer banca de jornal... Mal aquilo era em 1959, início de 1960, dois longos anos antes de Mamãe&Papai&Irmão&Irmã ouvir falar das letras aterrorizantes e ter um ataque porque os doutores Timothy Leary e Richard Alpert estavam fritando o cérebro dos rapazes de Harvard como se fosse batata. Foi antes mesmo do doutor Humphry Osmond ter criado o termo "psichodelic", depois corrigido para "psichedelic", a fim de se desvencilhar da conotação de hospício que tinha "psicho"... LSD! Era um bonito segredinho para se guardar, um tremendo supersegredo, de fato – o triunfo dos cobaias porquinhos-da-índia! (Wolfe, 1993, p.51)

Diversas citações e análises anteriores já indicaram o papel de destaque do consumo de LSD dentro da contracultura dos Sixties estadunidenses e mesmo do resto do mundo, como veremos especificamente no caso brasileiro. O poeta Antonio Risério (2005, p.26) chegou a qualificar a substância de "pedra filosofal" da contracultura, para o dramaturgo Antonio Bivar (2014, p.182) "o LSD ajudou a difundir o espírito comunitário e a contracultura": interessante analisar um pouco melhor como essas letrinhas cacarejaram até esse patamar tão pouco tempo depois de serem apenas um "supersegredo", como descreveu Tom Wolfe em seu *O teste do ácido do refresco elétrico*.

O químico suíço Albert Hofmann sintetizou pela primeira vez o LSD – sigla em alemão para Liserg Säure Diethylamid, dietilamida do ácido lisérgico, em 1938, enquanto pesquisava os compostos químicos e farmacológicos do fungo esporão do centeio, nos laboratórios da empresa Sandoz, em Basel, Suíça. Fontana (1969, p.28) explica um pouco sobre esse fungo em seu livro *Psicoterapia com LSD e outros alucinógenos*:

> No centeio enfermo aparece uma substância escura e violácea, é o fungo claviceps purpúrea, comumente chamado espigão ou cravagem do centeio. Na Idade Média, para fazer farinha se empregava o centeio com a cravagem. Uma estranha enfermidade podiam ter as pessoas que só comiam pão feito com esta farinha. O fogo de Santo Antônio ou ergotismo foi temido na Europa e no ano de 994 na França causou a morte de mais de quarenta mil pessoas. Nuns casos se produziram retrações nos capilares das extremidades que chegavam a ocasionar gangrena seca: noutros casos o sintoma predominante era o delírio tóxico. As epidemias desapareceram quando começou a controlar-se a quantidade de cravagem que o pão continha.

De acordo com Fontana (1969, p.28), Jacobs e Craig já haviam identificado o ácido lisérgico como o núcleo específico dos alcalóides da cravagem em 1934.Segundo Lee e Shlain (1992), Hofmann estava buscando estimulantes do sistema nervoso central, e essa era a vigésima quinta derivação de compostos daquele fungo, por isso foi intitulada LSD-25 – e logo deixada de lado tendo vista os objetivos de então. Por cinco anos a substância permaneceu intocada, até Hofmann decidiu investigá-la novamente, em 16 de abril de 1943, e acidentalmente ingeriu um pouco dela, possivelmente através dos dedos, tendo reações físicas importantes dada a quantidade tão pequena ingerida. Três dias depois, no dia 19 de abril, Hofmann decidiu fazer um experimento em si mesmo e tomar uma quantidade maior, mas ainda considerada por ele muito pequena, e foi neste dia que ocorreu um dos mais famosos passeios de bicicleta de que se tem notícia: acompanhado de seu assistente, o químico teve uma intensa viagem enquanto pedalava no caminho do laboratório para sua casa.

O próprio Hofmann (1980, p.12) descreve estes momentos da descoberta dos sintomas do LSD-25 em seu livro *LSD: my problem child.* Sobre o primeiro dia, 16 de abril de 1943, ele rememora ter sentido “sensações inusuais” que o impediram de prosseguir trabalhando, e transcreve anotações de um relatório enviado a seus superiores:

> Last Friday, April 16,1943, I was forced to interrupt my work in the laboratory in the middle of the afternoon and proceed home, being affected by a remarkable restlessness, combined with a slight dizziness. At home I lay down and sank into a not unpleasant intoxicated-like condition, characterized by an extremely stimulated imagination. In a dreamlike state, with eyes closed (I found the daylight to be unpleasantly glaring), I perceived an uninterrupted stream of fantastic pictures, extraordinary shapes with intense, kaleidoscopic play of colors. After some two hours this condition faded away.[21]

[21] Sexta-feira passada, 16 de abril de 1943, fui forçado a interromper meu trabalho no laboratório no meio da tarde e ir para casa, sendo afetado por uma inquietação notável, combinada com uma leve tontura. Em casa, me deitei e mergulhei em uma condição desagradável, intoxicada, caracterizada por uma imaginação extremamente estimulada. Em um estado de sonho, com os olhos fechados (achei a luz do dia desagradável), percebi um fluxo ininterrupto de

Hofmann (1980, p.13) apresenta também anotações do segundo experimento, realizado três dias depois – neste caso foram feitas em seu diário de laboratório e, segundo o pesquisador, escritas com grande esforço. É no mínimo curioso o horário inicial delas, 16h20, horário contemporaneamente relacionado com a cultura canábica, sobretudo na Internet.

> 4/19/43 16:20: 0.5 cc of 1/2 promil aqueous solution of diethylamide tartrate orally = 0.25 mg tartrate. Taken diluted with about 10 cc water. Tasteless.
> 17:00: Beginning dizziness, feeling of anxiety, visual distortions, symptoms of paralysis, desire to laugh. Supplement of 4/21: Home by bicycle. From 18:00- ca.20:00 most severe crisis.

Nem todos heróis usam capa, e o nosso aqui em questão diz ter se dado conta neste momento de que os efeitos sentidos no outro dia de experimentos estavam diretamente relacionados ao LSD. Sentia dificuldade de se expressar, e pediu a seu assistente que o acompanhasse para casa. “Fomos de bicicleta, nenhum automóvel disponível devido a restrições do tempo de guerra. No caminho de casa, minha condição começou a assumir formas ameaçadoras”:

> Everything in my field of vision wavered and was distorted as if seen in a curved mirror. I also had the sensation of being unable to move from the spot. Nevertheless, my assistant later told me that we had traveled very rapidly. Finally, we arrived at home safe and sound, and I was just barely capable of asking my companion to summon our family doctor and request milk from the neighbors[22].

“And so it was that Dr. Albert Hofmann made his fateful discovery. Right from the start he sensed that LSD could be an important tool for studying how the mind works, and he was pleased when the scientific community began to use the drug for this purpose”, descrevem Lee e Shlain (1992): “a psicobiologia recebeu um tremendo impulso”, celebra Fontana (1969, p.29), para quem “jamais uma droga psíquica havia se revelado tão potente. Em doses da ordem dos microgramas seus efeitos se manifestam com rapidez e são tão variados como diversa é a mente humana e diversas as situações que deve vivenciar”, prossegue.

Essa trajetória química já havia de alguma forma começado no final do século XIX, quando Heffer

---

imagens fantásticas, formas extraordinárias com intenso jogo caleidoscópico de cores. Após cerca de duas horas, esta condição desapareceu. [Tradução minha]

[22] Tudo no meu campo de visão oscilou e foi distorcido como se fosse visto em um espelho curvo. Eu também tive a sensação de ser incapaz de me mover do local. No entanto, meu assistente depois me disse que havíamos viajado muito rapidamente. Finalmente, chegamos em casa sãos e salvos, e eu mal conseguia pedir ao meu companheiro para chamar nosso médico de família e pedir leite aos vizinhos. [Tradução minha]

em 1896 isolou o alcaloide do cacto alucinógeno peiote, com tradições de uso indígenas milenares, a mescalina. Em 1919 a mescalina foi sintetizada quimicamente, e o "caráter insólito dos fenômenos psíquicos produzidos pelo alcaloide, a inocuidade de sua ingestão e a ausência de hábito, atraíram a atenção dos investigadores e psiquiatras", segundo Fontana (1969, p.24). A partir de dois trabalhos acadêmicos publicados em francês sobre peiote e mescalina, ano de 1927, "a droga é objeto de numerosas discussões e multiplicam-se as auto-experiências" - o primeiro ensaio terapêutico viria em 1936, com uma tese sobre o emprego de mescalina em pessoas ansiosas. Estudos experimentais são publicados em meados dos anos 1950. Segundo Fontana, inclusive Sigmund Freud havia se interessado pelas possíveis propriedades terapêuticas da mescalina. Estimulado pelo debate, Aldous Huxley decide experimentá-la e a partir da publicação de seus dois ensaios sobre o assunto, "Portas da percepção" e "Céu e inferno", a substância ganha ainda mais fama.

Segundo Carneiro (2005), o estudo dos alucinógenos (ou "psicodislépticos") começou a desenvolver-se no período de arrancada da farmacoquímica na Alemanha, nos anos 1930. "A história da consciência alcançou na era dos psicofármacos psicodélicos de síntese inaugurada com as pesquisas sobre a mescalina, sobretudo as de Heinrich Klüver, uma abordagem experimental dos universos mentais". A experimentação permitia um domínio empírico sobre o quadro de alterações de consciência que as outras formas de verificação científica supostamente não poderiam aferir. "Além dos depoimentos, dos testemunhos, da observação clínica ou psicológica dos sujeitos experimentadores, cabia ao pesquisador o conhecimento direto e insubstituível da vivência pessoal da experiência", destaca Carneiro, que lembra também na década de 1930 alguns intelectuais se interessaram pelos psicodélicos. Jean-Paul Sartre teria escrito *Náusea* sob efeito de mescalina, e Henri Michaux escreveu *O conhecimento pelos abismos*, *Infinito turbulento* e *O miserável milagre.*

Aldous Huxley experimentou mescalina pela primeira vez sob a supervisão do então jovem psiquiatra britânico Humphry Osmond, que pesquisava LSD e mescalina em um hospital no Canadá – ambos posteriormente seriam os responsáveis pela invenção do termo "psicodélico", criado para substituir alucinógeno, considerado pejorativo e impreciso. Osmond por sua vez havia sido contatado pelo Capitão Alfred M. Hubbard, um dos pioneiros da difusão do LSD nos Estados Unidos, e que havia sido apresentado ao ácido lisérgico por um médico em 1951: a partir de então Hubbard se tornaria um "apóstolo" da substância, obtendo influência por conta de sua posição de homem de negócios com bons contatos entre as elites e o governo.

Hubbard tem uma trajetória nebulosa, segundo Lee e Shlain. De família pobre proveniente do

Kentucky, trabalhou para a CIA durante a Segunda Guerra e acumulou fortuna e contatos ao entrar para o mercado de urânio(!). Depois de sua conversão ao LSD, passou a acreditar no potencial terapêutico da substância e a organizar testagens nas quais ele mesmo administrava a substância em pacientes de alcoolismo, por exemplo. Questionado por autoridades médicas sobre esse exercício ilegal da profissão, Hubbard teria então comprado um diploma de médico em Kentucky e seguido suas atividades. Incansável, o Capitão teria apresentado ácido a milhares de pessoas, incluindo supostamente políticos de altos cargos e empresários respeitados.

Uma das pessoas que Hubbard "ligou" foi Oscar Janiger, um psiquiatra de Los Angeles, que fazia parte de um pequeno círculo de intelectuais e artistas, que passou então a usar LSD com frequência. Entre os integrantes desse círculo estavam Aldous Huxley e Allan Watts, além do médico e pesquisador Sidney Cohen. "Este grupo informal foi o primeiro a usar o LSD socialmente em vez de clinicamente", afirmam Lee e Shlain (1992, p.51) [tradução minha].

Já Werner Stoll, filho de Arthur Stoll, presidente da Sandoz, foi a primeira pessoa a estudar as propriedades psicológicas do LSD. Ele publicou os primeiros resultados em uma revista suíça de neurologia, sem grandes repercussões, em 1947. Dois anos depois publicou um novo artigo na mesma revista, continuando a discussão. Fontana (1969, p.29) identifica os primeiros estudos de observação de LSD na Dinamarca e em Viena, em 1949, e depois nos Estados Unidos em 1950. A partir de 1955 o número de trabalhos teria crescido de forma "notável", segundo o autor. Em 1958 Albert Hofmann isolaria, purificaria e cristalizaria a psilocibina e a psilocina, princípios ativos de cogumelos usados ritualmente por indígenas desde tempos imemoriais.

O primeiro a levar LSD para os Estados Unidos teria sido (Lee e Shlain, 1992, p.20) o psiquiatra Max Rinkel, que em 1949 conseguiu doses da substância doadas pela Sandoz, posteriormente repassando a seu colega Robert Hyde, que teria sido a primeira pessoa a tomar ácido no hemisfério ocidental segundo Lee e Shlain. Eles testaram o LSD em cerca de cem voluntários e reportaram os resultados iniciais em maio de 1950, durante o encontro anual da Associação Americana de Psiquiatria. Farber (2002, p.21) lembra que o pós-guerra foi um momento de "boom" da psiquiatria nos Estados Unidos: em 1940 havia apenas três mil praticantes dessa profissão no país, já em 1956 eram mais de quinze mil no mercado. Um grande número de novos remédios estava sendo testado no momento, em busca de se produzir cidadãos mais sadios e produtivos – os experimentos com LSD também faziam parte deste processo.

Após sua introdução nos Estados Unidos, no último ano da década de 1940, o LSD foi bem

recebido pela comunidade científica, de acordo com Lee e Shlain (1992, p.). No final dos anos 1950 mais de mil artigos científicos haviam sido produzidos, e o número de pacientes envolvidos se aproximava dos 40 mil. Os primeiros resultados pareciam animadores para uma série de possibilidades de uso medicinal, e o médico Sidney Cohen distribuiu cerca de vinte e cinco mil formulários entre colegas que utilizavam a substância terapeuticamente, não constatando nenhum caso de adição ou morte a partir de efeitos tóxicos. “No início dos anos 60, parece que o LSD estava destinado a encontrar um nicho na prateleira dos farmacologistas.” [Tradução minha]

Além dos acadêmicos, que faziam suas primeiras análises sobre as possibilidades terapêuticas e as propriedades químicas desta nova substância, havia outra grande interessada no que esse LSD poderia proporcionar: a CIA. Se na virada da década de 1950 começaram a ser feitos os primeiros estudos, um documento de outubro de 1951 (Lee e Shlain, 1992, p.13) já menciona a droga como possivelmente útil para “controle da mente”: “O ácido inicialmente foi testado como parte de um estudo piloto dos efeitos de vários produtos químicos na supressão consciente de segredos experimentais ou não relacionados a ameaças.'”, relatam Lee e Shlain. O documento dizia respeito a uma pesquisa que não se limitava ao ácido lisérgico, incluindo também morfina, éter, benzedrina, álcool etílico e mescalina. “Não há dúvida de que as drogas que já estão à mão (e novas estão sendo produzidas) podem destruir a integridade e tornar indiscreto o indivíduo mais confiável”, dizia o texto do relatório, evidenciando qual era o primeiro objetivo do serviço secreto estadunidense ao pesquisar a substância: desenvolver técnicas de controle ou destruição da psique de adversários, além de técnicas de interrogatório.

Na verdade, segundo os muitos dados apresentados por Lee e Shlain (1992, p.25), é difícil dizer que esses dois campos, pesquisas e inteligência militar, estivessem separados nos Estados Unidos, uma vez que a CIA desde o início dos anos 1950 passou a monitorar as pesquisas feitas com LSD no país e internacionalmente, abordando diversos cientistas e pesquisadores para colaborarem com a Agência. “Em meados dos anos 1950, numerosos investigadores independentes haviam lançado estudos sobre drogas alucinógenas, e a CIA estava determinada a não permitir que o menor detalhe escapasse de sua compreensão.”. Em um comunicado de 26 de maio de 1954, por exemplo, a CIA recomenda que todos seus escritórios locais monitorem cientistas engajados em pesquisas com LSD.

A CIA também lidava diretamente com a empresa suíça Sandoz, que após a descoberta da substância passou a fornecê-la gratuitamente a qualquer interessado em pesquisá-la, com a condição de posteriormente ter acesso aos dados (Lee e Shlain, 1992, p.26) – a inteligência estadunidense não

cumpria com esse requisito, por motivos óbvios. Por um cruto espaço de tempo a multinacional suíça comercializou LSD com o nome fantasia de Delysid. A partir de 1953 a Sandoz passou a lidar diretamente com a US Food and Drug Administration (FDA), órgão do governo federal responsável por regulamentar alimentos e drogas, e com isso o acesso do governo à substância ficou ainda mais fácil.

Um documento de 16 de novembro de 1953 indicaria a compra de 10 quilos (!) de LSD por 240 mil dólares – segundo Lee e Shlain, a CIA posteriormente descobriria que a Sandoz não tinha jamais produzido nada sequer próximo dessa quantidade, e que aparentemente a encomenda deveria ter sido de dez miligramas. Mesmo assim a Agência não queria depender de colaboração estrangeira para adquirir a substância – o que demonstra o tamanho do interesse e da esperança que eles tinham por essas pesquisas – e convocou a empresa Eli Lilly Company, de Indianópolis, para sintetizar um "all american acid". Em meados de 1954 a Lilly obteve sucesso em quebrar a fórmula da Sandoz, mas o livro de Lee e Shlain não detalha se essa produção foi posteriormente levada à adiante.

Também em 1953 a CIA lançaria seu principal programa de investigação de alteradores de consciência para fins militares, o MK-ULTRA[23], um programa supersecreto levado a cabo por uma unidade relativamente pequena. Todos os agentes envolvidos testaram LSD em si mesmos, e havia testes surpresa em outros agentes, inclusive de outros núcleos da Agência. Os interesses da pesquisa eram as possíveis utilizações do ácido lisérgico para fins de espionagem, interrogatório e também como arma química. Uma série de pesquisas sem nenhum tipo de ética médica foi levada a cabo, com cobaias que não sabiam o que estavam experimentando sendo submetidas a condições desumanas. Lee e Shlain (1992, p.25) citam por exemplo um experimento conduzido em 1959, no qual um médico submeteu pacientes de uma instituição de saúde mental, quase todos negros, a setenta e cinco dias consecutivos de testes com LSD – para testar a tolerância o médico chegava a aumentar três ou quatro vezes a dosagem para as cobaias humanas.

E não era só a CIA que estava pesquisando usos militares para o LSD, o Exército dos Estados Unidos também estava engajado nesta questão, seja financiando estudos em universidades seja conduzindo suas próprias investigações, como relatam Lee e Shlain (1992, p.38). Uma série de testes foi realizada nos anos 1950 em Fort Bragg, na Carolina do Norte, com o objetivo inicial de determinar o quão bem soldados podiam desempenhar suas funções sob efeito de LSD. Além disso,

[23] No final de 2017, a produtora e distribuidora de audiovisual Netflix lançou a série *Wormwood*, que tem seis episódios de cerca de 50 minutos e mistura ficção e documentário para narrar a história da morte, em 1953, de um cientista e agente da CIA envolvido exatamente com o projeto MKULTRA.

outros experimentos foram conduzidos no Alabama, em Maryland, na Geórgia, em Kansas, em Utah e também em bases na Europa e no Pacífico. Nos anos 1960, o Exército começou a testar também o LSD para fins de interrogatório, assim como a CIA fizera por anos. De acordo com Lee e Shlain, em meados dos Sixties cerca de mil e quinhentos soldados estadunidenses haviam servido de cobaia para testes com ácido lisérgico. Tanto Exército quanto CIA teriam perdido interesse no LSD a partir da década de 1960, quando drogas mais potentes começaram a ser descobertas e testadas, com resultados menos imprevisíveis. “Embora o LSD nunca tenha encontrado um lugar no arsenal do exército, a droga, sem dúvida, deixou sua marca na mente militar”, concluem os autores de *Acid Dreams* [tradução minha].

Toda essa movimentação subterrânea não foi suficiente para que o LSD ganhasse fama junto ao público, o que só ocorreu nos anos 1960, em boa parte graças à grande atenção midiática dispensada a duas figuras icônicas do período: Ken Kesey e Timothy Leary, cujas trajetórias comentaremos na sequência. Sintetizando suas reflexões sobre o ácido lisérgico, Yablonsky (2000, p.279) aponta que, para ele, uma coisa é certa: “quase todo mundo que eu falei na cena hippie, com a exceção de talvez algumas pessoas, tinha tomado um pouco de LSD”. Segundo o pesquisador, pelo menos metade das pessoas com que ele conversou, que tem entre quinze e trinta anos, tiveram algo entre quatro e vinte experiências com a substância. A outra metade teve de vinte a duzentas viagens. Continua Yablonsky:

> I dont't know how they were before their LSD experience, but at the moment they seem very intelligent and rather well read. They talked about being tuned-in to infinit and a universal mind. They smillingly tell you that when they meet another “head” they can see it in the look of the eyes. Their religious orientation is oriental, and they talk about reincarnation. Their high priests say they are not mad at the Great Society. They're striving toward the formation of small primary group communities where peolpe can take LSD and smoke pot without any penalties. They want to be left alone, as they say, “do their thing”in freedom, in a tribal situation.[24]

Em sua tese sobre o início da psicodelia em Nova York, na virada dos anos 1950 para os 1960, Elcock (2015, p.61) diz que, ao entrar na cena das drogas estadunidense, o LSD rapidamente virou a substância preferida do que ele chama de subcultura psicodélica. O ácido não ter contra indicações

[24] Eu não sei como eles estavam antes de sua experiência com LSD, mas no momento eles parecem muito inteligentes e bastante bem lidos. Eles conversaram sobre estar sintonizados com a mente infinita e universal. Eles te dizem que, quando eles encontram outro "cabeça", eles podem vê-la no olhar dos olhos. Sua orientação religiosa é oriental, e eles falam sobre reencarnação. Seus sumos sacerdotes dizem que não estão zangados com a Grande Sociedade. Eles estão se esforçando para a formação de pequenas comunidades de grupos primários, onde podem tomar LSD e fumar maconha sem nenhuma penalidade. Eles querem ficar sozinhos, como eles dizem, "fazer as coisas deles" em liberdade, numa situação tribal. [Tradução minha]

ou efeitos colaterais relevantes, não ter gosto nem odor e ser fácil de esconder, e transportar, são alguns dos aspectos ressaltados pelo autor para explicar o sucesso da substância, que passou a se espalhar, sobretudo através do "boca a boca", entre os integrantes do nascente movimento contracultural.

Elcock (2015, p. 91) faz questão de observar, no entanto, que esse perfil de usuário ligado ao movimento contracultural não pode ser generalizado para todos os usuários de ácido lisérgico no período. Pelo contrário, ele afirma que na verdade não há como estimar um usuário médio da substância, ao menos no que diz respeito ao uso entre nova-iorquinos: "Embora a comunidade psicodélica fosse predominantemente composta de brancos educados de classe média, não havia um usuário médio de LSD. A droga foi consumida por uma ampla gama de nova-iorquinos, independentemente de raça, classe, sexo e idade". Por mais que o uso tenha ficado associado aos hippies e integrantes da contracultura, em boa medida por conta da difusão midiática e das campanhas antidrogas, o autor ressalta que ele não estava restrito apenas a esse tipo de pessoas:

> Yet, one-time or occasional users did not always adopt these codes and did not see themselves as being part of a broad psychedelic community. If LSD consumption was mostly associated with youth, fringe populations, or counter-cultural tendencies, the drug was also present amongst "straight" New Yorkers, who were intrigued or seduced by the drug, but considered to be outside the psychedelic subculture. LSD may have been associated with deviance and dissidence, but it was not enough to discourage people from trying it. Looking at this (out-) side of the subculture is a way of avoiding an important dichotomy opposing mainstream and subculture. Sarah Thornton has criticized the use of the concept of "mainstream" in cultural studies for being "abstract and ahistorical" and for further developing the dichotomies established by subcultures that pit themselves against the mainstream. (Elcock, 2015, p. 76)[25]

Uma trajetória apresentada por Elcock (2015, p.64) para exemplificar esse aspecto é a do magnata da mídia Henry Luce (1898-1967), criador das revistas *Time*, *Life* e *Fortune* e do *Sports Illustraded*, figura de grande influência política e econômica nos Estados Unidos dos anos 1950 e 1960 e que atuou com afinco na difusão do LSD. O fato de ser conservador, protestante, defensor do livre mercado e um "patriota de coração", que foi contrário aos movimentos pacifistas, não impediu que

[25] No entanto, usuários iniciantes ou ocasionais nem sempre adotaram esses códigos e não se consideraram parte de uma ampla comunidade psicodélica. Se o consumo de LSD estava associado principalmente a jovens, populações periféricas ou tendências contraculturais, a droga também estava presente entre os nova-iorquinos "caretas", que eram intrigados ou seduzidos pela droga mas considerados fora da subcultura psicodélica. O LSD pode ter sido associado a marginalidade e dissidências, mas não foi suficiente para desencorajar as pessoas a experimentarem. Olhar para este lado (de fora) da subcultura é uma maneira de evitar uma dicotomia importante que opõe a mainstream e subcultura. Sarah Thornton criticou o uso do conceito de "mainstream" nos estudos culturais por ser "abstrato e a-histórico" e por desenvolver ainda mais as dicotomias estabelecidas por subculturas que se colocam contra o mainstream. [Tradução minha]

Luce utilizasse as páginas muito lidas de suas revistas para divulgar a substância, mesmo a partir da segunda metade da década de 1960, quando consumo e venda do ácido lisérgico passaram a ser alvo de ataques mais duros por parte da mídia e dos políticos. A escalada dessas pressões levaria a que a Sandoz parasse de produzir LSD e difundi-lo entre os médicos a partir de 1965[26].

***

Kesey e Leary

Nascido em 1935, no Colorado, Ken Kesey graduou-se na Universidade de Orgeon em 1957 e foi selecionado para um "fellowship" sobre escrita criativa na Universidade de Stanford, na Califórnia. Ainda não havia publicado nenhum livro, mas já era considerado uma promessa literária nos meios boêmios e intelectuais que passou a frequentar. Nestes círculos, de acordo com Wolfe (1993, p.47), conheceu um jovem recém-formado em Psicologia chamado Vic Lovell, que "apresentou Kesey à psicologia freudiana" e também lhe falou "um pouquinho de um gás experimental":

> Sim. Lovell lhe contou a respeito de certas experiências realizadas no Hospital dos Veteranos em Menlo Park, utilizado drogas "psicomiméticas", drogas que produziam um estado de psicose temporário. Pagavam 75 dólares ao dia aos voluntários. Kesey foi voluntário. O ambiente era muito bem caiado e muito clínico. Punham-no numa cama, em um quarto branco, e lhe davam uma série de cápsulas sem relevar o que continham. Uma não teria nada, só placebo. Uma era Ditran, que sempre produzia uma sensação terrível. Era fácil para Kesey reconhecer que havia ingerido essa, pois os pelos do cobertor sobre ele de repente se tornavam uma massa de espinhos horrivelmente infectados e ele enfiava o dedo na garganta e vomitava. Mas uma delas – a primeira coisa que viu foi um esquilo lá fora deixando cair uma noz da árvore, mas fazia um barulho enorme e parecia que não era lá fora, mas sim ali dentro do quarto, bem pertinho dele, e nem era na verdade um barulho, mas uma vasta presença irradiante, visual, quase tátil, um poderoso impacto de... *azul*... impregnando tudo a seu redor e de repente ele era o reino de uma consciência com a qual nunca antes sonhara e não era sonho nem delírio, mas parte de sua percepção.

"Sim, aquela pequena cápsula deslizando docemente pela sua goela era LSD", desenha na sequência Wolfe para os leitores mais lentos que ainda não haviam entendido. Seguindo seus instintos de explorador da consciência, Kesey chegou ao LSD pelas mãos da CIA: e adorou. "Em

[26] "O Laboratório Sandoz abandonou o compromisso das investigações sobre o ácido lisérgico e psilocibina. Este é quiçá um cruel paradoxo pois enquanto os mercados ilícitos não encontram maiores inconvenientes para sua prosperidade, os verdadeiros cientistas acham comprometido o fornecimento da droga e por isto limitado o progresso de suas investigações", lamentou o médico argentino Alberto Fontana (1969, p.33) em livro publicado no Brasil em 1969.

pouco tempo, ele e Lovell haviam experimentado toda a bateria de drogas, LSD, psilocibina, mescalina, peiote, IT-290 a superanfetamina, Ditran a bomba, sementes de ipoméia". Para Wolfe, mais do que estarem sendo usados pelos médicos de Menlo Park, eles é que estavam usando os médicos para seus fins alucinógenos: "talvez uma dúzia de pessoas no mundo todo tinham conhecimento deste incrível segredo!". E não foi só Kesey que o governo dos Estados Unidos "turned on": também o poeta Allen Ginsberg, então já um veterano psiconauta, experimentou LSD pela primeira vez em testes governamentais, no Mental Research Institute, em Palo Alto, na Califórnia, em 1959 (Lee e Shlain, 1992, p.59)[27].

Depois dos testes, que ele passou a fazer substituindo os médicos por amigos, Ken Kesey se voluntariou para trabalhar na ala enfermaria de saúde mental desse mesmo hospital onde havia se voluntariado para tomar ácido. Pelo visto as propostas do escritor por alguma razão tinham alta credibilidade por lá, e ele passou a trabalhar na instituição, de onde tirou boa parte das ideias para seu primeiro romance, *One Flew Over the Cuckoo's Nest*, escrito em 1960 e publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1962, lançado em português com o título de *Um estranho no ninho* e popularizado ainda mais pelo filme de mesmo nome, de 1975, que rendeu um Oscar de Melhor Ator a Jack Nicholson[28] – por coincidência ou não, outro conhecido adepto do LSD.

O livro *Um estranho no ninho*, que rendeu fama, prestígio e dinheiro a Kesey, mudando sua vida a partir de então, tem uma dívida não só com o LSD mas com outra substância psicoativa e psicodélica, a mescalina que dá força visionária ao cacto peiote. Segundo Wolfe (1993, p.56), muitas vezes Kesey ia trabalhar "com a cabeça cheia de ácido" e com isso podia ver "dentro da cara" dos pacientes. O livro seria narrado a partir do ponto de vista de um trabalhador braçal chamado Randle McMurphy, que resolve fingir insanidade para fugir de um curto tempo de prisão, e acaba sendo mandado a um hospício, onde tenta se rebelar mas aos poucos acaba sendo engolido pela instituição, e lobotomizado. "Mas essa crucificação inspira um paciente índio, um esquizóide chamado Broom, a se rebelar e fugir do hospital e se curar: em outras palavras, correr sem parar até estar a salvo". A inspiração para a criação do personagem do indígena, que trouxe novas possibilidades à narrativa retirando parte da centralidade de McMurphy, veio de viagens com mescalina e LSD, como relata Wolfe (1993, p.57) neste trecho:

---

[27] Uma curiosidade trazida por Lee e Shlain (1992, p.58) é que Ginsberg chegou a esta instituição por intermédio de Gregor Bateson, antropólogo que trabalhava para o governo no Research and Analysis Branch, sediado dentro do Office of Strategic Services (OSS), da CIA, e era marido e parceiro de trabalho de Margaret Mead. Bateson por sua vez foi apresentado ao LSD pela primeira vez pelo Dr. Harold Abramson, um dos principais especialistas da CIA em LSD.

[28] Jack Nicholson é roteirista do filme *The trip*, de 1967, que trata das transformações na vida de um publicitário depois que ele conhece o LSD. O ator estrelou também o filme *Psych-out*, de 1968, que trata da cena hippie de Haight-Ashbury, e o icônico *Easy Riders*, de 1969.

> Cacique Broom. O próprio. Do ponto de vista da arte ficcional, Cacique Broom foi sua maior inspiração. Se tivesse contado a história pelos olhos de McMurphy, teria que acabar com o grande brigão proferindo um monte de homilias a respeito de sua teoria do tratamento das doenças mentais. Em lugar disso, narrou a história do ponto de vista do índio. Deste modo, ele pode apresentar um estado esquizofrênico da maneira que o próprio esquizofrênico, Cacique Broom, sentia e ao mesmo tempo relatar o Método McMurphy com mais sutileza. (…) Ele escreveu muitas passagens do livro sob o efeito de peiote e LSD. Chegou mesmo a fazer com que alguém o submetesse ao tratamento de choque semiclandestinamente, de forma que pudesse escrever um episódio em que Cacique Broom retorna da "Sala de Choque". Comendo os brotos de Laredo – ele escrevia feito um louco sob o efeito de drogas. Depois que terminava o efeito, via que boa parte daquilo era lixo. Mas alguns trechos – como os do Cacique Broom em seus delírios esquizofrênicos – provaram ser verdadeiras *visões*, um pouco do que a gente podia ver se abrisse as portas da percepção, cara...

Wolfe (1993, p.59) relata que, com seu sucesso literário e o prosseguimento constante de suas experimentações psicodélicas, Ken Kesey passou a gerar "uma sensação underground na Vanguarda da Califórnia", com "todo tipo de gente" circulando a seu redor. Em 1964 ele se muda para uma casa grande, com um terreno também amplo, no pequeno povoado de La Honda, na costa pacífica da Califórnia. O local logo se torna um polo aglutinador de hippies e freaks, tendo o LSD como importante elemento nessa sociabilização psicodélica – Wolfe (1993, p.67) narra assim um dos monólogos mais ou menos habituais de Kesey:

> Mas na verdade, assim como tudo o mais, isso nasce da...*experiência*, com LSD. Todo o *outro mundo* para o qual o LSD abria nossa cabeça existia apenas no próprio momento – *Agora* – e qual quer tentativa de planejar, compor, orquestrar, escrever um roteiro, só servia para trancar a gente do lado de fora do momento, confinados no mundo do condicionamento e adestramento no qual o cérebro era apenas uma válvula de escape...

Wolfe cita também uma série de outras substâncias que seriam de uso costumeiro: maconha, metanfetamina, benzedrina, peiote. Tudo isso já cercados da aparelhagem de som e luz que posteriormente marcaria os Acid Tests, como veremos. Em meados de 1964 já estava consolidado ao redor de Kesey um grupo de jovens que se autodenominavam Marry Pranksters - "Festivos Gozosos" na pouco inspirada, e caretíssima, tradução para português. Em julho eles decidem partir em viagem pelo país em um ônibus escolar reformado à moda mais hippie possível. O que se seguiu aparentemente foi um misto de intervenções artísticas multimídias itinerárias misturadas a espetáculos cotidianos de exploração (e propaganda) dos prazeres das drogas e do sexo.

De acordo com a narrativa de Wolfe (1993, p.244) Kesey passou a estar cada vez mais imbuído do mesmo sentimento que, como veremos, era tão presente na persona pública de Timothy Leary: uma necessidade quase compulsiva de divulgar ao mundo as maravilhas da psicodelia e, particularmente, do LSD. Em meados de 1965 Kesey teria tido "a visão de ligar o mundo, literalmente, junto com um modo estranhamente prático de realizar isso", que seriam os Acid Tests, os testes do ácido. Ao propor estes eventos, o escritor estaria tentando dar consequência à sua "intensa necessidade de difundir a mensagem para toda a humanidade" através de um "ritual, em geral envolvendo música, dança, liturgia, sacrifícios, com a finalidade de alcançar um modo de expressão estereotipado e objetivado, da experiência religiosa espontânea original":

> E de repente Kesey compreende que eles, os Festivos, já possuem a perícia técnica e o equipamento necessário para criar um estado de exaltação mental como o mundo jamais viu, alvoroço total, ligação total, amplificando e...controlando – além do instrumento mais eficiente jamais sonhado para abrir as portas do mundo: qual seja, o LSD do Owsley.

Augustus Owsley Stanley III, naquele momento com cerca de trinta anos, era neto de um senador pelo estado de Kentucky, e depois de abandonar a Universidade de Berkeley fundou uma "fábrica de ácido", tornando-se posteriormente reconhecido pela qualidade de sua substância, que lhe teria gerado "fama internacional" segundo Wolfe (1993, p.225)[29]. Com o tempo chegou a produzir na escala das milhões de doses e virou um dos principais, senão o principal, fabricante de ácido do mundo. Apresentado aos Pranksters e a Kesey, acabou ajudando a financiar e a empresariar a banda *The Greatful Dead*, formada por músicos que circulavam nessa mesma cena e tocavam nos Acid Tests.

Tendo começado com poucas pessoas em eventos mal divulgados – na primeira edição apenas com alguns cartazes dizendo "Você é capaz de passar no teste do ácido?" -, os testes foram crescendo e se multiplicando por várias cidades da Califórnia. Misturando música experimental, projeções de vídeo, intervenções teatrais e LSD, estes eventos "constituíam um desses ultrajes, um desses *escândalos*, que criam um novo estilo ou uma nova visão de mundo", aponta Wolfe (1993, p.265), que prossegue afirmando que este foi o momento em que a cultura do ácido e da psicodelia apareceram para o grande público, deixaram o underground digamos:

> Os Testes do Ácido constituíram a época de ouro do estilo psicodélico e de praticamente tudo que fazia parte dele. Não estou apenas afirmando que os Festivos foram os primeiros, e sim que

[29] Dirigido por William A. Kirkley e lançado em 2016, o documentário *Orange Sunshine* conta parte da história de Owsley e de outras pessoas envolvidas com os primeiros produtores de LSD nos Estados Unidos.

> efetivamente tudo teve início a partir dos Testes do Ácido, numa linha direta de evolução até o Festival de Viagens de Janeiro de 1966. Isso trouxe a público, sem subterfúgios, o que estava se passando. Entretenimento "multimídia" - também desenvolveu-se a partir do Testes do Ácido, onde se combinavam as projeções de luz e filmes, estroboscópio, fitas, rock and roll, luz negra, Acid rock .

Os testes ultrajaram inclusive outras pessoas envolvidas na contracultura psicodélica, o outro lado desse, se assim se pode dizer, movimento psicodélico que naquele momento nascia. Richard Alpert, por exemplo, "também não estava satisfeito com os Testes do Ácido", narra Wolfe: "Já era bastante difícil evitar que as multidões caretas ficassem histéricas em relação ao LSD mesmo nas circunstâncias mais favoráveis – quanto mais no caso dele ser usado em desvairadas orgias promovidas em lugares públicos". Como aponta Farber (2002, p.26), os Acid Tests "estavam longe das experiências de LSD inspiradas, cuidadosamente orientadas e estruturadas de Leary, individuais e contemplativas voltadas para as verdades interiores". Roupas, equipamentos eletrônicos, projeções de vídeos em loop, luzes, "sensual input": "os Acid Tests apontaram para a criação de enclaves, espaços sociais nos quais visionários jogavam novos jogos coletivos", resumiu.

As diferenças entre o grupo de Alpert e, seu parceiro Timothy Leary, e Kesey e seus Pranksters já haviam se evidenciado quando estes foram com seu barulhento e colorido ônibus visitar aqueles em Milbrook, a 90 milhas da cidade de Nova York, em uma mansão emprestada por um milionário onde viviam os dois ex-professores de Harvard. O clima mais adulto, elitista e a pose de altos estudos filosóficos de dentro da mansão imediatamente contrastou com a barulheira orgiástica juvenil que vinha do ônibus, e a diferença de estilos era também política, uma vez que, apesar de ambos serem personas altamente performáticas e midiáticas, Kesey se inclinava mais para uma estratégia de difusão do LSD entre as massas, enquanto Leary preferia um lobby mais restrito entre pessoas influentes, destacando também a necessidade das viagens serem acompanhadas de guias e feitas em locais de tranquilidade – não em shows de rock. Para Leary e Alpert, a sociedade ainda não estava pronta para o tipo de ação de Kesey; este também reconhecia sua desavença com aqueles, é o que relata, por exemplo, Wolfe (1993, p.37) neste trecho:

> -Não me diga para não penetrar mais fundo na floresta – diz Kesey. - Não me diga para eu deixar de ser um pioneiro, um desbravador, e voltar aqui para ajudar essa gente a atravessar a porta. Se Leary quer fazer isso, tudo bem, é uma boa coisa e alguém precisa fazer. Mas alguém precisa ser desbravador e deixar a trilha marcada para os outros virem atrás.

Timothy Leary havia sido diretor de pesquisa clínica e psicologia no hospital Kaiser Foundation, em

Oakland, Califórnia, entre 1954 e 1959, e tinha uma carreira aparentemente promissora quando foi convidado a dar aulas em Harvard. De acordo com Lee e Shlain (1992, p.73), o primeiro semestre de Leary como professor foi tranquilo, até que, no verão de 1960, durante suas férias em Cuernavaca, no México, ele passou por um "turning point": "um amigo comprou um punhado de cogumelos mágicos de uma velha mulher indígena". Naquele momento Leary, que tinha 39 anos e não havia sequer fumado maconha em sua vida, teria descoberto, "que beleza, revelação, sensualidade, a história celular do passado, Deus, o Diabo - tudo está dentro do meu corpo, fora da minha mente", segundo ele mesmo declarou – como conta Elcock (2015), essa experiência foi feita a convite do poeta Allen Ginsberg.

De volta à Harvard, Leary estabelece um projeto de pesquisa com psilocibina enviada pela Sandoz, aproximando-se logo de Alpert, que se torna seu amigo. O que inicialmente foi bem recebido por colegas e superiores, passou a ser crescentemente questionado por conta das aparições públicas de Leary em intervenções cada vez mais polêmicas. Em março de 1962 uma reunião da universidade discute os métodos do pesquisador, acusado por colegas de irresponsável. Boatos sobre festas e circulação de LSD dentro do campus da universidade também cresciam dia a dia, e em 1963 ele e Alpert foram demitidos de Harvard, continuando no entanto – muitas vezes de forma espalhafatosa – suas defesas da ciência e da exploração psicodélicas.

Em 1962 o Congresso estadunidense aprovou algumas modificações na legislação a fim de regular a eficácia de medicamentos antes deles irem ao mercado. Segundo a FDA, o LSD não atendia essas novas especificações, e a partir de então passou a ser restritamente controlado: qualquer uso ou pesquisa com a substância passou a necessitar autorização federal. Com essa mudança, que colocava o LSD na categoria de "experimental drug", a droga passou a poder ser obtida apenas para pesquisa e não mais para a prática psiquiátrica em geral. Consequentemente, segundo Lee e Shlain (1992, p.91), tornava-se quase impossível para psiquiatras adquirirem LSD legalmente.

O Congresso voltou a debater o tema e em 1965 aprovou a "Drug Abuse Control Amendments", que resultou em restrições ainda maiores para a pesquisa com psicodélicos. Com toda a publicidade contrária, a Sandoz deixou de fabricar LSD em abril de 1965, e uma série de projetos em curso tiveram que ser cancelados. Farber (2002, p.30) cita uma carta publicada pela empresa em 23 de agosto de 1965, na qual diz que apesar das evidências apontarem que o LSD pode desempenhar um papel importante nos estudos neurológicos e psiquiátricos, casos de abuso vinham sendo identificados e o fluxo de requisições para a produção da substância se tornou incontrolável. Em 1966 houve três audiências públicas sobre LSD no Congresso, com farta cobertura midiática sobre

o assunto.

O fim da produção lícita de LSD representou pouco para o consumo entre os jovens e integrantes da contracultura. Owsley e outros já estavam fornecendo para este mercado há anos. Em janeiro de 1966, Kesey e os Pranksters participam da organização do Festival de Viagens, em São Francisco. Segundo Wolfe (1993, p.267) o evento "foi divulgado como uma grande celebração que iria simular a experiência com LSD, por meio de efeitos de luz e música, sobretudo". A ideia seria a de "reunir todos as novas formas de expressão que pipocavam no mundo psicodélico naquela altura e promover um Superteste do Ácido aberto ao público". Como prossegue a descrição do autor, o evento foi um sucesso e teve consequências importantes para a cena hippie e psicodélica:

> Por três noites, prosseguiu aquele louco carnaval. Era algo grande, em todos os níveis. Para começar, o Festival de Viagens angariou, brutos, 12.500 dólares em três dias, praticamente sem despesas, e um novo tipo de danceteria e casa noturna havia nascido. Duas semanas mais tarde, Bill Graham passaria a promover, todos os finais de semana no auditório Fillmore, um Festival de Viagens, a casa ficava lotada. Para os próprios adeptos do ácido, o Festival de Viagens era como a primeira convenção nacional de um movimento subterrâneo que havia subsistido na clandestinidade e em células secretas. Eles estavam encantados com a quantidade de gente que vinha integrar suas fileiras – e eufóricos com o fato de que podiam se mostrar abertamente em público, doidões com a cabeça na lua, e nem o céu nem a lei desabavam em cima deles. A imprensa difundiu a ideia de que aquilo fora uma experiência igual à do LSD, sem LSD. Ninguém no mundo hippie de San Francisco tinha qualquer ilusão quanto a isso, e a era Haight-Ashbury teve início naquele final de semana.

Em outra passagem, novamente remetendo ao Festival das Viagens, o autor do *Teste do ácido do refresco elétrico* faz questão de contrapor a cena de Kesey e dos Pranksters a de Leary e Alpert (Wolfe, 1993, p.301):

> O Teste Watts em Los Angeles, vindo no auge do Festival das Viagens em San Francisco, fez decolar rapidamente e com toda a força o barato psicodélico, que explodiu para fora da esfera subterrânea de um modo que ninguém podia imaginar. Leary e Alpert e suas experiências obtiveram muita publicidade, mas parecia algo bastante isolado, que dizia respeito a apenas dois médicos de Harvard, com suas caras muito solenes e esotéricas, no final das contas. Essa novidade de San Francisco, Los Angeles e LSD, com jovens pirados e rock and roll delirante, dava a impressão de que a peste do LSD tinha se disseminado como uma infecção entre a juventude – o que, de fato, era verdade. Muito poucos compreenderam que tudo havia emanado de uma única fonte elétrica: Kesey e os Festivos Gozadores.

Wolfe (1993, p.373) relata que o Festival de Viagens de 1966 “foi o que realmente deu o impulso decisivo para a coisa toda”. Alguns meses depois e a região da cidade de São Francisco representada pelo cruzamento das ruas Haight e Ashbury estava lotado de “hippies vestidos com as roupas mais selvagens, mais coloridas e únicas que eu já vi” (Yablonksy, 2000, p.199) e com “o uso de drogas é muito aberto”. De acordo com Farber (2002, p.29), o distrito de Haight-Ashbury se tornou “um nexo crítico para essa possibilidade do ácido” em parte pelas décadas de boemia que o bairro já trazia de tradição e em parte porque o LSD era mais disponível ali do que em qualquer outro lugar do mundo, graças aos esforços de Owsley. Segundo Anderson (1995, p. 176), estimativas da época apontavam que cerca de 70 mil pessoas circularam por Haight-Ashbury apenas no verão de 1967, o chamado Verão do Amor.

Goffman e Joy (2004, p.306) identificam na virada de 1970 para 1971 o início da rápida decadência do movimento contracultural e de efervescência política mais generalizada entre os jovens nos Estados Unidos. Se ao final de abril de 1970 houve grandes mobilizações por conta de um novo aumento de tropas no Vietnã, ordenado por Nixon, em 1971 havia cada vez mais dificuldade de convocação e organização de protestos, de engajamento. O presidente ia tentar sua reeleição em 1972, e o “Movimento” já havia conseguido impedir a candidatura de Lyndon Johnson pelo Partido Democrata, que acabou indicando George McGovern para disputar com Nixon, sendo esta uma das indicações presidenciais mais à esquerda da história do partido. Com alguma proximidade com os jovens revoltosos, defensor dos direitos civis e da legalização da maconha, McGovern teve apoio de algumas personalidades contraculturais e da Nova Esquerda, como os yippies Abbie Hofmann e Jerry Rubin, que esperavam que os Sixties influenciassem essa primeira eleição dos Seventies no sentido de uma mudança por dentro. Richard Nixon venceu com facilidade, com uma margem de 60 a 37% (Goffman e Joy, p.308), e muitos consideram essa sua segunda vitória um dos símbolos do final da contracultura nos Estados Unidos, ao menos enquanto um movimento – se é que algum dia ela o foi.

Essas visões de mundo e essas práticas observadas no interior da contracultura estadunidense aconteceram também em diversos outros países e contextos. Como demonstram Gootemberg e Campos (2015), durante os “longos anos 1960” classes médias urbanas e jovens de países como Brasil, Argentina, México, Peru e República Dominicana e em muitos outros lugares da América Latina se juntaram a “culturas de drogas rebeldes associadas à música rock global, fumo de cannabis e outros movimentos juvenis”.

This must have sparked many peculiar transnational encounters in a region where Afro-

> descendants and Indians had rich stocks of accumulated drug knowledge. In a striking example, modern jipis (hippies) from Mexico City, along with foreign kin, decamped to places like Huautla de Jimenez, Oaxaca, for close encounters with the ‘‘authentic,’’ sometimes lionized psychedelic pioneers: shamans of local rural indigenous folk.[30]

Para estes autores, o fato dessas “drug scenes” terem germinado muitas vezes sob regimes autoritário tem suas implicações, inclusive em posteriores mudanças no sentido de tornar as leis ainda mais repressivas. Segundo eles, as drogas

> have been integral to many of the pivotal developments in Latin American history. This long history, in turn, is a key to knowing how illicit and licit drug cultures divided in the twentieth century and how massive trafficking was born. Deeper research is just beginning. However, drugs also offer a new prism for looking in fresh, surprising ways at the cultural, social, and political history of the Americas.[31]

Deixando os Estados Unidos, seguirei essas premissas enunciadas por Gootenber e Campos no próximo capítulo, continuando a usar as drogas, e depois mais especificamente o LSD, como instrumento de novas abordagens da história cultural, social e política do Brasil.

---

[30] Isso deve ter provocado muitos encontros transnacionais peculiares em uma região onde afrodescendentes e indígenas tinham ricos estoques de conhecimento sobre drogas acumulados. Em um exemplo notável, os jipis (hippies) modernos da Cidade do México, juntamente com parentes estrangeiros, fugiram para lugares como Huautla de Jimenez, Oaxaca, para encontros com os pioneiros psicodélicos "autênticos", às vezes, com leões: xamãs de culturas indígenas rurais locais.

[31] foram parte integrante de muitos dos desenvolvimentos centrais da história da América Latina. Essa longa história, por sua vez, é a chave para saber como as culturas de drogas ilícitas e lícitas se dividiram no século XX e como o tráfico maciço nasceu. Pesquisas mais profundas estão apenas começando. No entanto, as drogas também oferecem um novo prisma para buscar novas formas surpreendentes na história cultural, social e política das Américas.

CAPÍTULO 2

A contracultura no Brasil

preso por

penetrar na festa
jogar pedra no monumento
arrotar no juramento
mijar na praça pública
cuspir no reitor
jogar dinheiro fora
trepar com a filhinha do papai
brincar demais
dar bandeira
se olhar no espelho
tirar a calça na rua
matar o industrial
fumar maconha
roubar um queijo
ganhar um beijo
sacar o lance

Charles (apud Branco, 2005, p.84)

O avesso da modernização

Como visto anteriormente no que diz respeito à discussão sobre os Estados Unidos, a definição do que é, quando começou e por quem era formada a contracultura – e mesmo dos Anos Sessenta ou Sixties – é algo em constante discussão, com diferentes possibilidades de abordagem. Como apontou Julie Stephens (1998), a grande diversidade de componentes e de formas de ação e atuação política e cultural no interior das políticas de protesto durante os anos 1960 faz com que muitas vezes seja impossível distinguir o político do cultural, diferenciar o pessoal do coletivo, ver onde terminava a Nova Esquerda e começava o Movimento Hippie. Se no caso brasileiro o cenário era completamente outro no que diz respeito ao tamanho e à importância do movimento contracultural, por outro lado ele guarda semelhança com o estadunidense no que se refere à dificuldade em localizá-lo e datá-lo precisamente.

Como o próprio título diz, Cesar Augusto de Carvalho escreveu seu *Viagem ao mundo alternativo: a contracultura nos anos 80* enfocando as comunidades alternativas brasileiras na década de 1980, que a seu ver (Carvalho, 2008 p.19) começaram a ser mais conhecidas no final dos anos 1970. “Assemelhados aos hippies dos anos 60, os jovens alternativos apresentavam, no entanto, uma

característica diferenciadora que denunciava uma radical mudança na postura comportamental: no lugar de consertar o sistema, abandoná-lo ou viver à sua margem, sua prática consistia em negociar alternativas". Estariam presentes em seu objeto de estudo alguns traços que Carvalho identificou como "uma certa continuidade do movimento hippie dos anos 60", em especial questões ligadas a ecologia e misticismo (o uso de LSD em sua opinião estaria caindo "em desuso").

Prosseguindo, o autor comenta: "Na época, chamava a atenção o fato de o movimento hippie no Brasil ter tido pouca importância como movimento social, pois refletiu-se mais como movimento artístico – o tropicalismo musical dos baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso e das artes plásticas de Hélio Oiticica". Independente da discussão sobre a contracultura como movimento social ou não no Brasil, ou dos debates específicos relativos à Tropicália, interessa por enquanto destacar esta observação digamos quantitativa, que se assemelha à outra de Guerreiro (2009) já trazida anteriormente, que aponta que a contracultura teria "passado de raspão" no Brasil; também Capellari (2007, p82) corrobora essa avaliação ao dizer que "o underground brasileiro, a despeito de sua veia subversiva, não teve lugar de destaque no ativismo político, ocupando, mesmo no interior da produção estritamente cultural, uma posição marginal"[32]. Algo próximo do que escreveu Maria Alice Vergueiro (2012, p. 56), que foi além, uma vez que restringe à contracultura aos meios artísticos: "O movimento da contracultura aqui no Brasil ficou isolado em determinadas comunidades artísticas. Sou produto de uma delas. Fiquei muito sensibilizada por tudo que aconteceu nos anos 60. Aquilo me moldou. Nunca mais abandonei aquelas ideias".

"A contracultura no Brasil, tal como em outros lugares das Américas ou da Europa, não foi um único movimento coerente", afirma Dunn (2008), mas sim "um conjunto de atitudes, ideias, e práticas que surgiram com a 'esquerda' e se posicionaram contra o regime conservador, mas que também articularam uma crítica das formas mais convencionais de ativismo político". Segundo o brasilianista, a contracultura brasileira se posicionou contra o Estado ditatorial e os valores sociais dominantes promovidos por ele, mas também entrou em conflito com setores da esquerda tradicional. "Para vários jovens que se opunham ao regime autoritário parecia haver três opções:

[32] "A intensidade e as especificidades da contracultura no Primeiro Mundo não devem ser "parâmetros" para dosar experiências distintas, que se expressaram simultaneamente ou com uma pequena defasagem em outros países. A condição periférica e de subdesenvolvimento, aliada à ditadura ferrenha que, a um só tempo, patrocinava uma modernização sem precedentes, é também matéria-prima de nossa contracultura. De um lado, pesquisadores ingleses e norte-americanos, embasados numa nova mirada sobre o assunto (Global Sixties), vêm ressaltando a descentralidade do fenômeno. De outro, diversos autores, não só brasileiros, já demonstraram que o Tropicalismo musical, entre 1967-68, incorporou referenciais estéticos e comportamentais que remetiam à efervescência da juventude internacional, porém redefinindo-os à luz de um passado cultural e dos conflitos político-ideológicos locais. O caráter contracultural do Tropicalismo, isto é, mais que ideias ou discursos, é praticamente consenso na bibliografia. Ora, apesar do AI-5 e da indústria cultural que abandonava sua fase artesanal, por que seria então agora inapropriado, no imediato pós-68, falar de contracultura no Brasil?" (Diniz, 2017, p. 25)

aderir à luta clandestina, deixar o país, ou desbundar e viver às margens da sociedade", prossegue.

O ex-guerrilheiro Alfredo Sirkis (1999, p.112) também elenca três caminhos diante dos quais os integrantes da sua geração teriam que optar:

> Na verdade, foi uma geração, como eu gosto de dizer, que se trifurcou, no Brasil. Uma parte dela, após o AI-5, quando a ditadura se transformou em ditadura total, foi para a luta armada, para a clandestinidade; outra parte resolveu ir fundo na questão da contracultura, procurando criar um universo à parte, em que fosse possível viver: foram as comunidades rurais, o uso de drogas, sobretudo as alucinógenas, como o LSD. As pessoas passaram a viver juntas em comunidade, em pequenas famílias, tentando não ler jornal, sair daquela realidade, sair daquele bode, como se dizia na época. Foram as pessoas que se tornaram hippies. E houve um terceiro segmento daquela geração, que acabou rapidamente se integrando àquilo que o sistema oferecia. Porque ao mesmo tempo que vivíamos sob uma ditadura sanguinária, paradoxalmente, para a classe média intelectualizada, preparada profissionalmente, havia alternativas fantásticas de emprego e ascensão social.

Capellari (2007, p.206) igualmente salienta a impossibilidade de se falar na contracultura brasileira no singular, optando por utilizar formulações como "práticas contraculturais" ou mesmo "espírito contracultural":

> É importante salientar que tanto no Brasil como nos demais países onde a contracultura marcou presença, o imaginário underground incorporou traços desse universo heterogêneo composto por múltiplas filosofias e religiões, do Ocidente e do Oriente, compondo com eles noções igualmente dissimilares, segundo o grau de aprofundamento e, é claro, de acordo com as próprias idiossincrasias individuais. Não se pode falar, assim, de uma filosofia ou uma religião contracultural; nem, tampouco, de um mesmo ponto de vista em relação às transformações sócio-econômicas e políticas almejadas, porquanto igualmente dessemelhantes. No entanto, é possível conceber pelo menos um ponto comum entre as possíveis variações: a não aderência a qualquer traço como único porta-voz de sua visão de mundo.

Ao contrário dos sistemas filosóficos ou religiosos, e dos projetos políticos que apresentavam um discurso rebelde inspirado no marxismo, Capellari afirma que a mentalidade underground caracterizou-se "pelo descompromisso e pelo tráfego entre opções que, combinadas sob as mais diversas formas, não se finalizaram em uma doutrina". Um sentimento de metamorfose, de transformação constante, entre essas pessoas é o que teria "salvaguardado" "a mentalidade contracultural de sua ancoragem em um porto seguro de certezas, das quais resulta a institucionalização religiosa, a sistematização filosófica ou o partidarismo político", defende o

autor, para quem "da mesma forma que Weber fala de um espírito capitalista é possível falar de um espírito contracultural". Nas palavras de Pereira (1984, p.20) no pequeno livro *O que é contracultura:*

> O espírito contracultural pode ser definido, pois, como um tipo específico de rebeldia voltado contra os valores e ideias dominantes, considerados opressivos. Implica um grau de desajuste em relação à cultura hegemônica; mas não implica, necessariamente, uma configuração ideológica específica, nem muito menos um conjunto de regras, de valores ou de saberes idênticos entre si.
> De um lado, o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude (...) que marcaram os anos 60: o movimento hippie, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante. (...) Trata-se, então, de um fenômeno datado e situado historicamente. (...) De outro lado, o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. (...) Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos.

Conceber a contracultura brasileira "como um conjunto de valores (em sua vasta maioria não formalizados) e, sobretudo, como experiência e prática" é a proposta da tese de Doutorado de Sheyla Diniz (2017, p. 27). Citando Raymond Williams, ela acaba dialogando diretamente com a proposição de Pereira recém citada, a de salientar um "espírito contracultural", uma vez que Diniz tem como hipótese interpretar a contracultura como "uma estrutura de sentimento". A autora defende também que "a contracultura made in Brazil" não foi uma mera aclimatação do que se passava (ou do que já havia se passado) em países de Primeiro Mundo, "mas sim um fenômeno de envergadura transnacional que teve aqui o seu chão histórico sui generis".

Na descrição de Capellari (2007, p.214), a contracultura dos anos 1960 e 1970 no Brasil "se expressou através de um sem-número de manifestações filosóficas, religiosas, artísticas e comportamentais isoladas", opondo-se não apenas ao conteúdo da cultura dominante "mas também aos meios pelos quais ela se define: o discurso da racionalidade internalizado como atividade mental". Rafael Dias (2013, p.97), por sua vez, acredita que a contracultura brasileira teve suas principais expressões na Tropicália e no cinema marginal, que é utilizado por ele em sua tese de Doutorado, em Psicologia, como gancho para comentar a emergência de um campo problemático sobre drogas no Brasil. Segundo ele, a contracultura produzida no Brasil criou "um novo modo de pensar o mundo, no qual a experimentação com os psicotrópicos era elemento fundamental das descobertas estéticas e políticas empreendidas por esse movimento". Estas descobertas estariam integradas a uma nova atitude, "na qual a experimentação se ligava à expansão das possibilidades

da consciência e ao exercício de novas formas de sensibilidade".

Defendida em 1990 no Departamento de Sociologia da USP, a tese de Doutorado *A transformação social em questão: as práticas sociais alternativas durante o regime militar,* de Cláudio Novaes Pinto Coelho, propõe a divisão do período de governo militar no Brasil em três fases: uma primeira que iria de 1964 a 1968 e na qual a militarização não estaria plenamente configurada; uma segunda, dos "anos de chumbo", entre 1969 e 1974 e posteriormente, até 1985, o último momento do regime, com "reversão parcial da militarização". Para o autor (Coelho, 1990, p.3), o Golpe de 1964 não produziu somente mudanças econômicas e políticas, tendo alterado também "o conjunto de significados que acompanha a intervenção do Estado na vida social brasileira", ou seja, alterou o imaginário social: "O autoritarismo não é fenômeno exclusivamente político, não se restringe ao aparelho de Estado, estando enraizado também na sociabilidade estruturadora da vida cotidiana", explica.

No interior desse "conflito pela definição das características do processo de modernização desenvolveram-se práticas sociais que se colocaram à margem das atividades institucionais e questionaram o modo como a sociedade brasileira estava organizada, propondo a sua transformação", prossegue Coelho, que divide este setor questionador em três: grupos guerrilheiros, manifestações contraculturais e movimentos libertários (analisados por ele entre 1964 e 1982):

> Se compartilham a rejeição à política institucional permitida pelo regime, no entanto, varia muito o tipo de sociedade que cada prática alternativa pretende construir. A luta armada visava uma sociedade socialista (com uma etapa intermediária de libertação nacional, para alguns grupos) e colocava-se como uma alternativa ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) para a conquista deste fim, pois o mesmo teria se tornado uma "instituição burocrática". A contracultura pretendia um rompimento radical com as formas de vida da civilização ocidental, inclusive com o socialismo. Já os movimentos libertários questionavam todas as sociedades existentes: as civilizações orientais não poderiam ser fonte de inspiração – como foram para a contracultura – posto que nelas também predominaria o "patriarcalismo machista discriminatório" que oprime grupos sociais como as mulheres, os negros e os homossexuais.

Para Coelho, estas práticas sociais alternativas estariam associadas às características da sociedade brasileira no período analisado, isto é, ao autoritarismo social e político e à modernização das relações sociais, aparecendo portanto como "diferentes tipos de resposta a esta situação".As práticas sociais alternativas não seriam mera consequência da modernização ou do autoritarismo, constituindo-se também como "produtoras das características destes processos sociais. Entendendo-

se, aqui, o social como uma prática que transcende o que está dado (as determinações estruturais), sobressaindo, assim, a importância de se captar a produção de sentido – o imaginário – que acompanha as práticas sociais".

No que diz respeito à contracultura, Coelho (1990, p.111) a define como "uma prática social que procurava romper com as características do processo de modernização autoritária vivido pela sociedade brasileira no período 1969-1974 (os 'anos de chumbo'), através de um questionamento da racionalidade que estruturaria a organização social e os comportamentos individuais". Para entendê-la, no entanto, seria necessário olhar para o período anterior, entre 1964 e 1968, quando o caráter autoritário da modernização promovida pelo regime ainda não estava consolidado, "havendo tentativas de combinação entre modernização e democracia, promovidas por exemplo por tropicalistas e movimento estudantil". Para Coelho, a contracultura emerge numa conjuntura marcada pela derrota das práticas sociais que – especialmente em 1967 e 1968 – procuraram se contrapor à modernização promovida pelo regime militar, articulando modernização (racionalização das diferentes esferas da vida social), modernidade (questionamento permanente dos valores socialmente instituídos) e a luta pela autonomia do espaço público.

Este tipo de práticas alternativas e de lutas atuariam no sentido de questionar tanto o regime militar quanto o autoritarismo presente de forma mais geral na sociedade brasileira (Coelho, 1990, p.132). Coelho acredita que analisar a Tropicália é "fundamental" para a compreensão da contracultura brasileira, uma vez que tal movimento artístico teria representado "uma desarticulação das relações entre modernização, modernidade, a luta pela autonomia do espaço público e o imaginário guerrilheiro". Outro contexto em que isto teria acontecido, de forma diferente, teria sido no movimento estudantil do período: "No movimento estudantil a modernidade manifestou-se fundamentalmente enquanto um questionamento dos comportamentos individuais tradicionais, notadamente as restrições à liberdade sexual", aponta (Coelho, 1990, p.138), para quem, no entanto, "o questionamento da moralidade vigente existente na prática não foi assumido no nível da retórica", com exigências de mudanças comportamentais individuais não fazendo parte das reivindicações estudantis.

Na avaliação de Coelho (1990, p.146), a existência de um público visivelmente identificado com o comportamento dos artistas da Tropicália só se deu num momento em que o Tropicalismo não existia mais, por conta sobretudo do exílio de alguma de suas figuras chave como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Torquato Neto. Definindo a contracultura não só como movimento artístico mas também como um movimento social, Coelho aponta que ela surge no Brasil como

“herdeira” do Tropicalismo, “substituindo-o no papel de um movimento onde a modernidade se fazia presente. No entanto, ela veio à tona no momento em que a modernização autoritária se consolidava, inviabilizando a luta pela autonomia do espaço público”. “O vínculo dialético entre modernização e modernidade é rompido pela contracultura, que se posicionava contra a modernização enquanto tal”, prossegue o sociólogo.

Mantendo sua divisão do período de regime militar em três, identificando a contracultura como acontecendo sobretudo no segundo, entre 1969 e 1974, Coelho ressalta que neste momento “o imaginário guerrilheiro desvinculou-se da sua convivência – existente na tropicália ou no movimento estudantil – com a modernidade e a luta pela autonomia do espaço público”, ao mesmo tempo em que se colocava como a única alternativa explicitamente política para o combate do regime militar. A guerrilha e a contracultura apresentavam-se como excludentes: “a possibilidade de articulação entre transformação política e transformação individual não estava mais colocada”.No caso do movimento estudantil, o AI-5 teria sido responsável por consolidar “a supremacia do imaginário guerrilheiro”, restando aos estudantes interessados na questão das mudanças comportamentais “o caminho da adesão à contracultura, cujo preço era a adoção de uma postura antipolítica: a política era monopólio dos grupos da luta armada. Deste modo, a contracultura pode ser colocada também como “herdeira” da modernidade presente nas lutas estudantis no período 64-68” (Coelho, 1990, p.147).

Cláudio Novaes Coelho (1990, p.150) defende que a prática social da contracultura foi uma tentativa de rompimento com a modernização autoritária, um processo histórico que parecia ter se instalado definitivamente na sociedade brasileira. No período de 1969 a 1974, fora os desbundados apenas a luta armada procurava combater a sociedade vigente, estando a oposição legal – MDB – totalmente enfraquecida e sem qualquer perspectiva de alcançar o poder. Mas ao contrário da luta armada, que priorizava o combate ao aparelho de Estado e cujas organizações eram “aparelhos de Estado alternativos”, a contracultura dirigia-se para o que lhe parecia ser o fundamento da sociabilidade autoritária: “a racionalização da vida social”. Para autor, as principais características do movimento social contracultural seriam: a ênfase na subjetividade em oposição ao caráter objetivo do mundo exterior, a aproximação com a loucura e marginalidade, e a construção de comunidades alternativas.

Ele localiza em 1969 “os primeiros sinais da existência de um movimento voltado especificamente para as transformações individuais e questionador da racionalidade enquanto tal”; antes disso, principalmente entre 1964 e 1968, as tentativas de mudança comportamental teriam estado

articuladas à luta contra ditadura, com o movimento hippie sendo "apenas algo estrangeiro ou um modo de se vestir". Luiz Carlos Maciel, citado por Coelho, considerava 1969 o "Ano I da Nova Era", e neste ano também foi lançado o jornal *O Pasquim*, que "contribuiu decisivamente" para a divulgação da contracultura através dos artigos escritos por Luiz Carlos Maciel na coluna Underground. Em janeiro de 1970 Maciel publica seu famoso "Manifesto hippie" no *Pasquim*, e a partir de 1970 proliferam publicações alternativas como *Flor do mal*, *Presença*, *Rolling Stone*, entre outras, "bem como as feiras de arte hippies, ou eventos como o festival de Arembepe, na Bahia, em 1971".

O ano de 1969 é considerado emblemático também por Maria Rita Kehl (2005, p.32), para quem "a década de 70 começou repressiva, sanguinária e careta". Considerando o AI-5 como marco de um final "melancólico" para os Anos 1960, ela vê em 1969 o começo dos Anos 1970[33]:

> Os anos 70, que iniciaram em 1969, foram terríveis. Todo mundo parecia apoiar a ditadura. Os brasileiros começaram a década torcendo pelo Brasil na Copa, "80 milhões em ação", unidos em torno da excelente seleção, que levou o tricampeonato. A vitória deu grande prestígio a Emílio Garrastazu Médici, o militar de plantão no governo. O plano econômico, apelidado de "milagre brasileiro", além de enriquecer ainda mais a burguesia- grande novidade! - propiciou a expansão da classe média e elevou os padrões de consumo de muitas famílias. (…) O "povo brasileiro" parecia gostar da ditadura. Os poucos heróis que tentavam fazer a guerrilha foram se isolando, sem respaldo, nem dos camponeses, nem do proletariado. O país estava triste e ufanista ao mesmo tempo.

Quem apresenta uma visão parecida à de Kehl sobre esse período é Rita Lee (2016, p.64), que o definiu como "bons tempos chatos da ditadura":

> Bom para quem gostava de rock. Chato para quem morava no Brasil. Bom para tomar ácido e assistir ao cabeludo José Dirceu num palanque imaginando-o um astro de rock. Chato quando passava o efeito assim que os meganhas soltavam os cavalos e a gente caía na real vendo que Dirceu não era nenhum Jimi Hendrix. Sexo, Drogas & Rock n'roll não combinava com Tradição, Família & Propriedade, ou você era esquerdete ou direitete. Para acomodar quem me cobrava uma posição política, me assumi "hiponga comunista com um pé no imperialismo".

Se o Brasil terminava 1968[34], como acredita Maria Rita Kehl, sob melancolia, não se pode ignorar

---

33 Para Luiz Galvão (1982, p.,61), integrante dos Novos Baianos, "a geração 70 começou em 68".

34 Frederico Coelho (2010, p. 192) observa que o ano de 1968 foi bastante significativo em relação à produção cultural, seu objeto de estudo: "O ano de 1968 se configurou como um dos mais intensos do ponto de vista da produção cultural. Vamos destacar apenas seus principais momentos: em janeiro, os músicos baianos mudam-se

que foi este um ano de grande agitação e contestação em diversos lugares do mundo. Em artigo sobre este momento, Marcelo Ridenti (1999, p.55) aponta características comuns a estes movimentos libertários: inserção numa conjuntura internacional de prosperidade econômica; crise no sistema escolar; ascensão de uma "ética da revolta e da revolução"; busca do alargamento do sistema de participação política; simpatia pelas propostas revolucionárias alternativas ao marxismo soviético; recusa de guerras coloniais ou imperialistas; negação da sociedade do consumo; aproximação entre arte e política; uso de recursos de desobediência civil; ânsia de libertação pessoal das estruturas do sistema (capitalista ou comunista); mudanças comportamentais; vinculação estreita entre lutas sociais amplas e interesses imediatos das pessoas; aparecimento de aspectos precursores do pacifismo, da ecologia, da antipsiquiatria, do feminismo, de movimentos de homossexuais, de minorias e outros que viriam a desenvolver-se nos anos seguintes.

Além disso, Ridenti (1999, p.55) observa semelhanças nas condições materiais presentes nestes contextos de contestação, sobretudo em países desenvolvidos mas também no caso de alguns "em desenvolvimento", como Brasil e México:

> Em diferentes medidas, havia similaridade em condições como: crescente urbanização, consolidação de modos de vida e cultura das metrópoles, massificação cada vez maior imposta pela indústria cultural, aumento quantitativo das classes médias, importância dos jovens na composição etária da população, acesso crescente ao ensino superior, incapacidade do poder constituído para representar sociedades que se renovavam, avanço tecnológico (por vezes ao alcance das pessoas comuns, que passaram a ter cada vez mais acesso, por exemplo, a eletrodomésticos, notadamente aparelhos de televisão, além de outros bens, como a pílula anticoncepcional – o que possibilitaria mudanças consideráveis de comportamento) etc. Essas "condições materiais" não explicam por si só as ondas de rebeldia e revolução, apenas deram as condições para que frutificassem ações políticas e culturais inovadoras e diferenciadas, buscando colocar "a imaginação no poder", como foi o caso específico brasileiro.

No artigo "O sonho acabou. Vamos bater mais uma", o poeta Paulo Leminski (2008 ,p.29) faz uma

---

para São Paulo; em fevereiro, Nelson Motta lança a "cruzada tropicalista" em sua coluna no jornal *Última Hora;* em março Oiticica escreveu seu texto sobre a *Tropicália*, rompendo com o modismo do nome; em abril iniciam-se os contatos entre Oiticica, Torquato, Caetano e o resto do grupo tropicalista; em maio, os músicos iniciam as gravações do disco coletivo *Tropicalia ou panis et circensis*, e Rogério Duarte passa a morar com Oiticica no Jardim Botânico; em junho, Caetano, Gil e Torquato participam do debate organizado na FAU, em São Paulo, onde são hostilizados por estudantes de esquerda ao lado dos poetas Décio Pignatari e Augusto de Campos; em julho, Oiitica e Rogério trabalham intensamente nas obras do primeiro e promovem diversos eventos no Aterro do Flamengo e no MAM/RJ; em agosto, ambos filmam *Câncer* com Gláuber Rocha; em setembro, Caetano, Gil e Os Mutantes são vaiados nas suas apresentações no FIC de São Paulo; em outubro, promovem o show polêmico na boate Sucata com a bandeira *Seja marginal, seja herói* de Oiticica no cenário; em novembro iniciam as gravações do programa *Divino maravilhoso* na TV Tupi; e em dezembro o AI-5 prende alguns nomes do movimento, enquanto outros se exilam antes da prisão".

diferenciação entre os Anos 1960 e 1970 exatamente a partir do uso de drogas. No caso da primeira década, ele destaca maconha e LSD, já na seguinte, rememorada de forma mais desiludida assim como por Maria Rita Kehl, álcool e cocaína. De um lado uma "aura mística" e "utópica" do consumo, de outro individualismo, egocentrismo, maior poder de destruição. "Poucas coisas foram tão típicas dos anos 60 quanto a brusca generalização do uso de drogas (maconha, ácido lisérgico, anfetamina, cogumelos e, em menor escala, cocaína, heroína e ópio)". Assim começa o texto, que prossegue: "A entusiástica adesão ao consumo de substâncias proibidas colocou amplas camadas da jovem classe média na fronteira do crime", um "apelo romântico que também seduziria os mais ricos".

> A maconha e o LSD dão a tônica dos anos 60, sua recusa do "modus vivendi" careta, sua busca de uma vida mais colorida, mais perto da natureza, mais concreta, menos abstrata, mais poética e artística, menos burocrática e administrativa. Sobretudo, as drogas rainhas dos anos 60 são drogas produtoras de estados afins ao sonho. Portanto, drogas utópicas, proponentes de mundos alternativos, contramundos de antimatéria. Seus efeitos são viagens, fugir de um mundo indesejado, busca de novos horizontes, volta às origens, ao Éden, a Xangrilá.

Quem também salienta o papel das drogas, sobretudo do ácido lisérgico, nesse contexto é a atriz Maria Alice Vergueiro (2012, p.49), que relata se alinhar naquele momento tanto à defesa da "individualidade radical" quanto de uma postura anarquista, de "autogoverno". "Tínhamos que partir de nós mesmos. Se não nos revolucionássemos, não poderíamos revolucionar nada. Passamos a ser responsáveis por nossa consciência e educação", escreveu, antes de falar sobre o LSD neste quadro:

> Depois do AI-5 rolou uma demarcação. De um lado, havia os que se tornaram revolucionários na montanha, armados, chamados guerrilheiros, e do outro artistas que resistiam "subjetivamente", em busca de uma revolução ou uma resistência individual. Como nós por exemplo, que buscávamos experiências cada vez mais radicais e libertadoras. E nisso as drogas, principalmente o ácido, tiveram um papel marcante. (Vergueiro, 2012, p.53)

Coelho defende que o esvaziamento das práticas sociais contraculturais começa a partir do momento em que, com o fim dos "anos de chumbo", novamente teria se tornado viável uma politização das questões comportamentais. O ano de 1975 seria o marco do início da "distensão política" e da luta contra a opressão à qual estariam submetidos os grupos sociais como as mulheres, os negros e os homossexuais. "A partir de 1975, persistem alguns elementos da contracultura, como o uso de drogas, a vida em comunidades alternativas, mas sem a existência de um projeto social articulado como a 'nova sustentabilidade' defendida por Luiz Carlos Maciel", e

"com a mudança de caráter do regime militar e a emergência das práticas sociais libertárias, a negação total da sociedade ocidental- e portanto da prática política, defendida pela contracultura perde sua força e capacidade de mobilização" (Coelho, 1990, p.156).

O antropólogo Antonio Risério (2005, p.28) enfatiza a inserção da contracultura brasileira em um "movimento internacional", o que, em sua opinião, refutaria o argumento de que os hippies nacionais seriam um reflexo ou uma reação ao contexto autoritário imposto pela ditadura. Para ele, esse argumento é uma "tolice". Além de comentar sobre a importância do LSD, o autor apresenta outro suposto papel desempenhado pelo consumo de drogas, ao qualificar o uso de maconha como parte de um processo de redução de distâncias entre as juventudes pobre e de classe média.

> Em terreno especificamente brasileiro, a contracultura preservou e nutriu o espírito contestador, obstruindo o rolo compressor da ditadura militar em sua marcha para uniformizar e asfixiar a juventude brasileira. Além disso, promoveu um encontro cara a cara, nas grandes cidades do país, entre jovens economicamente privilegiados e jovens marginalizados, numa troca de vivências e de linguagens que, girando inicialmente em torno do consumo da maconha, não deixou de ter a sua importância no processo de superação da couraça branca no Brasil. É claro que as drogas, naqueles dias, não significavam o que hoje significam: eram consumidas sob o signo do misticismo e da utopia, drogas para a expansão da consciência, instrumentos para a renovação da percepção das coisas e das formas do mundo. Darcy Ribeiro, que eu saiba, foi o único pensador social brasileiro que chamou atenção para essa "comunicação direta e simétrica" entre a juventude classe média e as faixas mais carentes da juventude. E não foi por acaso, aliás, que a gíria brasileira, até então em boa parte de origem argentina (bacana, otário, etc.), passou a vir dos morros, favelas e aglomerados periféricos, a exemplo de "desbunde" e "fazer a cabeça", do léxico candomblezeiro.

***

Luiz Carlos Maciel, o guru

"Sou considerado, a despeito de mim próprio, uma espécie de autoridade em contracultura", declarou Luiz Carlos Maciel (2007, p.64) em um seminário posteriormente publicado em livro:

> Sei lá por quê, aconteceu, talvez porque eu fosse o único cara que, em nossa mídia da época, falava do assunto quanto a contracultura florescia, nos anos 60 e 70. Como não havia nenhum outro candidato a "guru da contracultura", sobrou pra mim mesmo esse epíteto que, segundo Ruy Castro, terei de carregar até o final dos meus dias como uma corcunda. Que jeito? Que é que eu vou fazer, né?

Nascido em 15 de março de 1938 em Porto Alegre, Luiz Carlos Maciel atuou como jornalista, escritor, dramaturgo, diretor de teatro, roteirista e até ator, tendo ficado conhecido nacionalmente com os textos de sua coluna Underground, no jornal *O Pasquim*, fundado em 1969. Morreu de complicações respiratórias, aos 79 anos, em dezembro de 2017.

A coluna *Underground* começou a ser publicada na edição de número 48 de *O Pasquim*, em maio de 1970, mas desde o início da publicação Maciel já escrevia artigos apresentando a temática contracultural ao seu público leitor, segundo Capellari (2007, p.82) formado basicamente por jovens: "70% dos quais com idade entre 18 e 30 anos, 23% entre 31 e 44 e apenas 7% com mais de 45, um grupo constituído em sua maioria por indivíduos pertencentes à classe média, com acesso à educação formal e sensível às transformações culturais em voga". A hipótese da dissertação de Mestrado de Capellari (2007) é que Maciel atuava como mediador entre o discurso underground internacional e seu público leitor - e por ocupar essa posição podemos ver por que se credenciou como "o guru da contracultura", referência constante nos livros, documentários, reportagens e pesquisas acadêmicas sobre o tema.

Em seu livro *As quatro estações*, Maciel (2001, p. 37) define a contracultura como "uma radicalização do espírito da contestação em níveis mais fundamentais": se a contestação marxista visaria à reorganização da sociedade, "baseada numa concepção da História de tipo hegeliano", "os pensamentos de Reich, Herbert Marcuse e depois Norman O. Brown contestam não só a organização da sociedade, mas também a organização do nosso próprio espírito":

> Descobrimos que não se tratava apenas do problema da sociedade injustamente organizada, nossa cabeça também estava erradamente organizada e não passávamos de, no máximo, uns neuróticos. Era o aprofundamento, a maturidade da visão rebelde. A tarefa não era só mudar a sociedade porque existem pessoas que morrem de fome, as diferenças sociais e econômicas e as injustiças. As vítimas do Sistema não eram só os pobres da sociedade; a classe média e a rica também eram vítimas porque suas mentes estavam mal-organizadas, malformadas, mal-orientadas etc. - de maneira que a vida neurótica que as caracterizava tinha também de ser transformada. Depois de se contestar a sociedade, restava por em questão a própria concepção considerada "normal" da realidade como tal, que até os políticos comunistas consideravam incontestável.

Em entrevista realizada em julho de 1979 e publicada no livro *Patrulhas ideológicas* (Pereira e Holanda, p.100), Maciel declara que o "turning point" para o estabelecimento da contracultura brasileira foi o ano de 1968, "que assinalou uma aposta alta". "Mudou inclusive a concepção de engajamento que deixou de ser político, coletivo, dentro dos quadros, e passou a ser um

engajamento pessoal, individual, existencial, psicológico". Para ele, "toda essa ideia do desbunde, da contracultura" foi um "movimento de raízes existenciais":

> Quer dizer, as pessoas chegaram num certo momento de suas vidas e disseram assim: "pô, não tenho saco para esperar que através de uma interpretação da história... que a história se desenvolva, através de seus fatores objetivos e subjetivos, até haver uma modificação: aí eu já vou estar morto". É o que aquele espetáculo do Living Theatre dizia no título: *Paradise Now*; ora, se você quer uma modificação mas imediata, naturalmente que a ação programada através de uma interpretação do movimento histórico a longo termo deixa de ter sentido. Então, não adianta nada ficar escrevendo artigos, fazendo comícios, conscientizando as massas; parte-se para o desbunde. E o primeiro momento disso foi pré-figurar, no próprio comportamento existencial, essa maneira de viver.

Em entrevista concedida à Patrícia Marcondes de Barros (2007, p. 219), no ano de 2001, Maciel relata episódios marcantes de sua trajetória, como o fato de ter permanecido dois meses preso em 1971 por conta de sua atuação em *O Pasquim.* Também afirma que "essa fase da contracultura" na verdade durou um verão:

> Eu vivia na Praia de Ipanema, nas "dunas do barato". Fica ali onde tem o Hotel "Sol de Ipanema". Foi ali que eram as "dunas da gal". Ali que eles tinham feito o emissário submarino, tinha um negócio que avançava no mar assim, que era prá botar os encanamentos pra jogar o cocô do Rio de Janeiro todo dentro do mar, lá adiante. Então aí, formaram-se aquelas dunas. Que primeiro chamaram de "dunas da gal", mais conhecida como "dunas do barato", porque o pessoal queimava fumo lá. Então foi o verão da Contracultura e aí a Contracultura foi uma festa mesmo né?

Em sua fala no seminário inicialmente mencionado, Maciel (2007, p.65) diz que "a experiência imediata e concreta do real foram o grande objetivo da contracultura: não foi a transgressão, que é mera consequência". Essa busca pelo concreto e real teria estabelecido a necessidade da liberdade individual para os integrantes desse movimento, definido por ele como "juvenil". "A intuição fundamental do movimento hippie estava na convicção de que a sociedade vive do que chamavam de 'bode', está construída sobre o horror e funciona graças a ele", escreveu Maciel (2001, p.40) em *As quatro estações*, salientando que a consequência disso seria "a necessidade de uma transformação radical, de viver de uma outra maneira, de inventar, criar essa outra maneira. Para isso era indispensável uma transformação radical das pessoas, dos seus modos de sentir, pensar, agir". Logo na sequência (Maciel, 2001, p.44), ele aborda a temática das drogas, tema recorrente em suas declarações públicas e escritos, apontando que "as drogas alucinógenas foram privilegiadas pelos hippies porque ajudavam a vislumbrar a nova realidade".

> A droga permitia uma visão mais ampla da realidade, através de experiências novas, frequentemente de natureza mística. O princípio fundamental dessa nova realidade, a que existe para você pelo menos, entendido de uma maneira sintética e geral, é que a verdadeira realidade é criada de acordo com a sua própria mente. Na verdade, cada um de nós cria uma determinada organização psíquica, a cabeça de cada um funciona de uma determinada maneira, cada um vive conforme essa organização particular.

Neste mesmo livro, Maciel (2001, p.153) declara que a "principal experiência da minha geração foi, sem dúvida, o que se convencionou chamar de contracultura. De todas as variedades do pensamento libertário desenvolvido no século XX, ela foi a que mais profundamente atingiu a própria vida concreta das pessoas", e volta a falar do ano de 1968 como importante: "o clímax do pensamento crítico", que colocou em questão "nossa sociedade, nossa cultura, nossa própria civilização". "O surgimento dos hippies e a ideia de uma sociedade alternativa foram as consequências naturais dos níveis exigentes a que a crítica foi levada", prossegue, ressaltando "revolução sexual, mudanças no comportamento, o uso de drogas alucinógenas e outras técnicas de expansão da consciência, e até mesmo uma certa negação da cultura que nos foram legadas" como eventos e decisões que pareciam "naturais em face da experiência vivida".

Novamente utilizando a expressão "turning point" para designar o ano de 1968, já usada na entrevista de 1979 anteriormente mencionada, Maciel (2001, p.154) logo conecta essa reflexão a outra sobre o papel das drogas dentro deste contexto: "A presença das drogas é fundamental, drogas alucinógenas - bem entendido -, do LSD ao ayahuasca. As alterações da consciência foram degraus para a expansão dessa consciência, em lugar da construção intelectual". Continuou escrevendo que se 1968 foi um ano de "contestação política", 1969 foi um ano diferente: "cada um foi para seu canto, o protesto ficou mais quieto. A questão social passou para segundo plano e todo mundo começou a discutir drogas, amor livre, homossexualismo, por aí"; e na sequência (Maciel, 2001, p.172) caracterizou a questão das drogas como "a mais delicada no que diz respeito à contracultura":

> A questão mais delicada, no que diz respeito à contracultura, é a das drogas. Essa designação genérica é usada indiscriminadamente em relação a todas as substâncias de ação psicotrópica - com a curiosa exceção do álcool que, apesar de ser, de todas, a droga mais perturbadora da mente, a mais prejudicial para o organismo e a mais nociva para o espírito, não costuma ser chamado de "droga" por ninguém. (…) Que lei é essa que libera a droga mais violenta e proíbe as mais suaves? Só pode ser uma lei mal-intencionada, uma lei que parte do pressuposto de uma necessidade social de auto-destruição, embora possa pretender também manter uma fachada de disciplina e controle.

Maciel prossegue afirmando ter experimentado “quase todos os tipos dessas drogas que alguns especialistas chamam de 'entretenimento' ou de 'lazer'”, a começar pelo álcool que ele teria começado a consumir na adolescência por “necessidade de uma espécie de afirmação viril”. “Um dos momentos de mais ampla e profunda expansão da consciência que experimentei na minha vida foi consequência de eu ter parado de beber, aos quarenta e oito anos de idade”, afirma, antes de passar a falar de suas drogas preferidas:

> Em compensação, tive outras experiências de expansão da consciência usando drogas classificadas como alucinógenas- em especial o LSD, o cogumelo mágico e o ayahuasca. Cada uma dessas substâncias tem uma ação particular sobre a consciência, mas todas as três são expansoras dela, ao contrário do álcool, dos anestésicos paralisadores das funções vitais, como a cocaína, ou dos opiáceos de efeito semelhante mas extremado, como a morfina e a heroína, que são todas substâncias que contraem a consciência e intumescem o ego. Assim, as drogas psicodélicas - ou expansoras da consciência, segundo o criador da expressão, Timothy Leary - não devem ser confundidas com as drogas constritoras da consciência (tipo álcool, cocaína, crack, heroína, etc.) - confusão que é uma prática deliberada ou não, mas, de qualquer maneira, tão enganosa quanto disseminada por todos os meios contemporâneos de comunicação de massa.

Luiz Carlos Maciel é, portanto, não só uma pessoa identificada como um dos principais expoentes, ou no mínimo propagandistas, da contracultura brasileira como é alguém que sempre fez questão de refletir e se posicionar sobre questões relativas a uso e política de drogas no Brasil. Poucos personagens poderiam estar mais dentro do foco inicial de interesse desse trabalho. Maciel foi a segunda pessoa que entrevistei para essa pesquisa, com nossa conversa tendo acontecido por cerca de uma hora no dia 28 de agosto de 2015, no bairro do Leblon, Rio de Janeiro. Ele parecia cansado, com a saúde debilitada, e já estava me esperando no saguão de seu prédio, conversando com o porteiro. Logo após me cumprimentar me pergunta se não vou convidá-lo para tomar um saquê em um restaurante japonês que ficava do outro lado da rua, em uma galeria. Mais para fast food do que restaurante caro, como o bairro poderia supor. Contou que, por conta de problemas no pulmão, tinha parado de fumar e que o saquê era a única droga que ainda lhe acompanhava.

Passados outros papos introdutórios, a primeira questão que lhe fiz ao iniciar a gravação foi justamente a respeito de sua definição de contracultura, pergunta que ele considerou “desnecessária”:

> Sempre me perguntam sobre definição de contracultura, acho essa pergunta muito desnecessária. Eu não sei há quantos anos eu escrevi um negócio, que o Carlos não sei das quantas publicou na

> coleção Primeiros Passos. O que é contracultura algo assim, eu fiz um texto e sempre me perguntam "Ai, o que é contracultura?", e eu repito. Nesse livro que o Sergio Cohn está organizando eu falo toda hora sobre contracultura, é a primeira pergunta que me fazem. Eu cada vez mais digo que a contracultura é o nome que a mídia americana deu a uma série de manifestações nos anos 60, de jovens artistas e intelectuais que não gostavam da universidade e queriam ter a liberdade de cultivar uma cultura livre. Porque a palavra mágica e fundamental desse movimento, que é uma palavra mágica e fundamental com a qual eu já estava acostumado, é a liberdade, que foi o que me atraiu para o movimento da contracultura.

Maciel me relatou não ter sido "um contraculturista de início", já que "meu pai era marxista, comunista, e aos doze anos de idade me deu uma cópia do Manifesto Comunista de Marx e Engels pra eu aprender como eram as coisas" - posteriormente teria se aproximado dos ideais e práticas do movimento exatamente a partir do interesse filosófico por discussões relativas à liberdade, que já lhe interessavam desde os anos 1950, quando começou suas leituras de Jean Paul Sartre. Perguntei também sobre sua juventude em Porto Alegre e se ali haveria iniciado sua relação com as drogas, uma vez que no livro *As quatro estações* ele relata ter participado de uma turma de poetas e artistas boêmios nesse momento - "Vivi a maior parte da minha juventude praticamente dentro de bares; acho que não existe outro ambiente com o qual eu tenha me familiarizado tanto" (Maciel, 2001, p.62). Declarando que "achava bonito ser rebelde, a gente achava bonito enfrentar um poder que era muito superior a nós", ele mais adiante comentou especificamente o uso de drogas em sua juventude e seus primeiros contatos com a maconha, "a famosa droga da contracultura":

> - Ah bebi, todas. Naturalmente quando apareceu a contracultura veio a famosa droga da contracultura, que é a maconha. Que é uma bobagem! Eu fico besta de como conseguiram demonizar a maconha! Erva do diabo, deixa as pessoas loucas... Não deixa ninguém louco, deixa calminho, mole, dá sono, é isso. É uma droga que como diz um amigo meu devia ser oferecida nos hospitais, pra acalmar as pessoas, é uma droga medicinal. E essa droga medicinal foi demonizada pela estupidez do sistema até esse ponto de ser uma droga ilegal, proibida por brucutus estúpidos que são policiais, estupidificados pelos chefes que são mais estúpidos do que eles e que não tomam as responsabilidades das ações estúpidas que eles cometem como regra geral. Quer dizer, infelizmente o nosso esforço por uma sociedade que não fosse mais justa, mais certa, mas que fosse pelo menos um pouco mais psicologicamente saudável, não parece ter dado muito certo.
>
> - Você se lembra das suas primeiras experiências com maconha? Foram em Porto Alegre35 ainda?
>
> - Não, nãaaaao... Foram no Rio já... As minhas primeiras experiências com maconha não tiveram a menor importância. fiquei mais calmo, mais relax... As experiências importantes, essa sim é uma

[35] Maciel formou-se em Filosofia em Porto Alegre em 1958, e em recebeu uma bolsa para estudar Teatro na Universidade da Bahia. Em 1964 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ainda morou até o fim da vida.

> droga sim que precisa ser reprimida a todo transe porque ela é modificadora, ela é uma droga poderosa, é o LSD. Essa droga é poderosa.

Essa discussão específica sobre o LSD consta também do livro *As quatro estações*, no qual Maciel (2001, p.45) afirma que a substância "tem a virtude (que também pode se tornar um problema para os desavisados) de desorganizar sua cabeça, desestruturando o que está estabelecido ali pelas introjeções da formação e do hábito". Seria essa desestruturação a responsável por abrir "o canal interno para as alucinações, as famosas visões insólitas da experiência psicodélica". "O tratamento psiquiátrico com LSD, o seu princípio terapêutico mais importante, aproveita essa desestruturação para uma limpeza psíquica e para, em seguida, estruturar novamente a psique em termos novos e mais saudáveis. É assim que o LSD ajuda o alcoólatra a largar o vício ou o psicótico a voltar de sua viagem e se tornar uma nova pessoa, etc", complementa Maciel, que mais adiante na mesma obra (2001, p. 266) comenta o tema com um enfoque menos positivo ou otimista:

> As drogas, especificamente as denominadas psicodélicas, isto é, expansoras da consciência, foram utilizadas com o objetivo de experimentar deliberadamente outros estados de consciência, numa busca de autoconhecimento. Esse interesse culto, civilizado, foi assimilado pelo Sistema de forma grosseira e, mesmo, estúpida, como toxicomania vulgar, provocando a substituição das drogas psicodélicas por drogas pesadas que são constritoras da consciência. Aqui, a alquimia diabólica do sistema foi simplesmente devastadora, ocasionando um grande número de mortes.

Nosso guru (Maciel, 2007, p.70) também comentou essa diferenciação entre o status de algumas drogas no seminário anteriormente mencionado, quando falou que as drogas alucinógenas tiveram "mais prestígio" durante a contracultura. Cita peiote e ayahuasca antes de enfatizar o LSD, "a grande descoberta tecnológica do século XX, só comparável à bomba atômica". Na entrevista concedida a esse trabalho, Maciel fez questão de tratar a maconha como se fosse uma substância sem importância, com pouco potencial de dano e mesmo de alteração de consciência; por exemplo quando afirmou que "o LSD sim é uma droga transformadora, para a minha geração foi transformador. maconha não".

Neste momento questionei: "maconha pra você é banal então?", ao que ele respondeu - "eu costumo chamar maconha de Coca-Cola. Agora o LSD acho que é uma droga potente, tenho o maior respeito pelo doutor Albert Hofmann". "Essa droga dele foi fundamental. O LSD foi uma revelação, foi um desbunde, eu queria ter um LSD pra botar na boca agora. S você me disser tá aqui um LSD eu pego e pá", continuou, empolgado. Perguntei então sobre sua primeira experiência com ácido lisérgico,

que não parece ter sido muito marcante:

> Com ácido? Minha primeira experiência eu não lembro... Eu me lembro de uma experiência que tive que foi das primeiras, eu estava numa praia do Rio de Janeiro e eu estava tendo uma viagem maravilhosa e vez em quando a fazia assim e mergulhava num horror total. Um desespero total. E eu reconheci que aquela maravilha total que tinha sido demonstrada correspondia ao horror total que estava sendo demonstrado. E eu estava assim: o que que eu faço, devo me matar então? Aí o dia tinha baixado e tinha virado noite, aí eu levantei os olhos pro céu e vi uma procissão de estrelas. E vi uma estrela caindo e um séquito de outras atrás, e elas caminhavam, e elas restituíram a paz e a felicidade. Eu chamei essa estrela de Nossa Senhora. Foi o que aconteceu, aí eu voltei do buraco que eu estava. Porque viagem de ácido tem isso, você tem que estar disposto a encarar, a arriscar, e a mergulhar onde for, porque tudo pode acontecer. Como eu tinha lido o guia do Timothy Leary baseado no *Livro Tibetano dos mortos*, que diz que você tem que aceitar tudo porque tudo muda, então eu fiz isso. Mesmo quando eu tive no fundo do poço aceitei tudo e tudo mudou.

O ex-colunista do *Pasquim* afirmou que suas experiências psicodélicas eram para ele algo mais individual do que coletivo ou geracional, relatando também que seus colegas de imprensa alternativa eram em sua maioria "caretas": "no *Pasquim* a única droga era o álcool. Só bebiam. Fumar era um escândalo". Interessante notar também que se durante a entrevista ele relacionou o LSD ao perigo, considerando essa a substância mais arriscada e que necessita de mais cuidados, quando o que está em discussão são os possíveis efeitos negativos do uso de drogas o discurso de Maciel se volta justamente para uma das poucas drogas que ele diz ainda consumir, o álcool. "Passei dez anos sem tomar uma gota de álcool, há uns anos atrás. Alguns dizem: Maciel, você tá vivo ainda por causa disso, por causa daqueles dez anos que passou sem beber. Eu digo: bom, mas não viverei para sempre, ninguém vive". Perguntei então se ele sempre teve preocupações relativas ao autocuidado no tocante a consumo de drogas, se essa é ou era uma reflexão comum em sua vida:

> Olha, sempre tive esse cuidado comigo. Eu não teria passado dez anos no AA sem beber uma gota de álcool se eu não tivesse chegado a conclusão de que se eu continuasse bebendo como eu tava bebendo eu iria morrer, eu ia acabar. Então eu tenho esse cuidado. Uma questão mais complexa pra mim é o que eu devo fazer em relação ao cuidado com as outras pessoas, mas essa questão eu te digo que de uma certa maneira eu já desisti dela, porque as pessoas fazem as coisas mais diversas e se dão bem ou mal pelos mais diferentes motivos, e seria uma pretensão da minha parte absolutamente arbitrária e desautorizada chegar e dizer assim olha façam isso ou façam aquilo, querem viver não bebam, querem se divertir bebam, eu não sei. A grande conquista eu acho do ser humano em matéria de conhecimento é que eu não sei nada.

Além do LSD, Maciel destacou a ayahuasca como substância geradora de experiências verdadeiras e transformadoras, dizendo ainda consumi-la até aquele momento quando amigos o presenteiam. Quando questionei sobre a droga, respondeu primeiro com um suspiro, “ah, a ayahuasca...” e depois complementou: “Minha experiência com ayahuasca eu fiquei espantado como o que eu via, nessas visões tinha uma consistência realística muito maior do que qualquer coisa que já tinha tomado. Realista, dá vontade de tocar, pegar, uma coisa impressionante”.

Durante a entrevista, pedimos duas doses de saquê cada um. Maciel bebeu as suas praticamente de um só gole, e ainda bebeu um pouco do meu copo “aproveitando” minha demora e desatenção: parecia ávido em tragar os goles de vida que lhe restavam – ou lhe escapavam. Fiquei com a sensação de que a entrevista poderia ter sido melhor sem o saquê – ele, que usou de tudo durante a vida, não conseguia mais lidar com uma quantidade pequena como essa. Saiu com dificuldade para caminhar, mau humorado, e me escreveu um e-mail no dia seguinte pedindo desculpas incisivas. Dizia que buscou meu nome na Internet e viu que somos “irmãos”, referindo-se à minha participação na organização da Marcha da Maconha – descoberta por ele nessa busca online. Ficamos de voltar a nos falar, encontrar pessoalmente. Não voltamos.

Maciel publicaria ainda um artigo na *Folha de São Paulo* de 3 de janeiro de 2016, intitulado *A resposta hippie ao desencantamento de Heidegger*, no qual defendeu que “talvez nossa esperança, no plano coletivo, seja exatamente aquilo que, em outras ocasiões, qualifiquei como a grande oportunidade, desgraçadamente perdida pelo Ocidente, para sua regeneração, para sua reconquista da saúde espiritual”. “Qual oportunidade? Estou, é claro, falando dos hippies e de sua ação saneadora de nossos costumes”, concluiu.

.

***

Os beats paulistanos

Como mencionado anteriormente, em citações por exemplo de Heloísa Buarque de Hollanda ou de Cláudio Novaes Coelho, o movimento artístico conhecido como Tropicália é visto por muitos como uma espécie de antecessor ou de primeira demonstração da contracultura no Brasil. Poderíamos pensar numa analogia com os escritores e artistas da chamada Geração Beat nos Estados Unidos, que nos anos 1950 levaram para o grande público e para a grande mídia estadunidense alguns dos debates que depois seriam importantes para a contracultura dos anos 1960. Acontece que, antes dos tropicalistas, que se reuniram como grupo na segunda metade da década de Sessenta, o Brasil, e mais especificamente São Paulo, já tinham tido os seus próprios beats, na virada dos anos 1950 para os 1960. E, assim como para os seus inspiradores estrangeiros, para estes escritores e poetas as drogas tinham um papel de relevância em seus pensamentos e práticas.

Comentando a chegada e a influência da Geração Beat no Brasil, Cláudio Willer (2009, p.114) aponta que as primeiras divulgações do movimento estadunidense na mídia brasileira se fizeram sobretudo no caderno Suplemento Literário, do jornal *O Estado de S.Paulo* – como no caso de artigos publicados no ano de 1960 por Thomaz Souto Corrêa e Frederico Branco (um dos leitores frequentes de tais materiais era, inclusive, Luiz Carlos Maciel.) Mas certamente o impacto foi maior entre um grupo de poetas de São Paulo, entre os quais estava o próprio Willer, conhecido como a geração dos Novíssimos poetas – o grupo ficou assim conhecido por conta da coleção "Novíssimos" e da "Antologia dos poetas Novíssimos" publicadas pelo editor e agitador cultural Massao Ohno no início da década de 1960.

> A beat também era referência importante para os poetas da geração dos Novíssimos de 1960. Havia achado *Os vagabundos iluminados* e *On the road – pé na estrada*, em uma boa livraria de pocket-books. O poeta Roberto Piva também recebia informações sobre a beat de Thomaz Souto Corrêa e do artista plástico Wesley Duke Lee, seus amigos. Mas, em 1961, Piva conseguiu fazer com que viessem os livros de poesia beat. Apareceu em meu apartamento com a pilha: Ginsberg, Ferlinghetti, Corso, Lamantia, mais a Beat Scene e coletâneas, nas edições da Pocket Poets Series da City Lights e da New Directions. Pusemo-nos a traduzir tudo aquilo. Foi assim, penso, que a beat chegou ao Brasil, não mais como notícia, matéria jornalística, mas como texto, e, o mais importante, como intertexto, diálogo, relação no plano da criação. (Willer, 2009, p.114)

O poeta e artista plástico Sergio Lima (2002, p.138), um dos principais especialistas sobre Surrealismo no Brasil, descreve o grupo desta forma:

> Voltando de Paris para São Paulo em 1962, passei a me reunir com os poetas ditos "novíssimos" (estreantes que eram editados na série "novíssimos", por Massao Ohno). Logo organizamos, Roberto Piva, Cláudio Willer e eu, uma central ou núcleo de debates sobre o surrealismo, com reuniões regulares (três vezes por semana), no Bar do Léo, do Redondo ou no Ferro's, em frente a sinagoga do Bexiga. Dessa turma inicial, além dos citados, apenas dois mais terão uma continuidade de produção literária: António Fernando De Franceschi e Décio Bar. Raul Fiker chegaria pouco depois, já no final de 1963 para 64, seguido das adesões de Leila Ferraz e Maninha.

O grupo, com maior enfoque nas trajetórias de Piva, Willer, Franceschi e Bicelli, é objeto do livro *Os dentes da memória*, escrito pelas jornalistas Camila Hungria e Renata D'Elia a partir da compilação de inúmeros depoimentos. Em um deles (Hungria e D'Elia, 2011, p.24), Carlos Felipe Moisés opina que os chamados "poetas novíssimos" ou "Geração 60 de São Paulo", entre os quais ele se inclui, "jamais chegaram a formar um grupo, a se unir em torno de um ideário ou de uma

plataforma comum", com o único fator que os conectava tendo sido a idade e o editor que lançava seus livros. "São cerca de duas dezenas de poetas, todos muito talentosos, extremamente heterogêneos e nada harmonizados entre si", avalia.

Apesar de não terem um programa estético ou político bem definido, os poetas do grupo, principalmente os citados como protagonistas do livro de Hungria e D'Elia, tinham mais em comum do que o editor e a idade – e também a origem social de alta classe, como as jornalistas demonstram (os pais de Piva eram fazendeiros, Willer estudou no colégio Dante Alighieri, o pai de Franceschi tinha uma indústria de algodão). Os unia também a admiração pela poesia contestadora e livre dos beats, e também por suas temáticas que destacavam a transgressão não só às normas literárias mas também sociais – o uso de drogas aí incluído. Um exemplo é esse poema-manifesto de Piva intitulado "Blues, bílis e bolas":

> Nós convidamos todos a se entregarem à dissolução e ao desregramento. A Vida não pode sucumbir no torniquete da Consciência. A Vida explode sempre no mais além. Abaixo as Faculdades e que triunfem os maconheiros. É preciso não ter medo de deixar irromper a nossa Alma Fecal. Metodistas, psicólogos, advogados, engenheiros, estudantes, patrões, operários, químicos, cientistas, contra vós deve estar o espírito da juventude. Abaixo a Segurança Pública, quem precisa disso? Somos deliciosamente desorganizados e usualmente nos associamos com a Liberdade.

Ao menos nas reuniões do grupo, aparentemente os maconheiros triunfavam. É o que relata Roberto Rugiero (Hungria e D'Elia, 2011, p.28) quando aponta que a casa dos pais de Cláudio Willer, onde costumavam se reunir, "era uma república livre": "Era um filho único absolutamente compreendido. E tudo que vocês podem imaginar de transgressão nós fazíamos ali: desde drogas leves, como maconha; até o quelene, um tipo de éter que não existe mais. Foi uma das primeiras descobertas alucinatórias. Fazíamos também muitas descobertas literárias, juntos", relata. De acordo com Willer (Hungria e D'Elia, 2011, p.44) a intenção de ridicularizar a burguesia também era um elemento que os unia:

> Agora, independentemente da posição política de cada um, nós expressávamos uma rebelião romântica que se caracteriza, desde o final do século 18, por ridicularizar a burguesia filistéia. Hoje a burguesia é mais aberta, mas naquela época era cosa séria, engravatada. O que pudéssemos fazer para execrar burguês, nós fazíamos. Aqui em São Paulo, tínhamos uma burguesia escandalizável, provinciana e retrógrada. E isso só começou a abrir no final da década de 60, com a contracultura. E também porque eles começaram a cheirar cocaína e queimar os próprios miolos em vez de encher o saco da gente. Mas no começo da década, era triste.

Em entrevista publicada em 1985, Piva (Cohn, 2009, p.57) está falando sobre seu livro *Paranoia* quando diz que a obra reúne suas experiências "de amor, de loucura e de drogas". O entrevistador, Carlos Von Schmidt, pergunta: "a droga ainda estava no começo, não é?", ao que o poeta responde - "Era o começo e a gente já mandava ver. Fomos os primeiros, talvez, a tomar LSD no Brasil". "Você estava com que idade?", pergunta o entrevistador, e Piva responde: "Bom... (pausa) estou com 47 anos. Era 1963... eu tinha 25 anos". Em outra entrevista reunida no mesmo livro, da coleção Encontros organizada por Sergio Cohn (2009, p.154), desta vez publicada originalmente em 2004 e realizada por Ademir Assunção, Piva volta a afirmar seu suposto pioneirismo lisérgico quando questionado sobre o contexto em que *Paranoia* foi publicado:

> Nós estávamos antenados com as vertentes novas do pensamento, como a beat generation, o psicodelismo de Timothy Leary... junto com outras pessoas, eu fui um dos primeiros a tomar LSD em São Paulo, que é uma experiência xamânica levada ao contexto urbano. Ela foi desvirtuada pela curtição, mas no fundo, leva a pessoa a um estado alterado de consciência xamânica que é propícia às visões da poesia.
>
> Pra você não era simplesmente curtição?
> Era um ritual. Tanto é que na maioria das vezes eu ia tomar ou na praia ou nas matas.
>
> Você nunca tomava um ácido em São Paulo?
> Muito difícil. Uma vez só, para assistir ao *Satyricon*, do Fellini, no começo dos anos 70. Vi esse filme 38 vezes. Você sabia que Fellini deu ácido para os atores? Inclusive tem paisagens completamente lisérgicas no filme. Ele contratou alguns loucos para fazer os figurantes.

Mais adiante nesta mesma entrevista, Assunção diz a Piva que percebe "uma banalização das drogas", que teriam virado "um grande negócio", e lhe pergunta "o que mudou". O poeta contesta que "a cocaína, a não ser no estado de folhas, como querem os índios bolivianos e peruanos, é uma droga para business men. Uma droga speed. A essência que os alucinógenos partilham com a poesia é a contemplação. Quer seja o cogumelo, o LSD, a cannabis sativa. A cocaína não, ela é uma droga produtiva". Assunção volta a investir na questão da banalização, questionando se isso estaria acontecendo com maconha e ácido, e o poeta concorda: "Completamente. Se desrritualizou o uso e se misturou com a criminalidade". O entrevistador continua no tema, nos dando uma boa oportunidade de vermos o poeta falar mais sobre as drogas, inclusive de forma crítica sobre as "químicas":

> Com um vazio burguês também?

> Com um vazio burguês, um vazio proletário, um vazio geral. As substâncias alucinógenas não pertencem a nenhuma classe social.
>
> Mas dificilmente os pobres tomam ácido.
> Mas usam crack, que é um pavor, um pesadelo. Isso é completamente diferente de um pajé que toma aiuasca no meio da selva. O pajé fez um processo ritualístico, religioso, interior, subjetivo. E as danças propiciam a celebração de energias de cura, ao contrário dessas drogas químicas, crack, cocaína, que destroem o sistema nervoso central.
>
> Por outro lado, as drogas viraram uma questão de escamoteamento. Parece que tudo que acontece de ruim na sociedade é culpa das drogas. O que é isso? Um sintoma de uma sociedade doente?
> O problema das drogas é muito complexo. Tem que passar por uma experiência religiosa. Quando não tem experiência religiosa é aquele bando de gente louca pulando numa danceteria, mas sem Dionísio. Ao mesmo tempo, o problema das drogas é de uma sociedade que não tem mais iniciação. Não tem rituais de passagem. A mesma sociedade que desrespeita nos povos ditos primitivos esses rituais de passagem. É preciso iniciação para a pessoa se transformar num ser unido a um deus.

Em *Dentes da memória* (Hungria e D'Elia, 2011, p.171), Bicelli afirma que Piva "é um cara que se gaba de ter tomado mais de trezentas pílulas de ácido durante a vida. E só parou de beber em dois períodos: quando teve delirium tremens nos anos 60, e só tomava guaraná; e depois do Parkinson". Gustavo Benini também em depoimento ao livro prossegue: "Um pouco antes dele descobrir o Parkinson, nós tomamos um LSD e decidimos dar um rolê no Serpentário do Instituto Butantã. Andamos por lá, olhando as cobras, e foi uma puta viagem! Era um ácido antigão que o Piva tinha guardado. Foi bem legal". Em outro momento, (Hungria e D'Elia, 2011, p.109) Piva descreve sua primeira experiência com LSD:

> A minha primeira experiência foi com uma dose inteira de Purple Haze, na Serra da Cantareira. Fomos em dois carros, junto com outras pessoas que também tomaram a droga. Lá, eu entrei no meio do mato e repentinamente, quando bateu o ácido, olhei para o Sol e vi como se fosse uma grande tangerina gotejando amor para o universo. Então tirei a roupa. Fiquei totalmente nu, e caminhei por todo aquele mato sem me machucar em nenhum espinho. Depois comi um pêssego como se fosse pela primeira vez. Aliás, tem um verso no meu livro *Quizumba* em que relembro isso, falo na volta do pêssego pródigo. Quando retornamos da Cantareira, eu via o eixo do fusca através do chão do carro. E, depois, chegando na cidade, ouvi Jimi Hendrix na casa de um amigo e percebi que era um músico que tentou musicar o movimento das plantas submarinas, a dança das algas. Saí dali e fui no cinema ver *Satiricon*, do Fellini. Sentei a três metros da tela e aí percebi porque Fellini deu ácido para os atores fazerem aquele filme e porque ele, Fellini, também tomou ácido. Esse foi um filme que vi 18 vezes. Achei uma beleza, uma coisa... Quando surge aquele menino com uma coroa de rosas na cabeça, aquelas rosas entraram no meu cérebro. Foi muito

> bonito. Mas eu tinha tomado um ácido tão forte que fiquei viajando dois dias. Aí enche um pouco o saco, porque você fica batendo os dentes, numa espécie de *delirium tremens*.

O poema a que Piva se refere nessa entrevista – na qual ele diminui em vinte o número de vezes em que teria assistido ao filme de Fellini, em relação ao depoimento citado anteriormente – é o primeiro do livro *Quizumba*, e traz diversos elementos dessa primeira experiência com LSD relatada pelo poeta, como o ácido Purple Haze, as reflexões sobre Hendrix e o mundo subaquático, a referência à Cantareira, etc. Na entrevista já citada, concedida a Schmidt (Cohn, p.66), Piva diz que neste livro ele "repensa as experiências com ácido, com drogas pesadas nos anos 70. O primeiro poema recorda minha primeira experiência com LSD 25, que foi na Serra da Cantareira", lembra, apontando também que "a minha primeira experiência foi com esse ácido que matou[36] o Jimi Hendrix, o Purple Haze, o LSD 25. Tomei uma dose inteira, uma pílula daquelas". Eis o poema:

> 1. Chovia na merda do teu coração
> antenas de tv lambuzadas de veneno / caminhões despencando dos eucaliptos / doze picadas de sal de anfeta na manhã embolorada da alma / você assava pulmão de abutre / partia pra Pensão Estrada / eu vi a amora gotejante do Sol depois do primeiro Purple Haze / fazia calor na Cantareira / garotas apodreciam / guinchos dentro do mato anunciavam Alguma Coisa / Hendrix & movimento submarino / Algas / flores no Cio de Metal / Gulash & Cristais / garotos na Rural Wyllis tocando bongô pra Lua / olho-laser estocando minhas células servicais / flores canoras nos canteiros de borrachudos / total motores / eixo desmanchado em partículas de poeira pulverizadas em Sonho / Morte do pêssego pródigo / só nós dois no coração da canção / desenhos animados em câmera lenta no cartaz do ônibus / punhais das sessões Zig-Zags / festa pagã do troca-troca religião da infância / Hotel na plataforma espacial do largo do Paissandu / plantando quiabos nos jardins da praça Clóvis / misturando as mídias / Plátanos via satélite com folhas de amianto / Coaxando na TV programa Antunes Filho em 63 / Ode Marítima em ritmo de Spansule / Jorge de Lima no Vulcão-Memória / bombordo do Bateau Ivre / Kelene Geral congelado na alquimia / Carnaval de Genghis Khan / vinho branco / hora da lasanha com perfume / Wesley inventando o bicho que quebrou o pescoço / nos quintais tudo bem do Planeta / vou por aí o chão de estrelas onde a borboleta caga assassinato nuclear / Foi assim o fim sem fim do Serafim Ponte Grande? / sem maiores / pra lá de Bagdá & da quadra de basquete / no azul daquela serra onde nasceu Iracema & Oswald Spengler / decadência do tango argentino visto na televisão ocidental / ócio & tal / Cobra Norato graças a Deus era tarado / esporte do fim do mundo / Cruz Credo como diria Pedro II / Você ia à deriva no rio do meu amor cabeludo / mostrando as coxas na estação como um garoto canalha / baganas aos sóis da constelação / nos meus braços você foi deus & puta.

Como mencionado de passagem anteriormente, Piva relata (Hungria e D'Elia, 2011, p.170) que

[36] Não consta em nenhuma fonte que Jimi Hendrix, nem nenhum outro ser humano, tenha morrido em decorrência do consumo de LSD.

mudou seus hábitos após descobrir que estava com Mal de Parkinson, notícia que ele recebeu no mesmo período em que foi lançado seu livro *Ciclones*, pela Editora Nankim, em 1997. "Desde então, não posso tomar cerveja e devo evitar carne vermelha. Em compensação, os médicos do Hospital das Clínicas me aconselham a tomar vinho chileno. Tomo vários remédios por dia e preciso fazer caminhadas". Roberto Piva morreria em 3 de julho de 2010, aos 72 anos, em decorrência de uma insuficiência renal que acabou se transformando em falência múltipla de órgãos.

Além de Piva, Cláudio Willler era outra figura de destaque do grupo, tendo posteriormente sido responsável por sintetizar e divulgar esse período em artigos, livros, palestras e participações na grande imprensa. Entrevistei-o por cerca de uma hora em um café na Vila Madalena em 26 de agosto de 2015, próximo ao apartamento onde ele vive – eu já o conhecia pessoalmente por conta de uma palestra sobre drogas e literatura37 que ajudei a organizar. Willer considera que seu grupo de amigos foi "precursor": "A gente formulou uma espécie de insurreição beat surreal psicanalítica de 1960 em diante não é? E beat surreal psicanalítica de fundamentação Nietzschiana", afirmou, prosseguindo apontando que "o ciclo da contracultura nós víamos com muita naturalidade porque nós já éramos desse jeito. E éramos desse jeito, e isso eu acho mais importante, com uma substância filosófica. Quer dizer, com uma formação cultural, com embasamento né".

Apesar de declarar que "o ideólogo, além de ser um poeta especialmente brilhante, era principalmente o Piva", e dar vários indícios de que tiveram uma relação muito próxima, de amizade e admiração, Willer em diversos momentos da entrevista procurou corrigir o que avalia como exageros ou romantizações de seu amigo – definido como "aquele híbrido de personagem culto e devasso sexual". "O Piva romantizou tudo", disse num momento; em outro, quando perguntei se era verdade a história de que o poeta havia tomado ácido mais de 300 vezes: "O Piva ficava construindo a própria biografia, não foi tudo isso". Sobre Piva afirmar ter sido um dos precursores no consumo do LSD no Brasil, Willer também discorda:

> Um exemplo de idiotice jornalística: quando saiu a terceira edição do *Paranoia38* em 2009, é curioso que o Piva estava às vésperas de ser internado pra não sair mais, ele morreria em 2010, ele me ligou pra perguntar o que eu tinha achado e conversamos. Pelo seguinte, página inteira da Ilustrada associando *Paranoia* ao psicodelismo, alucinógenos e tal. O Piva naquela época era a favor de tudo isso mas era careta, ele tinha bebido muito uns anos atrás, no tempo de turma de

37 Vídeos do evento disponíveis em: http://coletivodar.org/2013/11/drogas-e-literatura-videos-de-palestra-da-claudio-willer/

38 A primeira edição é de 1963.

> arrombadores de festa e confusões em bares, ele tinha uns amigos que ficaram meus amigos também e que eram terríveis em matéria de arrumar confusão, aí achou que tava fazendo mal e durante anos ele não punha uma gota de álcool na boca. Maconha ele nunca se impressionou, anfetaminas menos ainda, ele deve ter experimentado, e LSD foi mais tarde, começou a rolar mesmo por volta de 1967. Ele diz em entrevistas que foi um dos primeiros a tomar LSD, não foi, pelo seguinte: ele conta a experiência dele de LSD a primeira na Serra da Cantareira, e aí ele se enfiou pra ver várias sessões numa exibição de *Satyricon* do Fellini. Isso é começo de 1969, entende? Quer dizer o que LSD já tinha... foi a vez *dele*. Depois também teve cogumelo outras coisas, mas na época de *Paranoia* ele estava completamente sóbrio, caretésimo, voltar a beber ele voltou a partir de 1965, e tudo aquilo é criação poética. E eventual rememoração e empatia com a rebelião e com a marginalidade do submundo, entende?

Destacando a influência que a Geração Beat e do Surrealismo entre seu círculo de amigos, Willer relatou que o grupo se reuniu sistematicamente apenas durante o ano de 1963, mas que posteriormente nunca perderam contato. As reuniões teriam iniciado "quando o Piva conheceu o Sérgio Lima" e contavam com entre oito e dez membros, todos provenientes das classes média ou alta paulistanas. Ele confirmou o papel de seu apartamento como ponto de encontro - "teve muitas reuniões e as pessoas tinham o hábito de baixar lá, as vezes até meio excessivamente, mas tudo bem" - e relatou que o consumo de álcool e maconha era frequente.

> Maconha, assim que eu tive o apartamento um amigo nosso já compareceu, rolava livremente. O Piva e alguns amigos do Piva, mas principalmente o Piva, fizeram amizade com delinquentes, a turma da Praça da República e adjacências. No caso do Piva, como ele foi um notório homossexual, ele arrebanhou um rapaz que era gerente. Além de outras qualificações: ladrão, assaltante e apreciador de poesia, ele era gerente da boca de fumo da Pajé, perto da 25 de março e do mercado. No fim do expediente dele, seis da tarde, ele vinha pro meu apartamento com alguma presença e ficava aquele bando de fissurados esperando ele chegar, então isso se tornou quase que cotidiano por uns dois anos eu diria, ou mais.

Sobre sua relação pessoal com a maconha, Willer diz que "nunca se entusiasmou muito": "maconha em algumas pessoas dá euforia, que são as pessoas que se dão bem. Em mim não, em mim desacelerava, agora, eu já sou desacelerado, já sou tranquilo, então era redundante, eu ficava lento demais", conta. "E experiências por exemplo você tá descendo de uma festa no quarto andar de um prédio e tem impressão que o elevador demorou quarenta minutos pra chegar ao chão não têm graça nenhuma, não me atrai especialmente", complementa, apontando que fumou "uma infinidade de vezes mas nunca me entusiasmou". Sobre cocaína ele disse que havia ocasionalmente "uma presença" desse mesmo traficante que se relacionava com Piva, "só de experimentar", e que outros membros do grupo chegaram a usar com mais intensidade mas também a ele não agradava muito:

“É estimulante só que é corrosivo, você sente seus ossos, seu dente e tal sendo corroídos”.

“Agora o que era livremente vendido em farmácias por um bom tempo eram as anfetaminas, pessoal tomava pra passar a noite estudando”, lembrou Willer, destacando as marcas Pervetin e Dexamil. Contou uma história em que resolveu experimentar Dexamil: “tomei um, gostei, achei tão bom que virei o tubo inteiro. Eu não tinha senso do limite”. Willer relata a aventura posterior e também cita outras drogas com as quais teve contato nessa época:

> Aí o Piva me levou numa palestra e encontramos mais dois amigos, o Celso Paulini, o poeta, e o Silvio de Campos Silva. Eu tinha encanado de escrever um poema sobre o mar, enchi um caderno com aquilo. Fiquei inspirado, não tinha nada de extraordinário. E resolvi que a gente ia ver o mar. Eu não tinha carro, furtei a chave do carro meu pai e descemos a Serra, já era altas da noite e a gente estava em Santos na beira da praia, madrugada. No caminho eu fiquei falando um poema sobre o mar e o Celso Paulini gentilmente anotando tudo, esse tinha uma paciência colossal.
>
> E ele tava sóbrio?
>
> Tava tudo mundo sóbrio, quem tava doidão era eu. Aí um guardinha nos expulsou da praia, a gente subiu a Serra e vimos o nascer do sol do alto da Serra, foi uma das vezes que eu fui direto pra aula. Tinha mais algumas vezes tomar isso e outras coisas, tinha as variantes do éter, o lança perfume era livremente vendido, um remédio pra curar bicho geográfico na base de éter congelante, o quelene, e o próprio éter e tal, que tinha um cheiro insuportável, era socialmente inviável. Além de que tomado regularmente destrói, você fica cardíaco... Milagre eu estar com meu organismo em ordem. Então basicamente foi isso, felizmente eu não me apaguei a nada disso.

Willer afirma que tinha uma relação aberta com as drogas, disposto a experimentar todas e tendo uma “tolerância alta e uma forma física excelente”, mas a única com a qual teve uma relação mais problemática foi com o tabaco, do qual se considera dependente: “eu queria ter essa possibilidade de ser um apreciador não dependente mas é impossível”. Questionei-o também sobre sua relação posterior com os integrantes da contracultura e do movimento hippie, e ele citou alguns personagens:

> Um hippongo mor, o Mário Pironi, que depois abriu qualquer coisa de massagem terapêutica não sei o que, mudou pra Ilha Comprida, o Piva ficou indo la frequentando. Boa parte dos C*iclones* é nesse reduto de pós hipismo do Mário Pironi, então nesse nível hippies e contracultura, claro. Além de amigos que surgiram depois. O tipo contracultural mais completo que eu já vi é o Alberto Marsicano, ele parecia pulado fora de uma tira do Robert Crumb, era um desenho do Crumb ambulante. O Marsicano era o hippie mais completo que eu já vi, agora com uma bela produção intelectual, uma pessoa generosa. Esse sim tomou de tudo né.

Nascido em 1952 e morto em 2013, Alberto Marsicano foi músico, tradutor, filósofo e professor, e ficou conhecido por ser um dos introdutores da cítara indiana no Brasil. Em 2007 ele publicou o livro *Crônicas Marsicanas* (Marsicano, 2007), no qual trata lateralmente da questão das drogas algumas vezes nessas pequenas crônicas, cada uma tematizando uma cidade diferente visitada pelo autor ao redor do planeta. Na escrita em Tânger, no Marrocos, por exemplo, ele fala de mescalina e haxixe; na sobre Hualtla, no México, o assunto passa pelos cogumelos mágicos. Há algumas outras menções também ao uso ritual de ayahuasca.

Em entrevista concedida ao livro-reportagem *Psicodelia brasileira: um mergulho da geração bendita*, Marsicano (Canestreli, Dias e Ridol; 2007, p.214) disse que seu pai era professor catedrático de Medicina na Universidade de São Paulo e diretor do Serviço de Toxicologia do Instituto Médico Legal. "O que isso significa? Ele tinha à sua disposição caixas e caixas de LSD puro", declarou o músico, afirmando que aos 13 anos "tomou uma ampola de LSD 25 puro do laboratório Sandoz", viagem da qual ele disse jamais haver retornado. Em entrevista concedida para este trabalho, como será apresentado na sequência, Raul Fiker também comentou sobre o músico, dizendo que ele era um de seus únicos amigos que seguiram tomando LSD até o final da vida. "Marsicano era estranhíssimo, só andava de branco, não dá para descrever", lembrou Fiker.

Na entrevista que fiz com Cláudio Willer eu não perguntei muita coisa sobre LSD, pois ele havia me mandado anteriormente, por e-mail, um material inédito, nove páginas em documento de texto, sobre suas experiências com a substância. O texto foi escrito em meados dos anos 2000 para um pesquisador do tema, segundo Willer, e começa relatando seu primeiro contato com o ácido lisérgico, conseguido por vias medicinais:

> A primeira vez foi em 1967. Março ou abril de 1967. Ainda não haviam proibido, podia ser ministrado por médicos. Foi no consultório de Jamil Almansur Haddad, médico além de poeta, e Cesário Morei [sic] Hossri, em Higienópolis, Rua Brasílio Machado se não me falha. Serviam o produto puro, do laboratório Sandoz, injetado no músculo do braço. Era em grupo – atendiam grupos de seis, admitidos após uma entrevista. Bernard Belfort, Claudio Weber, Décio Bar, Vera, amiga de Bernard, eu – Maninha também estava, mas não tomou.

O consultório ficava "num daqueles sobrados em Higienópolis" e é descrito como um "lugar bem agradável", com luzes suaves e "música barroca ou renascentista na vitrola". De acordo com Willer, a "intenção era não só ter experiências, mas promover um renascimento, simulando um segundo

parto, uma nova vinda ao mundo" e cada um dos presentes que tomaram a substância tiveram uma reação diferente, "mesmo partilhando, todos, aqueles efeitos de aguçamento da sensibilidade, da percepção". Segue a descrição feita por Willer, que posteriormente conclui apontando não lembrar se naquele período já conhecia os textos de Leary e outros sobre o psicodelismo:

> Acelerados, começamos, Décio e eu, um diálogo impossível – tudo que um dizia, o outro já sabia e respondia antes da frase terminar – ríamos – pena não ter sido gravada essa conversa de frases incompletas, reticências, subentendidos, mistura de percepção rápida e telepatia. Décio fez a experiência de nascer de novo, nele deu certo – eu fiz, ou melhor, Jamil tentou fazer comigo, não funcionou, não regredi e não renasci. Vera, em um canto, chorava e choramingava – perguntaram-lhe se queria que interrompessem (dariam Equanil, suponho, o calmante forte da época), disse que não, quis prosseguir. Bernard, místico, muito ioga, em postura ioga, imperturbável – estava gostando, guardou silêncio total. Claudio Weber, amigo de Bernard, também místico, deslumbrado, falava bem devagar, pausadamente: "Estou vendo através dos corpos opacos... Estou enxergando através dos corpos opacos..." – jamais esquecerei o termo, "corpos opacos" para dizer que enxergava através da parede. Minha alta tolerância – eu era forte, bebia de tudo em grande quantidade, maconha dificilmente pegava – fez que eu convencesse Jamil que era pouco, que devia injetar-me mais. Deu-me a segunda dose – usava pequenas ampolas de líquido como água. A uma dada altura, já devia ser mais de meia noite, cansou-me ficar lá. Convenci Jamil a liberar-me, mesmo com as duas doses na cabeça, ou melhor, no organismo todo. Saí de carro com Maninha. Chovia forte, bem forte, enxurrada de março, ruas alagadas, calçamento coberto pela água. Achei que o automóvel era um iate e que navegava. Segurei o volante do carro pelos lados, com as duas mãos, como se fosse a roda do leme de um barco a motor. Assim dirigi ou naveguei até a Avenida Santo Amaro, no começo, onde havia aquela galeria de lanchonetes de hambúrguer abertas a noite toda– lugar de fim de noite, da madrugada, às vezes íamos lanchar lá. Instalei-me no mezanino da lanchonete de que gostava mais, vazia àquela hora, exceto Maninha e eu. Mandei vir hambúrgueres e cerveja, fome havia batido forte. Exultante, comia, bebia e falava sem parar – curioso, isso não é típico de LSD, mais comum tirar o apetite e especialmente qualquer vontade de comer carne, bebida alcoólica tampouco promove grandes resultados, acho que, sem perceber, queria neutralizar o alucinógeno comendo bastante. Alta madrugada, sosseguei, dei-me por satisfeito. Deixei Maninha em casa, também em Higienópolis, Rua Bahia. Meu caminho para casa passava pelo Vale do Anhangabaú. Foi aí que pegou. Não chovia mais, chão molhado, luzes ainda acesas das lâmpadas nos postes de rua refletindo-se no asfalto – interessante, luzes acesas, já repeti isso em alguns poemas– estava dentro de um aquário luminoso, não conseguia mais sair do Vale. Havia, então, dois contornos possíveis, um no cruzamento com a Avenida São João, sobre a passagem subterrânea (a "boca do Adhemar"), o outro na altura da Praça da Bandeira, começo da Nove de Julho. Maravilhado com a luz, com aquela beleza, dava voltas, ia e voltava, ia e voltava. Rodei, dei voltas desse modo até o amanhecer, até clarear. Felizmente não havia guardas, policiais para quererem saber o que fazia esse maluco rodando no Anhangabaú. Cheguei em casa e, excitado, ainda custei a adormecer.

A segunda experiência não está datada no relato, mas aparenta ter ocorrido pouco tempo depois quando Willer visitou o artista plástico Wesley Duke Lee, a quem "frequentava pouco" mas conhecia por intermédio de um amigo em comum, Regastein Rocha. Willer teria contado o experimento com os médicos Haddad e Hossri para Lee, que, animado, lhe deu uma outra pílula de LSD para que repetisse a viagem – coisa que o poeta fez logo em sequência, em sua casa, mas não se recorda se no mesmo dia. Sob efeito da droga, começou a fazer anotações - "bem coisa de psicólogo, do tempo em que lecionava Psicologia na USP", e "à medida que ia me entusiasmando, que o alucinógeno ia pegando, que ia ficando doidão, a letra se modificava, aumentava, a escrita enchia a linha, não cabia mais, letras enormes, expressões do entusiasmo – o primeiro momento do impacto do LSD".

Willer relata ter escrito nesse momento um poema em prosa "com muitas luzes, cores, cenário barroco, salões de palácios – ao reler esse poema, achei fraco, pura descrição, não tinha imagens, nada de especial, não transmitia o delírio":

> A uma dada altura da noite, cansei de escrever e ouvir música, queria conversar, telefonei para Maninha, não estava, acho que telefonei para mais alguém que também não estava, resolvi sair. Percorri a São Luis e Ipiranga (morava lá perto), não achei ninguém que conhecesse, a cidade me parecia cada vez mais feia, suja, sombria, feias também as pessoas que passavam por mim, aquele pedaço do centro cheio de gente àquela hora: multidão, massas, não queria isso. Culminou, a sessão do desagrado metropolitano, em frente à Galeria Metrópole: eu vi uma perna estacionada entre dois automóveis – aproximei-me, olhei bem para ter certeza de que não era alucinação – sim, era uma perna de manequim, jogada na rua, ocupando o espaço de uma vaga de automóvel. Horrível. Grotesco. Detestei. Nada a fazer senão voltar para casa, nem um pouco satisfeito. Iminência da "bad trip", percebi, de uma daquelas depressões sem saída, ou difíceis de sair dela. Olhei-me no espelho, o espelho grande da porta do armário – um sujeito corpulento, mais alto, mais gordo, mais velho, um ar severo, duas metades do rosto diferentes, em uma delas uma olheira bem funda – o capotão preto que vestia ajudava menos ainda a tornar essa visão mais amena. Ainda conhecia pouco das experiências do duplo em literatura. Mas não me deu pânico nem depressão pesada, apenas desânimo por não haver mais nada de aproveitável para fazer naquela noite. Tinha comprimido para dormir em casa, felizmente – não me lembro mais se Equanil ou alguma outra coisa, tomei. Mesmo assim, demorei para adormecer, amanhecia e não passava o efeito, peguei para ler o que estava mais ao alcance da mão, uma revistinha de Pato Donald – isso sim, foi infernal, fechava os olhos e passava um interminável desenho animado com aqueles patinhos, os sobrinhos, o Donald, o Patinhas, todos correndo, um atrás do outro – absurdo, ridículo. No dia seguinte transei, sexo forte, intenso, algo selvagem – mesmo residual, foi o melhor efeito.

Segundo Willer, esta foi a última vez em que ele tomou ácido sozinho e na cidade: "LSD é forte,

incontrolável, precaução jamais é pouca". A terceira experiência está datada de 1970 e a substância veio em gota no mata borrão, presente ganho de Cláudio Cracóvia, "excêntrico cineasta ou estudante de cinema, magro e sempre vestido de branco, falava baixo, em tom confidencial. Tipo. Sumiu, acho que foi preso, nunca mais soube dele – família o internou?". Naquele ano o acesso à substância era "fácil" segundo Willer, que diz ter escolhido um dia bonito de sol para consumi-la, na casa de um amigo próximo a uma represa. Ele relata algumas sensações corporais e visuais e também uma "bad trip" que teria acometido um de seus amigos, o dono da casa:

> Irco deu trabalho, em pânico por não conseguir parar de estar doidão – dia seguinte, João Callegaro,o cineasta,o levou de carro pela BR, direção de Itapecerica – o bom de São Paulo naquele tempo era que terminava antes, mais fácil chegar ao não-urbano, ao verde – matagais acalmaram Irco – coisa que Cracóvia me deu era anormalmente forte, dessa vez dormi sem dificuldade, mas dei aula no dia seguinte acho que em um tom mais enfático e incisivo que de costume, alunos podem ter estranhado. Encontrei M, tinha tomado do mesmo dois dias antes e ainda estava sob efeito. Havia bombas psicodélicas.

Já no quarto relato a data não é precisa, Willer deixa indicado uma dúvida se foi em 1973 ou 1974, e a localização é a fazenda de um amigo, em Itapira. "Curioso, lembro-me pouco daquela sessão. Quem me deu o ácido? Não faço ideia", escreve. "Sei que subimos o morro, no alto havia sobras de uma antiga mineração de cristal, dava para ver bem longe, dia de sol com tempestades de verão, nuvens carregadas contra o céu azul, iam chegando perto até despencar sobre nós, em plena fazenda, Zé Paulo enfiou-se no barranco, encolheu-se sob o guarda chuva aberto, naquela lonjura levara guarda-chuva". Essa teria sido "a sessão mais musical – escutei nitidamente, pelo ouvido interior, todo o trecho, nota por nota, acorde por acorde, da Walkíria de Wagner, do primeiro ato, as três árias de Sigmund, a de Sieglinde, o diálogo e o final – Von Karajan, Jon Vickers, Gundula Janowitz", com eles tendo colocado caixas de som nas janelas da frente viradas para fora da casa para ouvir música clássica, Pink Floyd e Secos e Molhados, "o que se ouvia naquele 1970 e poucos". "Entrei no mato com Zé Paulo [dono da fazenda], descobri que matagal fechado me dava claustrofobia, preferia lugar aberto. Como disse, sessão que durou menos, talvez ácido mais leve – ainda caminhamos na baixada ao longo da ferrovia, e não houve dificuldade para dormir", finaliza.

A quinta e última experiência já acontece em 1981, e foi feita numa sessão onde também se cheirou cocaína. Na entrevista realizada para esse trabalho, Willer diz que nunca mais experimentou a substância depois disso. Nesse dia ele também negou que as drogas tenham tido participação em sua criação literária e artística: "quisera eu, já pensou tomar um troço e criar poema? A relação é mais complexa", afirmou.

Escrito por Piva, o posfácio do livro *20 poemas com brócoli* (Piva, 2006, p.116) começa com uma citação em que Rimbaud diz que "o poeta faz-se vidente mediante um longo, imenso e sistemático desregramento de todos os sentidos", o que seria sua definição da passagem "da Poesia para a Vidência" e que deveria ser levado em mente na leitura deste livro escrito "frequentando uma sauna do subúrbio". Em um texto de prosa poética publicado na revista *Chiclete com Banana* em 1989 (Piva, 2008, p.187), após dizer que "depois que joguei a obra completa de Marx pela janela, comecei a compreender o Brasil", Piva compara a poesia ao ácido lisérgico, quando diz: "Fora isto o seguinte: Poesia é uma forma de conhecimento que vê através de objetos opacos, como uma viagem de LSD e estados mediúnicos de levitação". "A poesia é a mais fascinante orgia ao alcance do poema", complementa no final do texto.

Já em relação a escrever sobre drogas, as referências são inúmeras e parecem apontar para uma diferença do que Willer afirma quando diz não ver relação entre sua criação poética e o uso de alteradores de consciência. Em Piva as menções são constantes, por exemplo neste poema intitulado "Vertigem":

Eu sou a viagem de ácido
nos barcos da noite
Eu sou o garoto que se masturba
na montanha
Eu sou o tecno pagão
Eu sou o Reich, Ferenczi & Jung
Eu sou o Eterno Retorno
Eu sou o espaço cibernético
Eu sou a floresta virgem
das garotas convulsivas
Eu sou o disco-voador tatuado
Eu sou o garoto e a garota
Casa Grande & Senzala
Eu sou a orgia com o
garoto loiro e sua namorada
de vagina colorida
(ele vestia a calcinha dela
& dançava feito Shiva
no meu corpo)
Eu sou o nômade de Orgônio
Eu sou a Ilha de Veludo

Eu sou a Invenção de Orfeu
Eu sou os olhos pescadores
Eu sou o Tambor do Xamã
(& o Xamã coberto
de peles e andrógino)
Eu sou o beijo de Urânio
de Al Capone
Eu sou uma metralhadora em
estado de graça
Eu sou a pomba-gira do Absoluto

No livro *Ciclones*, publicado pela primeira vez em 1997, também vemos outros exemplos de menções a drogas. É o caso destes três que falam sobre cogumelos, também reunidos no livro *Ciclones*:

teu cu fora da lei
teu pau enfurecido
alegria de anjo
nas estradas
do prazer
língua dos espíritos índios
cogumelos profetizando
anarquia & delírio
boca no meu pé
boca no meu saco
poesia é desatino
abrindo a Noite
no excesso do Dia

(Piva, 2008, p.40)

o cogumelo é calmo
& a natureza insegura
meninos envoltos
em lágrimas & suor
Hermes
na goela
do império dos mortos

(Piva, 2008, p.92)

come o teu cogumelo
no coração do sagrado
fazendo sinais arcaicos
procura entre praias, montanhas
& mangues
a mutação das formas
sonha o mundo num só tempo
o cogumelo mostrará o caminho
só o predestinado fala
a luz lilás do cogumelo
levará ao rio das imagens
Sombras dançam neste Incêndio
(Piva, 2008, p. 111)

Como mencionado anteriormente, além de Cláudio Willer, outro integrante desse grupo, ou geração, com quem pude conversar para essa pesquisa foi Raul Fiker, que me concedeu uma entrevista no dia 1º de outubro de 2015 no apartamento onde vivia sozinho, em Perdizes, capital paulista. Em meio a pilhas e pilhas de livros e alguns jornais, e depois de se definir como "toxicômano e hipocondríaco", o tradutor, poeta e filósofo me contou sua relação com as drogas.

Nascido em 1947, autor de ensaios e de apenas um livro de poemas publicado – *O Equivocrata,* lançado em 1976 e reeditado em 2017 –, Fiker dedicou-se por muitos anos ao ensino de Filosofia na Unesp de Araraquara. Na entrevista, relatou que começou a fumar maconha "muito moleque", com "uns treze ou catorze anos", mas que "meu negócio nunca foi maconha, era anfetamina. Queimava fumo ocasionalmente, coisa de turma e tal". Apesar de dizer que se tornou "viciado" em anfetaminas depois de 1968, ano que passou em Paris, o filósofo tinha uma relação antiga com a substância, uma vez que relata usá-la desde os tempos de estudante do colégio Paes Leme, quando "a gente ia na farmácia e comprava anfetamina, sem receita sem nada, pra estudar pra exame. Passava a noite sem dormir". No entanto, quando dessa volta ao Brasil, no fim da década de 1960, a situação encontrada era outra, com o acesso já dificultado: "Nessa época a anfetamina já era proibida, era coisa de bandido, não era coisa de contracultura. Era coisa de polícia e bandido. Por coisa de anfetamina me misturei muito com polícia e bandido nessa época", relatou.

Fiker conta que comprava anfetaminas de pessoas ligadas à polícia, num hábito praticamente solitário, uma vez que seus amigos mais próximos "detestavam esse negócio de speed freak, era tudo maconheiro. Eles ficavam devagar e eu ficava muito rápido, eles queriam dormir e eu não

deixava". De sua turma ele cita apenas dois amigos – o advogado Celso[39] e a artista plástica Maninha Cavalcante – como parceiros no gosto pelas anfetaminas. "Era nós três. O resto era tudo maconha". Prosseguindo, ele diz que "estava nessa" quando "apareceu o LSD", substância que ele provou pela primeira vez no aniversário da cidade de São Paulo (25 de janeiro) de 1970, em companhia do pintor japonês Tomoshige Kusuno: "Ele tinha um Citroen daqueles antigos, ele tinha todo um equipamento de tomar LSD. A gente ia lá pra Represa de Interlagos, ficava lá, ficava examinando os bichinhos... O LSD te aumenta a percepção né, você fica vendo coisinhas minúsculas assim", afirmou, rindo.

Perguntado se já conhecia a substância antes disso, Fiker disse ter consumido da "primeira remessa que chegou a São Paulo, uns australianos aí que... que o Peticov, o Antonio Peticov, foi conhecendo". Nesse assunto entraremos em detalhe mais adiante, mas aqui cabe citar outra experiência lembrada pelo filósofo e poeta na conversa, acionada por ele a fim de mostrar como era sua relação com o LSD no momento e com as drogas em geral:

> - Era um negócio muito interessante, eu tomei muito ácido. E eu tive uma experiência inclusive que fez ver que eu não era enlouquecível. Porque eu estava uns três dias e noites na base de anfetamina, sem dormir, e isso é mais forte do que ácido, você começa realmente... os conteúdos oníricos que você tem quando você ta dormindo começam a se manifestar na vigília, eles forçam a barra, você começa a ver coisas. Prédios te perseguindo... E nós fomos pra... descemos pro Guarujá, passamos pelo cais do porto pra pegar mais umas bolinhas - essa foi a segunda vez que eu tomei ácido. A primeira vez foi um Califórnia Sunshine, a segunda foi um Purple Haze.
>
> - E vinha em comprimido?
>
> - Vinha em comprimido. Esses dois primeiros vieram em comprimido. Depois tinha Mickey Mouse... papel né. Mas começou comprimido. E a gente passou no cais do porto pra pegar umas bolinhas e na hora que eu tava indo na direção do cara do bar que iria vender, outro cara deu dois tiros. Um na cara, outro no peito. E eu viajando e há três noites sem dormir, eu não entendi nada.

[39] Fiker em outro momento definiu Celso como "o cara mais louco", e como alguém "completamente alucinado". Aqui outro trecho da entrevista:
"- Uma curiosidade que tenho é que hoje em dia se toma ácido baseado muito numa cultura de internet, de...

- Eu nem sei como é, as últimas duas pessoas que eu conhecia que tomavam ácido até o ano retrasado eram o Celso, esse amigo meu que morreu, e o Marsicano, você conheceu o Marsicano? Citarista.

- Sim, sei quem é.

- Marsicano era muito amigo meu, ele morreu também, de asma. Marsicano era um cara estranhíssimo, ele se vestia todo de branco, não dá pra descrever. E era gozado essa dupla, Marsicano e o Celso, porque o Celso era um executivo, era um cara grande, forte, bonitão, parecia com o Alain Delon, andava de terno, era consultor jurídico. Só que pra ele ir trabalhar de manhã ele tomava um ácido, pegava o carro e fingia que tava chegando num outro planeta, aí ele ia lá na fábrica".

> - Você presenciou isso?
>
> - Sim, numa distância de cinco metros. Meu pé ficou chumbado no chão, eu não sabia quem tinha atirado em quem se era comigo.
>
> - E era o cara que ia vendar pra você?
>
> - É! E daí eu consegui entrar no carro que tavam as outras pessoas, nós estávamos em cinco, e fomos pro Guarujá, eu fiquei cego pra cores o dia inteiro esse dia.

Fiker descreve esse período como "uma época muito louca", de muito uso de drogas, que teria durado de 1969 até por volta de 1975 ou 1976. O consumo de LSD teria sido intenso mas só nos primeiros anos da década de 1970, depois permaneceram os usos de anfetamina, até meados dos anos 1970, de cocaína, até os anos 1990, e de álcool, de forma moderada até o momento da entrevista - o uso mais intenso de álcool, aliado a outros problemas pessoais como o fim de um casamento, o levou a uma internação para desintoxicação por oito dias, no início da década de 2010 – depois disso disse ter ficado três anos sem beber nada alcoólico. O uso de LSD foi interrompido depois de "umas viagens muito ruins": "Ácido era droga pra hippie, eu não era hippie. O pessoal que eu andava, que eu transava droga, não tinha nada a ver com hippie, era o Russinho do Esquadrão da Morte, o pessoal da polícia. E muito bandido".

Questionado sobre o contexto em que usava a substância naquele período, e sua relação com ela, Fiker contou ter tido experiências e reflexões marcantes:

> - Ah, geralmente eu e minha namorada a gente tomava ácido pra transar, pra ouvir música, principalmente. Até hoje eu tenho na cabeça uma noite que eu e ela fomos na casa de um amigo nosso depois de tomar ácido e transar, e tava tocando Coltrane. E eu nunca vou esquecer disso, até aquele dia eu não entendia o Coltrane, Coltrane era um barulho pra mim, mas nesse dia codificou completamente o Coltrane pra mim. Eu fiquei louco, louco, até hoje em dia eu não posso passar uma semana sem ouvir o Coltrane. Graças ao ácido, o ácido me deu, entre ouras coisas, o Coltrane. E umas experiências muito interessantes, uma mistura de sonho com realidade... Dispositivos oníricos, segundo o Freud de deslocamento, de condensação e deslocamento, então isso acontecia com ácido. E eu do ácido eu lembro que me falava "porra, é como no Freud".
>
> - Você diz em relação às percepções ou às memórias?
>
> - Percepção. Mas eu nunca vi coisas né, assim tive visões, assim, você só via a realidade ficando mais real, ficava tudo muito seco, real. Não tinha... era.... você via que aquela era a realidade

> oficial. Que essa que a gente vive é a realidade oficial, que existem N realidades. O ácido te mostra de monte realidades paralelas que você pode escolher, você vê a nossa cotidiana como uma delas. Mas sabendo que você não pode se desligar da realidade oficial.

Na entrevista, Raul Fiker relatou ter sido preso três vezes por envolvimento com drogas, nos anos de 1970, 1971 e 1972. Tricampeão. Nas três ocasiões foi mandado ao Carandiru, tendo passado 17 dias na primeira, cerca de 20 na segunda e 40 dias na terceira. Sobre o primeiro caso falaremos depois, por estar envolvido com o processo judicial que detalharemos mais adiante. A prisão de 1971 Fiker conta ter ocorrido em um momento em que "meus pais estavam viajando, estavam na Europa, e minha casa virou uma loucura, a polícia foi lá e eu fui preso de novo". Já a terceira "foi uma puta de uma bobagem":

> - Vieram uns caras e tavam a fim de ampola, de bolinha. Vieram e perguntaram se a gente queria trocar fumo por anfetamina. Não existe essa proposta, tava na cara que era polícia. E aí a gente tinha dois pacotes de fumo e entregamos pra eles, e eles nos prenderam.
>
> - Isso era quando?
>
> - Isso foi setenta e...dois. E como um de nós, o Renato, que depois veio a se suicidar em 78, ele tinha um arsenal em casa. 32 e 20, 22 com mira telescópia, 38 cano curto, 38 cano longo... Os caras na revista acharam que a gente era terrorista. Tanto que a manchete do *Notícias Populares* da época foi "Maconha no aparelho do terror".
>
> - Mas ele tinha armas por quê?
>
> - Ele gostava. Ele era um cara muito agressivo e muito chegado nesse tipo de coisa. Além de ter muito panfleto comunista, que ele era de um movimento trotskista que tinha aí.
>
> - Ele então era de esquerda mas não era guerrilheiro?
>
> - Não, não era. Nós fomos da quarta delegacia pro DEIC, do DEIC fomos pro DOPS, e no DOPS já de manhãzinha enfiaram a gente numa c14 e levaram pro DOI CODI. E lá a gente apanhou bastante.
>
> - E isso mais pela parte de ser de esquerda?
>
> - Sim, política. Mas logo ficou claro e devolveram a gente pra polícia civil. E voltamos pra Quarta Delegacia e fomos pra Casa de Detenção. Dessa vez ficamos 40 dias lá.

Essa prisão foi noticiada pela *Folha de São Paulo*, em 28 de agosto de 1972. Com o título de

"Maconha na Bela Vista: 4 presos", o texto relata:

> Depois de receberem uma denúncia de que os ocupantes do apartamento 1.206 do prédio 182 da rua Dr. Seng, no Bairro da Bela Vista, estavam fazendo tráfico de maconha os agentes do 4º DP ali prenderam, na noite de sábado, quando chegavam em um Corcel, Luís Felipe Barcelos de Macedo, de 18 anos, solteiro; Renato Peirão Leal, 26 anos, solteiro; Pedro de Souza Gonçalves, 23 anos, solteiro; e Raul Fiker, 25 anos, solteiro.
> Como em poder dos quatro fossem encontrados vários pacotes de maconha, os policiais subiram até o apartamento 1.206, onde, além de mais entorpecentes, acharam também armas e farto material subversivo.
> Levados à presença do delegado Adolfo Andrade Rebelo, os quatro confessaram o tráfico de maconha mas negaram-se a dizer a procedência do material gráfico subversivo e das armas apreendidas no apartamento, sendo então encaminhados ao DEOPS.

Como se as histórias do tiro na cara do traficante de anfetaminas e da prisão com o imprudente amigo colecionador de armas e folhetos comunistas não bastassem, Fiker emendou ainda outra história daquelas que depois que acontecem viram engraçadas. Eu queria que ele falasse mais sobre o Carandiru – e ele claramente não queria, como aconteceu com todos os entrevistados que tiveram essa experiência –, e ele observou que "mal começou a década de 70 e não tinha um ano que eu não era preso, 70, 71, 72". "E em 73 a gente quase né...", ele continuou, e pensei "lá vem". E veio:

> - Porque no fim do ano de 73 nós fomos até o Maranhão buscar fumo com uns índios, num fusquinha.
>
> - Bom, já é melhor que pegar com a polícia né.
>
> - É, é! Pegamos a Belém-Brasília e fomos lá com a tribo de guajajaras, que tinha uma estradinha que ia pra Barra do Corda. No caminho do Maranhão pro Piauí. E era na época que tinha guerrilha no Araguaia, e a gente não sabia. Eu perguntei pro chefe lá da tribo, o Celestino, na hora que chegou o fumo, um lençol cheio de fumo...
>
> - E eles que plantavam?
>
> - Eles que plantavam, um fumo vagabundo vagabundo, uma porcaria, palha desgraçada. E eu perguntei: qual a possibilidade da gente ir preso? Ele falou "nenhuma". Aqui eles não prendem, eles pegam num helicóptero, levam pra cima e empurram na selva. Presos vocês não vão! (Risos) Mas chegamos, deu tudo certo, vendemos a palha tudo porque tava uma falta feia em São Paulo e o pessoal tava a fim de qualquer coisa.

Questionado sobre as consequências jurídicas dessas prisões, Fiker diz que, depois delas, se tornou "mais inocente que a maioria das pessoas", uma vez que foi julgado e absolvido nas três vezes, em mais de uma instância inclusive. Quando pedi para que detalhasse um pouco esses casos, ele disse que no primeiro ele não se lembrava da conduta do juiz; que no segundo o juiz era amigo pessoal de seu advogado e que, no terceiro, seus advogados subornaram os policiais envolvidos no caso para que dessem depoimentos contraditórios, o que aconteceu e os levou à absolvição. "Então depois eu nunca mais me meti nisso, daí minha droga era ir pra Araraquara dar aula de filosofia", concluiu.

Durante muitos anos esgotado e aparentemente marcado pela experiência do autor na prisão, o livro *O Equivocrata* foi relançado em setembro de 2017 em uma livraria do centro de São Paulo. Dois meses depois, na antevéspera de Natal, Raul Fiker morreu ao cair no fosso do elevador do mesmo prédio onde me recebeu para a entrevista, em Perdizes, pertinho da PUC-SP. Ele tinha 70 anos e um filho.

***

Drogas e Tropicália

Em seu livro *Brutalidade jardim,* Cristopher Dunn (2009, p.17) define a Tropicália como "um movimento cultural de curta duração, mas de grande impacto, que se consolidou em 1968". Para o autor, este foi "um movimento" apenas no âmbito da música popular, mas se constituiu também como um fenômeno cultural que encontrou expressões no cinema, o teatro, nas artes visuais e na literatura. "O impulso dialógico por trás da Tropicália viria a gerar um extraordinário florescimento da inovação artística durante um período de conflitos políticos e culturais no Brasil", prossegue. De acordo com Dunn, em 1968 os "conflitos culturais" atingiram a "máxima efervescência", em um contexto em que parte da classe média urbana se opunha ao regime militar:

> A Tropicália foi tanto uma crítica desses defeitos quanto uma celebração exuberante, apesar de muitas vezes irônica, da cultura brasileira e suas contínuas permutações. Como o nome sugere, o movimento fazia referência ao clima tropical do Brasil que, ao longo da história, tem sido exaltado por gerar uma exuberante abundância, ou deplorado por impedir o desenvolvimento econômico na linha das sociedades de climas temperados. Os tropicalistas propositadamente evocavam imagens estereotipadas do Brasil como um paraíso tropical só para subvertê-las com referências incisivas à violência política e à miséria social. A justaposição de plenitude tropical e repressão do Estado é mais bem sintetizada/ evidenciada pela expressão que dá título a este livro, "Brutalidade jardim".

Dunn (2009, p.24) relata que a própria história do termo que nomeia o movimento nasceu "do intercâmbio dialógico de ideias entre várias esferas artísticas": ao ouvir uma canção de Caetano Veloso ainda sem título, o cineasta Luis Carlos Barreto teria sugerido ao cantor que a nomeasse com o mesmo nome de uma instalação do artista Hélio Oiticica – apesar de relutar, ele concordou em nomear "Tropicália" essa música que "mais tarde se tornou uma importante canção-manifesto do movimento". O termo passa a nomear o movimento como um todo, apesar de, segundo Dunn, Tropicalismo ter sido utilizado com mais ênfase durante as décadas de 1960 e 1970 e não agradar seus participantes por denotar, a partir do sufixo "ismo", "um programa extensivo, carregado de princípios e de normas", o que não era a ideia.

Essa "receptividade" da Tropicália a outros campos artísticos para além do musical é apontada em outro momento por Dunn (2009, p.96) quando este ressalta dois eventos do ano de 1967 como importantes para a consolidação do movimento: a estreia do filme *Terra em Transe,* dirigido por Glauber Rocha*,* e a produção da peça de teatro *O Rei da Vela*, dirigida por José Celso Martinez Corrêa. Essas duas produções teriam marcado distanciamentos radicais da obra anterior dos dois diretores e sinalizado transformações nos respectivos campos artísticos, anunciando "as crises políticas e existenciais dos artistas e intelectuais da esquerda durante o primeiro período do governo militar, expressando o desencanto com o populismo político e cultural do Partido Comunista Brasileiro, do CPC e dos artistas de protesto pós-golpe". Em seu livro *Verdade tropical,* Caetano Veloso (1997, p.224) afirma que ao assistir a peça de Zé Celso e notar uma convergência de afinidades entre diversas áreas artísticas ele se deu conta do surgimento de um "movimento".

Em um livro sobre vida e obra do poeta teresinense Torquato Neto, Edwar Castelo Branco (2005, p. 56) define a Tropicália como o ponto de convergência de um universo multifacetado que incluiria, além da produção de Gilberto Gil e Caetano Veloso, os *Bólides* e *Parangolés* de Hélio Oiticica, os filmes de Glauber Rocha, a coluna *Geleia Geral* e outros escritos de Torquato Neto, os livros de Wally Salomão, as revistas *Presença*, *Flor do Mal* e *Navilouca*, a literatura de José Agrippino de Paula, "e, enfim, tudo o que foi produzido no final dos anos sessenta como reflexo das inquietações da juventude urbana do período e que testemunharam esta grande complexificação do sublunar, gerando uma crise no âmbito das linguagens prevalecentes e exigindo o desentranhamento de novas linguagens". O "movimento tropicalista", para Branco (2005, p.100) seria na verdade "um universo multifacetado, no interior do qual habitam inúmeras virtualidades" - estas virtualidades, em diferentes níveis de intensidade, teriam sido "capturadas pelo sistema como um movimento uno, condição em que passaram a habitar a opinião pública".

Branco (2005, p.139) critica esse processo de nomeação e delimitação do movimento tropicalista ao chamado "grupo baiano", enfocado sobretudo nas figuras de Caetano Veloso e Gilberto Gil, por ver nesta postura um olhar que "varre para a margem- portanto impede sua interpelação em sujeito" outros nomes que a partir da década de 1960 teriam estado igualmente "empenhados no processo de redefinição e de universalização da arte brasileira". Na visão do autor, o Tropicalismo é múltiplo, tanto do ponto de vista de seus campos de ocorrência, quanto em relação a seus sujeitos, e a "identidade entre as diversas virtualidades tropicalistas não está no modo como estas virtualidades se comunicam esteticamente, mas na unanimidade destes sujeitos em relação à necessidade de desentranhar novas linguagens".

Em entrevista publicada no livro *Primeiro ato*, José Celso Martinez Corrêa (1998, p.126) também discorda de uma visão generalizante e unitária do movimento, ao afirmar que "o tropicalismo nunca existiu. O que existiu foram rupturas em várias frentes. E essa que chamaram de tropicalismo foi uma pequena manifestação dessas rupturas na área cultural. Uma nesga". "Meu corpo se mexia por todos os movimentos inspiradores do corpo social de 68. Esses movimentos, corpos celestes em transação, mexiam com tudo. E eles me pegaram no meu espaço, o espaço do teatro" concluiu.

É também a posição de Frederico Coelho (2010), que em seu livro *Confesso minha culpa e meu pecado: cultura marginal no Brasil nas décadas de 1960 e 1970* diferencia o que ele chama de "tropicalismo musical" de "tropicália", e que incluiria artistas para além do campo musical, como Helio Oiticica, Lygia Clark, Glauber Rocha, Rogério Sganzerla, José Agrippino de Paula, Waly Salomão, etc. O autor observa que nesse período se fortaleceu entre esse campo uma posição de "automarginalização" como posição estética, dentro da qual o uso de drogas era um elemento a ser destacado, um "comportamento social e criativo cuja representação central era a ideia de marginalidade": "banditismo, armas, drogas, favelas, malandros, homossexuais, prostitutas e escolas de samba formavam uma espécie de arcabouço mítico-discursivo para vários trabalhos e intervenções ditos marginais" (Coelho, 2010, p.179).

Por outro lado, essa visão mais restrita da Tropicália, vista primordialmente como um movimento musical que orbitava em torno das figuras de Caetano Veloso e Gilberto Gil não é só de Dunn, sendo exposta também, por exemplo, por Antonio Risério em seu posfácio ao livro *Expresso 2222,* de Gilberto Gil (1982, p.260). Intitulado "Gil Bragil uma apreciação didática", o texto narra assim o surgimento do movimento:

> Caetano e Gil, dois jovens criados no esquerdismo universitário, se rebelaram contra a estreiteza cultural e o espirt de serieux desse ambiente. Acharam que o Universo era mais interessante que a universidade. Daí nasceu o Tropicalismo. Universalista e popular, o Tropicalismo partiu para a jogada de massa, encarando criticamente os sonhos, medos, feridas e fraturas de um país trancado pelo golpe militar de 64 e retrancado pela multinacionalização do capitalismo, na qual nos integramos como fatia cobiçada de um bolo repartido lá fora. Ao assumir, sem inibições estéticas ou ideológicas, o "caos" sociocultural do país, a Tropicália, na definição perfeita de Gil, abastardou o banquete da cultura brasileira. Neste sentido, Gil e Caetano se sentaram à mesa da casa-grande como presenças incômodas, sujas do barro das senzalas. Por esse caminho puderam enfim encarar, em sua inteireza e profundidade, itens anátemas para a vasta maioria da intelectualidade.

Na visão do escritor, músico e desenhista Rogério Duarte (2003, p.137), "a essência do Tropicalismo era um desejo amoroso de modernidade para o Brasil. Era todo um ponto de vista que estava, e continua, reprimido e que naquele momento histórico a gente pode veicular". Ele define o momento como "de êxtase, de criatividade real" e como o "mais moderno do Brasil no sentido de que ele era um movimento ligado a uma civilização contemporânea e de massas, sem ranços, sem compromissos ou peias ideológicas com facções de esquerda ou de direita". No entanto, em entrevista concedida a Darlan Matos em 2002 (Duarte, 2003, p.151) ele apresenta uma visão menos otimista sobre o movimento e seu desenvolvimento:

> Mas quanto a isto que você falou, logo que você falou me lembrei de um verso de Torquato Neto que diz: "Eu tenho um beijo preso na garganta", numa das canções do próprio tropicalismo. Mas nós vemos que o tropicalismo enquanto tentativa subversiva e transformadora, ele foi completamente esmagado, ele foi realmente esmagado. Seus grandes representantes e heróis foram todos destruídos, foram mortos, por uma ou por outra, talvez suicidados, uma vez que sei lá... sua própria maldição não lhes permitiu consolidar uma vitória histórica. No caso do Hélio Oiticica, que morre praticamente devido a.. não sei se overdose, mas uma consequência do universo da cocaína de uma maneira... ele se torna um devoto da cocaína, no fim da vida. Torquato Neto – alcoolismo, seja o que for... mas... e uma outra coisa que era, digamos assim, mais voltada para consumo, para adaptação do establishment a novos conteúdos. Então vence um tropicalismo, de certa maneira, desprovido de suas implicações mais subversivas.

Já o escritor e músico Jorge Mautner[40] (2002, p.222), em seu livro *Panfletos da Nova Era*, publicado em 1980, define o Tropicalismo como "a síntese que propunha como passo seguinte (o de nossos dias, e acertou na profecia, e acertou por ser um movimento autêntico) a descentralização posterior, a sua própria, a de todos os outros, e a chegada de Aquarius, ou Apocalipse, ou Admirável

[40] Em livro organizado por Cyntrão (2000, p.107), Jorge Mautner relata que, "bondosamente", Caetano Veloso e Gilberto Gil o teriam apelidado de "pai" do Tropicalismo. Já Coelho (2010, p. 248) qualifica-o junto com Luiz Carlos Maciel como "os maiores propagadores da contracultura na época".

Mundo Novo, ou maracatu-atômico, ou etc. etc", falando também na tropicália como "junção de dois movimentos precedentes": a Jovem Guarda e a Bossa Nova, "aforamento da ideia Osvaldiana como práxis popular. Transformando o próprio antropofagismo". Em uma de suas colunas no jornal *Última Hora*, escrita em 1971, o poeta Torquato Neto (1982, p.291) definiu a Tropicália não como liberal mas como "libertina": "a anti-fórmula super-abrangente: o tropicalismo está morto, viva a tropicália. todas as propostas serão aceitas, menos as conformistas. (seja marginal). todo os papos, menos os repressivos (seja herói). e a voz de ouro do brasil canta para você".

Em seu relato do período, Dunn (2009, p.185) afirma que inicialmente a Tropicália foi interpretada como "uma adoção irônica do kisch e do mau gosto na cultura brasileira", por conta da utilização de "materiais anacrônicos" nas canções, como os estilos melodramáticos anteriores à bossa nova. As autoridades neste momento teriam se mantido indiferentes às atividades do movimento, apesar de "alarmadas" com as apresentações televisionadas e pelos eventos do grupo, nos quais uma postura se estabelecia uma postura de contestação, principalmente corporalmente. "Mais para o final do movimento", continua Dunn, "os tropicalistas também começaram a adotar os movimentos internacionais de contracultura, uma postura que acelerou ainda mais o exílio de Gil e Caetano em 1969".

Para o autor, no início de 1970 a experiência tropicalista representava o principal ponto de referência para jovens de classe média urbana que se identificavam com a "incipiente contracultura no Brasil", uma visão que é compartilhada por Antonio Risério (Gil, 1982, p. 262) quando ele aponta que "o Tropicalismo vem se instalar exatamente aqui neste espaço de ruptura, mas para ampliar o racha numa escala quantitativamente inédita, rompendo estradas que seriam andarilhadas pela Contracultura".

> Apesar de criticados por não articular uma oposição coletiva ao governo militar, os artistas e defensores da contracultura propunham novos discursos e práticas que visavam resistir ao controle social autoritário. Mais tarde naquela década, as práticas contraculturais brasileiras assumiram outras formas, convergindo, em alguns casos, com novos movimentos sociais e culturais. Gil e Caetano mantiveram um diálogo particularmente produtivo com as contraculturas musicais afro-brasileiras, que se tornaram a principal fonte de inspiração cultural e política nos anos seguintes à experiência tropicalista. (Dunn, 2009, p.188)

"O tropicalismo revaloriza a necessidade de revolucionar o corpo e o comportamento", destacou a poeta Ana Cristina Cesar (1993, p.124) em artigo escrito em 1979 – no qual ela qualifica o movimento como "a expressão de uma crise," como "uma opção estética que inclui um projeto de

vida, em que o comportamento passa a ser elemento crítico, subvertendo a ordem mesma do cotidiano e marcando os traços que vão influenciar de maneira decisiva as tendências literárias marginais". Para ela, as preocupações com o corpo, o erotismo, as drogas e com "a subversão de valores" surgiam como demonstração da insatisfação com um momento em que a permanência do regime militar promovia "a inquietação, a dúvida e a crise da intelectualidade".

Prosseguindo, a poeta (Cesar, 1993, p.126) aponta que a "contracultura, as drogas, o desbunde e mesmo a psicanálise vão ser articulados, enquanto traços de um comportamento desviante, a um progressivo desinteresse pela política", salientando também que "o uso de tóxicos, a bissexualidade, o comportamento 'exótico' são vividos e sentidos como gestos perigosos, ilegais e portanto assumidos como contestação de caráter político". É o que Branco (2005, p.71) chama de politização do cotidiano, uma busca pela sobreposição da arte e da existência e por "romper com as conexões binárias que pensariam o homem estético e o homem político como instâncias impossíveis em um mesmo plano":

> Os anos sessenta, então, assistirão ao surgimento de um novo modo de vida – subterrâneo ou underground, como se dizia no período – cujo centro será a filosofia do drop out. Cair fora é a palavra de ordem de vastos setores da juventude nos anos sessenta: escapar das identidades, andando na contramão do progresso e fazendo um retorno à natureza. Um retorno que se fazia não exatamente no sentido de sair das cidades, mas, antes, no sentido de redefinir a pólis e, portanto, aquilo que é próprio dela – a política. (Branco, 2005, p.73)

Em um debate realizado na Universidade de Brasília (UnB) em 1997, posteriormente organizado em livro (Cyntrão, 2000, p.180), Fernando Gabeira relaciona explicitamente os tropicalistas com a contracultura, identificada como sendo o movimento hippie brasileiro:

> Eu diria que, ao mesmo tempo em que o Tropicalismo significava um mergulho no Brasil, talvez rompesse um pouco com a visão europeia, e já estava trazendo alguns elementos da própria perspectiva hippie. O Tropicalismo foi talvez o precursor, ou o preparador da entrada de uma concepção hippie no Brasil. Tanto que no momento do desbunde, que já é no fim dos 60, princípio dos 70, o Tropicalismo passa a ser também um elemento de inspiração para aquelas pessoas que iam para as praças, que tentavam viver o movimento hippie um pouco já com atraso, mas um momento importante no Brasil porque era uma tentativa de escapar daquela dicotomia: ou encareta ou vai para a luta armada.

Mesmo com a dificuldade de delimitação de quem efetivamente compunha o movimento tropicalista, é possível afirmar que seus componentes tinham, em maior ou menos medida e grau de

explicitação pública, grande simpatia pela defesa das liberdades individuais e comportamentais, inclusive no que diz respeito à sexualidade e uso de drogas. Apesar do movimento ter se desarticulado com o exílio de suas principais figuras no final da década de 1960, deixando de existir ao menos para público e imprensa, é dos anos 1970 o episódio mais famoso no que diz respeito a essa relação entre drogas e tropicalistas, por conta da repercussão, das reações e do debate que gerou: a prisão de Gilberto Gil por posse de maconha durante uma turnê do grupo Doces Bárbaros, formado por ele, Caetano, Maria Bethânia e Gal Costa, em Florianópolis, no ano de 1976.

No livro *Expresso 2222*, coletâneas de artigos e textos de e sobre Gilberto Gil organizada por Antônio Risério, há alguns interessantes materiais sobre o tema, por exemplo os textos de João Santana Filho[41], creditado também com o apelido de "Patinhas", que sob o título de "Gil: o fumo não é Deus nem o Diabo" relatam a ida do autor a uma clínica psiquiátrica localizada a 11 quilômetros de Florianópolis, para a qual Gil e o baterista dos Doces Bárbaros, Chiquinho Azevedo, foram "recolhidos" após serem presos e julgados pela posse de pequena quantidade de maconha em um quarto de hotel. O texto cita o delegado Elói Azevedo, que relatou as circunstâncias da prisão: "Quando eu entrei nos quartos de Gil e Caetano eu não tinha certeza absoluta que encontraria drogas. Eu tinha suspeitas, e um amigo meu, advogado aqui em Florianópolis, que tinha visto o show deles em Curitiba, me disse que os músicos pareciam que tavam tocando dopados, meio lunáticos no palco. Então resolvi dar uma batida no hotel... Antes eu já tinha feito uma campana".

Cita também (Gil, 1982, p. 133) um trecho da sentença do juiz do caso, Ernâni Palma Vieira:

> Após a sua prisão e entre suas primeiras declarações feitas à imprensa, Gilberto Gil declarou que "gostava de maconha" e que seu uso não lhe fazia e nem lhe levava a fazer o mal. Em juízo, Gilberto Gil declarou que o uso da maconha "o auxiliava sensivelmente na introspecção mística".
> Em que pese a espontaneidade dessas afirmações elas discrepam frontalmente da opinião abalizada dos estudiosos do assunto, psiquiatras, psicólogos, professores, juristas, legisladores, ciando nessa oportunidade apenas para ilustrar o professor e jurista Vicente Grego Filho e Edevaldo Alves da Silva e os juízes de Direito Menna Barreto e Helio Sodré. Assim, as palavras primeiras de Gilberto Gil podem ter a mesma ressonância rítmica e poética de "Refazenda", o abacateiro, mas não encontram a ressonância na ciência e experiência humana. Apesar disso, não se pode afirmar que Gilberto Gil, uma das lídimas expressões da música popular brasileira, inconteste ídolo da

[41] Jornalista e publicitário, João Santana ganharia as manchetes dos cadernos de política no Brasil ao coordenar o marketing das campanhas presidenciais vitoriosas de Lula, em 2006, e Dilma Rousseff, em 2010 e 2014. Já nos cadernos de prisão apareceu principalmente após ser preso em 2016, no âmbito da Operação Lava Jato, sob acusação de Caixa 2 e corrupção, posteriormente articulando delação premiada homologada pelo Supremo Tribunal Federal no ano seguinte. Em fevereiro de 2018, foi condenado pelo juiz Sérgio Moro, juntamente com sua esposa, Mônica Moura, a oito anos e quatro meses de prisão acusado de receber 4,5 milhões de dólares em contas na Suíça.

> juventude seja o apologista inconsciente do uso de drogas. Pelos rápidos contatos que tivemos nesses dias, pela lucidez da inteligência e apreciável cultura depois de affaire, pela medicação e tratamento a que está sendo submetido, com a mesma sinceridade com que se manifestou pelo uso de maconha, possa vir, no futuro próximo, dizer ao seu imenso público e aos seus fãs que efetivamente estava equivocado e que não precisa de drogas para concretizar um encontro consigo mesmo e com a sua realização artística.

Para o autor do artigo, uma "reflexão maior" poderia ser feita a partir de um questionamento trazido por Gil neste momento: "O problema das drogas é uma coisa que foi discutida em níveis profundos no mundo inteiro. Por que não no Brasil? Por que manter esse obscurantismo, esse medo da modernidade, esse medo da atualidade, esse medo de estar hoje no mundo?".Relatando sua visita à clínica, Santana Filho conta que ele e Gil conversaram sobre um telejornal que, depois de entrevistar Caetano e Bethânia sobre o caso, teria exibido uma extensa reportagem sobre as plantações de papoula da Turquia. "É o incrível e absoluto relativismo: o que aqui é crime, lá é fonte de vida para milhares de pobres agricultores. Gil, como disse Caetano no mesmo programa, 'uma das melhores pessoas, uma das pessoas mais lúcidas do Brasil'. Ali, recolhido num sanatório".

O artigo prossegue então ao estilo entrevista, transcrevendo o que Gil e Santana Filho conversaram naquela visita. Especificamente sobre a maconha, o cantor afirmou:

> Fumar maconha nunca me fez mal em termos absolutos, em termos do que se pode julgar como mal, e nunca me levou a fazer mal. Isso é o que eu posso testemunhar como experimentador da coisa. Como homem que fez e faz a experiência de fumar. O juiz fez questão de iniciar a decisão dele, o discurso dele, com essa citação minha. Eu tenha a impressão de que ele captou exatamente como eu vejo. Assim, como uma declaração que estabelecia de pronto e sinteticamente o sentimento genérico que eu tenho em relação ao fato de estar envolvido com isso. De ter sido obrigado a manifestar publicamente o meu envolvimento. Outra frase que eu disse é corriqueira, vulgar, mas é que é típica no caso: "Há males que vêm pra bem". A mim não cabia, não podia em nenhum momento me resguardar na minha individualidade, em vista da responsabilidade diante do fato.

Ele afirma que quando foi preso pensou que era possível "tentar escapar da responsabilidade através de vários procedimentos", possibilidade que sempre existiria mesmo "para pessoas muito menos importantes no sentido sócio-cultural do que eu". "Eu podia ter tentado não assumir. Eu podia ter tentando fugir da situação mas achei que não era hora de fugir. Eu achei que já era hora de que alguém assumisse isso", afirmou Gil, complementando que "era preciso que houvesse uma possibilidade de esclarecimento, que alguém tivesse, não é coragem bastante, mas que alguém

tivesse sossego, tranquilidade, correção bastante para assumir, para dizer às pessoas o que é que acontece". Assim sua opção por sustentar e defender o uso de uma substância ilícita, em um contexto ditatorial, é vista por Gil como uma necessidade ética e política, como uma tomada de posição necessária a ele como usuário e como figura pública. O artista prossegue relatando os questionamentos que recebeu no momento de sua prisão, e novamente propondo a abertura de um debate sobre as políticas de drogas do Brasil naquele momento, à luz inclusive de supostas mudanças internacionais na época:

> Ele perguntou se eu usava outras drogas. Eu disse que não porque eu não uso. Ele perguntou se eu já tinha usado LSD, se eu tinha LSD. Eu disse que não tinha, mas que já tinha tomado na Inglaterra, no tempo que vivi lá. O que era verdade, porque não tem sentindo nenhum negar isso, você tá entendendo? Eu acho que é importante, é uma coisa que foi culturalmente discutida a níveis profundos no mundo inteiro. Por que não no Brasil? Por que manter esse obscurantismo todo, esse medo da modernidade, esse medo da atualidade, esse medo de estar no mundo de hoje? Havia a oportunidade naquele momento de dizer, de mostrar ao povo que a gente está vivendo no mundo de hoje, com toda a fenomenologia do mundo de hoje, e que eu, como qualquer outra pessoa, naquela hora eu estava sendo exposto.

A entrevista aborda então a relação que o artista tem com a maconha, quando ele afirma que, depois ter experimentado a planta e passado a "fazer uso dela", teve "possibilidades realmente, digamos assim, de aparar certas arestas que eu mesmo encontrava no meu ser, na minha personalidade. Tive oportunidade de enfrentar o medo do mundo e o medo da vida. Ou seja, tornou-se um aliado meu". "Quer dizer, me deu condições de ver melhor certas coisas, de me colocar melhor diante da complexidade do mundo de hoje. Então eu não posso ficar mentindo, não tem sentindo eu ficar dizendo, por causa das crianças ou por causa de não sei o quê, que é um mal e não sei o quê", continuou. Ele relatou ter conversado com muitos médicos depois de sua prisão e ter chegado a um "consenso" sobre a maconha: "ela pode ser boa e ela pode ser má".

> Há pessoas que podem tomar café e há pessoas que não podem tomar café. Há pessoas que podem comer carne e pessoas que não podem comer carne. Há pessoas que podem jejuar, passar dez dias sem comer, e há pessoas que não podem. Então, há pessoas para quem certas coisas, as mais corriqueiras e simples, podem proporcionar perturbações mentais, perturbações da personalidade e da alma, do comportamento.
>
> O que falta na verdade é isso. A Lei por ser medular, por fazer um corte, ela perde a possibilidade de apreciação individual de cada caso. Ela desconsidera o fato de que cada indivíduo é um todo particular e indivisível e único, com características próprias, e que portanto a sua relação com a natureza se dá de forma diferente pra cada um.
>
> Quer dizer, um pode chupar manga e outro não pode. Um chupa manga e não tem nada, outro

> chupa e tem urticária, se intoxica. Então eu acho que a maconha é a mesma coisa, qualquer coisa é a mesma coisa. Eu não posso mentir, eu não posso dizer que é diferente.

Gil prossegue dizendo que, a partir disso, não poderia assumir uma posição "apologética na maldição do fumo" e nem uma "apologética da divindade do fumo": "Pra mim o fumo não é deus nem o diabo. Pra mim é uma planta da natureza que nasce e cresce. Eu nunca vi a terra nem o sol se negar a fazer a semente do cânhamo medrar. Se o cânhamo fosse uma planta maldita, eu não acredito que a natureza fizesse com que ela brotasse. A cobra morde e mata e nem por isso é um bicho maldito", resumiu, complementando que como ele haveria milhares de pessoas vivenciando a mesma situação, "que apesar de fumarem maconha, ou talvez exatamente por fumarem maconha, têm conseguido uma realização pessoal, e como resultado dessa realização pessoal um resultado nitidamente social". O entrevistador questiona o cantor então se haveria naquele momento condições históricas para a sociedade reformular os conceitos que tem sobre drogas e sobre a maconha especificamente. Gil (1982, p.147) respondeu:

> Condições históricas? Eu acho que há a urgência, a necessidade, sob o perigo de que se perca a substância mais atraente da época de hoje. Quando eu falo a substância é justamente esta necessidade, não a necessidade de possuir drogas, mas a necessidade que leva a estas respostas que o mundo de hoje precisa. Esta sede, esta ânsia de informação. Então, condições históricas? Aí entra o quadro do poder, quer dizer esta coisa político-social, econômica, o papel da consciência do papel que a nação queria, busque, ou pense dever representar nos próximos tempos, agora em relação ao mundo. Vai muito dessa coisa, índole do Brasil no caso, que é o que a gente tá discutindo, depende de que tipo de consciência nova se queira dar ao povo. Se as conquistas liberalizantes, o eco das conquistas liberalizantes de todos os lugares do mundo, se este eco deve provocar uma reação de reforços ainda mais forte no Brasil ou se há um retraimento, um acanhamento, quer dizer, se o Brasil está realmente pronto a assumir uma grandeza internacional no sentido até de uma originalidade mesmo, de constituição de um Estado moderno.

O cantor afirma então que a "liberalização" da maconha seria positiva inclusive no sentido de diminuir o "problema ideológico da utilização da droga como uma arma de contestação e quase que puramente, unicamente isso", uma vez que em sua opinião existiria um "entusiasmo inicial das pessoas que começam a fumar" e isso levaria, necessariamente, "a um exagero. A postura quase que ideológica, uma postura política. Fumar no sentido de contestar uma série de coisas e adotar uma posição ideológica, como se o fumo e a difusão do hábito do fumo fosse a medida necessária, fosse o sentido ideológico da ação. Eu não concordo com isso. A mim isso não interessa".

No livro *Alegria, Alegria*, organizado por Waly Salomão, há um texto de Caetano Veloso (1977, p.213) em que ele comenta esse episódio da prisão de Gil. Primeiramente afirma que ele e seus

companheiros de banda saíram “por aí sem intenção de criar ou resolver problemas, esmiuçar problemas ou aguçar provocações”, e depois diz que a turnê só incluiu Florianópolis no roteiro dos shows por insistência dele e de Gil, uma vez que a produção considerava a cidade pequena demais e portanto com pouca possibilidade de lucro e visibilidade. “Quando os policiais interromperam o nosso sono e a nossa alegria, eu disse a Gal 'Parece que ter vindo a Florianópolis foi um gesto livre demais e isso subiu à cabeça do delegado'”, escreve, prosseguindo com o relato sucinto, e com tom diferente do de seu companheiro detido:

> A polícia entrou no apartamento de Gal Costa, Maria Bethânia, Lea Milton, Eunice Oliveira, Maria Pia de Araújo, Guilherme Araújo, Chiquinho Azevedo, Djalma Correia, Arnaldo Brandão, Perinho Santana, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tuzé Abreu, Mauro Genise, Toás Importa, Daniel, e, ainda, nos dos técnicos de som e de luz, alegando ter recebido uma denúncia de Curitiba. Contra quem, contra todos esses nomes? Eles conseguiram levar Gil e Chiquinho. Nós não saímos para discutir as leis nem a moral. Nem a religião, nem a política, nem a estética. Nós não saímos para discutir. E não discutiremos. Mas saímos com uma imensa carga de luz de vida, com amor no coração. É muito difícil alguém chegar a poder dizer isto, mas eu digo que nós somos um grupo de gente que saiu por aí trabalhando pelo Bem. E quem quer que – na polícia, na imprensa, no inferno – queira nos atacar ou nos atrapalhar, estará trabalhando para o Mal.

No mesmo livro, há um texto de junho de 1972, apresentado na coletânea com o título de “Verbo encantado”, no qual Caetano Veloso (1977, p.89) diz que o movimento tropicalista “jamais tratou do assunto” das drogas e que ele tem passado todos esses anos “sem um charo”, o que teria decepcionado a “todos”:

> A adesão dos filhos de família ao hábito de fumar maconha, tomar LSD ou qualquer outra droga. (O tropicalismo jamais tratou do assunto. Eu jamais tratei do assunto. Apesar de, na época, a imprensa falada e escrita ter feito todo o esforço para identificar o nosso trabalho com esse tipo de coisa. Lembro-me de ter visto alguns desses imbecis que andam na televisão tentando provar por A + B que na letra de Alegria, Alegria eu estava querendo me referir a drogas. Era de morrer de rir. Que malabarismos lógicos foram precisos! É que a imprensa é quem necessita de recorrer a essas coisas para ir sobrevivendo. A imprensa toda sabia que excitação causava sugerir que, como na Inglaterra dos Beatles e nos Estados Unidos de Bob Dylan, os jovens músicos do Brasil também tomavam drogas terríveis. Para a perene decepção de todos (todos, sem exceção), eu venho atravessando todos esses anos sem um charo. E tenho horror a porre de lança-perfume, anestesia de dentista, bolinha e bebedeira.)

Em sua autobiografia *Verdade Tropical,* o cantor afirmou (Veloso, 1997 p.451) afirma que “não era um desbundado”: “não tomava drogas, mantinha algum conforto burguês para minha família com os proventos do meu trabalho de música, amava o essencial da cultura do Ocidente. Rogério tinha

inventado um apelido para mim que me agradava: Caretano". Aparentemente Caetano Veloso segue não querendo falar sobre o tema até os dias atuais, uma vez que negou, através de sua assessoria, o pedido de entrevista para este trabalho.

Em seu livro *Tropicaos,* Rogério Duarte (2005, p.72) tem uma visão mais no meio termo entre a disposição de debater e transformar as leis expressa por Gilberto Gil e a não disposição de falar demonstrada por Caetano, falando de seu primeiro baseado com nostalgia e bons sentimentos mas também identificando o uso de drogas com o "instinto de morte":

> O primeiro baseado que fumei foi tão maravilhoso quanto o primeiro amor. Por eles tive acesso ao paraíso, à plenitude original. Retornar à inércia do cotidiano depois de vislumbrar o Éden foi a minha primeira grande dor. Talvez semelhante à experiência de ser expelido do ventre materno. Desejo de retornar é talvez o motivo mais profundo de toda a nossa busca de embriaguez. Mas atualmente estou quase certo de que o nascimento e a morte são as verdadeiras portas de saída e entrada no Paraíso (ou Nirvana). O instinto de morte é o que nos leva à embriaguez. O desejo do Nirvana. Mas o nascimento e a morte fazem parte do ciclo da existência. Eles não devem ser provocados artificialmente, é preciso cumprir a lei cíclica passar pelos quatro estágios (artha, dharma, kama, moksha) antes de atingir a liberação. Esgotar o campo do possível, viver completamente antes de entregar o corpo ao chão.

Em sua coluna *Geleia Geral,* o poeta Torquato Neto comentava diariamente assuntos culturais do início dos anos 1970, com grande atenção para os artistas tropicalistas. Na edição de 18 de outubro de 1971 há um subitem intitulado "Gal é ligada?" no qual vemos tanto a influência das temáticas e até terminologias estadunidenses (onde se falava muito em "turn on", em se ligar) quanto o uso que se fazia da palavra tropicalista, até como xingamento. "Muito interessante a fúria com que as pessoas atestam (por prazer?) sua burrice crônica: os idiotas do lado frio resolveram "derrubar" o show de Gal Costa no Teatrão. Imaginem!", inicia o texto, que prossegue: "Logo de cara atacam o público que está pintando firme por lá: é de tropicalista para baixo. Ainda não perceberam, crianças? Tropicalistas são vocês. Tropicália é aqui mesmo etc". "O público de Gal é jovem, bonito e ligado. Gal é jovem, bonita e ligada, como seu público. É isso que dói, não é, feiúras?", conclui Torquato Neto (1982, p.116).

"Dunas da Gal", "dunas do barato"[42], "píer de Ipanema". Como apresentado anteriormente no depoimento de Luiz Carlos Maciel, estes nomes denominavam um trecho da praia de Ipanema, em frente a onde ficava o Hotel Sol de Ipanema – posteriormente, com o fechamento do hotel, o local

[42] Segundo Diniz (2017, p. 59), teria sido o poeta Waly Salomão o responsável pelo batismo do local com estes nomes.

passou a ser conhecido como "Posto 9". Mais do que um pedaço da praia, "as dunas" eram um ponto de encontro contracultural. E, como não poderia deixar de ser, um ponto de consumo de drogas – principalmente maconha e LSD – e conversas sobre essa temática. Em texto disponível no site de Gal Costa, o jornalista José Simão (2005) diz que passava ali todas as manhãs para "fazer a cabeça", e atribui à cantora a iniciativa da formação das "dunas", "o auge da contracultura":

> Acho que tudo começou num dia de sol, quando Gal saiu de sua casa na Farme de Amoedo em direção à praia e resolveu estender sua toalha e sua plástica bem em cima de um monte de areia, uma duna, ao lado do píer de Ipanema. Pronto. A crème de la creme da lisergia tropical se apinhou a sua volta, fervendo, a festa já preparada, estava lançado o point mais badalado dos anos 70, o auge da contracultura: as dunas da Gal ou as dunas do barato ou, para os mais íntimos, o morro da Gal. (…) O caso é que, onde Gal ia, todo mundo ia atrás. Gal era quieta. Mas sua presença acionava o motor. Ou melhor, o rotor. Porque o babado era quente. Não era só o sol que se escancarava. Tudo ali se escancarava. As cores, as pessoas, as fofocas, os namoros, e as comportas do comportamento, escancaradas.

No livro *Areias escaldantes: inventário de uma praia*, a jornalista e atriz Scarlet Moon de Chevalier[43] (1999, p.17) relata que o emissário submarino começou a ser construído em 1970, no meio do quarteirão entre as ruas Montenegro e Farme de Amoedo. "Para transportar a tubulação foi construído um píer e essa construção deu nome ao trecho da praia que virou lenda":

> Mais uma vez, foram os surfistas que fizeram o point. O píer fazia com que as ondas quebrassem legal, deslizassem maneiras para a prática do surf. Atrás dos surfistas vieram as cocotinhas a fim de namorá-los. E mais alguns dissidentes, descontentes com o clima "sorumba" reinante na Montenegro, e outras pessoas jovens, com cabeças diferentes, que pretendiam mudar o mundo com armas diversas das utilizadas pelos que optaram pela guerrilha.

Chevalier (1999, p.18) descreve os frequentadores deste trecho da praia como fãs de Beatles, Rolling Stones, Cream, Jimi Hendrix, Caetano Veloso, Gilberto Gil e The Who. "Todos querendo seu lugar ao sol". As escavações retiravam areia do fundo do mar para instalar a estrutura que sustentava o píer, e ao se acumular em volta da construção essa areia formava as tais dunas que, segundo a jornalista, duraram três anos – três verões. O píer começou a ser desmontado em 1974.

> A ditadura continuava brabérrima. Mas naquele pedaço à beira-mar, as pessoas viviam um clima democrático. Respirava-se, ou tentava-se respirar, livremente. Ali você podia encontrar pessoas

[43] Scarlet Moon de Chevalier morreu no Rio de Janeiro, em 2013, aos 62 anos, após lutar contra uma doença degenerativa. Além de atriz, era colunista social do jornal *O Globo*. Foi casada com o cantor Lulu Santos por 28 anos, e Rita Lee lhe dedicou a música "Scarlet Moon" - também é citada na música "Língua", de Caetano Veloso.

> bonitas, livres, leves e soltas. Ali era proibido proibir. Ao contrário do clima fossa cultuado na Montenegro, a ode à alegria era o desejo da moçada. O sufoco do mundo exterior já era muito grande. Naquelas areias as antenas estavam voltadas para a paz e o amor. Tudo era muito intenso e a "rapeize" estava a fim de escancarar as portas e janelas da percepção.

Patrícia Marcondes de Barros (2007, p.166) narra as "Dunas do Barato" como cenário de "acontecimentos inusitados", um ponto de encontro dos "desbundados". Segundo a pesquisadora, tratava-se na maior parte de jovens provenientes da Zona Sul carioca, "ou seja, burgueses", mas havia também aqueles "que vinham de alas menos favorecidas". "Cada local do pier era dividido entre várias tribos: gays, surfistas e hipongas, a 'sapataria progresso' (local das homossexuais femininas), 'sem tetos' da época e gurus", relata. O poeta Chacal, por sua vez, (2016, p.355) lembra assim do clima lisérgico das "dunas do barato":

> A onda do verão de 1972 é o Píer. "Utopíer" para os íntimos. Tava todo mundo no Píer. O Píer é a praia. Em frente à rua Frame de Amoedo, em Ipanema, construíram um emissário submarino. A areia retirada do fundo foi depositada à beira da praia, formando castelos de areia, dunas maravilhosas. O mar subiu e levantou ondas perfeitas. Os surfistas vieram do Arpoador. Ali se podia encontrar uma tribo delicada, delgada, dourada, drogada, peluda, felpuda, cabeluda.
>
> O lugar ficou conhecido como "Dunas do Barato".
>
> O Píer era a praia da contracultura no Rio. Ali se namorava. Ali se discutia. Sexo, drogas e rock and roll. Mais se praticava do que se discutia. Ali tudo podia. Menos caretice. Rolava um certo mal-estar entre quem não via o mundo girar e tratava o corpo como um subalterno e a rapaziada que zelava pela saúde do corpo e o delírio do planeta.
>
> Não sou, nunca fui, um intelectual. Gostava de ler mas foi a televisão e a lisergia que moldaram esse meu entendimento fragmentado, descontínuo, sem início, meio e fim. Uma percepção poética. Atormentado pela dislexia e pelo pensamento lógico, colocava o Muito prazer debaixo do braço e ia pro Píer dar um mergulho.

Companheiro de Chacal no coletivo de poetas Nuvem Cigana, Charles relaciona, em entrevista ao livro *Nuvem Cigana: Poesia & Delírio no Rio dos Anos 70* (Cohn, 2011, p. 16), a convivência no píer de Ipanema sobretudo a uma cultura de uso de maconha, ao menos para seu grupo de amigos. "O fumo meio que tribalizou as pessoas. Nós viramos um grupo. Era o começo do píer, e nos encontrávamos lá todo dia". Depois de Chacal dizer que ali se encontrava "toda a contracultura carioca", Charles prossegue destacando que a obra criou essas dunas, que representavam mais do que um lugar para ficar – eram um refúgio contra a polícia[44], propiciando um ambiente menos

[44] Citado em Diniz (2017, p.62), o músico Jards Macalé declarou que, "apesar da pressão psicológica diária", "tínhamos um pedaço de praia lá em Ipanema, Posto 9. Eles [a polícia] sabiam, vigiavam aquilo, mas deixavam como válvula de escape. Então, todo mundo ia pra praia. Dunas da Gal Costa... Logo ela, que não cheirava, não

possível de sustos para a "rapaziada" que gostava de fumar maconha. "Em cima daquelas dunas começou a se reunir uma estranha espécia de seres peludos, esqueléticos, com pouquíssima roupa e uma língua alada. Todo mundo ali, desbundadíssimo, tentando reinventar um tempo legal", resume Chacal (Cohn, 2011, p.18).

Em depoimento dado à Maria Lucia Dahl (2010, p.83), o dramaturgo Antonio Bivar descreveu "as dunas" enfatizando o papel de maconha e LSD nesse cenário, que seria frequetando pela "vanguarda do desbunde":

> Na praia de Ipanema entre as Ruas Teixeira de Melo e Farme de Amoedo, havia um píer inacabado e aos pedaços frequentado pela vanguarda do desbunde e que recebera o nome de Dunas da Gal, por ser também frequentado pela cantora e musa. Garotas faziam topless e rapazes usavam sungas mínimas, de crochê. Era um alegre hedonismo regado à maconha e LSD. Todo mundo se exibindo, se beijando, se abraçando, sorrindo e se despedindo com os dedos em sinal de paz.

Se Gal Costa de alguma forma naquele momento personificou midiaticamente a conexão entre a contracultura e as drogas, entre o drop out e o turn on, isso não necessariamente significou que os temas das drogas e do comportamento tenham permanecido na agenda e nas intervenções públicas de sua carreira dali por diante. Um personagem com o qual isso sim sempre aconteceu, que sempre fez questão de tematizar e problematizar a questão do uso de drogas, é o diretor de teatro José Celso Martinez Correa, fundador do grupo de teatro Oficina – cuja peça *O Rei da Vela* é considerada um dos marcos do tropicalismo. No livro *Primeiro ato: cadernos, depoimentos, entrevistas (1958-1974)* há dois episódios que valem ser mencionados, um dizendo respeito ao papel das drogas no trabalho artístico de Zé Celso e seu grupo e o outro em que vemos as drogas como parte da justificação de ações repressivas[45].

Em relação ao primeiro aspecto, o livro apresenta (Martinez Correa, 1998, p.230) uma entrevista realizada em 1995 e intitulada "Tchekov é um cogumelo". Em dado momento, Zé Celso está comentando sobre o processo de montagem da peça *Três Irmãs*, em 1971, e como ele se sentia desorientado criativamente até conhecer um fotógrafo, que visitou o teatro em busca da atriz Kate Hansen, que não estava. "Enfim, nós decidimos tomar um ácido, um pérola negra", prossegue o

---

fumava, não fazia porra nenhuma [risos]. Mas eram nas Dunas da Gal onde ficavam todos os doidos possíveis. Lá você podia queimar um charro [cigarro] de maconha e ninguém te incomodava. Agora, se botasse o pé na calçada era grampeado imediatamente".

[45] Além de declarar "ter nascido" em 1968, com a produção de *O rei da* vela, Zé Celso diz neste livro (Martinez Correa, 1998, p.66) que experimentou maconha ("puxou fumo") apenas em 1965, em Roma, acompanhado de músicos de jazz, quando viajou pela primeira vez para a Europa com uma bolsa de estudos do governo francês. Nascido em março de 1937, o diretor tinha nesse momento 28 anos.

diretor, que relata na sequência como essa viagem com LSD foi fundamental para a montagem da obra em questão:

> Começamos a viajar pelo teatro todo até chegarmos num beco sem saída, nessa parede do fundo, que dá para o estacionamento do Sílvio Santos. Quando paramos ali, nós nos demos a mão, desenhamos um círculo cruzado – do norte ao sul e do leste ao oeste - , e marcamos o centro. No momento em que marcamos o centro, nós tivemos a sensação de poder atravessar a parede, e de que havia uma outra a descobrir do outro lado!
> Na minha vida eu sempre tinha trabalhado nas metades, num hemisfério ou no outro, sempre trabalhado nas divisões, na esquizofrenia... como eu estava pensando em *As três irmãs*, nós começamos a ler o texto e a descobrir o seu outro lado, a sua parte esotérica, a perceber que os seus quatro atos eram, também, quatro movimentos, "quatro tempos".
> (…) Então quando nós tomamos aquele ácido, o Celso e eu, nós descobrimos que a peça era um relógio perfeito, mas um relógio que, num dado momento, se espatifava... Aliás, a peça tem doze personagens mais um, que fica de fora: o Feraponte, um carteiro surdo, que ninguém entende.

Zé Celso relata (Martinez Correa, 1998, p.232) que a partir daí desse *insight* ele e o ator Celso Lopes decidiram estudar o texto "através de uma série de viagens com mescalina orgânica. Passávamos a noite em jejum e, de manhã, íamos para a beira do mar, tomávamos uma mescalina e trabalhávamos nessa mandala do Tchecov". Posteriormente, os experimentos com mescalina seriam estendidos ao elenco todo da peça:

> O nosso primeiro ensaio foi na praia de Boracéia, de madrugada. Conseguimos vinte e duas mescalinas e as vinte e duas pessoas do grupo – elenco, produção, músicos, etc. -, tomaram juntos cada um a sua. Todos estavam com roupas de época, vestidos com os figurinos da peça. A Analú Prestes abria com o monólogo da Nina, um personagem de A Gaivota. Ela começava lendo, de frente para o mar: "Os homens, os leões, as águias e as perdizes, os cervos chifrudos, os gansos, as aranhas, os peixes silenciosos, os habitantes das águas, as estrelas do mar e as estrelas que não enxergamos a olho nu, enfim, todas as vidas, todas as vidas se apagaram, terminaram seu triste ciclo...
> (…)
> No fim, chegando no quarto tempo, na hora da morte, eu me lembro que nós estávamos mortos mesmo. No céu, passavam uns aviões do exército... Todo mundo estava profundamente triste. De repente, a Lúcia Rocha (que fazia o papel de Olga aquele dia) começou a cavar um buraco na areia, e a areia foi soltando aquela vibração de areia, aquelas pedrinhas, aquelas fagulhinhas coloridas, de cor maravilha principalmente, e todas as mãos se misturaram, mexendo, cavando, tremendo, recebendo a massagem da terra. Nós sentimos a areia viva, a vida imensa que havia naqueles grãos, naquelas cores que, geralmente, são azul e cinza, mas que na realidade são milhares de cores! Depois, fomos mergulhar, e, na água, as pessoas ficavam transparentes, como

> num quadro pontilhista: elas desapareciam, reapareciam, desapareciam... Com tudo isso, voltamos para casa muito entusiasmados e passamos a ensaiar a peça sistematicamente.

O livro traz também (Martinez Correa, 1998, p.275), entre os artigos e entrevistas compilados, um manifesto escrito logo após a polícia invadir o Teatro Oficina, no dia 20 de abril de 1974. A justificativa para a intervenção era a busca por drogas. Após dizer que "éramos o próprio amor escravo pela liberdade. Éramos o Prometeu acorrentado. Isso nos unia, não as drogas, nem a droga do dinheiro, nem a droga da violência, mas a descoberta do binômio amor-liberdade", o texto prossegue relatando (e criticando) os eventos desse dia:

> Dia 20 de abril, véspera da Inconfidência Mineira, o teatro é tomado pela polícia:... "um guitarrista de nome Rufino para procurar um microponto de LSD, recomendado por um tal de Tuchê, que teria prendido uma tal de Lucinha, que teria fugido"... balas e sangue... e a crônica policial, nada, as notícias populares, o diário que é dado ao povo. Manchetes de jornais. Mas o que há atrás disso? O aborto quando o filho vai nascer.

No mesmo livro (Martinez Correa, 1998, p.324), há uma entrevista concedida por Zé Celso a José Arrabal, em 1980, no qual ele volta a comentar esse episódio, e o clima de paranoia instaurado pela ditadura militar:

> Há muito tempo que a polícia estava de olho na gente. Quando viajamos pelo Brasil, nós fomos seguidos. Depois da prisão do Living, eles apertaram o cerco. No começo de 1974, o MEC e a Polícia Federal publicaram um documento muito louco em que acusavam a gente e muitos outros (acho que acusavam também o Chico, o Gláuber, o Ruy Guerra...), acusavam a gente de fazer subversão por hipnotismo! Pois é... até que ponto chegou a loucura da repressão e do MEC: acusando a gente de hipnotizar as pessoas e, com isso, levá-las para o comunismo! Eu sei que a partir desse documento o cerco aumentou ainda mais.

Em 25 de abril de 1974, o jornal *O Estado de S.Paulo* publicou reportagem intitulada "Promotor acusa os 5 detidos do Teatro Oficina". Nela, o jornal informa que dois jornalistas, um pintor, um estudante e "uma moça"[46] foram os detidos no dia 20 de abril, e que seriam denunciadas pela Promotoria pelos crimes de lesão corporal, resistência à prisão e uso de entorpecentes. "Dentro do Teatro, policiais da Delegacia de Entorpecentes encontraram vários micropontos de LSD, maconha, seringa hipodérmica e psicotrópicos". Um delegado teria sido baleado no antebraço e um

[46] Posteriormente, no mesmo texto, seus nomes são citados: "Hamilton de Almeida Filho e Paulo Criando Lafer de Jesus (jornalistas), Marcia Lancelotti de Jesus (casada com Paulo Orlando), Marcos Pereira de Souza (estudante) e Edinizio Ribeiro Primo (pintor)". O diretor de teatro Jorge Dias Salomão também teria sido detido no dia da intervenção, mas liberado na mesma noite, ao contrário de seus colegas, que permaneceram presos por alguns dias.

investigador teria recebido uma garrafada na "resistência" promovida pelos atores. Os réus teriam desmentido a versão da polícia, e declarado que foram eles os espancados, hipótese evidentemente mais provável. Prossegue a reportagem:

> No sábado, antes de irem ao Teatro, dois investigadores prenderam um traficante de nome Rufino. Ele confessou que adquiria tóxicos no Teatro Oficina (com um tal de Tuchê) posteriormente identificado como Geraldo Tuchê. O investigador Mario Sergio Vian entrou no teatro acompanhado do traficante, sendo atendido por uma moça, identificada como Maria Lucia Correia Lima de Souza. O policial disse que queria comprar LSD (Tuchê não estava no teatro). Na hora da entrega, Sergio Vian algemou a moça, tendo sido agredido por várias pessoas. Maria Lúcia e o traficante Rufino escaparam. O delegado Paulo Fernando Fortunato e o outro investigador entraram no teatro. O delegado foi baleado.
>
> Jorge Dias Salomão, ao prestar depoimento na polícia, disse que todos os réus eram viciados em entorpecentes. Ontem, ele contou ao juiz que assinou o depoimento sem ler pois foi coagido. Disse que "levou muita pancada" e que ele e os réus foram "espancados barbaramente". Marcos Pereira de Souza disse ao juiz que não é viciado (na polícia, afirmou que era). No 4º Distrito Policial, Hamilton de Almeida contou que "é dado a frequentar rodas de fumo". Em Juízo, desmentiu tudo afirmando que fora ao teatro para procurar José Celso, diretor do Oficina, para entrevistá-lo. Salientou que não teve tempo de exibir sua carteira de jornalista e que foi espancado.

Por mais espalhafatosos que fossem em seu uso de drogas e condutas contestadoras em geral, os integrantes do Teatro Oficina não foram os únicos tropicalistas que tiveram problemas com a polícia por conta de substâncias proibidas. Além da já narrada prisão de Gilberto Gil, há diversos outros casos. Como o poeta Waly Salomão, mandado ao Carandiru no início de 1970 por posse de pequena quantidade de maconha. Lá ele escreveu seu primeiro livro, *Me segura que eu vou dar um troço*, publicado em 1972[47]. Outro caso é o de Rita Lee, presa em 1976, grávida, também por posse de

[47] "Na cadeia tudo é proibido e tudo que é proibido tem. Criação = encaixar tudo e não se decidir por coisa alguma. E contudo não estou tão velho nem tão magnânimo que consiga aniquilar o eu. A vida abençoada em circunstâncias malditas. O cara estuprado por seis. O zinco. A cela forte que se enche d'água. Os que dormem como pedra mal entram no xadrez. Os bicheiros escondendo comidas cigarros. O filho do bicheiro que se entregou para livrar o pai e estava morrendo de dor de garganta. O assaltante baleado que teve acessos violentos de dor. A descida ao inferno do poeta. Estou ouvindo Roberto Carlos, Ray Charles Georgia, Gil e Caet Charles anjo 45. O carioca legal que emprestou o carro pro amigo, preso na boca. O detento pequeno-burguês que manda cartas pra noiva como se estivesse acidentado num hospital na Argentina. A limpeza e os ideais do xadrez 506. O débil mental que perdeu calça prum passista de Escola de Samba. O que dedurou quem roubou sua camisa. Os bunda mole fazendo faxina trazendo água tomando porrada. O tarado da menina de 9 anos esbofeteado pelos tiras e pelos marginais e torturado na delegacia. O traficante preso porque limpava o revólver que disparou e o caguete do andar de cima chamou a polícia. Os contadores de piadas. Ideia de gravar piadas e transcrevê-las na língua viva coloquial. O menino babaca de óculos meio viado baleado roubando pneu de carro esbofeteado jogado de um lado pro outro do xadrez por não soltar o rabo. O dono da tipografia: industrial. O assaltante que usou desodorante como arma unir com nota de Notícias Populares de que bandidos com máscaras de carnaval assaltaram um bar. Alguns deles têm até seis nomes falsos. Os 3 chefões. Os jovenzinhos querendo pesar a barra paquerando os chefões. O perigo total. O cu no ponto. Não abrir as pregas as coxas. O endurecimento da cara". (Salomão, 2014, p.14)

pouca quantia de maconha. Ela permaneceu uma semana detida em uma delegacia do DEIC e mais um mês e meio no "Xadrez 21" do Hipódromo Feminino, como relata em sua autobiografia (Lee, 2016, p.150-157). Segundo a cantora, a prisão seria fruto de uma represália por conta de um depoimento prestado por ela sobre a morte de um garoto durante um show dos Mutantes – a morte teria sido causada por um policial. Durante a prisão ela teria inclusive corrido risco de perder seu filho, o que segundo ela só não aconteceu por intervenção direta da cantora Elis Regina, que foi pessoalmente ao presídio exigir que sua amiga fosse atendida por um médico[48]. Ao final do processo, Lee foi condenada a um ano de prisão domiciliar, cumprida na casa de seus pais na rua Joaquim Távora, no bairro paulistano da Vila Mariana.

No livro *Tudo e mais um pouco,* o poeta Chacal (2016, p.358) narra a experiência de detenção por drogas pela qual passaram ele e o também poeta Charles Peixoto, seu colega de revista *Navilouca*. Ambos haviam tomado "uma lasca de LSD" e foram assistir um show de Hermeto Pascoal na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Após o show, ainda "em estado de graça", "delirando pela noite", foram a um bar na rua Visconde de Pirajá:

> Pedimos uma cerveja para baixar a onda. Aí para um camburão na porta do bar. Digo pro Charles: "Fica frio. Não é com a gente. Temos o corpo fechado". Vieram justo em cima de nossas cabeludas presenças. Pediram documentos. Charles, com os documentos em dia, se livrou. Eu mostrei uma carteirinha do IBEU, rasgada, amassada e sem foto. O policial olhou aquele trapo. Não acreditou. Olhou de novo. Acreditou menos ainda. (…) Virei a cerveja num gole e fui parar na traseira do camburão.

"O Brasil era o fim do mundo", prossegue Chacal: "A repressão varrendo as ruas. Agora em cima dos cabeludos que fumavam demais, que curtiam demais". Transformado o sufoco em poesia, continua o relato:

> Depois de umas quatro horas sacolejando no camburão, junto com um velho pneu, tentando

[48] "Céus, quem seria essa santa porreta que me aparece exatamente na hora em que eu mais preciso, Nossa Senhora das Roqueiras? Chego corcunda de dor na sala do delegado e quem vem me dar um abraço dos mais fofos que já recebi na vida? Elis, aquela que fazia cara feia para roqueiros! Elis, a musa mor da MPB! Elis, a maior cantora do Brasil! Lá estava ela de mãos dadas com o filho João Marcelo peitando os milicas.

O delegadinho da vez, sem saber se pedia autógrafo ou enfiava a cara no apontador de lápis, fazia papel de falsinho atencioso, ora oferecendo cafezinho, ora perguntando sobre música. Elis ignorou o cara e disse em alto e bom som: "Se um médico não chegar em cinco minutos, você é que vai precisar de um cafezinho, porque eu vou convocar uma coletiva e denunciar o que está acontecendo aqui com minha amiga Rita Lee.

Elis não representava uma *persona of interest* da ditadura, ao contrário, era reconhecida como a rainha do Olimpo musical e nenhum generaleco se atreveria a mexer com ela. Ficou lá de plantão até eu ser medicada e o sangramento estar estancado. Ainda mandou vir comidinha de um restaurante porque me achou magrela demais para uma grávida". (Lee, 2016, p.156)

> inventar um texto para falar com o delegado, achei que já tinha passado o efeito do ácido. Quando o carro parou na delegacia do Leblon, seis da manhã, o dia amanhecia. Abriram a porta traseira e... luz, luz, luz! Raios ultravioletas incidiram sobre minhas retinas. Tudo purple. O ácido bateu tudo de novo. Tudo purple. Entrei para falar com a autoridade. Tudo purple.
>
> Quanto mais louco
> lúcido estou
>
> no fundo do poço
> que me banho
> tem uma claridade
> que me namora
> toda vez que
> eu vou ao fundo
>
> me confundo quando boio
> me conformo quando nado
> me convenço quando afundo
> no fim do fundo, autoridade máxima
> eu te amo
>
> Sorte a minha que Charles acionara meu pai, Marcial Galdino, campeão carioca pelo Fluminense em 1936, que já tinha resolvido tudo com o delegado. Fomos embora. Mas duas coisas eram certas a partir dali: eu não tinha o corpo fechado e precisava sair do país.

Chacal consolida a decisão que já havia tomado, de deixar o país, e vai para Londres, cidade para onde, como veremos, rumaram boa parte dos exilados brasileiros mais desbundados e tropicalistas. Ele havia publicado de forma independente um livro chamado exatamente *O preço da passagem*, a fim de custear essa travessia – que ao final acabou sendo paga por seus pais depois desse episódio da detenção. No livro *Nuvem Cigana: Poesia & delírio no Rio dos anos 70*, Chacal (Cohn, 2007, p.31) qualifica essa obra como "um livro totalmente canábico": "O uso da maconha para fins literários pode ter dois efeitos: ela desembota um cérebro desfigurado pelas pressões do dia a dia, e provoca o total afrouxamento do mínimo de rigor exigido na comunicação. A expressão torna-se única e suficiente". Seu amigo Charles, na sequência, também comenta sobre o uso de drogas na criação poética:

> Eu sempre escrevi muito sob efeito de drogas. Inclusive ácido, o que muita gente diz ser impossível. Os meus poemas possuem essa coisa meio haicai, de serem pequenos instantâneos dos sentidos. E isso vem dessa exacerbação dos sentidos, de estar bem doido mesmo. E eu sempre tive

> uma relação com ácido que é inteiramente diferente daquela ideia corrente das grandes alucinações. Eu nunca tive nada disso. A única coisa que rolava é que eu sentia que tudo ficava brilhante, como se tivessem lustrado o mundo. A minha impressão era de um hiper-realismo, que tudo ficava realçado, o bonito muito mais bonito, o feio muito mais feio. E isso impregnou minha poesia, que foi se tornando mais sensorial.

Em seu livro *Novos Baianos: a história do grupo que mudou a MPB*, o músico Luiz Galvão relata diversos episódios em que ele e seus colegas de banda foram presos, quase todos ligados a posse de drogas ilícitas. O caso (Galvão, 2014, p. 77) que não tem ligação direta com posse de drogas foi resultado de uma briga com um dono de hotel de Salvador por falta de pagamento – alguns dos integrantes do grupo, como Galvão e Baby do Brasil, foram presos e agredidos pela polícia, o que rendeu até posteriores denúncias de tortura na imprensa local. Passaram algumas horas detidos.

Quando moraram por alguns meses em São Paulo, em 1969, os integrantes da banda foram alvo de uma batida policial na casa em que viviam, em Imirim, bairro da Zona Norte da cidade. Segundo Galvão (2014, p.49) a invasão sem mandado judicial foi feita "na tentativa de assustar para controlar o ambiente". Ao tentar esconder a maconha, um deles teria jogado-a pela janela do banheiro, dando o azar do pacote ter caído exatamente em um policial que estava do lado de fora. Houve agressões e quatro detidos. : Moraes Moreira e Paulinho, músicos, "Cantinflas", que era motorista deles, e Boiadeiro, quem havia trazido e vendido a "presença". Na delegacia, Boiadeiro teria sido fortemente torturado e mesmo teria assumido sozinho a culpa pela substância proibida. Galvão descreve que o entrevero terminou graças à amizade que tinham "com o dono do açougue", que por sua vez era cunhado de um delegado que intercedeu para a soltura de todos os envolvidos.

Outro caso de problemas com a lei narrado não tem data, mas ocorreu após um show da banda na Concha Acústica, em Salvador. Voltando para casa de carro, com outros membros da produção, Galvão (2014, p.55) foi parado numa batida policial e mesmo tendo engolido o baseado que fumava teria sido conduzido à delegacia – onde teria sido posteriormente bem tratado e liberado. Já o episódio datado por Galvão (2014, p.167) como tendo acontecido na primavera de 1972 teve consequências mais graves. Ele e Felipe Guimarães, o "Felipão", na época empresário dos Novos Baianos, foram parados em uma blitz policial. Segundo Galvão, ele portava 300 gramas de maconha, que escondeu entre camisas de futebol no banco de trás, e "caiu na besteira" de falar para o policial que era integrante da banda e estava indo para um show:

> O policial respondeu:
> - Você está é fumando maconha! Dá pra notar o cheiro!

> E referindo-se a Felipe, a disse:
> - E prendam aquele outro que está com maconha na cintura.
> Foi ali que vi que a polícia sabe tudo de malandragem. Não deu outra, o homem acertou na mosca, tiro e queda. Não foi preciso nem ver que a gente estava sem os documentos do carro e sem identificação: a polícia encontrou, na cintura de Felipão, uma mutuca de fumo de 300 cruzeiros. Ali mesmo, fomos algemados e jogados no fundo de um camburão. Disse ao meu amigo e colega de prisão que deveríamos, mesmo sob tortura, negar que o fumo era nosso. A lei que proíbe o uso da maconha é coisa de país subdesenvolvido e anti-democrático. Lembrem-se que estávamos em pleno período ditatorial Médici. As cadeias brasileiras são heranças monárquicas construídas para a escravidão. Os que exercem a ditadura, inclusive os carcereiros e policiais da área, agiam como capatazes ou eram corruptos como bandidos.

De acordo com Galvão (2014, p.168), estes argumentos não bastaram para convencer seu amigo a não confessar a posse. "Além de presos, seríamos processados", continua o músico:

> Na minha cabeça em nenhum momento passou a ideia de confessar que era portador da maconha. Primeiro, não aceitava o regime que prendia. Segundo, não aceitava trocar o momento conquistado por uma cela partilhada com bandidos da maior periculosidade. Terceiro, pela responsabilidade que eu tinha por Jorginho Gomes, nosso baterista, de apenas 14 anos naquela época – o seu pai só deixara ele vir tocar conosco e viver na comunidade porque me considerava uma pessoa de bem.

Luiz Galvão dedica as páginas seguintes a descrever alguns detentos com quem conviveu no tempo de prisão - e aponta também que a polícia encontrou posteriormente os 300 gramas de maconha escondidos no carro. Em outro trecho do livro (Galvão, 2014, p.116), revela que o período de detenção para ele durou oito dias, passados ao lado de "bandidos de primeira linha". Já Felipão ficou preso por três meses.

Descritos pelo próprio Galvão (2014, p.73) como principal banda brasileira da década de 1970, os Novos Baianos também são destacados por Frederico Coelho (2010, p.248), que os apresenta como "talvez os maiores ícones" da juventude da época. Depois do tempo vivido em São Paulo e de um período morando na praia de Arembepe[49], na Bahia, os integrantes da banda estabeleceram-se no

[49] "Naquele tempo, Arembepe era uma verdadeiro paraíso. Não tinha turismo, e rolava muito pouco dinheiro. Os pescadores traziam peixes e nós trocávamos por outras coisas. Alguns amigos vinham nos visitar. Jogávamos futebol no final da tarde com o pessoal da Aldeia. Tocávamos violão e cantávamos à luz do luar ou à luz das estrelas.

Eu não me arrependo por termos sido o pivô do desenvolvimento urbano de Arembepe, mas não nego a saudade daquele paraíso de simplicidade e de farta harmonia. A transformação ocorreu depois de uma entrevista para o jornalista Fernando Vitta, que a publicou no *Jornal da Bahia*, na nossa despedida daquela fase baiana. Vitta foi leal e obedeceu à risca o nosso pedido de só publicar a entrevista, mas o pessoal colocou fotos do lugar e nós fizemos apologia ao paraíso. Quando voltamos no ano seguinte, Arembepe se transformou numa Aldeia de Hippies. Deu no

Rio de Janeiro em 1971 – consolidando-se no cenário nacional depois do final "oficial" do Tropicalismo, portanto[50]. Em diversos momentos da trajetória pessoal dos integrantes da banda, e também do grupo coletivamente, a questão das drogas tem relevância, como se observa não só no livro de Luiz Galvão já citado, como também no documentário *Os filhos de João*, dirigido por Henrique Dantas e lançado em 2009, e até nas letras de algumas das músicas da banda.

Em seu livro *Geração Baseada*, publicado em 1982, Galvão (1982, p. 16) qualificou este ano de 1971, o da chegada da banda ao Rio de Janeiro, como um "ano lisérgico", no qual se observava a "perplexidade da polícia ante a não violência dos jovens que 'só riam' e pareciam estar em outro mundo". Já no livro *Novos Baianos: a história do grupo que mudou a MPB*, escrito pela primeira vez em 1997 e modificado para reedição em 2014, o músico assume uma postura menos positiva sobre o uso de drogas feito nesse período, por exemplo quando diz (Galvão, 2014, p.42): "Ainda hoje pagamos o alto preço daquele sonho acordado, tentativa de ficar de fora do sistema e, ao mesmo tempo, lutar pelo melhor para nossa carreira. Ser socialista dentro do sistema capitalista. Utopia terapêutica e que era irmã do que vivemos – a entrada de cabeça nas drogas". Essa opção teria tido um custo alto, mas teria sido o recurso "para não nos tornarmos terroristas", afirma, utilizando terminologia da época, identificada com o regime: "apesar de pagarmos o troco dos efeitos colaterais da maconha e de outras drogas mais pesadas, a prática do terrorismo teria consequências mais dramáticas". Em outro trecho, Galvão (2014, p.13) opina que os integrantes da banda "erraram feio" ao hastearem "a bandeira das drogas, influenciando jovens do nosso tempo e das décadas após 1970".

Dizendo-se inclusive arrependido pela composição, em parceria com Pepeu Gomes, da música *O mal é o que sai da boca do homem*[51], Galvão (2014, p. 47) diz não ter "nenhum grilo" em se

---

que é hoje: acabou a privacidade daquele povo que vivia próximo da vida primitiva" (Galvão, 2014, p.84)

50 Destacando essa influência, e mesmo conexão pessoal entre integrantes dos Novos Baianos e os tropicalistas, Luiz Galvão (2014, p.24) diz que considera os primeiros trabalhos do grupo como "tropicalistas".

51 "Você pode fumar baseado
baseado em que você pode fazer quase tudo
Contanto que você possua
mas não seja possuído

Porque o mal nunca entrou pela boca
do homem...
Porque o mal é o que sai da boca
do homem...

Você pode comer baseado
baseado em que você pode comer quase tudo
Contanto que deixe um pouquinho
um pouquinho de fome

assumir careta e chega a chamar a maconha de "tremendo inimigo". No entanto, nesse momento e em outros do livro, ele diferencia essa posição mais recente com relação a que eles tinham nos momentos em que se viviam os fatos, nos anos 1970:

> Naquele período, no Rio de Janeiro, o Novos Baianos se encantou com a literatura do filósofo brasileiro Huberto Rohden, filho da filosofia da Grécia Antiga de Sócrates, Zenão, Platão, Diógenes e outros mais. Na época, adotamos na prática um conceito do pensamento dos filósofos estóicos liderados por Zenão, o qual afirmava que o segredo da vida estava na relação do homem com o mundo, onde as coisas devem ser escravas do homem e nunca o contrário. E isso valia também para drogas liberadas ou não. Considerávamos como farinha do mesmo saco o cigarro, o álcool, o lança-perfume, o dinheiro (quando vil metal), o falso poder, etc. Tudo isso nomeávamos como vício e fomos fundo nessa onda sem nos darmos conta do quanto estávamos prejudicando o nosso futuro com a euforia daquele presente vivido. Hoje minha ótica é bem oposta em relação a este assunto, mas digo que, mesmo no erro, estávamos certos, porque era o que podíamos fazer por nós até ali.

Em outro momento, Galvão (2014, p.218) resume sua "caminhada" de uso de drogas dizendo ter experimentado "desde o gim, droga liberada e que foi a minha primeira bebida alcoólica, até o LSD". Diz não ter se adaptado ao álcool, tendo consumido durante a vida apenas cerveja – da qual só poucos anos antes da publicação do livro teria "se liberado". "Quanto às drogas proibidas, cheguei a ingerir cerca de um microponto por dia durante o período de um mês, com um detalhe: usava doses de ¼, de duas em duas horas[52]. No final, já não dava mais onda, só uma leveza".

Na sequência, e em outros trechos do livro, o músico relata diversas experiências, marcantes ou apenas divertidas, que teve consumindo LSD: em um concerto, em um jogo no Maracanã, em uma dose elevada que o fez "sair do corpo", em Itapuã, dirigindo, até em um cemitério. Sobre cocaína,

---

Porque o mal nunca entrou pela boca
do homem...
Porque o mal é o que sai da boca
do homem...

Você pode beber baseado
baseado em que você pode beber quase tudo
Contanto que deixe um pouquinho
um pouquinho pro santo

Porque o mal nunca entrou pela boca
pela boca do homem
Porque o mal nunca entrou pela boca
do homem...
Porque o mal é o que sai da boca
do homem..."

[52] Seria Luiz Galvão um precursor do que hoje se conhece como microdosagem? Ver, por exemplo, reportagem publicada pelo jornal *Valor Econômico* em 2017, intitulada "Vale do Silício toma LSD em microdoses". Disponível em http://www.valor.com.br/empresas/5076058/vale-do-silicio-toma-lsd-em-microdoses

Galvão (2014,p. 221) afirma ter usado "durante um longo período, mas sempre com muito respeito"[53]; "drogas pesadas" como heroína teria provado apenas duas vezes, e não de forma injetada. Já para a maconha ele guarda algumas palavras mais carinhosas, apesar de também salientar seus supostos malefícios e atribuir o abandono do uso à sua ligação com o uso religioso e ritual de ayahuasca:

> A Cannabis Sativa, mais conhecida como maconha, foi, de certa forma, uma luz na escuridão de certos preconceitos. Também foi um calmante para suportarmos as tensões e contradições do sistema, agravadas pelo estado de ditadura. É claro que a maconha também trouxe complicações. Nós fumávamos um clima místico, como se aquele ato fosse sagrado e tivesse chegado até nós através da divindade. Dizíamos para nós mesmos: "Não estamos fazendo mal a ninguém". A não-violência que incorporamos nasceu através do uso dessa erva. Quando menino eu matei, com pedradas certeiras de badogue, pássaro, lagartixa, calango, asa-branca e até beija-flor. Do lado negativo da erva só tomei conhecimento quando deixei de usá-la. Isso se deu graças à minha entrada na União do Vegetal.

Após revelar ter se aproximado da União do Vegetal em 1992, através de um amigo aviador, ele explica como esse caminho o mostrou a possibilidade de "equilíbrio na terra através da evolução espiritual" e o afastou do uso de drogas:

> Eu nem gosto de falar dessas coisas, porque elas são restritas às pessoas que mereceram chegar a esse lugar do conhecimento. Falo só para que os meus ex-colegas maconheiros tenham respeito com o meu momento, que é de buscar a verdadeira alegria e sair da escravidão das drogas para me tornar senhor de mim mesmo. Eu entendi a doutrina da União do Vegetal como a universidade real, porque, além de não me proibir nada, deixando minha consciência livre para escolher o meu comportamento, me ofereceu a oportunidade de contemplar e estudar a vida em seus diversos aspectos. Uma semana depois, eu deixei de beber cerveja e qualquer bebida alcoólica. Dois meses após essa vitória, foi a vez de parar, sem retorno, de usar maconha. Eu senti o lado prejudicial do uso da maconha, ou seja: a acomodação e a paranoia. Eu pensava que a maconha representasse uma luz, porque eu fizera várias músicas sob o seu efeito; mas sentia que a luz era opaca, porque o olho do maconheiro, quando drogado, fica chapado, ao passo que o olho de alguém que bebe o Vegetal brilha como olho de criança.

Segundo Galvão (2014, p.218) as drogas teriam se tornado "carta fora do baralho" também para

[53] "A juventude e o Novos Baianos achavam que a maconha era droga do bem, porém a cocaína era visto como droga de rico burguês. (…) A aversão à cocaína nos fez evitar aqueles dois jovens e sua casa. Por cerca de um ano, o grupo transmitiu à juventude a ideia de que cocaína era droga dos caretas. Só em 1972, quando eu saí da cadeia, é que o pó voltou a ter força entre o Novos Baianos e também entre a juventude. Houve uma seca proposital comandada por donos de boca: daí a cocaína apareceu a preço de banana, como se diz, embora banana não seja tão barata assim". (Galvão, 2014, p.74)

seus ex-companheiros de banda. “Conversando com Baby, esta me disse que através da prática de endorfinar conseguiu se afastar das drogas, sem possibilidade de retorno, já que se tornou pastora evangélica, desenvolvendo um trabalho importante que auxilia pessoas a se livrarem dos vícios”. Pepeu Gomes teria tido “envolvimento mínimo” com a questão, e Paulinho Boca também teria se afastado, apesar de Galvão não saber “o método” utilizado. “Moraes se afastou usando Florais de Bach”, conclui. Interessante observar que dois dos principais integrantes do grupo, Baby do Brasil e Luiz Galvão, acabaram se alinhando ao discurso antidrogas por conta de suas decisões religiosas – no caso da cantora pela via evangélica mais tradicional, no do compositor por uma religião ayahuasquera, o que não quer dizer necessariamente mais ou menos conservadora.

***

Swinging London

Como mencionado, os componentes do chamado “grupo baiano” da Tropicália, ou “tropicalismo musical”, tinham entre seus principais agitadores as figuras de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Quando os dois se instalaram na cidade de São Paulo, em dois apartamentos vizinhos, próximos à Praça da República, o local logo se tornou ponto de encontro de artistas e jovens desbundados. Nas palavras de Rita Lee (2016, p.74), ali se podia assistir “à mais completa procissão de beautiful people da vanguarda brazuquesa, um entre e sai de humanos interessantíssimos jamais vistos no planeta de onde vim: Toruqato, Capinam, José Agripino, Rogério Duarte (morria de medo dele), Maria Esther Stockler, Zé Celso, Antonio Peticov, Helio Oiticica e outras tantas figuraças”.

Foi nesse contexto, por exemplo, que a cantora teve contato pela primeira vez com a ayahuasca:

> Não lembro exatamente qual visitante chegou no QG Bahia na avenida São Luís trazendo um garrafão de chá de ayahuasca. Descreveu as maravilhosas curas da alma que o santo remédio realizava, só não mencionou o vômito colateral nem considerou que tomar tal chá numa baita city feito São Paulo seria uma ótima receita para uma baita bad trip. Também não lembro quem tomou ou não tomou, só sei que eu tomei. Depois de botar as tripas pra fora tive a brilhante ideia, talvez teleguiada pelos espíritos do povo da floresta, de sair às ruas de São Paulo. Andei apenas um quarteirão, o que deve ter durado umas quatro horas, e cheguei no reino encantado da praça da República, para então me unir de corpo e alma ao caos urbano metamorfoseada de índia Jupira. O que aconteceu comigo nas dez horas seguintes, não sei, se fui devorada por transeuntes canibais ou transportada para a selva Amazônica numa tribo de pigmeus. (Lee, 2016, p.83)

A situação de relativa liberdade experimentada pelos frequentadores do apartamento de Gil e Caetano terminaria com a promulgação do AI-5, em dezembro de 1968. Neste mesmo mês, no dia 27, os dois cantores foram presos no Rio de Janeiro, acusados de desrespeitarem a bandeira e o hino nacional. Coelho (2010, p.233) diz que permanecerem dois meses presos no Rio, e passaram mais cinco meses em Salvador, proibidos de aparecerem em público ou darem qualquer declaração para a imprensa. Após negociarem permissão para dois shows de despedida, realizados em julho de 1969, em Salvador, os cantores rumaram com suas esposas – que, aliás, eram irmãs: Dedé e Sandra Gadelha – para Londres, onde se exiliariam. A saída do país dessas duas figuras centrais do Tropicalismo é considerada, para muitos analistas, como o marco final desse movimento artístico.

Se com o AI-5 a situação tornava-se cada vez mais inviável para artistas como Gil e Caetano, o destino escolhido não era por acaso. Como relata Barry Miles (2010, p.247), desde o "Verão do amor", de 1967, a cidade era um dos principais pontos de encontro de jovens ligados a contracultura no planeta. Publicada em 15 de abril de 1966, uma reportagem de capa da revista *Time* difundiu o termo que ganhou fama ao caracterizar a cidade naquele período, por sua efervescência: "Swinging London".

Dias antes do AI-5, Helio Oiticica e Torquato Neto embarcaram para Londres em um cargueiro (Coelho, 2010, p.180). "Esperaram em vão por Rogério Duarte", que havia sido preso pouco antes. Glauber Rocha e Guilherme Araújo já estavam na Europa quando saiu o ato. Com a chegada da dupla de compositores baianos em 1969, eles, nas palavras de Coelho (2010, p. 234), continuaram a aglutinar, assim como em São Paulo, um número extenso de artistas e intelectuais à sua volta. Ele cita Júlio Bresane, Neville d'Almeida, Rogério Sganzerla, Antonio Bivar, Antonio Peticov, Jorge Mautner, Antonio Cìcero e Péricles Cavalcanti como alguns dos integrantes deste grupo formado ao longo dos três anos que Caetano e Gil passaram na Europa.

> Usufruindo da convivência - mesmo que forçada - de estarem em um importante centro cultural, muito desses artistas e escritores absorveram em seus trabalhos os principais elementos do ideário hippie, como o orientalismo, as drogas, a liberação sexual e a vida comunitária. Sem a mesma coesão e intencionalidade criativa do grupo formado um ano antes na capital paulista, esses artistas continuaram marcados pela busca de inovações temáticas e formais. (Coelho, 2010, p.238)

Em sua autobiografia, Rita Lee (2016, 119) diz que era "impressionante" "como em cada esquina de Londres a gente encontrava um brazuca órfão do tropicalismo". No trecho que segue vemos Rita Lee tocando num ponto que é abordado também em outros depoimentos de algumas das pessoas

citadas anteriormente, como o próprio Gilberto Gil, o de que o consumo e as experiências com os alteradores de consciência, que já eram empreendidos e valorizados pelos tropicalistas no Brasil, continuaram a fazer parte de seus cotidianos e interesses também durante a estada em solo europeu:

> Com minha cabeleira vermelha, a sensação era a de andar com um eterno sol na cabeça, me sentia cada vez mais caliente e agradecida por estar viva naquele planeta azulzinho dizendo ao mundo hello-goodbye. Essa temporada londrina com esticadas em países vizinhos favoreceu o meu destino, tipo estar no lugar certo na hora certa. Assisti Jimi Hendrix tascando fogo na guitarra no Marquee e depois, no festival da Ilha de Wight, dormi aos pés de Stonehenge em plena lua cheia e aprendi a tocar flauta transversal viajando de mescalina uma floresta mágica do Páis de Gales com um garoto inglês lindinho chamado Ritchie[54].

Como apresenta Diniz (2017, p.151), Gil chegou a declarar que aquele "foi um tempo de muita maconha, LSD, mescalina; Londres vivia o auge dessa cultura". Foi também em Londres que o músico se aperfeiçoou como violonista e aprofundou o seu conhecimento místico, trazendo meditação, ioga e dieta macrobiótica para dentro de sua rotina. "O misticismo oriental, inexistente na fase tropicalista, passou a ser um dos elementos estruturantes de seu repertório, vindo a desembocar, em 1972, no LP Expresso 2222", salienta Diniz.

O dramaturgo Antonio Bivar (1984) é outro que foi para Londres nesse período, experiência que ele rememorou através de textos em seus diários mantidos no período e reunidos no livro *Verdes vales do fim do mundo*. O uso de drogas não tem papel central na narrativa, talvez pelo período de publicação do livro, ainda durante a ditadura, mesmo que em seu ocaso, talvez por uma intenção do autor de conferir uma certa "naturalidade" ou banalidade ao tema, não fazendo dele um "big deal". O fato é que há algumas menções à maconha e principalmente haxixe, além da descrição de uma viagem lisérgica e de um breve comentário sobre uma outra, mas sequer nas páginas dedicadas ao Festival de Ilha de Wigtht, para o qual convergiram boa parte dos exilados brasileiros na Inglaterra, há menção ao clima psicodélico que outros depoimentos indicam ter imperado por lá.

De todo modo, Bivar (1984, p.7) aponta já no texto de abertura que, se na época vivia-se "o boom

[54] Canestrelli, Dias e Ridol (2007, p. 165) descrevem assim a vinda de Ritchie ao Brasil: "O inglês Richard David Court já se aventurava em experiências hippongas pelas bandas de sua terra natal, em meados de 60. Participara de um projeto chamado Everyone Involved, que gravou num único LP distribuído gratuitamente, como forma de protesto contra os planos de modificação do Picadilly Circus, em Londres. Foi lá que conheceu os então Mutantes Liminha e Rita Lee, que prontamente o convidaram para participar da comunidade bicho-grilo que formariam na Serra da Cantareira. Nada como fumaças nunca antes fumadas para alegrar sua vida. O convite foi aceito, e cá está desde então. O inglês loirinho virou referência para a hipalhada paulistana – lendas revelam que era ele quem garantia o abastecimento de ácidos em São Paulo, trazendo, de uma só vez, uma caixa de sapato lotada com os coloridos sunshines da Europa. Sob a alcunha de Ritchie, passou por grupos como Scaladácia, Soma e A Barca do Sol até ser descoberto por Lulu Santos – naquela época, Luiz Maurício".

do exílio", sendo para alguns uma questão forçada para outros voluntária, em seu caso tratava-se de um "exílio premiado", uma vez que, em 1969, ele venceu o "Prêmio Moliere" de melhor autor teatral de São Paulo do ano anterior, e isso lhe propiciava uma passagem de ida e volta para Paris ou Londres, tendo ele optado pela segunda: "Escolhi Londres porque, além de ser terreno neutro, a Inglaterra é que era o quente e o cool nessa época". Em depoimento à Maria Lúcia Dahl (2010, p.21), Bivar declarou ter escolhido Londres por ser "o paraíso da contracultura". Na apresentação que faz do livro, e de sua relação de amizade com o dramaturgo, Dahl diz que em Paris vivia "a turma da política", já em Londres "a dos hippies" - ao viajar para a segunda, teria encontrado Bivar na casa de Gilberto Gil, "onde ácidos, baseados e Tropicália rolavam soltos, entre um grupo variado de artistas hippies, como o Jorge Mautner e a Ruth, Caetano e Dedé, Rogério Sganzerla, Helena Ignez e Júlio Bressane, que me ensinaram a palavra careta. Tudo era careta".

CAPÍTULO 3
O LSD no Brasil

olhos violeta dos
retratos de Modigliani
olhos violeta do LSD
olhos violeta do mar aberto
ilha falando do refluxo
& da língua azul da praia
cabeça no céu
no deserto violeta sem espelho

Roberto Piva

> Foi com o uso do LSD, no ano de 1963, que eu vi descortinar-se toda uma realidade paralela que eu estava acostumado a ignorar em meu cotidiano. Antes que pensem em droga, convém lembrar que, naquele momento, o ácido lisérgico estava sendo lançado como uma descoberta revolucionária, e era fornecido gratuitamente a médicos de todo o mundo para que pesquisas fossem feitas na busca de uma definição clara do papel que o novo medicamento poderia desempenhar nos mais variados tratamentos.
>
> (…) O que vou tentar comunicar aqui é principalmente o que encontrei, tortuosamente, em 1963, ao lado de meu guia naquela experiência, o Dr. Murilo Pereira Gomes – a descoberta de um sentido subjacente à vida, muito mais abrangente que qualquer ideologia materialista ou teoria científica, e um sentido surpreendente para a palavra cura, que converge para a mesma ideia difundida por seitas que acreditam no milagre como caminho. Ao lado de Murilo, descobri um patamar não-físico de existência, no qual a palavra doença perde totalmente o sentido, diante da possibilidade de sua transmutação alquímica na compreensão do que seria sua concreção. (Arap, 1998, p.25)

Dramaturgo, diretor e ator de teatro a partir dos anos 1960 (nasceu em 1938 e morreu em 2013), Fauzi Arap escreveu as linhas acima como parte da introdução de seu livro autobiográfico *Mare Nostrum: Sonhos, viagens e outros caminhos*, um relato livre publicado em 1998 sobre a "verdade" encontrada pelo artista após seu primeiro contato com o LSD. "Por uma temporada me transformei num tagarela que só falava sobre seu assunto favorito, o ácido lisérgico, e não percebia o enorme escândalo que ia provocando", relata Arap (1998, p.45) , que narra suspeitar de uma possessão "por

uma espécie de arquétipo messiânico" olhando para aquela época, em que agia com uma "compulsão de pregador" nascendo da "euforia vinda do sentimento de libertação que eu experimentara, e que fazia o desejo de repartir irresistível".

Deslumbrado com o que via como possibilidades revolucionárias e transformadoras da experiência com LSD, Arap queria compartir as boas novas com o mundo, tornando-se o que o sociólogo Lewis Yablonsky (2000) qualifica como "high priests", em um trocadilho com o duplo sentido da palavra "high" nesse contexto, podendo ter tanto o sentido de "grandes" ou "principais" como de "chapados" na qualificação da palavra "priest", pregador. Seu livro é um relato fascinante não só de sua trajetória como importante artista de teatro no período, mas também do que qualifica como uma "busca espiritual" que acabou desembocando na descoberta das dores e das delícias do uso de LSD – no meio desse caminho, da leitura da autobiografia de Arap, acaba sendo revelada também uma parte da história da chegada do ácido lisérgico no Brasil.

Como vimos anteriormente, o uso de LSD começou a ser investigado por médicos e pesquisadores ao redor do mundo, e principalmente nos Estados Unidos, a partir do início dos anos 1950. Segundo Cashman (1980, p.11), a imprensa estadunidense "descobriu" a substância em 1962, só então passando a lhe dar destaque. Antes da mídia, a maior divulgadora do LSD havia sido sua própria fabricante, a empresa Sandoz, que o fornecia gratuitamente a interessados em pesquisá-lo, em troca de acesso aos resultados dessas investigações. Arap (1998, p.37) relata que essa divulgação chegava ao Brasil inclusive na forma de folhetos enumerando as virtudes da nova substância.

Na entrevista que concedeu para essa pesquisa, anteriormente já citada, Cláudio Willer disse que até por volta de 1965 "ninguém conhecia" LSD em São Paulo. Antonio Bivar (2014, p.182) também aponta que até meados da década de 1960, "no Brasil eram poucos os que haviam experimentado o ácido lisérgico" - ele inclusive confirma a vocação pregadora de Arap: "Fauzi contava as coisas fabulosas que o LSD lhe proporcionara em termos do conhecimento de si e dos outros". A difusão do consumo se daria ao final da década e, não à toa, a primeira prisão e o primeiro processo por posse e venda da substância só se dariam nos primeiros dias de 1970, como veremos em detalhes no próximo capítulo: a demanda ainda era pequena antes disso, mesmo que fragmentos de informações sobre a psicodelia circulassem já entre os "desbundados" a partir de fontes diversas, e estava restrita ao circuito medicinal.

Minha hipótese neste capítulo é a de que, assim como no caso dos Estados Unidos, o LSD chegou ao Brasil por vias medicinais, a partir de meados dos anos 1950. Somente alguns anos depois, e aí já

vendidos pelo que se costuma de chamar de "tráfico", é que se difundiria, social e midiaticamente, esse hábito, esse vício, essa maldição, essa panaceia – a depender do gosto do freguês. Mas, antes disso, alguns médicos foram os pioneiros da lisergia no Brasil.

O relato autobiográfico e a trajetória de Fauzi Arap ajudam a ilustrar essa hipótese. Em seu livro, ele narra que participava como ator profissional de ensaios para a peça de teatro *A Mandrágora*, no Rio de Janeiro, em 1963, quando foi introduzido no interesse pela psicanálise por "uma jovem atriz", que lhe contou a "grande novidade" de que havia "um novo tipo de terapia que se valia de um novo tipo de substância". "Poucos, na época, saberiam dizer o que era o tal de ácido lisérgico. Em minha ignorância, imaginei tratar-se de algum tipo de remédio muito eficaz, e não mais que isso", prossegue (Arap, 1998, p.29), apontando que tudo o que conhecia sobre o assunto no momento se baseava na leitura de alguns artigos publicados pelo escritor Paulo Mendes Campos na revista *Manchete* e pelos livros de Aldous Huxley.

O ator e dramaturgo diz que, no momento, havia "uma série de artistas plásticos paulistas que vinham se submetendo à experiência para terapia e experiências visuais" e que no Rio de Janeiro quem conduzia esse tipo de procedimento era o médico Murilo Pereira Gomes. Sua amiga lhe informou que o tratamento acontecia com sessões a cada quinze dias e que além delas havia também entrevistas preparatórias e de avaliação. Em seu primeiro encontro com Gomes, o médico teria prometido a Arap (1998, p.30) que este encontraria "sua essência" no uso terapêutico do LSD – que se dava num consultório, com ingestão através de injeção muscular. O relato dessa primeira experiência ocupa sete páginas do livro de Arap (1998, p.31-38) e inclui gargalhadas, medos, um passeio de carro até um parque com o médico, uma experiência de regressão até o útero materno e a sensação final de importantes descobertas, de ter atingido uma "dimensão mágica": "Uma superconsciência, um self, um si mesmo, tanto faz. E o LSD me propiciara a oportunidade de descobrir que essa consciência preexistia, quem sabe desde o momento da fecundação", descreve.

O médico Murilo Pereira Gomes também foi quem conduziu a primeira experiência do escritor Paulo Mendes Campos[55]. Publicada na revista *Manchete,* em 1962, e depois no livro *Cisne de feltro*

55

(Campos, 2001, p.113), a série de textos "Experiência com LSD" narra que o interesse do escritor pelo tema também surgiu através da leitura das obras de Huxley sobre a mescalina. Nesse caso, a ingestão se deu por "bolinhas coloridas" na sala do apartamento do médico, e os efeitos surpreenderam Campos sobretudo por conta de uma mudança na percepção do tempo:

> Uma experiência singular começou a realizar-se na minha consciência: eu me desinteressava do tempo, não o apreendia como habitualmente, embora me fosse possível, através de artifícios mentais, manter uma noção aproximada de determinados espaços de tempo. Durante todo o apogeu da experiência (umas três horas, creio), essa isenção em relação ao fluir do tempo intensificou-se, sem que sentisse por isso propriamente prazer, mas indiscriminado alívio.(...) Minha mente se clarificava o tempo todo, só que centralizava sua atenção em objetos e percepções que antes viviam, fora ou dentro de mim, sem suscitar maiores curiosidades.

Em sua reflexão posterior ao uso, Campos avalia que, durante a viagem de LSD, "o tempo não está interessado em nós e portanto não podemos nós estar interessados nele". Por mais que o médico estivesse cronometrando a experiência, para o escritor era impossível medir a passagem do tempo, o que segundo ele o aproximava da "inocência" da infância: "a criança vive normalmente com o tempo, sem saber medi-lo ou sofrê-lo", e com isso se "ela se confunde espontaneamente com o tempo, integra-se à corrente, como se fosse fundamental à inocência infantil o profundo e repousante desinteresse pela passagem das horas e pela aproximação gradativa da decadência-e-morte". Além disso, Campos relata ter vivido também "uma verdadeira inauguração do mundo cromático", e aponta efeitos duradouros apenas com esta primeira sessão:

> Sou hoje (semanas depois da primeira experiência) um homem mais desamarrado, sobretudo bem mais livre de mim mesmo. A experiência me ajudou antes de tudo a não comer gato por lebre, isto é, hoje, dentro e fora de mim, posso apreender melhor o que é duvidoso ou falso, o que passava por certo e era mediocremente veraz. Livrei-me de algumas túnicas da minha fantasia, quase todas depressivas. Despertei certa manhã de domingo, logo depois da primeira experiência, muito mais curioso do universo e muito menos angustiado pela catástrofe humana. Existir ficou um pouco menos difícil. Aos 40 anos de idade, eu imaginava várias vezes a luz e a escuridão, mas não vira nem uma nem outra. (Campos, 2001, p.114)

Desde esse momento, Gomes e Campos trabalharam no sentido de divulgar e debater suas experiências, como médico e como paciente. É o que indica por exemplo a edição de 23 de novembro de 1962 do jornal *Correio da Manhã* que, em suas "Notas médicas", divulga evento

---

Nascido em 1922 e falecido em 1991, Campos trabalhou também como jornalista. Suas obras principais são dos gêneros da crônica e da poesia.

sobre LSD com a presença de ambos:

> SOCIEDADE BRASILERIA DE REFLEXOLOGIA - Reúne-se no dia 27, às 20h30m, em sua sede, à Av. Churchill, 97, 10º andar, com o seguinte programa: "Natureza da resposta psicológica do ácido lisérgico", conferência do dr. Murilo Pereira Gomes; "A experiência lisérgica vivida por um escritor", pelo escritor Paulo Mendes Campos.

Em 30 de novembro de 1962 foi a vez de *O Estado de São Paulo* divulgar evento semelhante:

> O escritor Paulo Mendes Campos e o psiquiatra Murilo Pereira Gomes falaram em reunião do Sindicato dos Médicos sobre a ação do ácido lisérgico na mente humana. Definiu o psiquiatra a natureza da resposta psicológica à ação do Ácido Lisérgico. O escritor relatou as experiências que viveu quando submetido à ação do ácido, que é idêntica à Mescalina. Os efeitos psicotrópicos do Ácido Lisérgico tem despertado atenção depois que Aldous Huxley fez uso da droga e publicou seu livro, "A porta da percepção" [sic]. .

Mais adiante veremos com maior detalhe a atuação de Murilo Gomes. Cabe aqui, por enquanto, observar que seu paciente Paulo Mendes Campos seguiu também como referência nessa discussão, por mais que ele tenha dito que seu uso ficou restrito a essas experiências iniciais supervisionadas pelo médico. Em edição publicada em janeiro de 1970, *O Pasquim* entrevistou o escritor, e a questão das drogas e do LSD foi abordada – oito anos depois, Campos continuava sendo fonte para essa discussão na mídia alternativa, que reconhecia seu posicionamento precursor.

Atribuindo a “Paulinho” uma “serena inteligência” e qualificando-o como “poeta respeitado, cronista admirado em todo o Brasil e excepcional figura humana”, o texto de abertura da entrevista o descreve (Augusto, Jaguar, 2006, p. 80) como “capaz de falar com rara coragem, calmamente, sem que nenhuma mudança no tom da voz traia a menor vaidade por suas qualidades”. Durante a conversa, quem introduz o tema é o jornalista Tarso de Castro, que questiona: “Você já fez experiência com tóxicos?”. O diálogo segue com a participação também de Luiz Carlos Maciel, e justifica sua transcrição completa devido às inúmeras referências trazidas, com o escritor declarando ter feito uso do LSD com interesse “científico”:

> PAULO Já. Fiz várias. Com LSD, inclusive; sobre seu efeito eu fiz 10 crônicas. Mas eu não entendi o que você quer saber.
>
> TARSO Eu quero que você fale sobre o assunto.

MACIEL O negócio é o seguinte: na época em que você fez experiências com ácido lisérgico, ninguém conhecia o ácido, não sei como você descobriu o LSD, aí fez a experiência e escreveu sobre isso.

PAULO O ácido lisérgico é que me descobriu.

MACIEL Naquela época, você estava dando a impressão para as pessoas que aquele negócio era uma coisa caída do céu, meio misterioso. Hoje não. O que a gente que saber é se você reformulou algum conceito, se acha bom ou mau o ácido ter se tornado tão comum, etc.

PAULO Isso é muito difícil, porque esse problema tem um lado médico que não posso admitir. A minha experiência foi feita com a maior inocência e depois fui ler sobre o assunto. Pensei até em escrever um livro sobre o LSD. Quando eu comecei a comprar livros sobre isso, a bibliografia foi aumentando de tal maneira, os dados foram se complicando de tal jeito, que eu não tive peito para assumir a responsabilidade de afirmar isto ou aquilo. Houve uma infiltração muito grande, burguesa e até mesmo ideológica sobre o assunto. Os Estados Unidos chegaram a dizer que era um problema de segurança combater o ácido lisérgico, porque alguns vidros derramados de LSD numa estação de água em Nova York daria um porre na população, tirando dela todos os instintos defensivos, criando uma passividade muito grande. Mas a minha experiência com LSD foi esplêndida. Eu fiz quatro ou cinco experiências, um curso de madureza de auto-análise e me conheci muito melhor. Durante uns dois ou três anos eu me senti com uma segurança muito maior, e vi profundidades minhas horrendas que me levaram a me conhecer melhor e como consequência a me conduzir melhor. Isso alterou muito a minha vida. Inclusive tem uma frase de um dos médicos que iniciaram as experiências dizendo que "o homem que tomava LSD nunca mais seria o mesmo". E é isso mesmo. É uma coisa tão fascinante que eu estou vendo com alarma a contrapartida disso tudo, a terrível reação imbecil sem ponderar os argumentos lógicos e científicos que podem existir a respeito, de prudência quanto ao uso de LSD, então essa contrapartida me deprime. Porque eu que é muito difícil introduzir alguma coisa de novo que enriqueça a humanidade. Creio, pouco por experiência e muito mais intuitivamente, que o LSD é isso. Ele deve ser estudado sobre todos os seus aspectos científicos, mas devia ser levado a sério. Tudo eu que li sobre ácido lisérgico me levou a acreditar nisso. Que é uma potencialidade psíquica da maior importância no tratamento da vida moderna para as pessoas que são consideradas sadias mentalmente e, sobretudo, de uma inegável potencialidade no tratamento de pessoas para esquizofrênicas ou esquizofrênicas.

TARSO Qual foi o ponto negativo que você encontrou na jogada? Você teve a chamada bad trip?

PAULO Eu não tive bad trip não. O Hélio Pellegrino, um amigo meu que é psiquiatra, faz psicanálise, quando eu relatei as minhas experiências, me disse uma coisa muito pertinente: em mim, o LSD ocultava o diabo e mostrava o anjo. E isso me impressionou, porque eu vi que a minha projeção podia ser muito individual, e eu fiquei muito eufórico, exatamente porque só vi de fora de mim o anjo. Mas por outro lado, pensando horas depois, eu não vejo nenhum problema em

que se projete também o demônio. Porque inclusive o demônio também é muito importante. E se a pessoa projeta só o seu demônio, também pode fazer a síntese. Então é a síntese o outro que ele precisa ver para sintetizar com outro seu aspecto de eletricidade positiva ou negativa. Eu via o anjo, porque eu precisava ver o anjo, porque eu via normalmente, conscientemente, o anjo dentro de mim. O outro que vê o demônio, precisando está de vê-lo, porque tem uma tendência de ver só o aspecto bom dele. Sob esse aspecto de síntese, o problema continua positivo. Nada há que torne perigoso o uso de LSD nesse aspecto.

MACIEL Uma das coisas que tenho lido do LSD, e as outras drogas que depois da sua experiência começaram a aparecer e foram chamadas de psicodélicas, é que essas drogas exigem certo aprendizado. Quer dizer ,depois que se toma a droga uma, duas, três vezes, começava-se a descobrir coisas. Isto é, começa-se a usar drogas. Da primeira vez que você toma, ela revela certas coisas. Mas você não está acostumado com ela então o negócio fica meio confuso. Depois que você tomar várias vezes, aprende a usar drogas, aprende a decifrar o que elas revelam pra você. Então queria saber se depois da sua experiência, que foi pioneira, se você repetiu a experiência? Se repetiu, por quê? Se não, por que também?

PAULO Eu só fiz as experiências durante o tempo em que eu escrevi sobre elas. Depois eu não repeti. Porque eu não fui levado a repetir compulsivamente e gostaria de repetir, porque hoje eu tenho uma informação didática a respeito do LSD e, dentro da experiência que eu já tive, gostaria de experimentar sob um ponto de vista científico, e não sob um ponto de vista estritamente individual.

MACIEL Na época, você tomou ácido lisérgico com assistência de um psiquiatra não foi? Ele não lhe explicou, antes de você tomar, do que se tratava?

PAULO Explicou sim, mas em termos gerais. Eu conhecia já um livro do Aldous Huxley sobre a mescalina, que é o As Portas da Percepção, de maneira que eu não tinha uma informação mais detalhada, mais ampla, sobre os próprios efeitos do LSD, em tinha meditado sobre o que isso significaria em cima do composto psicossomático. Depois que eu li sobre isso de gente que estudou isso com isenção, me deixou ainda com a impressão de que é um campo ilimitado, fantástico, completamente adulterado pelos preconceitos. Isso se vê muito bem na imprensa burguesa. É um ódio que se sente em tudo quanto é matéria, geralmente matérias encomendadas de agências, que publicam coisas em segundo caderno, então a gente sente uma direção contra o LSD. Só isso já daria para desconfiar a favor do LSD.

Segundo Arap (1998, p.71), o médico Murilo Gomes conduziu outras experiências com escritores, inclusive Clarice Lispector teria participado. Arap (1998, p.77) conta também que foi apresentado em 1965 pela atriz Maria Alice Vergueiro a um psiquiatra que atendia num consultório na Avenida Paulista e também trabalhava com LSD – neste caso, o uso se dava por comprimidos. O diretor de

teatro não seguiu a relação com este médico, mas vemos por esse depoimento que havia diversos profissionais da área trabalhando com a substância no Rio e em São Paulo. Dois deles foram citados anteriormente por Cláudio Willer, por terem participado de sua primeira experiência com a substância: Cesário Morey Hossri e Jamil Mansur Haddad. Foram figuras importantes nesse processo de chegada e estudo do LSD no Brasil, assim como Murilo Pereira Gomes, de quem Fauzi Arap foi pupilo. Analisaremos em detalhes a trajetória dos três a seguir.

Antes disso, retomo o depoimento de Cláudio Willer, que declarou ter tido poucas experiências com LSD, que não seria a droga de sua preferência. Muito amigo do poeta Roberto Piva, ele me disse que este, em conjunto com outros amigos seus, como o artista plástico Wesley Duke Lee, faziam parte de um grupo de terapia conduzido pelo médico Benedicto Sampaio. No entanto, de acordo com Willer "o Benedicto não teve a ver com drogas".

Wesley Duke Lee, a propósito, é outra figura destacada nesse cenário da protopsicodelia paulistana. Nascido em São Paulo, em 1931, mesma cidade onde morreria em 2010, tinha esse nome pois seu pai era de família dos Estados Unidos. Quando morreu, depois de ter passado seus últimos anos debilitado pelo Mal de Alzheimer, diversas reportagens na imprensa[56] destacaram, sem muitos detalhes, seu pioneirismo tanto pelo caráter "pop" de sua arte quanto pela experimentação lisérgica, por ter se oferecido como voluntário para experimentos com acompanhamento médico em 1962. Uma reportagem do site *Catraca Livre,* publicada em 2014[57], aponta como resultante desse envolvimento a realização de uma série de trabalhos que constituiriam a "fase lisérgica do artista, que o liberou de alguns preceitos e deu liberdade na sua obra". Produzidas após 1964, as séries *Lisérgica* e *Formação de um povo* teriam sido fortemente influenciadas pelo consumo de LSD.

Em entrevista sobre sua carreira concedida para o caderno "Ilustrada", da *Folha de São Paulo,* em 29 de outubro de 1977[58], Fauzi Arap cita Paulo Mendes Campos e os artistas Mário Gruber e Wesley Duke Lee como frequentadores das sessões de Murilo Pereira Gomes. Outra referência que encontrei é do caderno "Suplemento literário", de *O Estado de S.Paulo* , que publicou em 12 de

---

56 Por exemplo: Morre em São Paulo o artista plástico Wesley Duke Lee, Revista Veja. https://veja.abril.com.br/entretenimento/morre-em-sao-paulo-o-artista-plastico-wesley-duke-lee/ ; Morre o artista Wesley Duke Lee, O Estado de S.Paulo. https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,morre-o-artista-wesley-duke-lee-imp-,609410 ; Morre o controvertido e pioneiro Wesley Duke Lee, Revista IstoÉ. https://istoe.com.br/100893_MORRE+O+CONTROVERTIDO+IRREVERENTE+E+PIONEIRO+WESLEY+DUKE+LEE/

57 Wesley Duke Lee: o artista irreverente que usou erotismo, crítica e lisergia para transgredir a arte e a vida. Catraca Livre. 19 de agosto de 2014. Disponível em https://catracalivre.com.br/criatividade/wesley-duke-lee-o-artista-irreverente-que-usou-erotismo-critica-e-lisergia-para-transgredir-a-arte-e-a-vida/

58 Fazui: um homem preso na armadilha do teatro. Folha de S.Paulo, 29 de outubro de 1977.

setembro de 1964 um texto sobre a obra de Lee, assinado por Roberto Dualibi[59]. Nele, o autor enumera "as diversas fases pelas quais passou Wesley": a fase da "zoologia fantástica", a "fase Platiner, onde passou a dominar os recursos técnicos do seu ofício", "a fase das 'ligas', que já é uma aproximação do seu objetivo", a "do Realismo Mágico, onde, através de um rótulo, o artista sentiu-se mais à vontade para destruir as muralhas que o separavam do paraíso". Todas essas etapas viriam antes da "fase atual" de Duke Lee para aquele momento de 1964, que segundo Dualibi seria "precipitada por um súbito amadurecimento do artista após as experiências do ácido lisérgico e da prisão". Essa frase é acompanhada de uma nota que explica tanto o episódio da prisão – ocasionada por uma inocente troca de telegramas sobre o nascimento do filho do músico Sérgio Mendes (!), justamente no dia do Golpe Militar de 1964 - e também pontua a influência do LSD na produção então recente do artista, a partir de um depoimento dele mesmo ao autor do texto:

> No dia 1º de abril deste ano, o pianista Sérgio Mendes remeteu para Wesley Duke Lee um telegrama no qual comunicava o nascimento de seu filho e cujo texto ("Rodriguinho barra limpa. primeiro realista mágico de Niterói manda dizer ao tio Lee que a ordem do dia é fraldas e leite materno, ó Pai") levou as autoridades a concluírem que o artista possuía um arsenal para bombardear o Jardim América. Sérgio Mendes foi preso no Rio e Wesley em São Paulo. Só foram soltos depois que a esposa do pianista levou o filho recém-nascido à delegacia e provou que o telegrama não estava escrito em código secreto. "O lisérgico me provocou uma profunda crença no estar vivo", diz Wesley, "enquanto a prisão é demonstrar o fato de você estar vivo. Dividida em duas partes uma é preta, outra dourada. E sempre aparece em forma do número 17, que era o da cela. Preto é ser pego à força e tirado do seu meio ambiente; dourado, os companheiros que eu tive, indivíduos que eu passaria a vida inteira sem esbarrar neles e sem descobrir aquele mundo todo de preocupações, muito semelhantes às minhas porém em formas diferentes. A prisão me fez concluir qual a verdadeira condição do indivíduo: ninguém tem posição alguma. Todos estão sujeitos a máquinas estranhíssimas. E subitamente deixei de elaborar as formas, porque senti que nunca iriam comunicar. O negócio tem de ser cru mesmo. A cor não precisa ser uma cor modulada, liso é retinamente. Não é preciso empregar cinco diferentes vermelhos numa soma que se pinta de vermelho. Emprega-se um só. Dá na mesma".

Voltando a Benedicto Sampaio, interessado em saber se ele era ou não um dos médicos precursores no uso de LSD antes de sua proibição no Brasil, eu entrei em contato com Celso Frederico, professor da USP que eu sabia ter publicado um livro em parceria com o falecido médico60. O que eu não sabia é que Frederico, mesmo 23 anos mais novo, havia sido um grande amigo de Sampaio. "Conheci o Benedicto no final dos anos 60, quando ele estava envolvido com o pessoal da luta

---

59 O realismo mágico. Alberto Dualibi. O Estado de São Paulo, 12 de setembro de 1964.

60 O livro se chama *Dialética e Materialismo - Marx entre Hegel e Feuerbach*, e foi publicado em 2005 pela Editora da UFRJ na coleção Pensamento Crítico.

armada", contou-me o professor, que diz se lembrar de suas "referências às drogas" quando conversavam, "embora ele, no hospital, trabalhasse mais com alcoolismo. O que ficou na memória, foi a informação de que, às vezes, as experiências eram feitas às cegas - droga e placebo - sem que nem ele e nem o paciente soubessem o que foi ingerido".

Muito prestativo, Frederico me mandou inclusive o texto que leu no velório de Sampaio para homenageá-lo. Neste texto, o grupo de Piva e sua relação com o médico são citadas:

> Havia também um outro grupo, muito diferente, com quem ele se relacionava: tratava-se de jovens artistas ligados ao surrealismo e aos beatniks americanos, como Roberto Piva, Raul Fiker, Cláudio Willer e outros. Era um pessoal extravagante para a época, de vida desregrada e que fazia apologia das drogas. Quando manifestei meu estranhamento, Benedicto observou que esse grupo pequeno, que tinha uma existência marginal, desde inícios dos anos 60 estava anunciando o que viria a seguir, para o bem e para o mal: a revolução dos costumes. Só muito tempo depois lembrei daquela certeira previsão.

Em outro momento deste texto, mais adiante, Frederico cita divergências com a antipsiquiatria como o "último combate intelectual" de Sampaio – que era sócio de um hospital psiquiátrico em Santo André. "Agora o adversário vinha da esquerda, uma nova esquerda formada pelas idéias irracionalistas. Tratava-se do movimento conhecido como antipsiquiatria que tinha como slogan a defesa de 'uma sociedade sem manicômios": "o psiquiatra não era mais uma cientista, mas um reles carcereiro", opina Frederico, tomando partido do amigo. "Benedicto travou uma longa batalha contra a antipsiquiatria. Recusava a associação entre o moderno hospital psiquiátrico e os antigos manicômios judiciais. Recusava também toda aquela filosofia irracionalista que embasava seus novos adversários". "O que mais o preocupava nesse combate era o destino dos doentes mentais", sintetiza Frederico: "Se os hospitais fecharem, o que será deles? E respondia: eles não serão tratados por comunidades terapêuticas e nem pelas famílias. Eles serão jogados na rua e irão conviver com a sujeira, o lixo, a marginalidade e o crack".

Na biografia que escreveu sobre o guerrilheiro Carlos Marighella, Mário Magalhães cita Sampaio. Quando está relatando a fundação da ALN, após racha de militantes do PCB (p.271) que não estavam com muita disposição para debates sobre "minudências" e queriam ação (armada), o autor cita Sampaio entre os fundadores, descrevendo-o como "socialista e anarquista". Mais adiante (2012, p. 284), o médico é citado entre os apoiadores da organização que faziam parte da classe média: "O badalado psiquiatra Benedicto Sampaio, que recepcionara o filósofo Jean-Paul Sartre no Brasil, agora ciceroneava militantes treinados em Cuba" - esse apoio incluiu, em dado momento,

que o médico guardasse fuzis para a organização (2012, p. 324).

Em outro momento, Magalhães (2012, p. 301) qualifica Sampaio como "amigo íntimo de Marighella". Sua esposa, a professora de história Suzana Sampaio, também é citada entre os apoiadores, tendo abrigado familiares do guerrilheiro Carlos Eugenio em sua casa, em uma de suas participações relatadas. De acordo com Magalhães, por conta disso Suzana foi uma das últimas pessoas que conversaram com o líder guerrilheiro antes de sua morte, exatamente para tratar do destino das pessoas que hospedava:

> Se havia uma pessoa a quem Marighella se sentiria obrigado a prevenir sobre mistério ou apuros de qualquer ordem na segurança dos frades, era Suzanna Sampaio. Ela se incorporara à aln com o marido no alvorecer da organização. Valderez e Maria da Paz se hospedavam na residência deles, e Marighella planejara despachá-las para o exterior pela rota operada por frei Betto no Rio Grande do Sul. Tinha mil dólares na pasta, para entregá-los a Fernando e Ivo, bancando a viagem. Queria que os dominicanos as conduzissem via rodoviária até a fronteira. Não ignorava a conexão de Suzanna e Benedicto com Ivo e Fernando. Como era do conhecimento de Marighella, os Sampaio emprestavam um carro para os religiosos. Antes das sete e meia da noite, Suzanna atendeu ao telefone.
>
> "É o Maluf", apresentou-se Marighella.
>
> Provavelmente, ligava de um telefone público entre o Tatuapé e os Jardins, a região da alameda Casa Branca. Com a tranquilidade habitual, disse que às onze horas da manhã seguinte iria ao dentista. Era o código para a interlocutora se deslocar com seu Fusca até a rua Augusta, na confluência com a rua Estados Unidos, e ele entrar para conversarem — 1100 metros separavam o local da Casa Branca. A professora esperava que o amigo transmitisse as orientações finais para a partida de mãe e irmã de Carlos Eugênio. No seu último diálogo conhecido, Marighella não citou os dominicanos, fosse para apurar informações ou alertar sobre possíveis problemas. "Ele não sabia que os frades tinham sido presos no Rio",lamentaria Suzanna.

Presos anteriormente, os freis citados, Fernando e Ivo, foram obrigados a marcar esse encontro com Marighella – e foram acompanhados da polícia, que matou o guerrilheiro na Alameda Casa Branca, região nobre de São Paulo. Era o dia 4 de novembro de 1969. Benedicto Sampaio morreria quase 40 anos depois, em julho de 2009, aos 84 anos, em consequência de um AVC. Segundo seu obituário, publicado em 17 de julho de 2009 na *Folha de São Paulo*, ele e Suzana foram casados por 54 anos. "Benedicto pegou uma época de muitas mudanças em sua área profissional: viu surgirem novos tratamentos e acompanhou o desenvolvimento dos psicotrópicos. Trabalhou no hospital do Juquery, deu aulas na Escola Paulista de Medicina e se dedicou a uma clínica que montou com quatro amigos, em Santo André (SP), onde priorizava pacientes pobres", diz o texto, que cita uma prisão

durante 11 meses durante a ditadura, por conta de sua atuação na ALN. Ao sair, partiu para a Escócia, onde viveu por quatro anos e meio – já havia morado com a esposa em Paris, durante seus estudos de especialização.

Sampaio publicou, na mesma *Folha de São Paulo*, um artigo em 18 de setembro de 1998. Intitulado "Doença mental e direito ao tratamento", o texto é uma crítica à antipsiquiatria, que teria escolhido o "hospital como instituição psiquiátrica por excelência" e seria, no momento de escrita do artigo, uma visão que teria caído em descrédito, sendo apenas "lembrada como outra extravagância da contracultura". Além dessa crítica, o artigo tem como objetivo defender a internação compulsória de pacientes de doenças mentais: "O direito à doença mental, vista como simples diferença rebelde, é substituído pelo direito ao tratamento, mesmo que, devido à própria doença, o paciente se negue a recebê-lo".

Por sugestão de Celso Frederico, entrei em contato com o também médico Daher Gattaz, que era sócio e amigo de Benedicto Sampaio e me concedeu uma breve entrevista por telefone em fevereiro de 2016. Explicitamente relutando em comentar o tema, Gattaz afirmou-me que "não consta que ele tenha feito qualquer trabalho científico sobre LSD, só sobre álcool, estudos sobre álcool, delirium tremens". "O que me lembro é uma história que ele contava que ele e um grupo de psiquiatras fizeram experimentos com LSD com alguns voluntários, e entre os voluntários estava o Wesley Duke Lee, o artista plástico", prosseguiu, antes de lamentar não poder me ajudar. Vemos portanto que Sampaio participou sim de experimentos com LSD, não ficando evidente porém se o interesse figurava entre suas prioridades intelectuais e clínicas. Acima de tudo, não deixa de ser bastante notável, e quem sabe promissor para possíveis novas investigações, esse interesse pelo ácido lisérgico ter permeado a vida de um amigo íntimo de um dos personagens mais destacados da história (e da historiografia) da esquerda brasileira. Não seria absurdo concedermos um pouco de liberdade para a mente imaginar os dois tendo uma conversa sobre ácido e revolução...

***

Primeiros trabalhos acadêmicos

Deixando a imaginação um puco de lado, voltemos aos personagens dessa chegada médica do LSD ao Brasil. Antes de observarmos com mais atenção a trajetória dos três médicos citados antes, por serem simbólicos e por dispormos de certa diversidade de fontes sobre suas atuações, vale mencionar alguns dos primeiros trabalhos científicos feitos no Brasil sobre a substância. Eles estão

disponíveis no arquivo do CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas, instituição de pesquisa hospedada na Universidade Federal de São Paulo – Unifesp.

O trabalho de publicação mais antiga que encontrei sobre os usos terapêuticos do ácido lisérgico foi escrito por Eustachio Portella Nunes Filho (1954) e publicado, em outubro de 1954, no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* – no texto, o autor é creditado como integrante da "Divisão de Pesquisas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil". Intitulado "Investigações com a dietilamida do ácido lisérgico", o texto inicia apresentando as enfermidades, sejam orgânicas ou mentais, como resultantes do "arranjo combinado" de dois grupos de fatores: "o constitucional genotípico" e outro representado "pelo mundo circundante, isto é, pelos meios interno e externo" - nos termos da Psiquiatria, seriam as influências endógenas, no primeiro caso, e exógenas, no segundo.

Prosseguindo problematizando os estudos sobre estes aspectos, o autor diz que naquele momento o interesse dos pesquisadores estaria convergindo "para as relações entre psicoses sintomáticas e endógenas. Specht sustentou a impossibilidade de separar radicalmente os quadros exógenos dos endógenos, asseverando, serem os primeiros igualmente performados, posto que exogenamente desencadeados". "Os sintomas mentais causados por tóxicos assemelham-se àqueles das psicoses sintomáticas", continua Nunes, para quem "o estudo dessas intoxicações assumiu enorme importância por isso que permitia verificar se um agente exterior poderia desencadear ou provocar um quadro endógeno".

Após assinalar a existência de alguns estudos com mescalina, Portella Nunes na sequência qualifica os efeitos psicológicos do LSD como "notáveis" e depois cita uma série de pesquisas envolvendo a substância, desde os primeiros escritos de Hofmann e de Stoll, já citados anteriormente. Posteriormente, no subitem "Método", descreve seus próprios estudos, tendo já ressaltado em nota de rodapé, no início do texto, que "este produto foi-nos gentilmente cedido pelo Laboratório Sandoz S.A.". Segundo o médico, todos os pacientes estavam "em remissão de quadros psicóticos por nós conhecidos"[61]. Alguns dias antes, eram feitas injeções de água distilada buscando "afastar influências sugestivas"; depois, com intervalos de uma semana, "fazíamos as administrações de LSD-25 por via intramuscular, na dose média de um micro grama por quilo de peso e Pervitin, por via endovenosa na dose de 15mgr". A ideia seria analisar os efeitos psicológicos produzidos pelas duas substâncias, comparando-os com os quadros anteriores dos pacientes.

---

61 Seriam eles: esquizofrenia hebefrênica; esquizofrenia catatônica; psicose maníaca depressiva fase maníaca; alcoolismo delirium-tremens. O total de pacientes era de oito.

Nomeando os pacientes apenas por suas iniciais, Nunes Filho apresenta comentários não muito longos sobre cada um deles, totalizando oito casos. A primeira paciente, de 20 anos e classificada como "leptossomática" com "remissão de quadro hebefrênico", vinte minutos após a ingestão de 60 microgramas de LSD teria apresentado "variação rápida de humor, além de estranheza do mundo da percepção". "Julgava-se diferente, estranha, esquisita. Sentia dificuldade em verbalizar o pensamento no qual certas palavras e alguns temas perseveravam sem que se alcançasse o pleno sentido que pretendia dizer". Nunes descreve em mais detalhes a alternância de sentimentos da paciente, sua confusão em relação ao tempo e para se expressar, e afirma que este quadro teria diminuído de intensidade mas permanecido por três dias após a aplicação - "quando da aplicação do eletrochoque que a paciente vinha fazendo". "A psicose desencadeada pela LSD era impossível de ser diferenciada da anterior, endógena exibida pela doente, sobretudo quando a sintomatologia se tornou mais discreta", concluiu o médico. Interessante por esse exemplo algo que veremos mais adiante, como os médicos envolvidos com os experimentos pioneiros do uso terapêutico de ácido lisérgico no Brasil não necessariamente tinham posturas "alternativas" à psiquiatria, alinhadas ao que posteriormente ficaria conhecido como "antipsiquiatria" ou mesmo "movimento antimanicomial". Em geral, a situação pendia para o lado oposto.

Depois de enumerar os sete casos seguintes, em que há relatos de diversas condutas por parte dos pacientes, inclusive um que não apresentou nenhum comportamento digno de nota, Eustachio Portella Nunes apresenta suas conclusões:

> Com a administração do Pervitin, a par de facilitação dos processos associativos e da comunicatividade, conseguimos desencadear verdadeiras psicoses esquizofrênicas e maníacas que, em nada diferiam nem mesmo nos conteúdos, dos quadros endógenos dos mesmos enfermos por nós conhecidos.
>
> A dietilamida do ácido lisérgico fez reaparecer os quadros esquizofrênicos (excetuando o caso 5) aproximadamente com as mesmas características anteriores. E um doente com remissão de mania (caso 7) a LSD ainda em dose de 2 microgramas por quilo de peso não promoveu nenhuma alteração significativa. No caso 6, igualmente de mania, condicionou sintomas esquizofreniformes, com sensação de estranheza do próprio corpo e de todo o mundo da percepção, levando-a a um estado inteiramente diferente de tudo quanto anteriormente experimentara.
>
> O quadro de delirium tremens não foi reeditado por nenhuma das substâncias.
>
> A observação dos efeitos desses dois medicamentos sugere que ambos são capazes de por em marcha processos endógenos. Neste particular, o Pervitin se comporta como um deflagrador neutro, tanto para esquizofrenias como para psicose-maníaco-depressiva, enquanto a LSD é precipuamente esquizogena.

Graduado em 1953 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mesma instituição onde obteve o título de Livre-Docente em 1958, Eustachio Portella Nunes Filho não apresenta em seu currículo nenhum outro trabalho sobre o ácido lisérgico. No mês de março desse mesmo ano de 1954 em que publicou estas conclusões sobre "a" LSD, e no mesmo *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, o médico publicou artigo intitulado "Lobotomia em Pacientes Esquizofrênicos". Nascido em 1929 em Valença do Piauí (PI), Nunes Filho integra a Academia Nacional de Medicina desde 2012.

Outro trabalho acadêmico versando sobre experimentações médicas do uso de LSD foi publicado em 1961 por Paulo Luiz Viana Guedes (1961), Livre-docente de Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, no periódico *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*. Além de professor catedrático, Guedes havia sido, em 1957, um dos criadores do "Curso de Formação em Psiquiatria da disciplina de Psiquiatria e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFRGS", dentro do Hospital São Pedro, instituição de caráter manicomial da capital gaúcha[62]. Como o autor apresenta logo no primeiro parágrafo, o artigo baseia-se em cinco experiências com LSD feitas em três pacientes: "um caso grave de neurose histérica (duas aplicações), um caso de esquizofrenia paranoide (uma aplicação) e um de neurose de caráter - caráter histérico (duas aplicações)". A finalidade seria a "verificação da ação desta substância sob os aspectos psicológicos e estudo de suas possibilidades como auxiliar de psicoterapia".

Guedes descreve então seu método: oscilaram as doses entre sete e treze comprimidos, com 0,025 mg cada. "É importante salientar que, coincidindo com a opinião generalizada sobre o tema, o paciente que necessitou de maior dose foi aquele que apresentava sintomatologia psicótica (delírio de referência)", já apontou na sequência. A administração via oral era feita com os pacientes em jejum. A fim de apressar o fim do efeito do LSD era usada a droga cloropromazina por via oral, sendo a via intramuscular uma opção para os casos em que ocorriam vômitos.

O autor segue para o subitem intitulado "Resultados", no qual sintetiza alguns dos sintomas,

---

[62] Segundo texto sobre a história do Hospital São Pedro, publicado no site *Psychiatry Online Brasil*, em 1957 "o Relatório de Atividades Gerais da Secção de Estatística do Hospital São Pedro registrou a presença de 16 psiquiatras, 20 clínicos e cirurgiões incluindo 01 radiologista e 01 laboratorista, 80 enfermeiros e 88 enfermeiras incluindo auxiliares, atendentes e religiosas, que compunham o Quadro Técnico em atividade". "De acordo com o Serviço de Estatística do Hospital São Pedro, a escala ascendente da população transitante, variou de 88 pacientes em 1884, para 613 em 1898, 1.494 em 1928, 3.068 em 1938, 5.492 em 1948, 6.103 em 1950 e 7.611 em 1957. No final do último ano o número de asilados era de 3.280, sendo 1.740 homens e 1.540 mulheres. População transitante no São Pedro de 1929 a 1969 foi de 150.000 pacientes". "Hospital psiquiátrico São Pedro". Walmor J. Piccinini. Psychiatry online Brasil. Agosto de 2010 - Vol.15 - Nº 8. Disponível em http://www.polbr.med.br/ano10/wal0810.php

dividindo-os entre o "plano somático" e o "plano psicológico". No caso do primeiro, lista os sintomas mais comumente apresentados como sonolência, sensação de tontura, estado vertiginoso, rubor da face, sudorese, entre outros. O vômito teria ocorrido com apenas um paciente, duas vezes. Já no plano psicológico, ele cita perda de orientação quanto a lugar e tempo, "modificações do esquema corporal", perturbações da experiência do ego, alterações na memória e na "sensopercepção". Há ainda um caso de "alucinação negativa" no ouvido, outros de supressão de gosto e mudanças na sensibilidade superficial. O médico cita ainda alterações na esfera afetiva, como ansiedade ou manifestações depressivas, e também transtornos associativos e do pensamento - além de "ideias pseudo-delirantes".

O próximo subtítulo do artigo é intitulado "Comentários", e resume algumas das conclusões de seu autor:

> Como se vê, além das modificações várias no plano somático, a ingestão de ácido lisérgico, nas doses indicadas, provoca abundante sintomatologia psicológica, na qual ressaltam as modificações do ego, franca regressão com afloramento de mecanismos arcádios: dissociação, identificações projetivas e introjetivas, negação. Interessante é o fato de que, mesmo durante o tempo em que está sob a ação das drogas, o paciente conserva uma parte do ego que, com justeza, pode observar e descrever as modificações experimentadas por sua personalidade. Tal fato e a possibilidade de conservação, nos dias subsequentes, da lembrança dos sucessos vividos, permitem obter, tempos depois, relatos muito fiéis da experiência.

Além desses aspectos, "o que torna a experiência grandemente valiosa", nas palavras de Guedes, "é o aparecimento, sob forma intensamente dramática, de situações e fantasias conflituosas infantis". Esse material surgiria não como recordação de algo passado, "mas repetido transferencialmente, sob grande intensidade afetiva, mostrando quanto ele - presente na atualidade do enfermo - é capaz de modelar sua conduta, dirigir seus sentimentos e interferir no seu contato com a realidade subjetiva e objetiva".

> Esta repetição transferencial das vivências infantis, vivida e, ao mesmo tempo, assistida por uma parte do ego, amplia enormemente - ao menos durante o curso da experiência - o "insight" do enfermo que é capaz de captar seu material reprimido, sentir sua realidade e vivenciá-lo como algo existente dentro de si e, ainda, ativo em sua atualidade. Daí a facilidade e grau de convicção com que, comumente, apreendem os pacientes as interpretações do terapeuta.

No último parágrafo, ao concluir o artigo, Guedes destaca a propriedade do LSD-25 de provocar "intensa regressão da personalidade", o que poderia ser utilizado para tratamento psicoterápico

visando ajudar o paciente a compreender suas dificuldades. A intensidade das vivências que acompanham o aparecimento do “material conflituoso”, a conservação de "uma parte do ego capaz de, no decorrer da experiência, assisti-lo e julgá-lo" e a possibilidade de lembrar dos fatos ocorridos são destacados como componentes da "superioridade" do LSD como auxiliar da psicoterapia, em comparação com outras substâncias que eram utilizadas com a mesma finalidade - ele não cita quais.

Outro documento interessante disponível no arquivo do CEBRID foi publicado na *Revista da Associação Médica Brasileira*, em 1964. Um leitor anônimo utiliza a sessão "Resposta ao colega" para questionar: Quais os resultados já conhecidos do emprego do ácido lisérgico e qual sua aplicação legal? A publicação encarregou a resposta a A. Carlos Pacheco e Silva Filho (1964), creditado como "Assistente de Ensino da Escola Paulista de Medicina, membro graduado do 'Institute of Living', Hadford, Conecticut”. Após relatar a origem do LSD e dizer que seu criador, Albert Hofmann, teria identificado que doses ínfimas da substância provocariam "surtos psicóticos temporários" em "seres humanos normais", o autor observa que "a chamada 'juventude transviada' e os boêmios norte-americanos" tornaram-se "assíduos fregueses" da substância, buscando "alucinações coloridas em três dimensões e em 'amplavisão', com distorções de espaço e tempo que ela provoca”.

Comentando também sobre possíveis usos da psilocibina e da mescalina, além do LSD, o autor aponta que a descoberta dessas drogas abriu "um campo enorme na psicofarmacologia" para o estudo experimental das psicoses, dizendo ser este um caminho já seguido "há bastante tempo" por pesquisadores em todo o mundo - no Brasil ele destaca a tese de livre-docência de Clovis Martins. Pacheco e Silva observa ainda que os próprios pesquisadores têm feito uso da substância e relatado seus efeitos, num processo que alguns chegariam a chamar de "expansão da consciência".

O "quadro clínico" atingiria seu ápice três horas após a ingestão da droga, observa Pacheco e Silva antes de se deter nos sintomas apresentados com o uso, a partir de relatos escritos por outros pesquisadores. "Se o terapeuta não tiver experiência com a droga e em psicoterapia e conhecimento do paciente, sabendo como agir na ocasião propícia, de nada adianta a ação farmacológica", salienta o autor, que também defende que embora essas substâncias possam ser úteis na psicoterapia "seu emprego só deve ser feito em ambiente hospitalar especializado e por médicos experientes, não apenas em seu uso, como também em psicoterapia de base psicanalítica". "Desta maneira, não se compreende sua aplicação negligente e irresponsável, como tem sido feita entre nós, segundo é voz corrente, a qual deveria ser coibida e punidos os seus responsáveis pelos Conselhos de Medicina",

conclui Pacheco e Silva, transparecendo portanto a existência, ao menos entre a classe dos médicos, de rumores quanto a uma suposta má utilização, ou utilização irresponsável, de LSD por parte de outros profissionais da área – afinal, ele defende a intervenção dos conselhos de classe no caso.

Citado nessa coluna da *Revista da Associação Médica Brasileira,* o mineiro Clóvis Martins nasceu em 1920 e passou a maior parte da sua vida em São Paulo, tendo sido aluno da 27ª turma da Faculdade de Medicina de São Paulo. Foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Psiquiatria, em 1966, e ingressou na Academia de Medicina de São Paulo em 1971. Em 1964 defendeu, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tese de livre-docência intitulada “Psicose lisérgica: psicopatologia da percepção do espaço, da percepção do tempo e da despersonalização”, possivelmente o primeiro trabalho acadêmico mais de fôlego sobre o tema no Brasil. Morreu em março de 2011, aos 90 anos.

O jornal *O Estado de São Paulo* divulgou evento com sua participação em sua edição de 14 de outubro de 1965, ao citar sua palestra "O ácido lisérgico e a formação da personalidade", promovida pela Associação de Pais e Mestres da Escola Pio XII, e voltou a falar de palestras suas em 15 de junho de 1966:

> "Ácido Lisérgico - Concepção do Mundo e Esquizofrenia" foi o tema geral do ciclo de palestras e filmes iniciado dia 2 último e concluído ontem, no Teatro da Faculdade de Medicina da USP, patrocinado pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.
>
> O ciclo, organizado pelo dr. Clovis Martins, professor assistente da Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, constou de 4 conferências, nos dias 2, 6 7 e 14 do mês em curso. Na sessão de encerramento, ontem o tema abordado foi "O mundo do Esquizofrênico", pelo dr. Clovis Martins, seguido pela projeção de dois filmes - "Ballet para um parafrênico" e "O Mundo do Esquizofrênico".

Disponível na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a tese de livre-docência de Clovis Martins (1964), apresentada para a Cadeira de Clínica Psiquiátrica, nos traz, já em suas referências bibliográficas, um indício de seu pioneirismo: são 21 páginas de referências em inglês, italiano, francês e espanhol, sendo que apenas três são em português, nenhuma delas tratando do ácido lisérgico. Obviamente que nos anos 1960, sem Internet e outras facilidades atuais, o conhecimento acadêmico tinha muito mais dificuldade, e suponho que demora, para circular, mas esse dado nos indica ao menos que, se existiam trabalhos sobre o tema, não eram de conhecimento de Martins.

No “prefácio” da tese, mais uma pequena introdução feita pelo próprio autor, Martins (1964, p. i) primeiro destaca que a esquizofrenia, “psicose protótipo”, não tinha até aquele momento nenhum de seus “problemas mais profundos” desvelados pela ciência, sendo uma doença de “etiologia desconhecida e patogenia obscura”. “O conteúdo do pensamento esquizofrênico, não raro nos umbrais de um mundo metafísico, cuja fantasmagoria, cheia de simbolismo, escapa à compreensão racional, deixa entrever à sensibilidade trágicas nuanças existenciais”, resume, antes de destacar que o aparecimento “de uma substância capaz de provocar alterações comparáveis às do quadro mórbido, ficando seu controle ao arbítrio do pesquisador” indicaria uma possibilidade para a busca da solução, “ainda remota”.

> Discuta-se o mecanismo de ação da substância; discuta-se a natureza das alterações que provoca; discuta-se a localização onde atua, nesta ou naquela estrutura, por este ou aquele esquema, através deste ou daquele mediador químico; discuta-se mesmo o conteúdo do sintoma artificial negando-se ou não sua identidade a compará-lo com o psicótico; nada disso importa em essência pois o fato concreto está em que os psiquiatras já podem agir, provocar, induzir, repetir, modificar, prever, ao contrário do que ocorria antes, quando se limitavam a olhar, observar, descrever, catalogar, imaginar e esperar.

A seguir, Martins relata que o trabalho foi resultado de cinco anos de experiências com LSD em pacientes internados na Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, “serviço do professor A.C. Pacheco e Silva”, ou seja, desde o final dos anos 1950 – mais adiante (Martins, 1964, p.68) ele precisa as datas como sendo entre 1958 e 1963. “Dessa experiência foram selecionados casos e provas que permitissem o estudo de determinados aspectos e problemas de psicopatologia, abertos à investigação pelo prisma das psicoses artificiais”, explica Martins, que destaca também no prefácio que o estudo apresenta muitos pontos, o que o teria obrigado a estudá-los “de maneira concisa e um tanto superficial” “A incipiente utilização de métodos, alguns por nós improvisados e ainda em fase de aferição, não nos conferiu segurança para penetração muito funda”, explicou, explanando desejo de que outras pesquisas pudessem surgir a partir da sua.

Na primeira parte do trabalho, Martins faz uma breve recapitulação dos primórdios da farmacologia e do uso histórico de substâncias como haxixe, maconha e mescalina, antes de relatar o surgimento do ácido lisérgico e apresentar uma revisão bibliográfica de alguns estudos, todos feitos fora do Brasil, sobre seus possíveis usos. “A enorme potência da ação do LSD traduz uma das indiscutíveis vantagens que o eleva dos outros psicodislépticos colocando-o na vanguarda das pesquisas

modernas", defende Martins (1964 , p.13), para quem a substância apresenta também "grande segurança ao seu manuseio" e também a virtude de "não produzir o hábito". Respondendo a críticas, que enfatizam as diferenças entre as "alucinações" produzidas pelo LSD e os sintomas da esquizofrenia, Martins (ibidem, p.17) diz que ambos os problemas – ação do ácido lisérgico e a esquizofrenia – são "problemas ainda extremamente obscuros", e que ele se contenta "em observar os fenômenos provocados pelo medicamento e verificar, através de sua redução fenomenológica, a existência de analogia eventual com os que ocorrem nas grandes síndromes psíquicas".

Na sequência da tese, Martins (1964, p.23) procura falar especificamente sobre a "psicose lisérgica", afirmando ter trabalhado com o DELISYD, nome comercial com o qual o LSD foi lançado no mercado farmacêutica estadunidense, apenas para médicos. "É apresentado sob a forma de ampolas contendo 100 gamas em 1ml da solução aquosa da substância e de comprimidos com 25 gamas do LSD (Sandoz – Basel)". A administração seria por via oral ou parenteral, através de solução aquosa contendo de 2 a 6 gamas por quilo do paciente. Depois de descrever os sintomas somáticos e psicológicos possíveis, Martins (p.27) diz ter uma maior atenção para os "fenômenos relacionados com a percepção e concepção do espaço, os de apreciação e vivência do tempo e os de despersonalização", por conta da frequência, da intensidade e da correlação que julga ver nos mecanismos que os produziam com os da patologia mental. Disso se ocupam os três capítulos seguintes, que têm foco na revisão bibliográfica e não no estudo de casos acompanhados pelo autor.

A partir do capítulo 5, intitulado "Material e Métodos", vemos mais detalhes sobre alguns dos casos acompanhados por Clovis Martins em seu trabalho no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo. A tese selecionou 23 casos, 10 homens e 13 mulheres, com idades entre 15 e 55 anos. Em dez casos foram aplicados placebos, o que teria tornado "patente a origem lisérgica dos sintomas analisados em todos os casos que foram aplicados". As doses variaram de 40 a 200 gamas, administrados por via oral ou endovenosa – posteriormente também foram utilizados comprimidos da Sandoz, 25 gamas cada, e Martins relata um pouco de como essa aplicação era feita:

> A aplicação era feita com o paciente em jejum, deitado, em quarto isolado, sendo-lhe oferecido alimento 1 ou 2 horas depois. Após o primeiro exame, ficava liberado, podendo deslocar-se e permanecer onde preferisse. Sempre que possível, era acompanhado apenas por um médico e uma enfermeira de cada vez, estendendo-se a vigilância e a observação pelas 24 horas que se sucediam às aplicações. Os exames e entrevistas foram realizados no interior da Clínica, em ambientes diversos, bem iluminados, a fim de permitir a aferição da percepção do espaço de acordo com as provas idealizadas por nós. Um protocolo, com o registro minucioso de todas as reações, era feito

> pelo médico e outro pela enfermeira. O paciente era submetido a exames clínicos sucessivos, à medida que o psicoma se instalava. (Martins, 1964, p.70)

O capítulo 6, "Casuística. Resultados", vai da página 75 a 132, e apresenta os resultados dos testes aplicados aos pacientes para determinar suas percepções de tempo e espaço, além de possível "despersonalização". Uma paciente que estava "deprimida e chorando com facilidade", por exemplo, descreveu o ambiente como "triste e vazio", e declarou ter uma sensação "estranha" tomando conta de seu corpo: "é como se meu corpo estivesse se dissolvendo". "O meu corpo está desaparecendo acho que eu vou morrer", chegou a dizer, antes de tomar medicação sedativa e dormir. Outra paciente, na quinta aplicação a que se submeteu, declarou a sensação de que seu corpo estava sendo "cortado em pedacinhos"; já uma outra, que teria apresentado inicialmente "atitude agressiva, olhar desconfiado, negativista, mutismo" chegou a se esconder debaixo da cama para evitar contato com os médicos.

Outro caso relatado é de um operário de 19 anos, de personalidade "tímida e retraída", e que teria um quadro recente de apatia e "tendência ao isolamento", no qual "ultimamente fala apenas quando interrogado, respondendo laconicamente, ainda que de forma razoável e lógica. Indiferente e retraído", o que foi diagnosticado como "esquizofrenia, forma simples". Com 1h35 da aplicação, o paciente estava interpelando o médico e rindo "às gargalhadas"; contudo, duas horas e meia após a aplicação se deu o que Martins (1964, p.86) descreve da seguinte forma:

> "Que coisa estranha! Onde é que estou? Quem é o senhor? Por que tudo isso?". Inquieta-se, demonstra medo, procura sair do quarto, anda pelo corredor, sem rumo. Responde prontamente às perguntas, por vezes dá para-respostas.
> P: "Quanto tempo faz que tomou o remédio?"
> R: "Para que tudo isso? Quem sou eu? Quem é o senhor?
> - Assume atitude autista. Depois que se insiste:
> "Faz 20 minutos que tomei o remédio". "Vejo aquela porta muito longe..." "Atrás dela está tudo torcido... Tudo está torcido". Uma distância aproximada de dois metros no sentido da profundidade foi estimada em quatro metros. Outras respostas satisfatórias.

Outro caso curioso na lista de Martins (1964, p.95) é o de um vendedor, de 18 anos, que seria mitômano e poucos dias antes de ser internado teria sofrido um surto "caracterizado por alheiamento, indiferença, desasseio" - o diagnóstico foi de "personalidade psicopática". Depois de apresentar "euforia" desde os primeiros sintomas aparecerem, já com 1h de "viagem" ele parecia se divertir muito, dizendo: "Que beleza essas cores! Deixe ver um pouquinho", ou mesmo "Que coisa formidável! Como me sinto bacana! O senhor é um amigão meu, deu um remédio bacana que deixa

a gente trá-lá-li-lá", o que teria sido feito antes dele "cantarolar" e dizer "gracejos" à enfermeira. Com 3h45 a excitação teria assumido proporções maiores: "surge o erotismo, o paciente torna-se turbulento e agressivo. Em face disso foi interrompida a prova com uma aplicação de MC1 (amplicitil 0,0025 + fenergan 0,050 + gardenal 0,20)". Outra paciente teve alucinações místicas com personagens da Igreja Católica, chegando até a sentir "o fogo da eternidade", e um garoto de 16 anos, diagnosticado de psicose com lesão cerebral, urinou nas calças durante as provas. Ao final, há ainda um relato dos sintomas sentidos por um médico, creditado com as iniciais M.P., que teria sido voluntário para o teste: ele considerou a experiência "agradável".

Passando para a análise dos resultados no Capítulo 7, Martins (1964, p.150) aponta que o ácido lisérgico tem ação sobre o "núcleo da personalidade", condicionando alterações primárias no "espaço vivencial", com a ação "periférica" do medicamento sendo responsável pelo "aparecimento dos fenômenos psicossensoriais propriamente ditos". Sobre a percepção do tempo, o médico observa que houve, em 22 dos 24 casos, "uma notável tendência à superestimação do intervalo reproduzido durante a vigência do psicoma lisérgico" - o tempo de alguns minutos podia chegar a ser percebido como de horas. Sobre a despersonalização, aponta: "Acreditamos ser possível, através da utilização do LSD-25, reforçar ou reproduzir diferentes quadros, genericamente rotulados de despersonalização, porém dotados de características fenomenologicamente distintos" (Martins, 1964, p.195).

Após analisar mais longamente os testes e resultados, Martins apresenta as considerações finais de seu trabalho de forma breve, em três páginas nas quais lista sete conclusões para seus estudos: 1) o LSD é capaz de provocar distúrbios que revelam "pontos de semelhança" com as psicoses; 2) a análise das manifestações sobre percepção do espaço, percepção do tempo e unidade do "Eu" mostram aspectos comuns, suscetíveis de "interpretação psicopatológica num contexto uniforme"; 3) nesses processos mentais há dois níveis funcionais, um inferior ou periférico, "estruturado em base neuropsicofisiológica, envolvendo funções sensitivo-sensoriais", e outro central, "de alta integração psicológica, responsável pelos processos de unificação e equilíbrio da personalidade, atingido pela droga"; 4) na percepção do espaço, há distúrbios na esfera visual e de natureza vivencial; 5) na percepção do tempo, os intervalos são superestimados ou subestimados, sensação de "eternidade"; 6) os distúrbios de despersonalização ele também dividiu em três grupos; e, por fim, 7): "A diversidade e independência dos sintomas consignados no item 6, levam-nos a propor que se reserve o termo 'despersonalização' apenas para os quadros nos quais se manifesta, primariamente, a vivência de perda de unidade do eu".

Quem também utilizou esse método de anotações o mais objetivas possível a partir de uma experiência com LSD foi o professor Elisaldo Carlini (2017,, p.115), referência maior da pesquisa com maconha medicinal no Brasil. Em discurso proferido na abertura de um simpósio sobre cérebro e mente, realizado em 1984, ele descreveu duas sessões de autoexperimentação, uma com maconha, em 1966, e outra com LSD, em 1974. As duas teriam tido em comum "a nítida sensação de separação, de partição, de um intangível, do eu, que com curiosidade passava a examinar o resto, o corpo e o cérebro".

No caso do LSD, foram tomados 150 microgramas, e a primeira anotação é de 55 minutos após a ingestão: "Tenho a impressão que minha alucinação vai ser um acesso de choro. Sinto-me um pouco trêmulo". Destaco alguns outros trechos das anotações:

> - 100 minutos – Ar quente entra pelas narinas, sinto as articulações rijas. Estou mole, com um pouco de sono. Os pés da cama estão para cima, (eu estava sentado em cadeira) parece que vou cair no "buraco". É minha zona "zona crepuscular" da qual tenho particularmente medo. Mas agora vejo um ventilador enorme por trás de mim, que quer me sugar, me levar para lá.
> - 2 horas – Estou um pouco preocupado: depois, ao ler o que digo e achar que descrevi nada bonito, vou ficar decepcionado. Na realidade acho que a gente é muito pior do que se julga. Sou sugado pelo ventilador. Estou voando sem peso. (…) Vou mergulhando, vou diminuindo até desaparecer, mas de modo algum significa que atingi o fim. Só isto minha mente aceita: amplidão enorme à minha frente. Parece que tem nuvens azuis arroxeadas. Não sei se é agradável, só sinto um frio horrível.
> -2 horas e 5 minutos – Quanto tempo já passou? Só duas horas! Não vejo outra coisa senão este espaço tremendamente amplo. Estou agora caindo. Vou penetrando nesse espaço, sendo levado sem nenhum controle. Isto precisa ter um fim senão eu ficarei sempre desorientado! (…) Consegui evitar aquele espaço infinito; vejo, mas não ligo. Acho agora que posso analisar este camarada que passa a julgamento – serei eu mesmo?
> - 2 horas e 25 minutos – (…) Que imensidade enorme! Não estou tendo nenhum sentimento, apenas sentindo essa imensidão. Preciso voltar a realidade. Estou com sensação horrível de ser arrastado para o infinito. Não quero ir para lá. Sinto estar meio disforme, achatado para trás, sugado com violência tremenda pelo ventilador que me quer levar.(...)
> - 2 horas e 55 minutos – Estou vendo o diabo de novo. Nas ranhuras do balcão, é um quadro surrealista, fluido, sem forma nítida. Os contornos são difusíveis e uma linha se funde na outra. O meu pensamento flui com muita rapidez, perdi o fio do raciocínio. (…) Tenho fome outra vez. Minhas mandíbulas estão enormes! Vejo uma maravilhosa pilha de sanduiches de presunto na minha frente. Que cor fantástica tem o vermelho do presunto! E lá se foi minha tentativa de concatenação de minhas ideias!
> - 3 horas e 30 minutos – Ouço agora a música de Vivaldi. Maravilhoso! Muito difícil de descrever a imagem que agora vejo; é como se tudo fosse um mundo semi-oco, cheio de galardões

> emaranhados; a música está nesse mundo. Que coisa bonita! (...)
> - 4 horas e 10 minutos - Só quatro horas? Parece que séculos se passaram! Estava tentando me organizar e concatenar minhas ideias. Tenho impressão que nunca mais vou gostar de música depois disso.
> - 5 horas – (…) Creio que o efeito já está passando. Olhe a caixa de Skinner que recebi! Não tem significado algum. Já suspeitava isso antes e agora com o LSD tenho certeza, Nada do que se faz atualmente leva a algum lugar. Estamos estagnados! Precisa aparecer alguém para sacudir estes problemas todos com uma reviravolta de conceitos. Esta filosofia, esta metodologia mixuruca que atualmente existe não vai levar nunca a lugar algum. E a mente vai continuar fechada para todos, inclusive para nós.
> -6 horas – Acho que já estou voltando. Não tive nenhuma dissociação visual. A música não está mais produzindo sensação de textura física, não vejo mais cores.

***

Murilo Pereira Gomes: entender nosso papel na peça da vida

Guia das primeiras experiências lisérgicas de Fauzi Arap, Paulo Mendes Campos, Clarice Lispector e tantos outros, como vimos, Murilo Pereira Gomes foi um dos nomes mais importantes dessa cena a julgar por algumas das fontes coletadas. Em coluna publicada no *Correio da Manhã* em 21 de maio de 1963, o colunista de artes Jayme Maurício cita o "já famoso" Dr. Murilo, mostrando que o médico adquirira algum trânsito entre integrantes da classe artística:

> As experiências dos artistas e colecionadores - os críticos de arte não querem - com o ácido lisérgico (uma espécie de mescalina de Huxley - As portas da percepção - aperfeiçoada) vai alcançando sucesso crescente. Depois de Grasmann e Darel[63], vários outros tentaram e ficaram deslumbrados com os resultados. Os mais recentes: o marchand Franco Terranova e o pintor Olímpio de Araújo. Estão entusiasmados. O último disse que conseguiu em cinco horas incorporar todas as vivências do seu ciclo de vida - feto, ameba, larva, etc., e "pintou" furiosamente ainda sob o efeito do ácido e presença do já famoso dr. Murillo.

Publicado no periódico científico *A Folha Médica* em fevereiro de 1963, seu artigo "Configuração de uma psicoterapia com o uso do LSD 25" é fruto de uma comunicação apresentada na sessão "Temas livres de Psiquiatria" do XI Congresso Nacional de Medicina, realizado no Rio de Janeiro em julho de 1962, e apresenta um pouco de suas posições sobre o tema. Já na introdução, Gomes diz que o trabalho apresentado não é conclusivo, por trazer dados coletados a partir de pouco e

63 Trata-se dos artistas Marcelo Grassman e Darel Valença Lins.

insuficiente tempo de pesquisa: ele vinha pesquisando LSD há apenas dez meses. Portanto, de acordo com o próprio médico, suas experiências começaram em 1961.

Nesse artigo, Murilo Gomes relata ter experimentado “a droga”, “atendendo ao convite de um colega”, “em setembro do ano passado”, ou seja, de 1961. “Percebi que se abriam de par em par as portas de um campo inteiramente novo e promissor que oferecia a possibilidade de compreender o modo de vivenciar o mundo e a sua patologia, o significado existencial da eternidade e os caminhos de uma terapêutica por estes conhecimentos norteada”, afirmou Gomes. É possível observar aqui algo que também Cesário Hossri (1984) e Alberto Fontana (1969) destacam em seus livros, do que pode-se deduzir que era uma prática comum entre médicos nesse campo: a experimentação em si mesmos da substância e do próprio método psicoterápico de tratamento. Continua Gomes (1963):

> Logo após pus-me a buscar toda a bibliografia disponível nos últimos anos através de um levantamento de caráter internacional e os trabalhos que li na sua imensa maioria animaram-me a entrar decididamente na investigação deste tema. Soube então que a psicoterapia com LSD era o fascínio de certos grupos psiquiátricos de vanguarda, já tendo sido feita uma conferência em Princeton 1959 sob a direção de Harold A. Abranson, cujo relatório foi editado em livro, e um simpósio, o "1ª Simpósio Europeu sobre Psicoterapia à base de LSD-25", realizado em Göttigen, em 1960, (...) As conclusões apresentadas por estes e outros autores, de cujos trabalhos passei a tomar conhecimento com mais frequência, afirmaram que o princípio eficiente da psicoterapia com LSD reside no mecanismo em grande parte já conhecido pela psicoterapia clássica da apresentação do material reprimido, dos "insights" proporcionados pelas interpretações, da integração subsequente e que na situação lisérgica ocorre com muito maior intensidade e objetivação (como acontecimentos vividos), permitindo uma compreensão mais rápida, mais ampla e mais eficiente.

Segundo o médico, haveria "entre os investigadores das drogas alucinógenas" duas posições fundamentais: a dos "organicistas por formação", que "apreciam o desenrolar dos sintomas para concluírem pela ineficácia da terapêutica", utilizando a pesquisa "apenas para maior aprofundamento dos conhecimentos fenomenológicos"; e, por outro lado, os que colocariam em primeiro plano a "interpretação profunda da comunicação que encerra a sintomatologia e dirigem-se para a compreensão do indivíduo como um existente e para a solução da enfermidade como resultado de uma integração no mundo". Por conta de ter se iniciado no conhecimento do LSD-25 através da auto-experiência e "por já ter a experiência de 350h de análise pessoal" é que ele se filiaria à segunda corrente, explica. A substância poderia ser pesquisada a fim de entender porque indivíduos portadores de "distúrbios emocionais" oferecem dificuldade aos tratamentos, apresentando uma "muralha defensiva" que impediria os resultados desejados.

Na sequência, Murilo Gomes explica sua “técnica”, que tem como primeiro ponto a realização de entrevistas psicoterápicas "nas quais procuramos estabelecer uma relação médico-paciente a fim de colher material que sirva de instrumento para o trabalho interpretativo durante a situação alucinatória". Após ministrada a droga, o médico acompanharia o paciente “durante todo o tempo necessário”. A primeira dose seria decidida a partir do peso corporal da pessoa, com aumentos ou diminuições ocorrendo possivelmente nas próximas sessões. "A dose preconizada é de 1 mcg por quilo de peso corporal. Os alcoolistas e esquizofrênicos costumam suportar grandes doses sem manifestar reação", prossegue.

Depois da ingestão do LSD haveria uma variação entre quinze minutos e duas horas para os primeiros sintomas acontecerem, a depender também da ansiedade do paciente. Gomes cita entre eles perturbações nos sentidos, "tais como movimento de objetos inanimados, mudança de cor ou aumento na luminosidade, gosto estranho, cheiro esquisito ou mau cheiro que é a expressão de como ele sente o surgimento do material inconsciente". A seguir descreve uma técnica na qual, para cada sensação verbalizada pelo paciente, "o médico oferece uma interpretação e o paciente a elabora e incorpora": "Cada sessão é um degrau que se sobe no sentido da cura". A interpretação do médico serviria como "uma tradução da linguagem simbólica, a linguagem das vivências".

A seguir, o Murilo Pereira Gomes (1963, p.75) cita alguns casos de pacientes seus, e de como a ajuda do médico no processo de interpretação dos sinais "alucinatórios" apresentados durante a experiência com LSD ajudaria no caminho da superação de problemas e traumas. Há por exemplo o caso de um alcoolista e sua "bad trip" redentora:

> Um alcoolista da minha experiência quando iniciou a caminhada inexecrável para uma volta dentro de si mesmo, foi tomado de intensa angústia, com pavor de morte, sensação de frio intenso, como se estivesse desprotegido num mundo hostil, mantendo-se embaixo dos cobertores. Após um certo tempo, em que permaneceram estas sensações um paroxismo crescente, subitamente sentiu-se aliviado e feliz como se tivesse atravessado uma barreira de imensas dificuldades, percebendo então que bebia para driblar o surgimento de uma ansiedade semelhante que o ameaçava sempre e que a tendo experimentado na situação alucinatória, conhecera-a e passara a não temê-la mas, sentindo pela primeira vez na vida que não havia mais razão para se embriagar.

Citou também um paciente depressivo que entendeu melhor suas angústias sentindo-as como uma "Revolução Francesa" interna, além deste outro caso:

> Um outro paciente mantinha para com as pessoas uma atitude de rancor, sempre disposto a levá-las ao ridículo, e que levou praticamente a vida a mostrar a distância que havia entre ele e o mundo, não se relacionando com a vida nem com as situações comuns de trabalho, profissão, relações amorosas, viu na situação alucinatória um cartola mascarado, de fraque, colete, etc. Voltada para um grupo de pessoas sem rosto, esta figura aplicava a máscara, que ela segurava como antigamente se segurava o pincinez[64], e depois, ao voltar o rosto para o lado, tirava a máscara e mostra um riso de mofa. "Cartola mascarado" passou a representar então o símbolo da sua atitude de não entrosamento com a realidade atual e à medida que explorávamos os diversos aspectos sugeridos pela figura e suas atitudes - mesmo nos dias subsequentes - o paciente compreendia a infraestrutura do seu modo de ser uma consequente melhora.

Manifestando sua disposição em seguir pesquisando as possibilidades do LSD, o doutor Murilo Gomes (1963, p.76) termina seu artigo da seguinte maneira:

> A situação lisérgica "realiza" alucinatoriamente o mundo inconsciente do indivíduo ao mesmo tempo em que o faz participar desta realização, como uma peça teatral, cômica ou dramática, e é exatamente por vivenciar o indivíduo a sua posição como personagem numa enorme peça que tem como palco a vida e personagens, ele, as suas figuras interjetadas e os outros que compõem o seu grupo humano, captando a dinâmica das relações internas e externas, é que ele se sente, por assim dizer, informado ou instruído sobre a melhor maneira de realizar o seu plano de vida.
>
> É verdade que destas experiências nasce uma outra dimensão da psicopatologia cujo estudo é um imperativo das descobertas realizadas, e que será oportunamente tratado com a profundidade necessária. Quero deixar claro que este trabalho visa apenas a comunicar o meu ingresso na pesquisa dos alucinógenos.

Paciente de Murilo Pereira Gomes, Fauzi Arap (1998, p.53) relata ter sentido melhoras sensíveis em sua vida pessoal e profissional enquanto fazia o tratamento. Seu trabalho de ator teria alcançado "uma qualidade e um autodomínio incríveis", sua timidez "desaparecera" e sua facilidade para se expressar teria melhorado muito. No entanto, inebriado por suas experiências e descobertas, Arap (1998, p.55) acredita ter se distanciado progressivamente de seus amigos e colegas de trabalho – por "apego a esse novo vício, falar sem parar sobre coisas impossíveis". Uma amiga teria iniciado "uma campanha" para que ele deixasse o tratamento, encarado como uma obsessão que prejudicava sua vida social, e haveria, por outro lado, "uma campanha mais abrangente contra o médico e uma desconfiança quanto a sua capacidade". As sessões do ator com Gomes passaram a ser realizadas "em clima de desconfiança mútua", segundo o primeiro, e a relação entre ambos foi esfriando.

---

[64] Se assim como eu o leitor também desconhece esse termo, pelo que pude apurar são aqueles óculos que se segurava com uma haste.

Arap (1998, p.62) relata uma última sessão, não no consultório mas na casa de Murilo, no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, que teria sido infrutífera por conta da falta de abertura e proximidade entre os dois. Na saída, ainda sob o efeito do LSD, o ator se desesperou pelas ruas e acabou tendo que ser "salvo" pelo também ator Sergio Mambert, que o levou para casa após longa e angustiante perambulação noturna - "É claro que esse tipo de incidente acabou colaborando para que aumentassem os boatos sobre os malefícios do LSD e sobre quanto eu estava fora de mim", relata. Devido à rejeição entre seus amigos, Fauzi diz ter deixado de falar sobre seus aprendizados e dilemas lisérgicos após interromper o tratamento, com o tema passando a ser uma ferida não cicatrizada que ele tentava evitar encarar dedicando-se a seu trabalho, que também não estava mais lhe satisfazendo como anteriormente. "Eu convivia cotidianamente com uma angústia permanente, minha ou do personagem, e não me conformava por ter me perdido tanto de mim. Mal sabia que, ao me afastar de Murilo, perdera meu único aliado verdadeiro"[65].

O autor de *Mare Nostrum* diz só obteve alívio para suas angústias desse período através de um encontro, primeiro com a obra e depois com a pessoa de outra paciente de Murilo Gomes: a escritora Clarice Lispector. Publicados em 1964, os livros *A legião estrangeira* e *A paixão segundo G.H.* foram lidos por Arap (1998, p.66) no ano seguinte, lhe causando forte impressão: "*A paixão* se anunciava como um encontro salvador". Ele decide adaptar outro texto dela para o teatro, e nesse processo passa a encontrar-se com a escritora. Após a estreia bem sucedida da peça, as visitas seguem, mas o ator diz ter sentido incômodo de Lispector com sua insistência "em conversar sobre percepções alteradas e estados de consciência especiais": "para meu espanto, compreendi que ela só se permitia escrever sobre tudo aquilo, mas se recusava a falar da mesma forma".

Esses encontros, e a montagem da peça, foram no Rio de Janeiro. Os anos seguintes, entre 1965 e 1971 , Fauzi Arap passou vivendo em São Paulo, sem se encontrar com a escritora. Mantiveram no entanto uma relação, pois o ator também dirigia espetáculos de Maria Bethânia, nos quais incluiu trechos de obras da escritora – o que teria rendido mais dinheiro para Clarice do que a própria venda

[65] "É bom lembrar que o LSD, digam o que disserem, não vicia nem cria qualquer tipo de dependência física. Para mim, desde o início, ele servira de reaferidor de minha consciência, e até mesmo de apoio para que eu conseguisse reconhecer meus limites, desidentificado do outro. Até então eu sempre tivera, sem muita consciência disso, uma compulsão de me identificar com os problemas alheios, e assumi-los. E o LSD conseguira me obrigar, através de seu desafio, a prestar atenção em mim, e no processo eu encontrava respostas que meu estado habitual de consciência não seria capaz de me dar. Sem dúvida ele era um dos pilares do novo estilo de vida que eu adotara, que também incluía toda uma disciplina. Ele vinha sendo o veículo que me facultava o aprofundamento necessário para fazer leituras da realidade descondicionadas do senso comum, criativas e surpreendentes, e com excelentes resultados. Ele era o símbolo do meu recolhimento e concentração possíveis, que me reabasteciam para enfrentar as duras batalhas do dia-a-dia." (Arap, 1998, p.207)

de seus livros. Foi após isso, entre 1971 e 1974, que eles teriam se tornado “grandes amigos”, o que deu a Clarice Lispector a tranquilidade de revelar a Arap suas experiências com LSD, junto do doutor Murilo Gomes:

> Ela me disse ter aceitado experimentar o ácido num grupo de escritores, que incluía Paulo Mendes Campos, devidamente acompanhados pelo Dr. Murilo, mas que ela não havia sentido absolutamente nada. Disse até que a certa altura se ofereceu para descer e comprar sanduíches para todos. Foram precisos muitos anos, e ter me tornado seu amigo, para descobrir que a forte impressão que eu tivera de que *A paixão segundo G.H.* relatava uma experiência lisérgica não havia sido nada gratuita. Eu já sabia que no caso de *A paixão*, ao contrário de outros romances como *A maçã no escuro,* que ela reescrevera quarenta vezes, a feitura fluíra de forma espantosa. Ela me havia contado que a cada dia ditava um capítulo para uma amiga, e que não havia retocado nem uma linha.
>
> O cuidado que o Dr. Murilo tinha de espaçar as sessões lisérgicas com um intervalo mínimo de quinze dias se devia ao fato de muitas vezes o ácido agir de forma retardada, informação que constava do folheto explicativo da Sandoz. Nos dias subsequentes a uma sessão, a qualquer momento, poderia acontecer de aflorar do inconsciente mexido algum tipo de resposta ou insight, mesmo que durante a sessão o indivíduo não tivesse se permitido o reconhecimento. (…) No meu modo de ver, apesar de Clarice não ter sentido nada na reunião, propriamente dita, com certeza foi o LSD que catalisou mais tarde o estado de verdadeira inspiração em que ela escreveu o livro, considerado sua obra-prima.

Arap voltou a tocar no tema da relação entre Clarice Lispector e o LSD em entrevista feita por Antonio Gonçalves Filho, publicada em 26 de dezembro de 1998 em *O Estado de S.Paulo,* com a manchete "Fauzi Arap busca a essência atrás da cortina":

> No meu livro relato que vivi uma situação de desconforto com o meio teatral porque andei falando muito de minhas experiências com ácido, a última delas realizada há mais de 20 anos. Quando descobri o livro da Clarice, concluí que a minha experiência lisérgica estava descrita no livro dela. A essência do que queria dizer está lá: Cristo, o indivíduo, a questão do homem que é todos os homens. Sete anos depois, quando ela me contou que tinha realmente tomado LSD com o médico Murilo Pereira Gomes que havia me apresentado ao ácido, acendeu uma luzinha. Como as pessoas me ridicularizavam quando eu falava no ácido, achei melhor falar, então, sobre a Clarice. Quando eu monte o espetáculo da Clarice, *Perto do coração selvagem*, em 1965, tive o cuidado de dizer que era um espetáculo sobre literatura e não me permiti comentar com ninguém que era uma estruturação mínima no palco de algo que tinha vivenciado com o ácido. Um detalhe: Clarice reescreveu 40 vezes *A Maçã no Escuro* e a *Paixão segundo G.H.* apenas uma vez, e ainda assim ditando o livro para uma amiga. De qualquer forma, toda a obra da Clarice tem uma natureza espontaneamente lisérgica. Ela não precisaria tomar ácido para escrever seus livros. O LSD deve ter agido apenas como desinibidor.

Mesmo após o encontro com Clarice, Fauzi ainda se sentia angustiado e incapaz de desempenhar plenamente suas funções profissionais de ator. Ele narra então (Arap, 1998, p.92) um "encontro fortuito" que iria ajudar em seu "processo de cicatrização": em 1966, na esquina das avenidas Ipiranga com São João, em São Paulo, em um bar frequentado pela classe artística, ele encontra casualmente o artista plástico Mário Gruber. Ele sabia que o artista também tinha sido paciente de Murilo Gomes, mas não havia nenhuma relação entre os dois: "apenas havia entre nós uma cumplicidade à distância, própria de quem está convivendo com o mesmo tipo de aventura". Arap diz não lembrar se foi nesse dia que soube da morte de seu tutor lisérgico ou se, por ter conversado sobre o tema, essa morte se tornou mais real e concreta em sua memória. Gruber lhe relatou os últimos momentos de Gomes:

> Murilo tinha um pequeno problema no coração, mas que não implicava operação imediata. Não havia nenhuma urgência, mas mesmo assim ele decidiu se operar. Disse a Mário que era para poder ousar mais em suas investigações lisérgicas. Antes foi a Recife, sua cidade natal, cumprimentar os pais, e a intervenção ocorreu normalmente, acompanhada de perto por Gruber, mas, mesmo assim, a seu término, ele expirou com um doce sorriso nos lábios.
>
> Gruber, como despedida, fez sua máscara mortuária. E me falou de sua desconfiança de que Murilo tenha planeado a própria morte. Para não chocar ninguém é que ele se valera do recurso da operação, como álibi, e mesmo a ida a Recife teria sido, sim, uma despedida definitiva. E o sorriso do fim seria, quem sabe, um recado, carregado de alguma ironia.
>
> Ao contrário do ocorrera comigo, Gruber tinha um convívio razoável com os outros pacientes, talvez por atuarem na mesma área, pois vários eram artistas plásticos. E me contou um fato recente acontecido numa reunião na casa de um deles, no Pacaembu. A certa altura, Gurber levantou a hipótese, em voz alta, de que Murilo teria morrido voluntariamente, quem sabe para conhecer o "além lisérgico", e que acreditava que ainda se comunicaria com eles. E, como que pontuando sua afirmação, a lâmpada de um abajur explodiu espetacularmente, assustando a todos.

Tendo trabalhado em sua carreira ao lado de nomes como Di Cavalcanti e Portinari, Mário Gruber é original de Santos, de 1927. Viveu em Paris entre 1974 e 1978, retornando depois ao Brasil. Morreu em Cotia, em 2011, aos 84 anos. Em busca de mais informações sobre sua relação com LSD, tentei entrevistar seu filho, o também pintor Gregório Gruber, e fui respondido por seu filho Lúcio, neto de Mário, que foi bastante receptivo, lembrando inclusive da existência da máscara mortuária de Murilo Gomes. Lúcio apontou também que o artista Darel Valença Lins[66] fora companheiro de

[66] Nesse momento Darel ainda estava vivo, infelizmente vindo a falecer em 9 de dezembro de 2017, no Rio de Janeiro.

Mário nessas experiências, sendo mais um dos artistas pacientes do doutor Gomes – ao final os contatos virtuais não evoluíram e não consegui encontrar com Gregório[67].

Como mencionado anteriormente, em citação de Fauzi Arap, quem também teve contato com os primórdios do uso de LSD em São Paulo, em contexto medicinal, foi a atriz Maria Alice Vergueiro, cuja trajetória está atravessada, pessoal e publicamente, por questões relativas às drogas. Se nos anos 1960 se ligou ao consumo – e como veremos inclusive à distribuição e venda – de LSD, nos anos 2000 tornou-se figura pública após um vídeo seu falando sobre maconha ter tido milhões de visualizações no YouTube. "O sucesso se deu por causa da dúvida, se aquilo era verdade ou não. Porque aquele espaço foi invadido por uma atriz. Depois de *Tapa na pantera* surgiu essa fama... Após cinco décadas de teatro, foi como se meu passado não existisse. De repente meu anonimato se fez notícia.", escreveu (Vergueiro, 2012, p. 26) em sua "autobiografia não-autorizada", que tem como título exatamente o nome do curta, um dos primeiros "virais" das redes sociais no Brasil – foi lançado em 2005.

No livro, ela conta um pouco de sua trajetória pessoal e profissional. Proveniente de "família burguesa", descendente de fazendeiros produtores de café, Vergueiro descreve seu pai como autoritário e violento, um promotor público que andava armado e tinha brigas com sua mãe. Foi só após ele morrer, aos 47 anos, que ela se aproximou da arte: sua primeira peça no Teatro Oficina foi exatamente *Rei da Vela*, já citada como um dos marcos iniciais do tropicalismo. Sua condição de mulher afetava suas escolhas e tinha suas especificidades nesse tempo e contexto familiar:

> Porque eu sempre fui rebelde, sempre gostei dos obstáculos. Vi minha família muito por esse lado da continuidade das sinhás, dessas mulheres preconceituosas. Minha mãe não muito... Mas tinha essa coisa dos meus ancestrais, que vem na verdade do nosso inconsciente coletivo da família. Quando eu fiz a Cesarina, do Oswald de Andrade, vi que estava exorcizando minha família, minha tia-avó. Mais precisamente aquelas mulheres que são omissas, ociosas, essas que não faziam nada e ficavam contra as escravazinhas, "rangendo sedas em suas alcovas". No fundo, eu sei, usei meus ancestrais para dar mais teatralidade à realidade de minha família.

Maria Alice aos 17 anos ficou noiva de um promotor público, como seu pai. Aos 21 casou e se tornou "mulher respeitável", seu caminho parecia trilhado. Teve filhos com 22 e 26 anos, e no ano

[67] Gregório Gruber teve seu nome envolvido em polêmicas neste ano de 2018 quando foi revelado que o Governo Estadual de São Paulo o contratou, sem licitação, para realizar um retrato do ex-governador José Serra para ser exposto no Palácio dos Bandeirantes. O quadro foi vendido ao governo por 85 mil reais. Os ex-governadores Alberto Goldman e Claudio Lembo têm mais em comum do que os curtos mandatos-tampão: também foram retratados pelos pincéis de Gregório Gruber. O mais curioso é que seu pai também cumpriu essa função, tendo retatado nada menos do que treze ex-governadores para as galerias do Palácio dos Bandeirantes.

seguinte entrou na Universidade, cursando Artes Cênicas na USP. Um ano depois estava se divorciando. “Para minha família, eu estava louca. Lá no Teatro Oficina algumas pessoas me viam como uma burguesa. Era uma luta constante”.

No livro ela também critica as políticas de proibição das drogas, defendendo mudanças. “ A questão não é sair por aí dizendo se é contra ou a favor das drogas. Ninguém precisa ficar com a cabeça a prêmio. Basta apenas se posicionar diante dessa hipocrisia, desse poder”, escreveu. “Acho que é importante dar mais abertura para essa questão. O sistema é o pior gerador de dependências, essa é a verdade”.

> Eu penso que devemos discutir a descriminalização das drogas. Porém, todos sabem que, no caso das drogas, há uma grande indústria por trás que também tem a ver com o mercado de armamentos. É um mundo de dragões. Enquanto uma senhora de Higienópolis como eu ficar propondo isoladamente a descriminalização, isso não faz a menor importância. Porém, se isso virar a bandeira de um presidente, ele vai ter que ser vigiado 24 horas por dia.
> No caso do cigarro, a sociedade tratou de adotar uma política de bom senso pra lidar com os fumantes. Não dá mais para ficar construindo prisões cada vez maiores quando a gente sabe que alguns países vivem do tráfico. Não adianta mais querer tapar o sol com a peneira. Nessa dinâmica, a humanidade é capaz de se destruir. O império romano, entre tantos outros, caiu. Na época, eles eram o universo.

Envolvidos num projeto multimídia sobre o chamado “Verão da lata”, os irmãos Danilo e Vinicius Mekari, meus amigos, realizaram uma entrevista sobre o tema com Vergueiro em sua casa, no dia 26 de junho de 2018. Como Danilo havia me contado antes que isso ia acontecer, lhe pedi que questionasse ela especificamente sobre LSD, principalmente sobre os médicos, e me enviasse a gravação. Provando sua amizade, ele me enviou posteriormente doze minutos de sua conversa com a atriz – que com muita dificuldade devido a seu estado de saúde, debilitado pelo Mal de Parkinson, contou ter se iniciado no uso da substância através de Fauzi Arap, de quem era amiga próxima. Afirmou no entanto que sua droga preferida sempre foi a maconha – no livro *Tapa na pantera na íntegra* ela menciona de passagem ter tido problemas com outra droga, o álcool; na entrevista também comentou que “não podia passar um dia sem dar um trago”.

Na entrevista aos Mekari, Maria Alice destacou a amplitude dos significados que se atribuía ao LSD, lembrando primeiro de seu lado religioso e depois sua “importância intelectual” e sua “conotação política”. Mencionou também o diretor de teatro Zé Celso Martinez como um companheiro nos interesses lisérgicos: “inclusive esse papo que a gente tá tendo aqui a gente tinha

muito lá", comentou, referindo-se ao Oficina.

Publicada na revista *Serafina*, da *Folha de S.Paulo*, de 30 de outubro de 2016, a reportagem "Aos 82, Maria Alice Vergueiro assume o Parkinson no palco e dirige peças" cita um caso também repercutido em outras reportagens mais recentes da imprensa.

> Ela diz que a morte do pai e a separação do marido libertaram-na do bom-comportamento de uma família quatrocentona. Naquela mesma década de 1970, traficou 4.000 ácidos da Califórnia, e vendeu todo o lote para pagar aluguéis do Teatro Oficina. Maria Alice associa o uso do LSD e de outras drogas com um momento em que a loucura era deslocada de seu velho lugar nos livros de medicina. Cita o neurologista Oliver Sacks, o antropólogo Carlos Castañeda e defende que uma percepção mais ampla seja levada para os momentos de sobriedade.

Essa "importação" de grande quantidade de ácido, já nos anos 1970, também é citada em reportagem do *JC*[68], que após destacar sua participação na primeira montagem de *O Rei da Vela*, cita o caso: "ela traria nada menos que quatro mil micropontos de LSD para São Paulo. Além de distribuídos com os mais íntimos, vendidos para pagar os alugueis do Teatro Oficina comandado pelo diretor, ainda sem sede própria".

***

Cesário Morey Hossri: da parapsicologia à caça de diamantes

Entre os dias 12 e 18 de maio de 1965, o médico Cesário Morey Hossri publicou uma série de seis artigos no caderno "Ilustrada", da *Folha de São Paulo*, intitulada "Ácido lisérgico e lucidez". O jornal, que destacava a exclusividade dos textos, creditou Hossri como "Catedrático de Hipnologia Clínica e Parapsicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos" - por sua presença midiática, por ter um dos primeiros livros sobre o tema no país e pelos diversos cursos que deu sobre o tema, envolvendo inclusive diversos outros colegas nesses estudos, é possível afirmar que também ele foi um dos principais nomes da chegada medicinal do ácido lisérgico no Brasil.

Com título "Grandes resultados obtidos na pesquisa do inconsciente", o primeiro artigo da série, de 12 de maio de 1965, inicia contando como Hofmann descobriu a substância, e depois apresentando um panorama de seu estudo no mundo, destacando-se a referência, praticamente onipresente nesses

---

[68] Maria Alice Vergueiro quer morrer no Recife, JC Online, 23 de junho de 2017. Disponível em http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-cenicas/noticia/2017/06/23/maria-alice-vergueiro-quer-morrer-no-recife-291388.php

debates no período, aos trabalhos do psiquiatra estadunidense Sidney Cohen. Os primeiros estudos do LSD indicariam resultados "bons e excelentes" "em cerca de 90% dos casos tais como viciados em drogas (cocaína, heroína, fumo, ópio, morfina, etc.), nas neuroses de forma destacada e de maneira toda especial no alcoolismo, constituindo-se numa das maiores armas que se possui hoje contra esse vício" segundo Hossri.

Na sequência, sob o subtítulo "Vida passada", Hossri afirma que estudos “realizados por uma equipe de médicos de Santos e São Paulo” teriam comprovado “o valor do emprego da droga em causa, quando associada à hipnose, para a pesquisa do inconsciente” e explica seu método de trabalho, que aliava LSD, hipnose e uma simulação de regressão para o útero materno e depois para a infância, propiciando que o paciente “reviva” fatos de sua vida passada e “renasça” para um novo presente e futuro:

> Elaboramos uma técnica de associação do LSD com hipnose, com o objetivo de se processar a regressão de idade, simbólica, até a vida "intra-uterina", fazendo-se, em seguida, a progressão de idade de maneira que o indivíduo possa "reviver" todos os fatos de sua vida passada. [Frase ilegível no Acervo do Jornal]. Essa técnica obedece ao seguinte esquema: 1) após a aplicação da droga (20 a 50 microgramas injetáveis) o paciente [ilegível] a fase [ilegível] da "vivência lisérgica”; 2) sugere-se, em seguida, que tome uma postura "encolhida", tentando reproduzir a do feto no interior de um útero materno (esta postura pode ser adotada tanto o paciente estando sentado como em decúbito lateral); 3) a seguir, pede-se ao paciente para colocar as duas mãos sobre as regiões frontal e parietal, formando, com elas, uma espécie de "concha" acolhedora da cabeça; 4) o "operador" solicita ao paciente que fecha os olhos, e sugere-lhe que está sentindo sua cabeça e seu corpo diminuírem de tamanho, e que está sendo envolvido por um "tipo de coberta" (reprodução do útero materno como envoltório"; 5) verifica-se, nessa fase, que o indivíduo encolhe as pernas e flexiona o corpo; deve-se deixar que ele permaneça nessa postura durante alguns minutos (2 ou 3) em seguida, o operador faz escorregar lentamente as duas mãos do paciente para baixo, sugerindo-lhe que está "renascendo para uma nova vida".

Na sequência, Hossri relata que das oito pessoas que se submeteram a essa pesquisa, todos médicos, três declararam que sentiram cabeça e corpo diminuírem e tiveram a sensação de que todo o corpo estava sendo envolvido por "alguma coisa que lembrava o útero materno". Teriam sentido na sequência que iam aos poucos se desvencilhando de algo, saindo de uma espécie de recipiente, e depois teriam se visto na infância, passando "a ter recordações de fatos dessa fase da vida". Já os outros cinco teriam declarado a sensação de vivência de "retorno à matriz materna", que se viram envolvidos no útero e depois sentiram a saída dele como um ato de "libertação". Os oito teriam dito que, após a experiência, viveram a sensação de "terem 'renascido para uma nova vida', libertos das

'amarras' do passado, adquirindo compreensão mais profunda da própria personalidade (integração), da 'individuação' e de 'todas as coisas'".

O título do segundo artigo da série, publicado em 13 de maio de 1965, é "O LSD, a ESP[69] e as vivências transcendentais". Nele, Cesário Hossri apresenta um estudo feito com dois pacientes que teriam revelado, após "testes de diagnóstico de paranormalidade", "possuírem destacadamente a função 'psi'", e que teriam se submetido à ação do LSD com o objetivo de "testar a ativação, por meio dessa droga, das percepções extra-sensoriais". O primeiro, professor de filosofia creditado com as iniciais MF, teria "reproduzido desenhos que foram feitos e transmitidos telepaticamente (vulcão e discos-voadores)", e teria também "captado" por telepatia as cartas de um baralho comum, acertando 22 de 26 cartas em seis experiências sucessivas. Além disso, MF teria usado de "clarividência" ao acertar 23 cartas em 30, "que foram colocadas, sem serem vistas, sobre as palmas das mãos de 6 pessoas, em 3 experiências sucessivas". A segunda "cobaia" é creditada como o médico WL, que teria "captado" telepaticamente um desenho feito por outra pessoa, tido um pressentimento de um acidente ocorrido com seu filho a cinco quilômetros de distância e "captado" também as cores vermelhas e pretas das cartas de um barulho comum, acertando 36 em 40 tentativas. "Verificamos, através desses dois exemplos, que o LSD tem a propriedade de ativar, temporariamente, as funções 'psi', quando estas existem em potencial no indivíduo", opina o médico, que ressalta ser preciso frisar que as duas pessoas submetidas aos testes já "apresentavam resultados pouco acima dos previstos pelo cálculo das probabilidades".

O terceiro artigo foi publicado em 14 de maio de 1965, com o título de "Pensamento sublime e as piores infâmias em sonhos e delírios". Infelizmente o artigo está quase totalmente ilegível na versão disponível no Acervo virtual da *Folha de São Paulo*, mas, pelo pouco que se pode decifrar dos primeiros parágrafos, aparenta tratar dos "arquétipos da mente" e das manifestações do "inconsciente coletivo", e de como isso poderia ser ativado nas experiências lisérgicas. O texto publicado no dia seguinte, 15 de maio, um sábado, era intitulado "Meio de recuperar delinquentes e até arma de guerra". "Nos Estados Unidos, com a aplicação de LSD em delinquentes condenados, verificou-se que, após serem postos em liberdade, apenas 25% cometiam novos crimes, diversamente do que acontecia com aqueles que, sem terem recebido a droga, foram libertados e dos quais cerca de 70% voltaram a delinquir", começa, agregando que o LSD seria também "uma poderosa arma de guerra": "Meio quilo de LSD colocado na água potável de uma cidade, como Nova York ou Moscou, poderá manter toda a população, por um período de 24 horas, em estado

[69] Sigla para "Percepção Extrassensorial" em inglês.

inebriante e eufórico que a impossibilitaria de tomar qualquer defesa por meio de armas, contra um eventual exército invasor", viaja Hossri.

Nesse quarto texto, o autor aponta também o caráter místico ou religioso de determinados usos do ácido lisérgico, e também pontua alguns testes feitos com animais. Na sequência, retoma a questão da "percepção extra-sensorial": "pesquisas realizadas por um grupo de médicos e psicólogos revelaram que uma dose de 10 a 20 microgramas injetável é suficiente e adequada para detectar, estimular e ampliar as funções 'p'", aponta Hossri, que na sequência não hesita em nomear o "sujet" do estudo que, dois dias antes havia sido citado apenas com as iniciais MF, relatando suas capacidades paranormais para encerrar essa parte da série:

> Um dos "sujets", integrante do grupo, o prof. Modesto Farina[70], diretor do Curso de Jornalismo da FFCLS, possui grau de paranormalidade - quando sob a ação do LSD - equivalente, segundo pensamos, ao do holandês Crofset e do inglês Shackleton. As provas realizadas com esse notável paranormal revelaram ser ele possuidor das funções "psi-gama" em todas as suas manifestações - tanto a telepatia e a clarividência como a retrocognição e a premonição.
>
> Em 20 sessões realizadas, esse paranormal sempre apresentou resultados extraordinariamente significativos. A última experiência levada a efeito em 12 de setembro de 1964 com a participação de 8 pessoas e controlada pelo psiquiatra Antonio Carlos S. Q. Cardso, pelo médico Carino Crame, e pelo psicólogo pe. Wilson dos Santos, apresentou resultados extraordinários. Empregou-se, para a realização da experiência, um barulho comum com 40 cartas - 4 de cada naipe, de 1 a 10 - excluídas somente as figuras. Foram efetuadas 5 provas: 2 de telepatia, nas quais o paranormal acertou 2 cartas em 12; 2 de clarividência, com acerto de 11 cartas em 12; 1 de precognição, com acertos de 5 cartas em 5. O paranormal acertou, por conseguinte, em 5 provas sucessivas, os números de 28 cartas em 29. Representa esse resultado um valor tão altamente significativo e expressivo de paranormalidade que o torna equivalente aos mais notáveis de toda a história da parapsicologia.

---

70 Flavio Calazans foi orientando de Modesto Farina, e publicou, em seu blog "Calazans zans zans", um perfil de seu orientador. Farino era filho do cônsul italiano no Egito, e nasceu lá, tendo crescido na Itália, onde doutorou-se em Literatura. No fim dos anos 1950, mudou-se para a Argentina, trabalhando como jornalista antes de ir viver em Santos, dando aulas como professor de Jornalismo em uma universidade. Atuou também como docente e professor em Brasília, incorporando-se ao quadro docente da ECA-USP no final dos anos 1960, dedicando-se ao estudo da publicidade e propaganda, fundando cursos de graduação e pós-graduação na área. Publicou os livros *Psicodinâmica das cores em Publicidade* (1975), *Psicodinâmica das Cores em Comunicação* (1982) e *Aspectos do Marketing e da Publicidade na América Latina* (1985). Modesto Farina morreu em 28 de março de 2003. "Modesto Farina meu orientador de mestrado", Flavio Calazans. 1 de fevereiro de 2011. Disponível em http://calazanista.blogspot.com/2011/02/modesto-farina-meu-orientador-de.html

A questão da paranormalidade também foi o foco do quinto artigo da série, publicado em 16 de maio de 1965 sob título "A personalidade do indivíduo paranormal à luz da ação do LSD". Nele, Hossri opina que "pode-se dizer com ampla margem de segurança" que o LSD pode ampliar as possibilidades paranormais de pessoas que já teriam essas características, e diz que a substância pode auxiliar a psicoterapia voltada para essas pessoas, uma vez que um de seus objetivos nesses casos seria exatamente ajudar o paciente a "adquirir o entendimento de si mesmo". O emprego do LSD poderia proporcionar condições para facilitar "a terapêutica no nível 'psi' pela abertura do campo do inconsciente, em que ocorre a 'penetração telepática'". A maioria dos psicoterapeutas que passaram pela experiência com o LSD, continua Hossri, "declararam que tiveram 'aumentados' seus recursos para penetrar a 'problemática existencial' de seus pacientes, melhorando enormemente as possibilidades de [ilegível] e identificação, fatores estes fundamentais na terapêutica", conclui o artigo.

O sexto e último texto da série, "Ácido lisérgico e lucidez", foi publicado 18 de março de 1965, uma terça feira, e tinha o título "Cura de neuróticos e de alcoólatras em uma única sessão". Hossri qualifica o LSD como "elemento coadjuvante" no tratamento e na cura, "muitas vezes em uma única 'sessão lisérgica'", para "alcoólatras crônicos, que já foram submetidos a todos os processos terapêuticos, sem êxito":

> Para que a cura se processe, há necessidade de que ocorram "Vivências Transcendentais" proporcionando ao paciente "um sentido de vida", conferindo-lhes uma conquista que se traduz como sendo a "integração da personalidade", um "redimensionamento" da sua personalidade com o universo, uma "cosmovisão", culminando na sua "tomada de consciência" das motivações que o conduzem ao vício, do qual se liberta através de Satori, segundo a linguagem "zen", ou "Iluminação", empregando o equivalente ocidental de Satori, em linguagem "huxleyiana".

Em 11 de julho de 1965, Hossri voltaria às páginas da *Folha de S.Paulo* em uma nota intitulada "Curso sobre ácido lisérgico em Santo André", que divulga o início de um curso sobre LSD realizado pela Associação Paulista de Medicina, voltado para médicos e ministrado semanalmente pelo médico. "Trata-se do segundo curso instalado no Brasil sobre a matéria, considerada atual e palpitante, conforme ressaltou o professor Cesario M. Hossri em artigos publicados recentemente nesse jornal", aponta o jornal.

Alguns anos depois, em 2 de março de 1968, o doutor Cesário Morey Hossri volta à imprensa paulista, mas dessa vez no concorrente *O Estado de São Paulo*, que publicou em seu "Suplemento

Literário" uma pequena nota sobre o lançamento do livro *Prática do treinamento autógeno & LSD*, da Editora Mestre Jou. "O volume é constituído de extratos dos cursos administrados pelo A. nas Associações Médicas de Santos e Santo André e na Sociedade de Psicologia de São Paulo. Trata inicialmente da prática científica para a autoformação e realização da personalidade; em seguida analisa o emprego de LSD", diz o texto.

Lançado nesse ano de 1968, com segunda edição modificada e ampliada de 1984, o livro na verdade é composto de dois ensaios. O primeiro sobre o "treinamento autógeno", técnica de concentração e meditação desenvolvida pelo neurólogo alemão Johannes Schultz, de quem Hossri era admirador. Já a segunda metade é sobre o ácido lisérgico especificamente, com título de "O LSD na terapêutica e pesquisa do inconsciente". Cada parte tem seu próprio prefácio, com a apresentação relativa ao LSD sendo feita pelo professor doutor Edmundo Maia, longamente creditado como ex-diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais; Presidente da Divisão Nacional do Brasil, da Sociedade Internacional de Hipnose Clínica e Experimental; Professor de Terapêuticas Auxiliares em Psiquiatria da Universidade Católica de São Paulo; Diretor-clínico da Casa de Saúde Anchieta e da Clínica Maia, São Paulo; Diretor da Academia Brasileira de Ciências Médico-Sociais; Professor Titular de Psiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Ciências Médicas de Santos. Louvando "empreendimentos editoriais" como esse, que abrem portas para novos conhecimentos científicos, Maia apresenta a técnica de "regressão simbólica" de Hossri como promissora:

> Sou um psiquiatra eclético. Coloco-me na posição pluridimensional. Pratico a Hipnose médica há mais de vinte anos. Utilizo-a como terapia auxiliar, em minha clínica, no consultório e nos hospitais onde trabalhei e trabalho. Adoto uma técnica própria de indução e de linguagem, do tipo hipnoanálise. Não sugiro ordens. Procuro fortalecer o Ego através de uma compreensão dos problemas do paciente, de uma vivência com toda a carga emocional, em estado de lucidez, dos eventuais traumas, recalques, complexos instalados (situações essas discutidas e analisadas anteriormente em sessões de psicoterapia), que são removidas através de novos estímulos objetivos "vivenciais" descondicionantes das reações psicopatológicas e capazes de proporcionar "um novo esquema dinâmico existencial" e "catarses de integração". (Hossri, 1984, p.103)

No livro *Álbum de família: Imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (Nosek, 1994, p.23) há uma referência a um grupo de psiquiatras formado entre os trabalhadores do Hospital Psiquiátrico do Juqueri, "por volta de 1949, 1950": entre os nomes estão tanto Edmundo Maia quanto outro personagem anteriormente citado, Benedicto Sampaio. Tanto Juqueri como a Casa de Saúde Anchieta foram instituições manicomiais com grande número de denúncias de torturas e

maus tratos a seus internos[71]. A Clínica Maia continua existindo, tendo hoje em dia seis unidades (Taboão da Serra, Juquitiba, duas em Itapecerica da Serra e duas na Vila Mariana): de acordo com seu site, a clínica trabalha seguindo a metodologia dos "12 passos" dos Alcoólicos Anônimos e dos Narcóticos Anônimos e não tem a voluntariedade como uma premissa para seus tratamentos.

Em seu livro, Cesário Hossri (1984, p.180) aponta, inclusive, que parte dos estudos ali citados foram realizados na própria Clínica Maia, com a assistência de Edmundo Maia. Em 80% desses casos, teria havido o regresso no tempo "à fase intra-uterina", mantendo-se o indivíduo lúcido. No preâmbulo da obra, Hossri (1984, p.106) cita "as 15 características fundamentais do LSD, obtidas após 25 anos de pesquisa e estudos realizados por químicos farmacologistas, psiquiatras e psicologistas": 1) "profundos efeitos sobre a mente", atuando nas emoções e percepções, além de "fantástica potência", mesmo com doses baixas; 2) relações com estados de alteração induzidos por outras substâncias, tendo o LSD vantagens em tolerância e dosagem; 3) "sua possível dependência psicológica, quando administrado sem controle psicoterapêutico especializado"; 4) perda total de efeitos depois de três dias de doses repetidas; 5) antagonismo ao hormônio da serotoninia, produzido pelo próprio organismo; 6) ausência de toxicidade fatal; 7) capacidade de provocar "revivências lisérgicas secundárias", os chamados "flashbacks"; 8) perda da ação psicodélica quando um tranquilizante é ministrado; 9) atuação como elemento coadjuvante de psicoterapia das neuroes e "desajustes sexuais da personalidade (homossexualismo e impotência funcional)"; 10) contra-indicação radical em caso de gestação; 11) atuação "esquizofreniante", permanente ou temporária; 12) necessidade de controle rigoroso na administração e depois posteriormente, com sessões de análise frequentes; 13) doses de 20 a 50 microgramas "podem funcionar como 'mordente' ou 'revelador' do inconsciente, facilitando a análise; 14) contra-indicação do uso de mulheres durante período fértil; 15) meio para proporcionar "vivências transcendentais" e para detectar o "sexto sentido".

Nesse exemplo, que qualifica a homossexualidade como um "desajuste sexual", assim como na

[71] Uma reportagem publicada no *Diário do Litoral*, por exemplo, em 17 de maio de 2017 diz que a Casa Anchieta era conhecida como "Casa dos Horrores". Intervenção municipal no Hospital Anchieta completa 28 anos, Diário do Litoral. Disponível em http://www.diariodolitoral.com.br/santos/intervencao-municipal-no-hospital-anchieta-completa-28-anos/99152/ . Já uma matéria publicada pela *Folha de S.Paulo* em 1998, cita uma cifra de 50 mil mortos na instituição, sendo que 12.500 deles no período entre 1965 e 1989. "Outro documento entregue ontem à noite ao Ministério Público é uma ordem de serviço com data de 2 de agosto de 1968 assinada pelo chefe de disciplina. A ordem determina que "todo interno encontrado com qualquer tipo de arma, improvisada ou não", seja recolhido à cela forte e aplicado "uma ampola de escopolamina de 0,2 mg". O paciente deveria saber que se tratava de "disciplina e não terapêutica". Segundo Cristina, a escopolamina é uma droga que provoca sensações de morte iminente e foi usada pelos nazistas nos campos de concentração. "É a prova de que a tortura era uma prática comum", afirma Gouveia", aponta a reportagem. ONG quer apuração de mortes no Juqueri, Folha de S.Paulo, 25 de setembro de 1998. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff25099813.htm

citação anterior da última polêmica de Benedicto Sampaio, que defendeu até o fim de sua vida a internação compulsória e criticou os movimentos antimanicomial e da antipsiquiatria, e também no caso do trabalho em instituições manicomiais e com denúncias de violações de direitos humanos, que utilizavam métodos como eletrochoques e torturas, vê-se novamente como o envolvimento desses profissionais médicos com o LSD não significa que fossem pessoas de trajetória pessoal ou política mais "alternativa" ou "progressista", não necessariamente. Se por um lado, Hossri e Edmundo Maia, por exemplo, eram profissionais mais "alternativos" ao terem a hipnose ou mesmo parapsicologia como parte de suas terapias e interesses de estudo, por outro alinhavam-se em diversos aspectos a formas e práticas conservadoras no campo da saúde mental.

Mais adiante no livro, Hossri (1984, p.161) cita que, em 1965, foi criada pela Associação Paulista de Medicina, em sua Regional Santo André, a "secção de Lisergismo e Parapsicologia", que teria o objetivo de estudar "a fenomenologia lisérgica e paranormal". Trinta e dois médicos de Santo André, Santos e São Paulo teriam feito parte do grupo, cujas pesquisas, associando LSD e hipnose, teriam chegado a três resultados:

> 1º) o LSD se constitui num preparado cuja atuação sobre o ser humano possibilita uma *nova abordagem* e estudo da personalidade; 2º) pode ser considerada a droga mais poderosa conhecida hoje como meio "revelador do inconsciente" (individual e coletivo) tendo a peculiar propriedade de manter o indivíduo "consciente e lúcido"; 3º) apresenta a possibilidade de fazer aforar os "arquétipo", tornando-se, assim, um recurso excepcional que pode ser empregado no estudo do "inconsciente coletivo" (Jung).

Encaminhando-se para a conclusão, Hossri faz algumas afirmações de efeito, como a de que o LSD seria "comparável à teoria da relatividade de Einstein" por mudar "radicalmente as noções que o homem tinha de seu lado metafísico", ou a de que a substância pode proporcionar aos seres humanos "uma profunda penetração" em sua psique e espírito: "chegamos ao 'conhece-te a ti mesmo' da sabedoria socrática", defendeu (Hossri, 1984, p.175).

Em 7 de março de 2016 conversei por telefone com Marina Gruber, filha de Cesário Morey Hossri. Segunda ela, seu pai morreu em 2008: não me precisou a data, nem quantos anos ele tinha, e disse ser uma pessoa pouco ligada à família, que disse ser originária de Campinas – Gruber na época da entrevista vivia em Santos, depois de ter morado também Santa Rita do Passa Quatro. Ela disse não se lembrar muito sobre o trabalho do pai com o LSD por ser muito pequena na época, mas afirmou se recordar de pedidos de sua mãe, esposa de Hossri, para que ele parasse de pesquisar o assunto. "Lembro de ter dito algo meio pesado em casa", apontou Gruber, que na sequência afirmou que

esses problemas não foram o suficiente para o pai se afastar do assunto.

Com o obituário de Francisca Morey Hossri, publicado em 3 de março de 1966 em *O Estado de S.Paulo*, podemos ver um pouco da árvore genealógica de Cesário e dos Hossri. Falecida aos 75 anos, era mãe de Cesário e mais nove filhos: Elias, Carlos, Azizi, Clovis, Guiomar, Antonio, Nelson, Maurício e Sarah. No obituário constam também os nomes dos cônjuges desses filhos de Francisca, nos permitindo saber que a esposa de Cesário, e portanto mãe da Marina Gruber que entrevistei por telefone, também se chama Marina Gruber Hossri. Não pude constatar se há alguma relação com a família de Mário Gruber, citado anteriormente.

Entre os irmãos de Cesário está Nelson Hossri. Seu filho, Nelson Hossri Filho, foi vereador em Campinas no final dos anos 1990, e seu neto, Nelson Hossri Neto, também exerce a vereança na cidade, tendo sido eleito em 2016 pelo PTN, partido que deixou para integrar no Podemos. O principal ativo político de Neto, o lado mais propagandeado de seu currículo, é exatamente o "combate às drogas", sendo ele fundador de uma ONG sobre essa temática – o "movimento" "Sou feliz sem drogas". Tentei contato com ele para saber sua opinião sobre a memória lisérgica que seu sobrenome carrega, mas não obtive nenhuma resposta[72].

Outro episódio altamente curioso sobre Cesário Hossri, para dizer o mínimo, data de 1966, como se pode observar em reportagem de *O Estado de S.Paulo* de 26 de agosto. O fato também foi repercutido pelo *Correio da Manhã* e pela *Folha de S.Paulo,* e na verdade já permeava as páginas policiais da imprensa desde antes: a *Folha* noticiou o caso brevemente, no dia 10 de maio, por exemplo, com manchete: "Grego do diamante está foragido". O grego Hipócrates Basill Takopoulos (há diversas variações da grafia desse nome nas diferentes matérias) seria responsável pela compra de um diamante de 500 quilos, o que representaria o terceiro maior descoberto até então no país, e teria feito o pagamento com dois cheques sem fundo.

Em 14 de junho, a *Folha de S.Paulo* trazia matéria sobre o assunto, dessa vez com manchete na

[72] Tenho uma história curiosa a relatar sobre Nelson Hossri. Depois de realizada a Marcha da Maconha de São Paulo de 2018, que aconteceu em 26 de maio e teve ao menos cem mil participantes, nós, organizadores da manifestação, recebemos uma carta assinada por Rafa Zimbaldi, presidente da Câmara Municipal dos Vereadores de Campinas, que "respeitosamente" nos encaminhava uma moção aprovada em reunião ordinária da instituição. O documento era exatamente assinado por Nelson Hossri, do Podemos, e era uma "moção de protesto" contra o nosso evento, que sequer acontece na mesma cidade deles. Depois de citar supostos males causados pelo consumo de maconha, o texto conclui afirmando que "descriminalizar uma substância nociva à saúde é ato de irresponsabilidade e inócuo. Viola o direito à vida. Legalizar uma droga, em um país com as diferenças geográficas, sociais, econômicas e culturais, como o Brasil, é altamente temerário. Que do deliberado se dê ciência ao Movimento Marcha da Maconha".

capa: “Diamante 007: deputado federal está envolvido”; e o caso ganhara agora ares de escândalo pois o tal diamante teria desparecido e seu comprador, o grego “Ipócrates”, teria sido sequestrado e torturado para revelar o paradeiro do material precioso. Policiais e até um deputado federal, dono da propriedade onde teria havido a tortura, estariam envolvidos no sequestro. Em 15 de junho, nova reportagem na *Folha*, com a manchete: “Grego do diamante '007' apareceu mas não falou”. "Em condições físicas precárias, o grego Hipócrates Basiles Taskapoulos, acusado do roubo do diamante '007', foi apresentado hoje à imprensa, após os maus tratos a que foi submetido pelo delegado Egberto Assunção e um grupo de detetives, de acordo com as informações do advogado". "Segundo as autoridades policiais", continua o texto, "o grego somente poderá falar no fim desta ou no início da próxima semana. Hoje, foi apenas fotografado".

Podemos ver o envolvimento de Hossri no caso a partir de reportagem no *Estado de São Paulo* de 26 de agosto de 1966, intitulada "Caso '007' tem mais envolvidos". A novidade agora seria o depoimento do médico santista Armando Fortuna: "À extensa relação de nomes envolvidos no caso, incluíram-se agora os do cinegrafista Primo Carbonari, e dos professores Modesto Farina (que teria poderes de 'vidente') e Cesário Mori [sic]". O restante da matéria não merece menos do que uma transcrição completa, por ser completa e absolutamente inusitada – da suposta participação do presidente à chegada de Hossri e do glorioso MF, citado anteriormente, passando pela própria existência de um general de sobrenome Kruel em plena ditadura – e pelo final que parece texto humorístico:

> Em seu depoimento, o médico Armando Fortuna, que é anestesista da Santa Casa, de Santos, declarou que há tempos fora procurado em sua residência pelo sr. Primo Carbonari e pelo delegado Egberto Assunção, do Departamento Federal de Segurança Pública, encarregado do caso.
>
> No curso da palestra mantida em sua residência, o médico fora informado que "deveria aplicar o ácido LSD em um grego que adquirira ilegalmente um diamante avaliado em quarenta e sete bilhões de cruzeiros". Essa tarefa - disseram - deveria ser executada sob sigilo, de acordo com determinação do presidente da República e do general Riograndino Kruel.
>
> Contudo, o médico se declarou incapaz de executar a tarefa, e recomendara ao delegado que procurasse o prof. Cesário Mori [sic]. Este, porém, reprovara a aplicação da droga, sugerindo que se recorresse à hipnose. Submetido a um tratamento de soro fisiológico misturado com água destilada [sic], Hipócrates afirmara ter "comprado um pedaço de cristal como sendo diamante" e que este caíra ao solo, quebrando-se em sete partes. Ainda em transe, declarara ter visto "uma pedra que vocês nunca verão".

> Embora se mostrasse satisfeito com a "prova", o delegado Egberto Assunção decidiu consultar o professor Modesto Farina. Este, submetendo-se a uma dosagem de microgramas de ácido lisérgico, afirmara que "a pedra se encontra no Brasil", descrevendo-a por meio de um desenho.
>
> O médico concluiu seu depoimento dizendo que no dia seguinte, recebera um telefone do delegado Egberto Assunção, comunicando-lhe que os três receberiam "medalhas" tão logo o caso fosse esclarecido.
>
> O juiz Rui Geraldo de Camargo, antes de iniciar a tomada de depoimento, requereu ao DFSP a presença dos réus envolvidos no processo, que, porém, não compareceram por se encontrarem presos.

Em 27 de agosto de 1966 o caso foi noticiado pelo *Correio da Manhã*, com manchete: “Médico confirma que grego foi torturado”. O texto se baseia no depoimento de Armando Fortuna, e também se refere ao uso do “soro da verdade”. No entanto, a participação de Cesário Hossri é citada de forma diferente da anterior, na qual supostamente não teria havido a aplicação do ácido lisérgico no também suposto ladrão do também suposto diamante:

> O sr. Armando Fortuna disse ao magistrado que Egberto, ao lhe pedir que aplicasse o ácido lisérgico em Hipócrates, afirmou "que só assim ele poderia dizer onde encontrou o diamante". Não se sentindo capaz de fazer o que delegado lhe pedia, Armando apresentou o delegado ao professor Cesário Morey, especialista no assunto, recusado de início por Egberto.
> No dia seguinte, o médico foi novamente procurado pelo delegado que lhe disse aceitar a participação do professor Cesário na prova, uma vez que o general Riograndino Kruel, depois de consultar o presidente Castelo Branco, havia concordado. Antes de mais nada, Egberto solicitou aos dois que mantivessem silêncio sobre a experiência que iam fazer, pois estava em jogo um diamante de 47 bilhões de cruzeiros.
> Com o delegado presente, o professor Cesário fez a aplicação do LSD - ácido lisérgico - que foi acompanhado de injeção de água distilada, pois pretendia com isso aplainar alguma dificuldade que a droga pudesse provocar. Em seguida hipnotizado o grego, que imediatamente começou a falar. (...) Da experiência feita com Tocapoulos, participaram além do sr. Armando e do prof. Cesário Morey, o delegado, um tal Romeu, que levou o grego algemado à casa do facultativo e uma mulher, de nome Edna.

Uma matéria publicada no *Estado* em 4 de setembro de 1966 resume o caso até aquele momento, apontando que o grego teria sofrido “toda sorte de torturas” a mando do delegado Egberto e do general Kruel, que buscavam, e conseguiram, uma procuração assinada por Takapoulos lhes autorizando a buscar o diamante na Grécia. Em determinado momento, vendo "esgotados os recursos normais" o delegado teria pedido ao general que o auxiliasse "na obtenção do 'soro da

verdade' para ser aplicado no grego". Em 5 de outubro de 1966, no mesmo jornal, vemos que houve uma CPI na Câmara dos Deputados sobre o assunto, qualificado pelo texto como "rumoroso episódio do desaparecimento do diamante '007'", tendo Riograndino Kruel sido responsabilizado no relatório final pelos abusos cometidos no caso. A comissão também teria apurado a responsabilidade do delegado Egberto Assunção, então chefe do "Serviço de Repressão ao Contrabando e Descaminho", sugerindo sua demissão.

Em 29 de março de 1969, com manchete "Justiça decidiu caso do '007'", o *Estado* noticia a conclusão do processo na 4ª Vara Criminal do Distrito Federal, no qual foram condenados o delegado, dois agentes policiais e o próprio grego torturado, com penas que variaram entre 1 e 7 anos. O general Riograndino Kruel foi absolvido por suposta prescrição da punibilidade. A reportagem resume o caso, que se iniciou na verdade em outubro de 1965, quando um garimpeiro encontrou o tal diamante, recebendo posteriormente uma proposta de compra por parte do grego Takapoulos – que fez a compra com cheques sem fundo e fugiu do país. Encontrado pela Interpol, foi devolvido ao Brasil e o general Kruel, então chefe da Polícia Federal, cuidou para que ele saísse direto do aeroporto para as sessões de tortura que buscavam encontrar o diamante. A participação de Cesário Morey Hossri e o "clarividente" Modesto Farina se dá nessa parte, tentando auxiliar policiais torturadores, a mando do chefe da Polícia Federal, a encontrar um diamante que pretendiam roubar de um ladrão grego.

***

Jamil Haddad: desdobrar e tresdobrar a personalidade

A mesma editora que publicou o livro de Cesário Morey Hossri sobre LSD, a Mestre Jou, editou em 1969 outra obra que repercutiu entre os iniciados no assunto, e também em alguma medida na imprensa escrita da época. Organizado pelo médico argentino Alberto Fontana, o livro *Psicoterapia com LSD e outros alucinógenos* teve sua primeira edição em espanhol em 1965 e contém artigos sobre história e farmacologia das substâncias "alucinógenas", além de textos sobre psicoterapia individual e em grupo – principalmente nesse último aspecto residia a fama de Fontana, considerado um precursor no uso de LSD em terapias em grupo, técnica iniciada por ele em 1957 (Fontana, 1969, p.143).

Em 15 de novembro de 1969 o livro recebeu uma nota no "Suplemento Literário" de *O Estado de*

S.Paulo, numa parte em que se anunciavam os lançamentos do meio editorial. Após chamar Fontana de "mestre platino" e citar seus colaboradores, o pequeno texto diz que a obra é "sobre a problemática do emprego da mescalina, do ácido lisérgico, da psicobalina e do sernyl. Uma estatística das reações sofridas por 616 pacientes que se submeteram a testes completa a edição". Outra breve nota já havia saído na *Revista Veja* em outubro de 1969, dizendo: "Com o ácido lisérgico o tratamento das neuroses e complexos fica mais fácil e mais rápido, permitindo um acesso imediato ao inconsciente do paciente. Mestre Jou, 220 páginas, NCr$ 10,00". A editora também fazia pequenos anúncios de propaganda desse título em jornais, como se pode observar por exemplo nas edições de 5 de março e 14 de maio de 1970 no *Estado de S.Paulo*.

Quem traduziu esse trabalho de Fontana, publicado pela Mestre Jou, foi o médico e poeta Jamil Almansur Haddad, outra figura que podemos identificar como um dos primeiros pesquisadores, e difusores, do LSD terapêutico no Brasil. Nascido em São Paulo, em 1914, Haddad cursou Medicina entre 1933 e 1938, e foi também poeta, tradutor e crítico literário – além de militante comunista. Descendente de libaneses, não teve filhos, e morreu em 1988.

Segundo a pesquisadora Christina Queiroz (2017, p.201), Haddad "tornou-se conhecido por causa dos experimentos realizados com ácido lisérgico, ou LSD, que tinham o objetivo de tratar problemas psicológicos e psiquiátricos de pacientes, amigos e familiares". Sobre o assunto, publicou artigo em *O Pasquim*, em junho de 1970, defendendo as propriedades medicinais da substância e refutando que esta causasse vício ou "alucinações". Queiroz (2017, p.202) teve acesso a documentos do espólio do médico, nos quais encontrou referências ao LSD:

> No espólio do poeta há fragmentos de textos inéditos e escritos a máquina, em que ele relata aspectos da sua experiência pessoal e médica com LSD. Em um desses documentos, o poeta escreve que a substância chegou ao Brasil pela primeira vez em 1962 e que ele a experimentou em 1963 ou 1965. Nesse texto, Jamil relata ter passado por uma experiência lisérgica mística e afirma que quem toma LSD apresenta um "desdobramento da personalidade": "Desdobramo-nos. Se repetirmos a sessão lisérgica ela com a sua tendência a não se repetir, tresdobramo-nos. Aparecem de cada vez aspectos novos da nossa personalidade (...). Pessoalmente, submeti-me a uma experiência lisérgica mística (...). Eu vi no tapete figurarem-se hastes luminosas, terminando por inflorescências fantásticas. (...)[73] O mandala, no caso, acaba realizando – insistimos – êxtase. O êxtase para o cristão, para o sufi o "fana", para o ioga o samadi, para o zen budista é satori".
>
> .
>
> Nessas reflexões inéditas sobre a droga, Jamil também associa suas experiências lisérgicas a vivências literárias, como se ambas fossem duas faces da mesma moeda, ou seja, capazes de revelar

[73] Essa edição foi feita pela autora, estou citando exatamente como está em sua tese.

> a verdade íntima da sua poesia: "(...) Seja como for, tenho vivido como realmente sou e como posso e devo fazê-lo. Sinto-me autêntico. Reli toda a minha obra publicada: vi que nunca menti a mim mesmo, o que é uma maneira de não mentir nunca aos meus leitores. Mais ainda: descobri que tudo o que eu vi durante a minha experiência lisérgica já estava escrito nos versos que compus na adolescência e na primeira juventude".

De acordo com Queiroz, Jamil via no LSD a possibilidade do estabelecimento de uma relação mística com o mundo, "além de sanar problemas psiquiátricos por meio de um 'novo nascimento' da consciência". Ela cita também a já mencionada sessão lisérgica que reuniu Hossri e Haddad na casa do segundo, além do poeta Claudio Willer, em 1967. A pesquisadora diz que a proposta do uso terapêutico de LSD teria sido bem recebida entre intelectuais e familiares, mas "não agradou ao meio médico". "Nos manuscritos inéditos em que faz reflexões sobre a droga, o poeta relata sua participação em um colóquio de psicanalistas, quando afirma ter 'rompido um tabu', ao revelar que usava LSD para tratar pacientes e se autoanalisar", algo que lhe valeu "uma 'repercussão profana', entre o meio médico. Jamil defendia que o LSD permitia acelerar o tratamento psicológico e que os médicos não queriam utilizar a substância justamente para não esvaziar seus consultórios": "Os médicos são sócios inexoráveis da doença e da morte", escreveu em seus manuscritos.

Esses conflitos com seus colegas da psiquiatria tradicional teriam rendido a Jamil um isolamento em relação à comunidade médica, e ele também relata em seus manuscritos, citados por Queiroz, ter sofrido perseguição por parte do então diretor da Faculdade de Medicina da USP, que reprimia todas as conversas que ele tentava organizar a respeito dos seus tratamentos alternativos: "bastou ali falar em LSD para estar configurado o rompimento. Na polêmica, não houve sequer a clássica repartição em grupos antagônicos: o quadro verdadeiro era dado por uma unanimidade antilisérgica, quebrada apenas por quem vos fala. Aqui, fui levado a cunhar o nome de uma condição psicossocial nova: o Complexo de Galileu, a capacidade de viver sozinho com a sua verdade".

Queiroz (2017, p.205) afirma que nessas reflexões manuscritas Haddad se mostra incomodado com esse isolamento. No entanto, não desistiu de utilizar a substância em seus tratamentos, mesmo após o fim da distribuição pela Sandoz. "Na ocasião, ele escreveu a um amigo que trabalhava na embaixada do Brasil em Berna, na Suíça, para pedir que lhe conseguisse legalmente a droga", relata a pesquisadora, que teve acesso a uma carta datada de 1966 e escrita em papel timbrado da embaixada que respondia ao pedido do médico: "o interlocutor que se identifica como 'patrício e confrade' informa ao 'caro amigo' que o produto teve suas vendas proibidas até mesmo para fins médicos".

Apesar do interesse e das diversas experiências que participou e ou acompanhou, Haddad não produziu nada sobre o tema no âmbito acadêmico, apenas a tradução do livro de Fontana e o texto no *Pasquim* já mencionados. A tese de Queiroz cita ainda outro momento marcante da vida do médico que cito quem sabe para equilibrar ou balancear o caso em que Cesário Hossri se envolveu com a lei – assim vemos que havia entre os médicos diferentes posições e posturas não só em relação aos tratamentos mas sobre política, modo de vida, etc.:

> Apesar de vigiado pelos militares desde 1944, houve um episódio na década de 1960 que marcou a trajetória de Jamil, colocando-o no centro das atenções da imprensa que buscava noticiar a atuação "subversiva" de intelectuais brasileiros. Em 1963, a milionária Lígia Freitas Vale Jordan foi internada a contragosto pelo pai e marido em um hospital psiquiátrico, com o pretexto de que enfrentava um surto psicótico. Na realidade, os motivos da internação estavam relacionados ao fato de a socialite querer divorciar-se do esposo e também pela amizade que mantinha com intelectuais e políticos de esquerda – entre eles Jamil. Segundo a família de Lígia, essas pessoas estariam se aproveitando de sua fragilidade psíquica para extorquir dinheiro e financiar atividades subversivas. Internada e impedida de comunicar-se com os amigos, Lígia foi "resgatada" por Jamil, Helena Silveira e o médico Alberto Gastiel que, mais tarde, tiveram prisão preventiva decretada. Após denúncias do marido da socialite, interrogatórios feitos ao grupo e declarações da própria Lígia – que inocentaram os supostos "sequestradores da gangue vermelha" - a polícia decidiu não levar o processo adiante e os três foram inocentados.

***

O começo da cobertura midiática

Por não ser o foco desse trabalho, não foi feito um levantamento quantitativo, categorizado, das referências ao LSD na imprensa brasileira, não era essa ideia. Tampouco é a ideia aqui determinar precisamente quais foram as primeiras menções ao ácido lisérgico nos meios de comunicação do Brasil. Mais – ou menos – do que isso, para além disso, a intenção aqui é apresentar algo do que foi levantado em minha pesquisa em alguns órgãos importantes da imprensa nos anos 1950 e 1960 – principalmente nos jornais *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *Correio da Manhã*, e nas revistas *Veja*, *Cruzeiro* e *Realidade* – para termos exemplos de como a questão caminhava no debate público, e midiático, e portanto cultural, de então. Ver alguns exemplos simbólicos de como caminhava a discussão sobre o LSD no Brasil ajuda a entender melhor o processo judicial que será apresentado e rememorado na sequência, no próximo capítulo, o contexto em que o uso de LSD começou no Brasil – e sua posterior repressão, ou tentativa de.

A referência mais antiga ao ácido lisérgico que encontrei nessas publicações anteriormente citadas é de 10 de julho de 1955, na *Folha da Manhã*, em um artigo que falava sobre "As estranhas visões da Mescalina", e que menciona que “ultimamente, os químicos têm fabricado várias substâncias sintéticas dotadas de efeito semelhante à mescalina. A mais ativa delas é a conhecida abreviadamente por LSD, ou dietilamina do ácido lisérgico, que provoca alucinações mesmo quando injetada em doses mínimas”. No mesmo ano e jornal há outras três menções à substância, sendo a primeira em artigo de 28 de agosto, intitulado "Psicoses experimentais". "Derivados do ácido lisérgico, isolado do esporão do centeio, produzem reações semelhantes às de algumas doenças mentais", é o subtítulo do texto, que infelizmente está com muitas partes de difícil legibilidade no Acervo da *Folha de São Paulo*. Mas a conclusão é legível, e aponta que "as psicoses experimentais abrem caminho para um estudo mais rigoroso (...) da natureza da doença mental". "O caminho que as experiências a que rapidamente aludimos vieram abrir é dos mais promissores, especialmente para o melhor conhecimento dos mecanismos psíquicos e de sua relação com os fenômenos químicos e fisiológicos que passam em nosso corpo, essa inesgotável caixa de surpresas", aponta o texto.

Em 23 de outubro há uma breve menção ao ácido lisérgico em uma matéria sobre outras drogas, e a última menção de 1955 na *Folha da Manhã* é de 11 de dezembro, em uma coluna de pequenas notas intitulada “Gota a gota”. "Já têm os leitores ouvido falar desta substância a que nos referimos em mais de um artigo sobre psicoses experimentais”, começa o texto, que também ressalta como o ácido lisérgico seria “capaz de provocar alucinações e outros sintomas de doença mental”. Além disso, pesquisas apresentadas em setembro deste mesmo ano na revista *Nature* teriam demonstrado que “a mesma droga é capaz de provocar fragilidade capilar, favorecendo a perda do sangue através da parede dos capilares”. Em 8 de janeiro de 1956 a mesma coluna traz a nota "Ácido lisérgico e psiconeuroses", que qualifica a descoberta de Albert Hofmann como "fundamental" por ter motivado uma série de outras pesquisas ao redor do mundo. Depois apresenta uma "original" técnica utilizada por um psiquiatra estadunidense, que ministraria o LSD junto com uma taça de licor, depois do jantar: "Em vez de perturbar os doentes, agravando-lhes os sintomas, a droga anima-os a trazer à tona experiências e lembranças da infância, recalcadas e que eles tinham antes medo de relembrar”.

A droga voltaria às páginas da *Folha da Manhã* só em 30 de março de 1958, novamente na coluna “Gota a gota”, dessa vez citando comparações entre os sintomas produzidos por seu uso e os da esquizofrenia, o que poderia ser útil em pesquisas sobre a doença. Quando voltou às páginas do Grupo Folha da Manhã o fez agora no novo jornal, que a partir de 1960 passou a se chamar *Folha*

*de S.Paulo,*e que em sua edição de 16 de julho publicou a reportagem “Droga misteriosa faz sonhar de olhos abertos”.

Já em *O Estado de São Paulo* a primeira menção encontrada é de 27 de novembro de 1956, data em que foi publicado o texto "Experiências com 'LSD', nova arma no estudo das moléstias mentais". “Nos últimos cinco anos, centenas de médicos, enfermeiras e pacientes submeteram-se a experiências com essa substância, produzindo, assim, uma loucura temporária. Os sintomas eram os mesmos da esquizofrenia”, diz o artigo, que destaca as possibilidades subsequentes para pesquisas de tratamentos médicos. “O valor desta substância LSD nas pesquisas médicas se baseia, sobretudo, no fato de que seus efeitos podem ser descritos pelo paciente normal, que não perde de todo a consciência”, prossegue o jornal, que depois descreve alguns sintomas já relatados, antes de concluir: “Graças a estas experiências, acredita-se que, dentro em pouco, será possível controlar completamente as doenças mentais”.

Ainda nos anos 1950, há outros dois textos que citam o LSD em *O Estado de São Paulo*, ambos assinados pelo mesmo autor, A. C. Pacheco e Silva. O primeiro, “A psicoquímica: conquistas e possibilidades”, publicado em 18 de janeiro de 1959, cita o ácido lisérgico entre os avanços da psicofarmacologia do momento; já o segundo, de 30 de agosto do mesmo ano, fala sobre o uso de cogumelos no México, comparando seus efeitos em determinado momento ao ácido lisérgico. Em 1965 e 1966, nesse ano com dois artigos, o autor voltaria a tematizar o tema neste jornal, criticando seus usos não medicinais. “A droga é mesmo perigosa, além do mais por existirem inúmeros casos de recidiva de distúrbios, bastante tempo após terminado o seu uso”, escreveu em 1 de maio de 1966.

Presidente da Federação Mundial de Saúde Mental, membro do Conselho Federal Antitóxico e diretor da Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo, Antônio Carlos Pacheco e Silva tem dois de seus livros – *Desajustes psico-sociais* e *Hippies, drogas, sexo, poluição* – dissecados na tese de Doutorado de Dênis Petuco (2016), que resume algumas das características do pensamento apresentado nessas obras, que outros autores do período também ligados a psiquiatria igualmente apresentavam: “algo que eu chamaria livremente de hippiefobia; descontentamento com o que identificavam como a velocidade de seu tempo; preocupação com o vertiginoso aumento populacional nas grandes cidades; desconfiança para com os meios de comunicação; condenação da homossexualidade; posicionamento das drogas como elemento instrumento de fragilização da

juventude brasileira; e principalmente, um anticomunismo exacerbado ao nível da paranoia"[74].

Citado anteriormente, o colunista de artes Jayme Maurício citou diversas vezes o ácido lisérgico em sua coluna no *Correio da Manhã*. Em algumas vezes indicou ter sido iniciado no interesse pelos artistas Darel Valença e Marcelo Grassmann. Em 7 novembro de 1964, a coluna publicou uma foto com três homens conversando, seguida de texto que indicava aumento do consumo da substância entre os artistas:

> Clube dos gravadores ou clube do ácido lisérgico na gravura? As duas hipóteses assentam bem, pois trata-se de um flagrante raro do nosso Manuelzinho, apanhando um "papo" dos gravadores Marcelo Grassmann, Darel Valença e Mário Gruber, tentando convencer o colunista a submeter-se ao tratamento do alucinante ácido psicológico. O clube do ácido lisérgico nas artes vai aumentando assustadoramente, mas o Itinerário prefere por ora continuar com os próprios temperos e destemperos, digamos logo antes que alguém o faça.

Em 1967, a coluna "Quatro cantos", publicada no *Correio da Manhã* em 26 de maio de 1967, dava ares "descolados" à substância, que estaria se espalhando entre a "esquerda-mini-saia":

> Rosebud a palavra mágica do filme de Orson Welles Cidadão Kane está sendo usada agora entre a esquerda-mini-saia para designar as pessoas sobre as quais paira um ar de mistério e indagações. Uma das primeiras condições para ser considerado um bom rosebud é consumir regularmente o ácido lisérgico.

---

[74] Em longo artigo sobre a repressão política nos corredores da Faculdade de Medicina da USP durante a ditadura, Thomas Maack (1997) dá um exemplo de até onde ia o anticomunismo de Pacheco e Silva:

> "Em 1959, quando eu cursava o quarto ano da faculdade, o professor Pacheco e Silva, catedrático de Psiquiatria, entra numa das aulas do curso de Psicologia Médica carregando um calhamaço de folhas. Dirige-se à classe dizendo que está fazendo um estudo sobre o perfil psicológico do estudante de medicina. Pede-nos para escrever uma autobiografia e responder um detalhado questionário. As questões eram íntimas e privadas, incluindo status econômico da família, vida sentimental, vida familiar, ideologia filosófica e política, e atividades em que estávamos envolvidos. Pacheco e Silva assegura-nos completa confidencialidade e apela para a nossa colaboração. Como bons jovens de vinte anos mentimos bastante sobre a nossa vida sentimental, mas derramamos a alma sobre a nossa ideologia política e filosófica. Lembre-se o leitor, a minha foi a geração que cresceu nos tempos das liberdades democráticas e da repressão sexual. Mesmo assim evitei mencionar associações ou atividades políticas concretas e escrevi sobre a minha ideologia de uma forma vaga.
> Ao sairmos da aula um colega pergunta-me se tinha respondido às questões. Digo que sim. Ele exclama: "Você é louco! O Pachecão vai mostrar esse negócio pra todo mundo". Respondo: "Deixa de ser paranoico".
> Os tempos fáceis em Quitaúna tinham acabado. As amenidades da "cesta vermelha", da "meia-carta" e dos "livros de protocolo" deram lugar a interrogatórios duros sobre a realidade das minhas atividades politicas fora da FMUSP. Na tentativa de quebrar meu silêncio, o coronel Alvim decide mandar-me para o "Raul Soares". A seu favor devo dizer que não recorreu à tortura física e não precisei de heroísmo para manter meu silêncio. No meu último dia em Quitaúna, o coronel Alvim, com um sorriso nos lábios, me diz (parafraseando): "Pois é, agora você silencia, mas nos tempos da democracia vocês falavam e escreviam abertamente sobre tudo". Para demonstrar o quanto isso era verdade ele repete o que escrevi sobre a minha ideologia política uma única vez na vida, num único lugar. Pacheco e Silva tinha entregue ao Exército minha autobiografia privada, minhas respostas ao seu questionário confidencial."

Essa abordagem, no entanto, não é prioritária nessa publicação. Na verdade, a pesquisa permite observar que até meados da década de 1960 as menções ao ácido lisérgico nas páginas do *Correio da Manhã* eram esparsas, feitas sobretudo nas páginas de cultura e tendo alguma menção aos aspectos medicinais, via principal pela qual se difundia a discussão. Em 3 de abril de 1963, na seção de Classificados do Correio da Manhã, a "Casa de Saúde Humanitá" anunciou que atendia casos de "Nervosos", "Repouso" e "Alcoolismo" com "tratamento pelo ácido lisérgico". Em 14 de setembro de 1963, Fausto Cunha, em coluna sobre literatura, diz que um "assunto muito em moda é o ácido lisérgico, a droga maravilhosa em que os nossos escritores e pintores estão procurando a pedra filosofal". "A moda tem sua origem, talvez, nas experiências de Aldous Huxley com a mescalina. Posteriormente, nos Estados Unidos e talvez noutros países, surgiram clubes de tomadores de psicodinâmicos, que chegaram à perfeição de preparar cocktails de drogas", continua o artigo.

A partir de 1965, aproximadamente, coincidentemente ou não após a Sandoz deixar de fabricar e publicizar a substância, o assunto passa a ser mais tematizado, mas agora em geral sob um viés sensacionalista, enfatizando "loucura" e "doença mental". Em 22 de julho de 1966, por exemplo, a manchete é "Psicóloga diz que ácido lisérgico provoca loucura". Já em 5 de julho de 1967, uma reportagem indica o que provavelmente foi uma das primeiras apreensões da droga - o foco no caso seria uma "quadrilha" de tráfico de outras substâncias, e junto também teria sido apreendido LSD como relata a reportagem intitulada "Polícia tem pista e pode desbaratar quadrilha: drogas":

> Uma poderosa quadrilha de traficantes de entorpecentes, com ação no Rio e em São Paulo, poderá a qualquer momento ser desbaratada pelos agentes da Delegacia de Crimes Contra a Saúde que, anteontem, apreenderam um caderno contendo nomes e endereços de 30 traficantes - disse o delegado Caetano Maiolino, titular daquela especializada.
>
> A apreensão do caderno ocorreu quando da prisão de Antônia Carvalho Chagas, mãe do traficante Arlindo Pereira Chagas, ex-diretor-social do "Turquesa do Monte Alegre", que em sua residência à Av. Henrique Valadares, 77, vendia entorpecentes até para estudantes, como constatou a polícia.
>
> Na casa da Av. Henrique Valadares, os agentes da Delegacia de Crimes Contra a Saúde apreenderam 3 quilos de maconha, 400 gramas de cocaína, pastilhas de Dexamil, Dexedrina e grande quantidade de ácido lisérgico, também conhecido como "LSD", substância que há muitos anos as autoridades brasileiras não conseguiam apreender.

Essa tendência de crescimento tanto das menções em geral quanto das negativas, especificamente, sobre o LSD se observa também no *Estado de S.Paulo* após a segunda metade dos anos 1960. Alguns exemplos: "LSD traria deformação", de 25 de outubro de 1967; "Uso e abuso do

psicodélico", 25 de fevereiro de 1968; "O perigo dos alucinógenos", de 16 de fevereiro de 1969; "Maior rigor contra o LSD", de 13 de julho de 1969 (sobre os Estados Unidos).

Em 15 de março de 1968, *O Estado de S.Paulo* já indicou a mudança que ocorreria na lei de drogas, que a partir desse ano equipararia posse e venda de drogas ilícitas com as mesmas penas. A notícia não teve muito destaque: não teve chamada de capa nem foto, e divide a nona página do jornal com outras doze manchetes. Com a manchete de "Cresce luta às 'bolinhas'", o texto relata que o então presidente Costa e Silva encaminhou mensagem ao Congresso acompanhada de projeto de lei "que estende às substâncias que determinem dependência física ou psíquica (as chamadas 'bolinhas') as mesmas punições previstas no Código Penal no que respeita aos entorpecentes e, ao mesmo tempo, atualiza as multas a serem aplicadas a infratores":

> Uma das inovações é a pena de 1 a 5 anos de reclusão, e multa de 10 a 50 vezes o maior salário mínimo vigente no País, para quem "traz consigo" matérias-primas destinadas à preparação de entorpecentes ou de substâncias que determinem dependência física ou psíquica.
>
> O projeto presidencial constitui a terceira providência tomada nos últimos dias para intensificar o combate ao tráfico e uso de entorpecentes e das chamadas "bolinhas", inclusive o ácido lisérgico (LSD). A primeira medida foi o decreto estendendo a fiscalização policial dos Serviços de Tóxico do DPF aos laboratórios fabricantes das substâncias que determinem dependência física ou psíquica. Em seguida, o Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina baixou portaria regulando o fabrico e venda das substâncias e classificou-as, determinando que sejam colocados rótulos que as identifiquem.
>
> (...)A primeira alteração no artigo 181 do Código Penal acrescenta as palavras "substâncias que determinem dependência física ou psíquica" aos dispositivos onde estava apenas entorpecente. Outra inovação: passa de 18 a 16 anos a idade mencionada no parágrafo 5º que manda aumentar de 1/3 as penas a quem vender, ministrar, fornecer ou prescrever tais substâncias a menores.

Em 24 de janeiro de 1970, *O Estado de São Paulo* publicaria uma breve nota que, como veremos, teria impacto decisivo na história da repressão ao LSD no Brasil. Produzida pela sucursal do Rio de Janeiro do jornal, e intitulada "LSD traz agente do FBI ao País", a nota cita uma apreensão da substância, que estaria na posse de um português e de um comissário aéreo, como motivadora da vinda de um agente da inteligência estadunidense ao Brasil, que é inclusive nomeado no texto – pode-se observar também a novidade, ou raridade, desse tipo de apreensão, uma vez que o Instituto de Criminalística teria se recusado a testar as substâncias por falta de tecnologia:

O agente do FBI A.L.Pizer, que na madrugada de ontem chegou ao Rio de Janeiro com a missão especial de acompanhar o inquérito relativo ao tráfico do entorpecente LSD (dietilamida do ácido lisérgico), visitará segunda-feira o juiz Álvaro Mayrink, da 16ª Vara Criminal da Guanabara, de onde estão sendo dirigidas as sindicâncias.

O LSD está sendo traficado na rota Miami- Buenos Aires - Rio de Janeiro, e o agente Pizer está interessado, principalmente, em localizar o americano Davies, que vem sendo apontado como o primeiro introdutor do LSD no Brasil, procedente de Miami.

O juiz Álvaro Mayrink concedeu prazo até a próxima quinta feira, para que o Instituto de Criminalística apresente laudo pericial das pílulas de LSD apreendidas, sob pena de processar o diretor do IC, que a princípio disse não ter o órgão condições técnicas para realizar a perícia. No inquérito estão sendo acusados o português Álvaro Martins Caldeira e o comissário da "Braniff" Marcelo Antônio Brasil de Oliveira.

CAPÍTULO 4

O primeiro processo judicial por tráfico de LSD no Brasil

"This morning I woke up in a curfew
Oh God, I was a prisoner too
Could not recognize the faces standing over me
They were all dressed in uniforms of brutality"

Burnin' and Lootin' - Bob Marley

Salo de Carvalho (2013, p.60) avalia que "a formação do sistema repressivo" sobre drogas no Brasil "ocorre quando da autonomização das leis criminalizadoras (Decretos 780/36 e 2.953/38) e o ingresso do país no modelo internacional de controle (Decreto-lei 891/38)". A partir de 1940, a temática das drogas ilícitas passou a ser regulada no Brasil pelo Código Penal aprovado neste ano (e ainda vigente, evidentemente com modificações), dentro do capítulo de crimes contra a saúde pública[75]. Em 27 de agosto de 1964, já sob a vigência da ditadura militar comandada então pelo General Castelo Branco, um decreto aderiu à Convenção Única sobre Entorpecentes da ONU de

[75] Há uma considerável bibliografia sobre o tema da conformação, social e jurídica, do proibicionismo de determinadas drogas no Brasil. Eu mesmo me aventurei a fazer um breve histórico da proibição e de seus efeitos políticos e sociais na primeira parte de meu mestrado (Delmanto, 2013) – a segunda é sobre drogas e esquerda. Com outros enfoques e abordagens, com grande qualidade, destaco e indico, por exemplo, os seguintes trabalhos: PETUCO, Dênis Roberto da Silva. *O pomo da Discórdia? A constituição de um campo de lutas em torno das políticas públicas e das técnicas de cuidado em saúde dirigido a pessoas que usam álcool e outras drogas no Brasil*. Tese de Doutorado na UFJF. 2016. / TORCATO, Carlos Eduardo Martins. *A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República*. Tese de Doutorado em História Social, USP, 2016./ MOREIRA, Thamires Regina Sarti Ribeiro. *Maratonas e rambles: A emergência dos tóxicos como um problema social no início do século XX.* Mestrado em História, Unicamp, 2015. /SOUZA, Jorge Emanuel Luz. *Sonhos da diamba, controles do cotidiano: uma história da criminalização da maconha no Brasil republicano*. Mestrado em História, UFBA. 2012. / SAAD, Luísa Gonçalves. *"Fumo de negro": a criminalização da maconha no Brasil (1890- 1932)*. Mestrado em História, UFBA. 2013. E os livros: CARNEIRO, Henrique S. VENANCIO, Renato Pinto(orgs.). *Álcool e Drogas na História do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Editora da PUC/Alameda, 2005./CARVALHO, Salo de. *A Política Criminal de Drogas No Brasil - Estudo Criminológico e Dogmático da Lei 11.343/06*. São Paulo: Editora Saraiva, 2013./ CARVALHO, Jonatas C. de. *Regulamentação e criminalização das drogas no Brasil: A Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes – 1936-1946*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013./ FIORE, Maurício. *Uso de "drogas": controvérsias médicas e debate público*. Campinas: Mercado de Letras e FAPESP, 2007./ HENMAN, Anthony. PESSOA JR. Osvaldo. *Diamba Sarabamba: coletânea de textos brasileiros sobre a maconha*. São Paulo: Ground, 1986./ RODRIGUES, Thiago. *Política e drogas nas Américas*. São Paulo : Educ/FAPESP, 2004, v.01. p.326./ SILVA, Maria de Lourdes da. *Drogas: da medicina à repressão policial: Rio de Janeiro de 1921-1945*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2015.

1961, incorporando este acordo proibicionista ao ordenamento interno brasileiro. Em dezembro de 1968, logo após a instauração do AI-5, é lançado novo decreto, estabelecendo sanção penal igual para traficantes e usuários ao modificar o artigo 281 do Código Penal. Para ambos passa a ser prevista pena de encarceramento, situação que só foi alterada em 1976, com a lei posteriormente conhecida como Lei de Tóxicos.

Para Carvalho (2013, p.62), com a popularização do consumo de maconha e LSD durante a década de sessenta, "mormente pelo fato de estar vinculado aos movimentos de contracultura e contestação", o uso de drogas passou a ganhar a conotação de "instrumento de protesto contra as políticas belicistas e armamentistas, criando as primeiras dificuldades às agências de controle penal" e de componente do "quadro de manifestações estéticas das políticas de ruptura". Com o consumo de drogas ganhando "o espaço público", teria havido uma espécie de reação, na forma de um "pânico moral que deflagrará intensa produção legislativa em matéria penal". A Convenção Única sobre Estupefacientes, da ONU, de 1961, seria um "reflexo imediato desta realidade", o endurecimento da lei brasileira, em 1968, também.

Publicado em 1972, o livro *Os alucinógenos e o direito: LSD* foi escrito por Geraldo Gomes (1972), juiz que afirma na própria obra ser o autor da "primeira sentença proferida no país a propósito do LSD-25", em 22 de setembro de 1970. Retirando as partes que dizem respeito a investigação e aos réus desse caso específico – que tampouco têm seus nomes mencionados –, Gomes traz no livro transcrições de partes de sua sentença no processo, que correu em primeira instância.

O juiz Geraldo Gomes tomou sua decisão baseado – além de em suas convicções morais, como ficará bastante demonstrado neste capítulo – no decreto que modificou a lei de drogas em 1968, que tem o número 385 e data de 26 de dezembro de 1968. O texto estabelece que "nas mesmas penas incorre quem ilegalmente":

> I - importa ou exporta, vende ou expõe à venda, fornece, ainda que a título gratuito, transporta, traz consigo ou tem em depósito ou sob sua guarda matérias-primas destinadas à preparação de entorpecentes ou de substância que determinem dependência física ou psíquica;
> II - faz ou mantém o cultivo de plantas destinadas à preparação de entorpecentes ou de substâncias que determinem dependência física ou psíquica.(...)
> III - traz consigo, para uso próprio, substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica.
> (...) Pena - reclusão, de 2 a 8 anos, e multa de 20 a 50 vezes o maior salário-mínimo vigente no país.

A partir desses pontos o juiz Gomes (1972, p.33) considerou em sua decisão que "qualquer substância que acarrete dependência física ou psíquica, seja ela conhecida especificamente como entorpecendo ou não, estará incluída na proibição legal". O magistrado assim o faz pois na sequência afirma ser este "o primeiro caso, ao que saibamos, que surge na Justiça pátria a propósito do LSD-25" e portanto "evidentemente ainda nada existe, no campo jurisprudencial, a respeito desta matéria". "De qualquer forma, porém, já por demais conhecidos os pronunciamentos dos nossos Tribunais com relação a outras drogas", prossegue Gomes. Estava refutada assim a tese da defesa de que o LSD não estaria incluído na proibição por não estar explicitado no rol de substâncias proibidas até aquele momento: para o juiz isso não era necessário pois seria uma substância causadora de dependência, o que seria provado por um "laudo particular" incluído nos autos. Para o magistrado, "o farto material colhido e buscado a tratados de medicina farmacológica e mesmo a obras de cunho divulgatório e, portanto, insuspeitas sob este aspecto, deixam absolutamente claro os perigos da ingestão do LSD-25 como substância gerativa de dependência física ou psíquica".

O livro de Gomes (1972, p.9) inicia com uma "nota explicativa", na qual o juiz afirma que sua motivação para reunir trechos da sentença judicial foi "o apelo de alguns amigos" interessados na socialização da pesquisa realizada. Nas "considerações preliminares", Gomes (1972,p.11) divide "os tóxicos" em três aspectos "à luz da medicina" - o medicamentoso, o da dependência e o da "síndrome de abstinência" - e mais outras questões "à luz do direito" - o tráfico, o "uso indiscriminado ou inadequado", o "proselitismo", o conceito legal de dependência, a existência ou não de corpo de delito. Abordando especificamente a questão do uso, o juiz (Gomes, 1972, p.13) defende a existência de "dois fatores preponderantes" que o gerariam: "conflitos emocionais e predisposição"; haveria também um componente etário, uma vez que a fase "mais sujeita aos desajustamentos" seria entre os 15 e 25 anos de idade.

Comentando na sequência a evolução legislativa da questão no Brasil, ele destaca primeiramente o decreto-lei nº 891, de novembro de 1938, e depois o artigo 281 do Código Penal, que seria taxativo ao estabelecer uma enumeração das substâncias proibidas ou não. Segundo Gomes (1972, p.13) desde esse momento, a "construção jurisprudencial" se afastou dessa visão, o que teria se consolidado na mudança de lei de 1968:

> Houve, pois, uma ampliação no tocante às drogas que em maior número passaram a ser objeto da proibição legal. Houve a instituição do critério da "dependência física ou psíquica", e houve a

> imposição do relacionamento destas últimas drogas. Pelo que a norma legal passou a ser considerada norma penal em branco, fazendo-se depender a incriminação do fato de estar a droga, ainda que equivalente a "entorpecente", relacionada, previamente, pelo Serviço de Saúde Nacional. Mas esse entendimento acabou indo por terra com o advento do decreto-lei nº 385, de 26-12-68, que modificou o art. 281 do Código Penal de 1940, ampliando a conceituação de crime para outras figuras, até então não contempladas, seja o uso próprio de drogas "entorpecentes" e drogas equivalentes como, também, estendendo as figuras delituosas de induzimento, incentivo ou difusão ao uso de drogas, para aquelas outras assemelhadas aos "entorpecentes". E com este novo figurino legal substâncias assemelhadas seria todas aquelas que gerassem "dependência física ou psíquica". (…) Assim a catalogação dos tóxicos não mais se considera taxativa, mas meramente exemplificativa, para os fins da incriminação. (Gomes, 1972, p.16)

De acordo com o juiz, o crime relacionado a entorpecentes se tipifica em três grandes grupos de figuras distintas: o tráfico, o uso indiscriminado e o proselitismo. Ele aponta também que, até o decreto de 1968, "o problema do viciado era encarado como simples caso clínico, o que aliás ensejava impunidade para hábeis traficantes que procuravam se agasalhar, perante a justiça, nessa justificativa". Essa questão do endurecimento da lei é novamente tematizada quando, após qualificar o fenômeno do consumo de drogas como um "flagelo social", o juiz Gomes (1972, p.33) afirma que o fato da lei a partir de então passar a atingir os consumidores de forma mais rígida é "dos mais pertinentes": "Não se ignora que o viciado necessite de tratamento médico, para sua desintoxicação ou inapetência pelas drogas. Mas a repressão, inegavelmente, vem por cobro, profilaticamente, à expansão do vício que tantos malefícios causa a uma sociedade que se quer bem organizada", continuou, antes de cravar que "psicólogos, sociólogos, juristas e médicos são unânimes em reconhecer tais malefícios".

Deste modo, ao definir como passível de proibição "qualquer substância que acarrete dependência física ou psíquica", a lei "simplesmente não quer que se faça uso de certas substâncias que possam causar 'dependência'. E note-se mais que dita 'dependência' não significa, exclusivamente, a necessidade de busca da droga pelo viciado, mas, ainda a própria alteração das condições normais psicossomáticas justamente porque essa alteração conduz a aberrações no ambiente social". Aberrações de qual ordem, meritíssimo? Ele explica: "Durante o simples tempo de duração em que a droga atua evidentemente aquele que a ingeriu se sente meio 'desligado' do que o rodeia. Fica vagando pelo mundo de ilusões e alucinações, com perspectivas as mais sombrias e imprevistas".

Mais adiante, Gomes (1972, p.38) refuta as teses de que o LSD não estaria proibido por não contar das listas, tanto por dizer que haveria uma determinada portaria ainda vigente citando a substância quanto pelo decreto de 1968 ter excluído essa necessidade. O "farto material" pesquisado e

apresentado na sentença, e no livro, sustentaria que inquestionavelmente o LSD traria o "perigo" da dependência física ou psíquica. "Portanto é indiscutível a implicação do LSD-25 com a proibição legal", sentencia – literalmente – Gomes (1972, p.55), que salienta também que nem mesmo uma eventual "condição benéfica da droga" modificaria isso, uma vez que substâncias como cocaína, morfina e heroína também "sempre foram permissíveis na terapia, sem embargo da sua proibição legal".

Quando vai chegando às suas "considerações finais", o juiz Gomes (1972, p.102) vai ficando à vontade para tecer comentários mais políticos, e morais, do que judiciais – se é que é possível fazer essa diferenciação. O faz quando defende que "a progressiva incidência da toxicomania no seio da juventude é motivo mais que justificado para providências a respeito por todos os responsáveis por nossa mocidade", e principalmente quando faz esta análise de conjuntura, que precede uma citação de Janis Joplin e Jimi Hendrix como exemplos da desorientação juvenil do momento:

> Aliás já demonstramos que a droga é mandamento capital dos "hippies". O que se nota, pois, é que o comportamento humano se divorcia, cada vez mais, dos princípios éticos que devem reger a conduta social, sob o impacto célere de toda a ordem de mensagens negativas que causam, também, a desorientação na juventude. Note-se, por exemplo, o progressivo desprestígio da virgindade feminina, da instituição do matrimônio, dos princípios religiosos, que sempre foram grandes freios da moralidade pública desgastados por politeísmo, poligamia, feminismo, pílulas anticoncepcionais, sentido de "autenticidade", ainda que naquilo que é falso ou errado e que inegavelmente solapa a organização social. E nossa juventude que recebe esse arsenal de mensagens realmente se põe desorientada. Daí a necessidade de sua proteção. (Gomes, 1972, p.104)

***

"Que, no decorrer da sua experiência, o declarante sentiu amor por todas as pessoas"

Gomes não menciona o nome dos réus desta ação em seu livro, mas cita o número do processo em uma nota de rodapé. Com este dado foi possível encontrá-lo no Arquivo do Tribunal de Justiça de São Paulo[76], e constatar que se trata de processo iniciado em 28 de janeiro de 1970 com a prisão em flagrante do artista plástico Antonio Peticov, contando com mais outros seis réus: Osmar Ludovico da Silva, José Gaspar Ribeiro, Domingos Proeitti, Gibrail D'ávila Junior, John Emery ("qualificação

[76] Penal, Arquivo de Primeira Instância, 13ª Vara Criminal, Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo. Processo número 88/70. Réus: Antonio Peticov, Osmar Ludovico da Silva, José Gaspar Vaz Ribeiro, Domingos Proietti, Gibrail D'Ávila Junior, John Emery (qualificação indireta) e Barry John Holohan.

indireta") e Barry John Holohan. Com carimbo da 13ª Vara Criminal, a página inicial que contém os nomes dos réus tem também a atribuição do material à "Delegacia Especializada em Lenocínio e Entorpecentes - DIG".

O "Auto de exibição e apreensão" é o documento que vem logo a seguir, e aponta que na data mencionada "compareceu o artista ANTONIO PETICOV (…) e exibiu à autoridade Quinze (15) doses de uma substância de cor alaranjada, acondicionadas em pequenos invólucros de papel prateado, em quantidades de miligramas e que segundo informação do exibidor trata-se de LSD-25". "Em seguida, pela mesma autoridade, foi ordenado que se fizesse a apreensão do objeto acima mencionado, o que foi feito. Nada mais havendo a tratar, mandou a autoridade encerrar este auto, que, depois de lido e achado conforme, vai devidamente assinado", termina o documento, assinado pelo Delegado Luis Carlos Rocha.

Na sequência nos deparamos com o "Auto de prisão em flagrante delito", que foi lavrado às 22 horas do dia 28 de janeiro a partir do testemunho do "condutor" Angelino Moliterno, "natural de Caxias, Rio de Janeiro, 44 anos, casado, de cor branca", investigador da Delegacia de Entorpecentes:

> Que há algum tempo recebeu informações dos seus auxiliares, de reuniões suspeitas num apartamento da cidade, onde um grupo de artistas e "hippies", jovens com roupas de fantasia, cabelos compridos e costumes e comportamento estranho, passavam horas juntos; Que, o depoente passou a investigar o que lá ocorria e pelo barulho e comportamento inusitado dos componentes do grupo, passou a suspeitar que o mesmo consumia substância entorpecente ou que determinavam dependência psíquica, isto pelo comportamento dos mesmos, ao final das reuniões, quando desciam do apartamento; Que, o depoente passou a suspeitar de que aqueles jovens tomavam alguma droga diferente, porque no apartamento, como verificou nos bares das imediações, não havia grande consumo de bebida alcoólica; Que, o depoente continuando as investigações passou a ler todas as notícias e fontes de referência a respeito de novas drogas, principalmente sobre as drogas usadas pelos "hippies" ingleses e americanos, como ácido lisérgico e o LSD-25.

A partir de então "o depoente" diz ter ido ao apartamento de Peticov, localizado na Rua Avanhandava, região central de São Paulo por volta das 17h30. O artista "sabendo que era a Polícia franqueou a entrada ao apartamento", onde estariam Neville Vieira (qualificado como ator desempregado) e "o menor" José Roberto Martins Macedo, que também foram levados à Delegacia. Prossegue o depoimento:

> O depoente procedeu a uma vistoria no apartamento e encontrou escondido no armário do

> banheiro, atrás do espelho, dentro de um vidro de "Alert", uns pequenos e minúsculos envelopes contendo uma substância de cor alaranjada, envelopes estes de papel prateado, que o depoente suspeitou tratar-se do famoso LSD-25; Que, o depoente interpelou o dono do apartamento acusado aqui apresente e este lhe confirmou que aquela droga era de fato o LSD-25 e que a tinha trazido dos Estados Unidos e que a usava em experiências; Que, diante disso o depoente deu voz de prisão em flagrante ao acusado aqui presente, apreendeu a droga e conduziu o acusado juntamente com as duas pessoas que se encontravam no apartamento para esta delegacia

A seguir há breves depoimentos dos dois amigos de Peticov, que negam saber qualquer coisa sobre drogas ou serem usuários. José Roberto Macedo, que iria completar 18 anos em fevereiro daquele ano de 1970, depôs acompanhado do pai, advogado, e revelou ser músico e amigo de Peticov:

> Que, o depoente é artista, músico, conhece vários rapazes que usam os cabelos compridos, mas que não são "hippies"; Que, é amigo de Peticov, "antoninho" na intimidade, mais ou menos há um ano, frequenta o seu apartamento, já o recebeu em sua casa na Praia Grande; Que, o depoente ia ao apartamento de Antoninho, em horário diferentes [sic], para ouvir música, pintar e encontrar-se com outros rapazes e moças, conhecidos de Antoninho; Que, Antoninho nunca ofereceu nenhuma droga ao depoente e o mesmo não sabia que no apartamento se tomava drogas; E mais não disse nem lhe foi perguntado.

Macedo, já conhecido como “Baixinho”, era percursionista da banda Os Novos Baianos. Morreu em 2003, aos 51 anos, em decorrência de um câncer no fígado. Tentei contato com a família para saber se tinham conhecimento dessa prisão, se ele comentava o fato, etc., mas não obtive nenhuma receptividade por parte de seu filho após contato via Facebook. Pelo contrário, ele disse que não daria nenhuma informação e que a família não gostaria que esse evento da prisão, e a questão das drogas de forma geral, fossem mencionados, “em respeito a memória de meu pai”. Já o depoimento de Vieira, que tinha 28 anos, diz que ele e Peticov se conheciam há seis meses, aproximadamente. Em ambos depoimentos consta também que a "diligência policial" teria sido feito sem violência e que a presença diante da autoridade era voluntária.

Se Baixinho, junto com os Novos Baianos, ganharia fama após esses eventos, outro nome notório já pode ser observado nessas páginas iniciais do processo: o do investigador Angelino Moliterno. Mais conhecido por seu apelido, Russinho, sua participação nos eventos foi destacada por pelo menos três de meus entrevistados: Antonio Peticov, Osmar Ludovico e Raul Fiker. Integrante da delegacia de entorpecentes, Russinho teria participação direta no tráfico de drogas em São Paulo e também seria figura destacada dentro do que se conheceu como “Esquadrões da morte”, grupos de policiais que vingavam a morte de colegas seus membros das forças da lei, e também participavam de uma

série de atividades delituosas (e lucrativas, claro). Como aponta o relatório da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo77, em seu tomo I parte I, "Repressão Política: Origens e Consequências do Esquadrão da Morte", esse grupo atuava sob o comando do "temido" delegado do Departamento de Ordem e Política Social (Dops) Sérgio Paranhos Fleury, que havia cultivado nos primeiros momentos da carreira uma referência pessoal de "caçador de bandidos", segundo seu biógrafo, o jornalista Percival de Souza - citado pelo relatório. Em uma lista com 377 nomes de agentes do Estado apontados no relatório final da Comissão Nacional da Verdade78 como responsáveis por crimes cometidos durante a ditadura militar, Moliterno é citado: "Investigador da PF em SP; desde 1968 foi do Esquadrão da Morte; conhecido como (*); passou a chefiar a segurança da boate La Licorne".

Em seguida, nos autos do processo, depõe pela primeira vez Peticov, creditado como "natural de Assis.S.Paulo, solteiro, cor branca, artista plástico, com atelier, onde reside, na rua Avanhandava, 65- Apt.510". Após a polícia encontrar a droga no armário do banheiro, Peticov teria dito que

> o investigador perguntou ao interrogado e este confirmou que realmente aquela droga era o famoso LSD-25; Que, diante disso, recebeu voz de prisão em flagrante e juntamente com seus amigos foi conduzido a este Departamento e apresentado à autoridade, que a este preside, que confirmou a sua prisão; Que, o interrogado recebe frequentemente, artistas e pessoas que vão ver os seus trabalhos; Que, algumas vezes vão oito pessoas, ficando o apartamento, que é pequeno, cheio de gente, dando a impressão de uma verdadeira festa.

Na continuação, o depoimento aponta que "o interrogado conhece maconha, e a experimentou uma vez", e que "não bebe, não fuma e não toma outras drogas tóxicas", prosseguindo;

> Que, em 1969, o interrogado foi para a Europa, tendo visitado a França, onde trabalhou juntamente com os Mutantes, no famoso festival de MIDEM, e depois foi para a Inglaterra, e depois para os EE.UU, onde chegou no dia 21 de fevereiro de 1969; Que, em Nova Iorque tomou conhecimento com outros artistas em geral, com músicos; Que em Los Angeles, , no começo de março do ano passado, esteve hospedado numa comunidade, onde viveu pouco tempo, em US-Los Angeles, Beverlly Hills ou West Los Angeles, num acampamento de artistas, o interrogado tomou conhecimento do famoso LSD-25, droga essa que apenas conhecia de nome; Que, essa

77 Disponível em http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/downloads/I_Tomo_Parte_1_Repressao-politica-origens-e-consequencias-do-Esquadrao-da-Morte.pdf

78 Lista dos 377 agentes do Estado responsáveis por crimes durante a ditadura militar. Documentos revelados. Disponível em https://www.documentosrevelados.com.br/geral/lista-dos-377-agentes-do-estado-apontados-como-responsaveis-por-crimes-durante-a-ditadura-militar/ Ver também: Comissão da Verdade responsabiliza 377 por crimes durante a ditadura, G1, 10 de dezembro de 2014. Disponível em http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/comissao-da-verdade-responsabiliza-377-por-crimes-durante-ditadura.html

> droga, nos EE.UU é muito usada, principalmente entre os artistas, chegando mesmo a ser vendida na rua, em Los Angeles, não sabendo o preço ou o valor da mesma; Que, depois de adquirir a droga, transportou guarda a droga num bolso de uma de suas roupas e trouxe-a para o Brasil; Que, em S. Francisco, no AVALON BALL ROOM, salão de concertos, houve uma experiência coletiva, quando então, entre artistas, com umas cento e oitenta pessoas, sendo dirigidos por um filósofo japonês, o interrogado tomou, experimentalmente, a famosa droga; Que, na entrada desse salão, o interrogado pagou três dólares e recebeu uma pri, digo, uma pirulazinha, da mesma cor da droga apreendida agora em S. Paulo. de tamanho minúsculo, quase igual ao que foi exibido à Polícia Paulista, desta delegacia, no interior do salão, o interrogado seguindo a orientação do dirigente, colocou na língua e a ingeriu; Que, esclarecendo melhor, o interrogado tomou a droga ao entrar no salão, colocando-a sobre a língua e engolindo-a; Que, a droga é muito pequena e não sentiu goto nenhum, depois de uns quarenta e cinco minutos é que começou a sentir os efeitos da droga; Que, ela não produz efeito imediato após sua absorção; Que, durante a experiência permaneceu perfeitamente lúcido, cuja experiência é chamada "Acid Test", aumentando, porém, a percepção, principalmente a visão e a audição, razão porque havia música e projeções, e razão por que o interrogado toma essa droga.

A seguir, ele teria dito que “veio para o Brasil e aqui, por ser artista, passou a tomar a droga” para “fazer experiências de conscientização”:

> Que, o interrogado, aqui em S.Paulo, com a droga que trouxe fez diversas experiências, tomando-a sozinho, algumas vezes com outras pessoas; Que, um rapaz americano, GARRY, pintor, também fazia experiências com o LSD-25 que tinha trazido dos Estados Unidos, num campo, onde o interrogado e Garry iam tomar a droga; Que, esse americano voltou para os EE.UU, nos idos de junho do ano passado; Que, esse indivíduo é um senhor alto, branco, cabelos grisalhos, calvo na frente, forte, sem ser gordo, uns cinquenta anos de idade, pintor; Que, esse indivíduo estava num hotel do Centro da Cidade, não era "hippie", apenas artista; Que, o interrogado não toma a droga sempre e até hoje ainda está se utilizando da que trouxe dos EE.UU., Que, nunca ofereceu a droga para nenhuma amigo que frequentava o referido apartamento, como os dois que foram encontrados na sua companhia; Que, no momento o interrogado não tem ideia de quem possa estar fazendo experiencia com a referida droga; Que, o interrogado sabe perfeitamente que no Brasil o uso de drogas é proibido mas nos Estados Unidos as pessoas tomam com bastante liberdade.

Por fim, o depoimento diz "que presta este interrogatório expontaneamente [sic], não tendo sofrido nenhuma coação, constrangimento, por parte dos policiais, que nem chegaram a levantar a voz com sua pessoa”. Após um documento de "Informações sobre a vida pregressa do indiciado", que não traz grandes informações, na sequência o processo contém documento intitulado "Auto de Qualificação e de Interrogatório", com data do dia seguinte ao primeiro interrogatório - agora a data é 29 de janeiro - e horário de 18 horas. Esse documento apresenta um novo depoimento, já que

voluntariamente Antonio Peticov teria se oferecido para apresentar novas informações, novamente na presença do delegado Luis Carlos Rocha, e listado uma série de nomes a quem teria dado ou vendido “viagens”:

> Que, em aditamento ao seu interrogatório, quer esclarecer, expontaneamente [sic], as pessoas com quem mantinha relações de amizade, no mundo artístico, e que levadas pelo espírito de curiosidade, ou mesmo de experiência, adquiriram ou ganharam do interrogado o ácido lisérgico; Que, entre essas pessoas o interrogado se lembra duma psicóloga, de nome MARINA, não sabendo onde trabalha ou pode ser encontrada; Que, conhece MARINA através de sua ex-namorada, de nome SUELY; Que, para MARINA o interrogado deu uma "viagem", uma vez, e vendeu duas outras vezes, cobrando Ncr$ 30,00 a unidade; Que, a sua amiga, o interrogado deu três "viagens", ao pintor TOMOSHIGUE, filho de japonês, (ele é japonês), o interrogado lhe deu uma "viagem" e vendeu outra por trinta cruzeiros novos, não sabendo onde o mesmo poderá ser encontrado, ele que procurava o interrogado; Que, AMERICO, estudante, o conheceu por intermédio da noiva dele, sendo ela manequim, não sabe onde poderá ser encontrada, para AMERICO vendeu várias "viagens" a vinte outras a trinta cruzeiros novos.

O suposto depoimento totaliza quatro páginas, nas quais Peticov teria seguido listando o nome de amigos, conhecidos ou pessoas indicadas por estes para quem teria oferecido ou vendido LSD. São, em geral, pessoas do mundo artístico, há citação por exemplo à peça “Hair” e ao “Grupo Sonda”, e para algumas delas há menção explícita a seus pais, como no caso de "RENATO CORTE REAL", “filho do conhecido artista RENATO CORTE REAL", que "frequentava o apartamento do interrogado" e "ganhou uma viagem", ou de ALBAN, "filho do embaixador da ONU no Brasil, morador do Pacaembu, que frequentava o apartamento do interrogado e o restaurante GIGETO" – este estabelecimento, segundo o depoimento frequentado por várias dessas pessoas citadas, ficava muito perto do apartamento de Peticov, e foi citado inclusive por ele, em entrevista, como um ponto de encontro de sua turma, muitos deles já adeptos do consumo de ácido lisérgico.

Quem também é relacionado com o restaurante Gigeto é Antonio Bivar, citado anteriormente como integrante do circuito de brasileiros exilados em Londres no começo dos anos 1970. Peticov teria mencionado inclusive o prêmio que permitiu a viagem do dramaturgo: “Que, ANTONIO BIVAR, escritor teatral, prêmio 'moliere' de teatro, frequentava o restaurante GIGETO, que possivelmente está viajando para a Europa, a quem o interrogado vendeu algumas viagens, dando-lhe outra gratuitamente por ser seu amigo”. A seguir o interrogado teria declarado que uma vez levou ácidos para Bivar em Intanhaém, na “praia das Gaivotas”, tendo se dirigido "à casa de WILLIAM, prédio tipo de hotel de praia, onde se reuniem [sic] diversos artistas, que foram lá pintar ou escrever, e que William é escritor e dono do imóvel", "não sabendo se o mesmo é brasileiro". Peticov teria dado

"uma viagem" para Bivar e os dois ido a um bar, onde o artista teria verificado que lhe faltavam algumas "pírulas" de LSD, que teria sido portanto furtadas por alguém na casa. Após reclamação, William teria se "encarregado de apurar a autoria" e restituir o valor correspondente para o artista – e não posso deixar de observar desde já como chama atenção que alguém, já preso, supostamente teria esperado quase 24 horas para "voluntariamente" revelar esse tipo de pormenores, que obviamente não lhe agregariam nada em sua defesa e que certamente poderiam repercutir em outras pessoas, em um contexto de ditadura militar.

Após a história com Bivar e William, o depoimento termina relatando que o interrogado "conhece RONNIE VON, que foi em sua casa (dele), bem como JORGE BEN",

> que conhece vários artistas e que sua namorada poderá colaborar, prestando eventuais esclarecimentos, querendo o interrogado esclarecer que vendia as drogas a fim de pagar as que comprava, tratando-se assim, não de comércio e sim de um meio para conseguir pagar as que comprava; Que, por isso que dava e vendia, não usufruindo lucros, pelo qual não se [ilegível], vivendo a fazer se trabalho normal, não vivendo assim de dinheiro ganho com a venda do ácido, não mais disse nem lhe foi perguntado.

Na sequência das páginas amareladas e de bordas corroídas do processo estão breves depoimentos de testemunhas ligadas a dois dos réus, Peticov e Osmar Ludovico. "Termo de declarações" é o que vem escrito no topo da página. Abaixo, no primeiro documento, está a data de 3 de fevereiro e o delegado Rocha apontava o comparecimento de Carlos Alberto de Araújo, de 23 anos, músico, morador da Rua Jaguaribe, no centro de São Paulo. Novamente salta os olhos o nível, senão de sinceridade, no mínimo de detalhamento envolvido nos supostos depoimentos; adiante veremos que há motivos para suspeitar da veracidade ou exatidão de ao menos alguns deles, e desde sempre, e obviamente, é impossível tomar por incontestável qualquer tipo de documento, mais ainda os produzidos pela polícia, mais ainda durante a ditadura – no entanto neste caso fica difícil imaginar que tão poéticas palavras tenham brotado da mente de um agente policial, e não de um jovem que aparente e surpreendentemente tenta convencer os agentes da lei das potencialidades do ácido lisérgico:

> Que, o declarante conhece Antonio Peticov e há uns trinta dias aproximadamente fez experiências com o LSD-25, cuja dose lhe foi dada por Antonio; Que, sabe que sua namorada Suely e sua amiga Marina fizeram também experiências, com o LSD-25 dado por Antonio; Que, no decorrer de sua experiência, o declarante sentiu amor por todas as pessoas, mais consciência do belo, pois era uma pessoa bastante neurótica, tendo resolvido todos os seus problemas, por que realmente se encontrou, tomando consciência de sua posição em relação a si mesmo e à vida; Que, quanto ao seu

> trabalho houve uma mudança total, pois agora enxerga totalmente as coisas; Que, os efeitos variam demais de pessoa por pessoa, dependendo do que faz, e bem como de sua cultura, também do seu modo de viver com relação a si mesmo e com as outras pessoas; Que, após a experiência, o declarante obteve mais facilidade em se adaptar a qualquer meio que frenquente; Que, após essa primeira experiência o declarante não teve necessidade de fazer outra "viagem" e se um dia tencionar fazer outra, será daqui há [sic] algum tempo; Que, durante a experiência o declarante sentiu todas as reações mencionadas e após o efeito do ácido tudo se tornou lembranças, contudo, essas lembranças se tornaram parte integrante de si mesmo, fazendo com que usasse essa experiência durante a vida; Que toda a agressividade que sentia antes da experiência, foi morta, e agora sente o desejo e procura como compreender todas as coisas e o efeito que o declarante sentiu foi maravilhoso e se as pessoas tivessem as mesmas reações, tudo seria melhor, não haveria mal que elas se dispusessem a usar o ácido; Que, as reações do ácido variam de pessoa para pessoa; Que o declarante vindo de um estágio normal de vida, teve reações contudo não sabe o efeito que poderá trazer o ácido com relação às pessoas que tenham um outro ritmo de vida.

Relativas a Osmar Ludovico da Silva, e apresentadas na sequência, estão as declarações da professora primária Chiquita da Silva Coelho Camargo, de 44 anos, moradora do bairro da Pompeia, e seu filho Jary Guimarães Camargo Filho, de 21 anos. O que parece é que Jary foi chamado a depor e a mãe não só foi junto como deu ela também seu depoimento. A professora "expontaneamente" declara ser viúva e mãe de quatro filhos, sendo três rapazes e uma moça, caçula de quinze anos. Ela sempre teria procurado, junto com o marido, falecido pouco mais de um ano antes, "dar a melhor educação" para seu filho, que "sempre se portou da maneira mais exemplar possível, sem nenhum vício". No entanto,

> há questão de um mês mais ou menos, seu filho Jary, que é universitário e sempre trabalhou na Editora Abril, chegou em casa fora do horário habitual, demonstrando uma diferença de atitudes que a declarante extranhou [sic]; QUE, em comentários com outro de seus filhos, haventaram[sic] a hipótese de que pudesse estar seu filho Jary sob efeito de tóxicos e talvez até de LSD, dado a frequência com que esse tipo de droga estava se propagando pelo bairro; QUE, poderia ser influência até dessa onde de "HIPPIES" que infestam a cidade, principalmente no Bar Dollar e Bar Paramouth, visinhos [sic] a casa da declarante; QUE, dentre esses "HIPPIES", há um conhecido por OSMAR, conhecido de seu filho; QUE, seu filho não convive, propriamente, com esse tal OSMAR, mas o conhece, dos pontos já citados; QUE, esclarece ainda, que seu filho, naquela ocasião em que foi mencionado, não lhe disse se estava sob efeito de alguma droga nem se havia adquirido algum produto tóxico.

O depoimento de Jary vem na sequência, e é curto. Ele teria dito conhecer Osmar Ludovico, tendo "amizade com o mesmo", e envolve mais dois dos réus em seu depoimento, o "americano gordo" Barry John Holohan e José Gaspar Ribeiro:

> O declarante conhece OSMAR LUDOVICO DA SILVA, e tem amizade com o mesmo, sendo que um dia foi com ele encontrar-se com um americano, gordo, de nome John, na rua Barão de Limeira, onde este vendeu ao declarante e a John algumas pastilhas de LSD-25, tendo o declarante comprado uma "viagem" por Ncr$ 30, 00 (trinta cruzeiros novos); Que, nesse encontro, o interrogado não conheceu Barry, vindo a conhecê-lo nessa data; Que o declarante tomou uma dose de ácido lisérgico e não se sentiu bem; Que, o declarante sabe que alguns amigos seus experimentaram a droga, entre eles Gaspar, Gibrail e outros. Mais não disse nem lhe foi perguntado.

Na sequência do processo, está anexada "uma fotografia encontrada na residência de Antonio Peticov", datada de 5 de fevereiro de 1970, com a sugestão do delegado de que seja incluída nos autos. Por mais aleatória que possa parecer a inclusão dessa foto no processo, o pior é que ela foi considerada pelo juiz Geraldo Gomes, que chega a citá-la em sua sentença:

> [Peticov] diz que as pessoas fotografadas eram seus amigos, oriundos dos EE.UU., e ali estavam a lhe pintar paredes (?) - mas não só não indica seus nomes, não se vê uma lata de tinta e nem as vestes dos personagens fotografados apresenta qualquer vestígio de manchas de tina. Nem mesmo seria crível, que um grupo de seis pessoas, procedentes dos EE.UU., aqui viessem ter para dar-lhe a mão na pintura de paredes. Aliás todos jovens e em típica atitude de submetidos às drogas. Contemple-se a realidade. Totalmente abstraídos, um tapando a boca, como nauseado, outro tapando os olhos, outro tapando os ouvidos e outro ensimesmado e todos pelo chão.

Foto da foto que consta no processo (Reprodução)

Logo após, está um relatório de sete páginas sobre o caso, assinado pelo delegado Luis Carlos Rocha e endereçado ao ministério Público, com data de 5 de fevereiro. Este documento elaborado por Rocha é interessante para vermos do que serão acusados formalmente os futuros réus do caso, que são inicialmente listados no topo da página. Dirigindo o texto ao "MM.Juiz", o delegado começa o item 1 citando Osmar Ludovico da Silva, "professor de Inglês, moço de 26 anos de idade, com os pais residentes no Bairro da Pompeia, há muitos anos", que teria "se viciado em entorpecentes" e, cinco anos antes, "para encontrar uma solução para o seu caso", teria viajado para a Europa, percorrendo vários países. "Em Beirute foi preso, como traficante de haxixe e ficou na prisão durante sete meses, sendo depois recolhido a um hospital do governo para tratamento de sua toxicomania", prossegue o delegado, que relata ter sido nessa ocasião, em 1967, durante período de prisão no Líbano, que Ludovico conheceu Barry John Holohan, "outro moço, também viciado em

tóxicos, que se encontrava preso pelo mesmo motivo, isto é, por ser traficante de entorpecentes".

Em junho de 1969, Osmar teria voltado ao Brasil, retornando também para a casa de seus pais, onde passara sua infância, na Pompeia. "Nesse bairro reatou velhas amizades e fez novas com rapazes das redondezas. Se apresentava aos seus conhecidos como professor de inglês, tendo assim acesso às casas das famílias", continua o relato. Já Holohan, de 28 anos e que teria passagens pelas polícias da Europa e seria também sócio de um cassino em Londres, teria se encontrado com seu conhecido John Emery, que levaria uma "vida duvidosa, tendo, segundo Barry, um restaurante e um salão de beleza em Madrid, fornecendo todavia o endereço de Londres para correspondência". Eles teriam combinado uma viagem ao Brasil, chegando a São Paulo em dezembro de 1969, hospedando-se no Hotel Columbia Palace. O australiano Holoan então supostamente telefonou para Ludovico e combinado de se encontrarem, ocasião em que debateram sobre como poderiam abastecer clientes em São Paulo, Rio de Janeiro e Santos com "uma certa quantidade de comprimidos de LSD-25" que Holohan e Emery haviam trazido da Europa.

Osmar teria concordado em conseguir compradores para a droga, tendo oferecido-a a seus amigos e conhecidos da Pompeia, primeiro com amostras grátis e depois vendendo por trinta cruzeiros novos cada "viagem", "isto é, uma milionésima grama [sic], ou um gama, da droga, que vinha em pequenas pastilhas, e eram divididas em três partes, tomando o curioso uma terça parte da mesma, que equivaleria a uma 'viagem'". "A droga é uma substância de cor alaranjada, em pequenos comprimidos, cujo efeito de uma terça parte perdura de dez a doze horas, aguçando os sentidos da pessoa, dando-lhe uma ideia fantástica dos objetos e das cores - é um ilusinógeno", explica o delegado Rocha. Durante "um de seus passeios pela cidade", Barry supostamente conheceu Antonio Peticov, que teria adquirido "uma certa quantidade do ácido" do australiano, distribuindo posteriormente entre seus amigos e conhecidos "no meio cultural e artístico de S.Paulo".

Assim termina o item número um do relatório do delegado Rocha. O item seguinte, de número dois, me surpreendeu quando analisei o processo judicial com mais atenção. Nele, o delegado corrobora o que poderiam parecer apenas suposições por parte de alguns dos entrevistados e mesmo da imprensa: a de que o início da operação que motivou a prisão de Peticov e o indiciamento dos outros seis réus se deu a partir de quando o delegado toma conhecimento, através da imprensa, da chegada de um agente do FBI ao Brasil, supostamente buscando prender os primeiros traficantes internacionais a utilizarem o país como base para o comércio da substância. Como vimos ao final do último capítulo, essa notícia foi divulgada pelo jornal *O Estado de São Paulo* em 24 de janeiro de 1970: quatro dias depois Peticov receberia a visita de Russinho em seu apartamento. Rocha

descreve os fatos da seguinte forma:

> No dia 24 de janeiro último, o jornal "O Estado de S.Paulo", publicou uma nota da sua sucursal do Rio, sob o título "LSD TRAZ AGENTE DO FBI AO PAÍS", que chamou a atenção do signatário, sobre a possibilidade do ácido estar sendo vendido também nesta Capital, por estrangeiros.
>
> Este Delegado reuniu os seus investigadores e contou-lhe [sic] o que sabia a respeito do ácido e dividiu as equipes, num trabalho pertinaz, começando pela relação de estrangeiros diariamente desembarcado em S.Paulo, que é fornecida pela Delegacia de estrangeiros. Investigada a situação dos estrangeiros, selecionados, pelo método de exclusão de possibilidades, a Delegacia de Entorpecentes, pelos seus elementos, passou a viaja, digo, vigiar dia e noite e a seguir os passos dos dois estrangeiros, Barry e John, anotando todo os seus contatos. Como eram visitantes, abrigados pelas suas respectivas embaixadas, houve um cuidado maior em não lhes molestar, sem uma prova concreta de suas atividades ilícitas.

Segundo o delegado Rocha, teria sido a partir dessa vigilância que os investigadores descobriram a ligação entre Barry e Peticov - passando a vigiar o apartamento deste. No dia 28 de janeiro, um policial "de campana" no prédio teria comunicado que o artista e mais dois "indivíduos" estavam no apartamento já há um tempo e ele "suspeitava de que algo estranho havia lá". Essa suspeita foi o suficiente para o delegado autorizar a ida da polícia ao local - eles teriam sido recebidos por um Peticov de ar "apalermado". Ao abrir um armário do banheiro, um dos policiais supostamente encontrou um papel prateado, no fundo de uma xícara, com "uma minúscula porção de um pó de cor alaranjado". Com Peticov assumindo a responsabilidade pela substância, recebeu a voz de prisão em flagrante.

Rocha afirma que Peticov mentiu na delegacia ao dizer que a droga fora trazida dos Estados Unidos, sendo convencido a falar mais não por conta de nenhuma ameaça de violência física, mas pelo poder de convencimento do delegado e, em última instância, pelo temor a Deus:

> Terminado o flagrante, o signatário percebeu que Peticov trazia num dos bolsos de sua jaqueta uma pequena bíblia, que era frequentemente retirada do mesmo e manuseada. Explorando esse fato, esta autoridade fez ver a Peticov que ele estava mentindo, por que [sic] se realmente tivesse trazido a droga na época que disse, ela, forçosa e obviamente, já teria acabado. Peticov contou então que é filho de um pastor protestante e queria colaborar com a Polícia, falando a verdade. Contou que em seu apartamento tinha mais ácido. Este Delegado voltou ao local e dentro de uma caixa de canetas, encontrou, acondicionados em papel prateado, dentro de cada caneta, dez comprimidos do LSD-25. Antonio Peticov, demonstrando sinceridade, quando perguntado sobre sua ligação com Barry, acabou contando que a droga tinha sido comprada do mesmo e estava sendo vendida também por ele.

Continuando o relato, o delegado afirma que mantinha um policial no hotel onde Barry Holohan agora estava hospedado, na Alameda Barão de Limeira. Quando mandou que uma equipe fosse lá buscá-lo, no dia 30 de janeiro, para uma acareação com Peticov, a notícia já teria sido divulgada por "televisão e imprensa", o que permitiu que "os amigos, brasileiros, de Barry" corressem a seu hotel para avisá-lo. O australiano pagou a conta e tentou fugir na companhia de José Gaspar Vaz Ribeiro e Gibrail D'Avila Junior, no carro deste último - a polícia o impediu na saída, prendendo os três. Na delegacia teriam sido encontrados comprimidos de ácido lisérgico em uma mala de Holohan, "que se negou a falar, bem como a explicar a presença daquela droga em seus pertences".

A seguir, no item 4 do documento, o delegado diz que José Gaspar e Gibrail contaram terem conhecido Barry e John através de um amigo em comum, exatamente Osmar Ludovico da Silva. "Contaram ainda que os dois estrangeiros tinham trazido o ácido, e eles o experimentaram por curiosidade. Que John tinha embarcado na Sexta-Feira última para o Rio em seguida para Londres. Que Osmar estava em companhia de um amigo, possivelmente numa chácara de São Roque". Com essa informação, "o signatário" teria procurado por Osmar e seu amigo Domingo Proietti, averiguando que estavam na chácara do pai desde último. Ali foram presos Osmar e Domingos - o primeiro estaria portanto um comprimido de ácido. Em outras dependências teriam sido encontradas mais doses de LSD, além de "um tubo de papel prateado, utilizado para a confecção de pequenos pacotinhos para acondicionar a droga". Na delegacia, "vendo-se descoberto", Osmar procedeu como o final dos episódios do desenho Scooby Doo ou dos filmes do agente secreto Austin Powers, e, sem nenhuma ameaça, movido apenas pela descoberta de seu plano, revelou tudo que sabia ao intrépido investigador: "contou toda a sua ligação com os estrangeiros, bem como a sua participação na venda da droga em S. Paulo".

A partir dessas informações, o delegado relata que foram lavrados três autos de prisão em flagrante, o primeiro contra Antonio Peticov, o segundo contra Barry John Holohan e o terceiro para Ludovico da Silva e Proietti. A droga apreendida foi encaminhada para laudo. José Gaspar e Gibrail foram indiciados junto com Barry, ele como vendedor, eles "por fazerem uso da droga". O inglês John Emery ficaria com a qualificação indireta, por não ter sido encontrado. "Numa fotografia, encontrada no apartamento de Antonio Peticov, que se encontra às fls., vê-se um pequeno grupo de rapazes e moças, sob o efeito da droga", aponta o delegado Rocha, antes de finalizar o relatório. Datado de 6 de fevereiro e assinado por um perito criminal e um médico legista, um laudo incluído nos autos atesta que as "12 pastilhas de substância alaranjadas" enviadas para teste eram de fato de LSD.

***

Repercussões do caso na imprensa

Como apresentado anteriormente, justamente em janeiro de 1970 uma outra apreensão de LSD ganhou as páginas da imprensa, o que teria motivado a ação investigativa do setor paulistano de entorpecentes da polícia, sendo responsável pela motivação das primeiras movimentações do processo aqui em questão. Após a notícia que anunciava a presença do FBI no Brasil, em busca ácido lisérgico, apresentada ao final do último capítulo, *O Estado de São Paulo* voltou a tratar do tema em 27 de janeiro, em reportagem intitulada: "LSD: segue inquérito", que mencionava o início do inquérito sobre o caso da apreensão de LSD, supostamente traficado por um comissário aéreo entre Miami e o Rio de Janeiro. O *Correio da Manhã* também abordou brevemente o caso, em 24 de janeiro. Com o título "Embaixada ignora se agente do FBI está no Rio caçando gang", a nota de dois parágrafos especula sobre um possível eixo Miami- Rio-Buenos Aires na rota do ácido lisérgico.

No mesmo 28 de janeiro em que Antonio Peticov era preso, *O Estado de São Paulo* publicou reportagem com manchete "IML apurará se pílulas são LSD". Segundo o texto, o Instituto Médico Legal da Guanabara teria a partir daquela data 10 dias para informar à Justiça se de fato era LSD a substância encontrada com um comissário aéreo, Marcelo Brasil de Oliveira, que teria trazido a droga ao país e sido pego tentando vendê-la a um casal. "No ato da prisão, o policial não conseguiu apreender nem o LSD e nem o dinheiro da transação", salienta o texto, que diz que as pílulas teriam sido encontradas posteriormente no apartamento de Álvaro Martins Caldeira. Ainda segundo o jornal, "a embaixada norte-americana no Rio e a Interpol desconhecem a presença de um agente do FBI na Guanabara".

No dia 30 de janeiro, o *Estado* publicou a reportagem "Confirmado tráfico de LSD", que incia dizendo que embora o IML da Guanabara ainda não tivesse se pronunciado sobre a substância apreendida, o detetive encarregado do cargo estaria convicto que as 210 pílulas confiscadas seriam mesmo de LSD. Álvaro teria confessado, e dito que comprou o ácido de dois comissários aéreos, sendo Oliveira um deles. Ao final da notícia, há dois parágrafos citando a prisão de Peticov:

"Hippie" com LSD

> O "hippie" internacional Antony [sic] Peticov, de 24 anos, solteiro e o ator de teatro Nevile Vieira, de 29 anos, solteiro, foram presos em São Paulo, quando consumiam drágeas de LSD. A prisão dos viciados, realizada pelo delegado Luiz Carlos Rocha, ocorreu no apartamento de Antony Peticov, à Rua Avanhandava, 65. Com eles as autoridades apreenderam 20 drágeas de LSD, avaliadas em 10 mil cruzeiros.
>
> Antony Peticov, no auto de flagrante, revelou que, no ano passado, viajara para os Estados Unidos, Inglaterra e França, onde participara de festivais de música moderna. Nessa oportunidade, adquirira dezenas de drágeas de LSD, à razão de 2 dólares cada uma, trazendo-as para São Paulo, onde as negociava com pessoas de suas relações.

Com uma foto do artista com cabelo comprido e bigode, legendada dizendo “Peticov antes do barbeiro”, a edição desse mesmo 30 de janeiro de 1970 da *Folha de S.Paulo* traz uma reportagem com manchete "Um hippy, 1 ator e 1 menor tomavam LSD em São Paulo; Polícia retém 25 comprimidos".

> O hippy Antoni [sic] Peticov, de 24 anos, o ator Neville Vieira, de 29, e um rapaz menor de 16 anos não viram quando o delegado Luis Carlos Rocha, da Delegacia de Narcóticos do DEIC, e mais três investigadores invadiram o apartamento 510 da rua Avanhandava 65. Eles estavam viajando. Ainda assim, foram presos, porque sua viagem era muito especial: era a viagem provocada pelo LSD. Com eles, pela primeira vez no Brasil, foram apreendidos 25 comprimidos do ácido lisérgico, avaliados em NCr$ 10 mil.

Sempre chamando Peticov de "Antoni", a reportagem diz que na delegacia ele, "já desintoxicado", "mostrou toda sua cultura sobre drogas, discorrendo longamente sobre o LSD e contando detalhadamente seus efeitos. Citou até Aldous Huxley", o que não teria sensibilizado o delegado, que mandou "cortar a longa cabeleira" do artista e o autuou em flagrante. Também em 30 de janeiro, o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, publicou reportagem sobre o tema, mostrando que a repercussão midiática não ficou restrita aos órgãos da imprensa paulista. Nomeada "Viagem ao mundo do LSD termina no xadrez em SP", a matéria começa dizendo que “O cantor Ronnie Von, atores e atrizes de rádio, televisão, cinema e teatro serão chamados a depor num inquérito instaurado na Delegacia de Narcóticos do DEIC que está apurando responsabilidades por corrupção de menores e apreensão - pela primeira vez no Brasil - de comprimidos de LSD”. Peticov, qualificado como "o principal responsável" pelo ácido, é descrito como estando "completamente drogado" no momento do flagrante policial.

No dia seguinte, 31 de janeiro de 1970, o *Correio da Manhã* noticiou a continuação do inquérito, em um parágrafo com o subtítulo LSD dentro de outra reportagem, intitulada "Traficante preso

tinha 30 quilos de erva para vender a estudante". Do lado, uma nota menor tinha o título de "Hippies ainda estão na cadeia", e falava sobre a prisão de dois jovens que acampavam na Praia de Ipanema e os quais, supostamente, foram flagrados com maconha. *O Estado* voltou a abordar o tema em 3 de fevereiro, com a manchete “Um acordo internacional: nossa cocaína pelo LSD”, retirando o foco de Peticov e abordando a participação de Osmar Ludovico e Barry Holohan. A abertura da matéria diz:

> Fornecimento de cocaína adquirida no Brasil para ser consumida em um cassino londrino, em troca de LSD, destinado ao mercado brasileiro, foi o trato estabelecido, há alguns meses, numa prisão de Beirute entre o traficante brasileiro Osmar Ludovico da Silva e o australiano Barry John Holohan, presos na última semana pela polícia da Capital.
> Segundo informações prestadas ontem pelo investigador Ubirajara, do setor de Entorpecentes do DEIC, que participou das diligências contra os marginais, Osmar ficou preso durente 8 meses em Beirute, condenado por tráfico de haxixi [sic]. Lá conheceu Barry, proprietário de um cassino em Londres, que lhe propôs a permuta das drogas. Ambos chegaram ao Brasil a 23 de dezembro último.

Segundo o texto, o australiano teria trazido 1300 drágeas de ácido lisérgico. Já Osmar foi para um sítio, "conduzindo 500 comprimidos de LSD". O jornal cita a prisão de Peticov, que teria motivado a tentativa de fuga de Osmar e Barry. Não há menções a John Emery ou outros réus, mas sim ao FBI, especulando agora que a suposta vinda desses agentes ao Brasil se desse não mais por conta do caso dos comissários aéreos que trariam LSD de Miami e sim atrás de Holohan: "Há um mês, dois agentes do FBI encontravam-se no Brasil tentando encontrar o traficante australiano". Empolgado e sacando dados sabe-se lá de onde, Ubirajara teria comentado ainda que "no Brasil o mercado de LSD ainda é muito restrito, pois a seu ver apenas mil pessoas teriam experimentado a droga, das quais 600 já estaria viciadas. Diz também que este é o primeiro caso de apreensão de ácido lisérgico na América do Sul".

Após citar trechos do depoimento de Peticov na delegacia, em que ele comentava sobre os efeitos de "abertura sensorial" da substância, a reportagem entrevistou o psiquiatra Clovis Martins, anteriormente citado por suas experiências com LSD terapêutico já no final dos anos 1950 – ele é apresentado como "o primeiro a fazer testes com a droga há uns 10 anos". Martins teria declarado "que o ácido pode levar o paciente à loucura ou provocar enfarte, quando aplicado sem adequado controle médico. Isso é explicado minuciosamente em tese que desenvolveu sobre o assunto". Segundo o autor da reportagem, os efeitos da substância ainda não seriam "bem conhecidos": "Sabe-se que uns 40 minutos depois da aplicação o paciente passa a experimentar sensações

estranhas. Se na sala existem vários objetos, eles se misturam numa coisa só, compondo um quadro surrealista". Na última frase, a matéria aponta que a droga seria "perigosa sobretudo para os que têm personalidade instável e aos que tenham inclinações naturais para o crime".

O ESTADO DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 1970

Tolezano foi vítima casual de 3 soldados

Os 3 presos e uma drágea do LSD, que começa a chegar ao Brasil

Um acôrdo internacional: nossa cocaína pelo LSD

O Estado de S.Paulo noticiou o caso em 3 de fevereiro de 1970

Os 500 comprimidos que estariam em posse de Ludovico quando este foi preso no sítio, junto com Domingos Proietti, viraram 600 na *Folha* de 3 de fevereiro, que traz algumas informações bem aleatórias, como por exemplo que Ludovico teria comprado "as drágeas" no Canadá, a cinco dólares cada, e as teria trazido ao Brasil dentro de uma mala, posteriormente associando-se com Domingos. "Agora o delegado quer investigar a extensão da rede do LSD em São Paulo: pelo que soube dos traficantes e viciados já presos, são muitos artistas de rádio e televisão que se tornaram clientes habituais de Osmar e Domingos", diz o jornal.

Em 13 de fevereiro, *O Estado* volta a tematizar o caso em reportagem intitulada "O LSD ainda não

dá cadeia". O texto inicia afirmando que “o pioneiro no tráfico de LSD Antonio Petikov [sic], conseguiu ontem a liberdade” e diz que o advogado do artista entrou com pedido de habeas corpus com base na ausência do LSD da lista de entorpecentes proibidos: "o juiz concedeu porque essa lista é de uma época em que o LSD não existia". O jornal diz ainda que em seu depoimento Peticov "denunciou cerca de 25 pessoas que compravam a droga em seu apartamento, mas essa relação é mantida em sigilo". Uma matéria da *Folha do* dia seguinte, de de 14 de fevereiro, intitulada “LSD dará prisão porque é considerado entorpecente", responde essas alegações veiculadas pela imprensa. O delegado Luis Carlos Rocha afirma que "aqueles que traficam o alucinógeno conhecido por LSD serão presos e autuados em flagrante em todo o Estado" e que "já foram esclarecidas todas as dúvidas surgidas com a libertação do pintor Antonio Peticov". "A soltura do pintor, informou o delegado, foi consequência do excesso de prazo na formulação da denúncia judicial, e não, como divulga o advogado do preso, porque o LSD não era considerado entorpecente".

Em 15 de fevereiro o jornal volta ao assunto em reportagem de título: “"Promotor denuncia traficantes de LSD que agiam em São Paulo". O texto relata que o promotor denunciou como traficantes Peticov e os outros réus anteriormente citados. De acordo com a denúncia, Holohan e Emery teriam trazido grande quantidade de LSD da Europa para vender em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, e para tal procuraram Osmar Ludovico. Este teria passado a vender para conhecidos, incluindo Peticov - "viciado" na substância desde que visitou os Estados Unidos, local onde também teria conhecido Barry Holan. De volta a São Paulo, Peticov teria acionado Holan, e comprado 100 comprimidos para vender a seus amigos.

Quem também divulgou reportagem sobre o tema foi o *Diário da Noite*, em sua “edição matutina” (!) do dia 13 de fevereiro de 1970. O recorte dela me foi entregue por Osmar Ludovico da Silva no dia em que o entrevistei, como comentarei adiante. O texto inicia abordando o relaxamento de prisão concedido a Peticov, dizendo que esse procedimento teria “estarrecido os meios policiais, que entendem que o poderoso narcótico, cuja produção foi proibida em 1964, é passível de ser enquadrado no Código Penal” - mais adiante o texto diria que “o Laboratório Sandoz, dono da patente, suspendeu a produção da droga quando a polêmica em torno do assunto chegou a um ponto crítico”. Ainda de acordo com o *Diário da Noite*, a decisão teria causado “profunda repercussão na polícia” pois poderia ser estendida também “aos outros três acusados” (Domingos, Barry e Osmar), “impedindo, ainda, o eventual indiciamento de mais de duas centenas de pessoas, citadas como tendo adquirido e feito uso da droga”.

O caso voltou às páginas da *Folha* em 25 de fevereiro, com a manchete "LSD: implicados repelem

acusações". O gancho da matéria é o início das audiências na 13ª Vara Criminal, conduzidas pelo juiz Geraldo Gomes. Os réus teriam negado as acusações e alegado desconhecer a origem da droga apreendida e o texto destaca também que, no depoimento, "Peticov estava de cabelo curto e estava sem a barba, que lhe davam um ar 'hippie'. Queixou-se de que fora tratado como um bandido e lembrou que desde os 17 anos de idade participa de exposições de arte".

Quem também deu destaque ao caso foi a Revista *Veja*, em sua edição de 11 de fevereiro de 1970. Com o título de "LSD na prisão" e contando até com epígrafe de Aldous Huxley, a matéria tem três páginas, trazendo fotos de Peticov, Barry e Ludovico na primeira delas. O texto cita tanto o caso ocorrido em São Paulo quanto o do Rio de Janeiro, que envolveu os comissários aéreos. O início da reportagem diz que o comissário Marcelo Brasil de Oliveira havia trazido em seu quepe os 210 comprimidos que a polícia teria apreendido com Álvaro Caldeira, de 22 anos. "Mas o primeiro a trazer LSD dos Estados Unidos para o Brasil dessa forma foi o suíço André Dirac, outro comissário da Baniff. Marcelo e André, os traficantes pioneiros, estão na cadeia".

O texto continua qualificando a prisão de Peticov, em 28 de janeiro, como "a segunda apreensão de LSD registrada nos anais policiais brasileiros". A versão, pra variar, tem informações que depois nunca mais aparecem, como o fato de que o artista "fora denunciado por uma mulher". "A primeira atitude da polícia para com Antonio Peticov foi cortar seus longos cabelos. Depois, submeteu-o a um cercado bombardeio de perguntas e o autuou em flagrante quando descobriu onde estavam escondidas as cápsulas que ele fornecia a alguns amigos", aponta a *Veja*. Citando o preço de trinta cruzeiros, que seria cobrado nas vendas, como "alto valor", a matéria diz que o "LSD pouco a pouco começa a invadir o campo dos entorpecentes em todo o mundo. No Brasil, o tráfico de LSD apanhou desprevenido o mecanismo policial do país":

> Os delegados e os agentes, acostumados ao combate dos tóxicos, não conheciam até dias atrás o formato das cápsulas nem os efeitos da droga. Sua perícia se restringia a uma relativa capacidade de identificar consumidores de psicotrópicos, cocaína, maconha, haxixe ou heroína. Da mesma forma, o aparelho judiciário não tem grandes informações sobre o LSD. Nilton Lourenço Jorge, o promotor que deverá funcionar no primeiro processo de tráfico de LSD na Guanabara, chega a chamar a droga de "tóxico violentíssimo".

Depois de citar a trajetória internacional da substância e seus possíveis usos terapêuticos, o texto na sequência descreve Peticov: "Ele é protestante, filho de um pastor. (Ao ser detido, fez questão de levar para a prisão um exemplar do Novo Testamento.) Com 23 anos, diploma do curso clássico, Peticov é um rapaz magro, ligeiramente gago". Mesmo com o artista preso, o repórter

aparentemente conversou com Peticov, pois as aspas apresentadas não constam de seus depoimentos:

> Sua primeira experiência com LSD foi nos Estados Unidos, entre hippies. "Num apartamento fechado e preparado para rituais, tomei a metade de um comprimido e a viagem foi muito bacana. Um colega servia de monitor para acalmar-me nos momentos em que minha reação ficava um pouco violenta. Na primeira viagem ganhei nova inspiração para a pintura. Gostei da experiência e comprei algumas pílulas à razão de 2 dólares cada. O LSD não leva ninguém à loucura e desperta em quem o toma somente sentimentos positivos, como o amor a Deus e ao próximo". Peticov sabe que o LSD não pode ser aplicado em pessoas neuróticas, portadoras de enfermidades cardíacas, hepáticas ou com disposições à epilepsia. Diz que ele sua melhor "viagem" foi na Praia Grande, em Santos, quando conheceu a beleza do raiar da aurora. "Fui com vários amigos e ficamos deitados na areia esperando o sol. O silêncio era total e estávamos deslumbrados com as cores do firmamento. Eu olhava para o mar e o achava muito sereno e descobri cores muito agradáveis no bater das ondas. Permanecemos horas na areia e alguns de meus amigos recitavam versos e ajudavam a procurar cores bonitas escondidas na natureza. As demais viagens fiz no meu apartamento, sob efeito de luz negra e de uma música suave na vitrola".

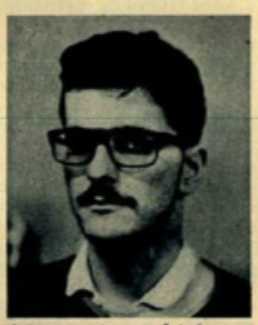
O texto da *Veja* cita que Peticov teria denunciado 25 pessoas "que compravam a droga em seu apartamento" e que essa relação estaria sendo mantida em sigilo pelo delegado Luis Carlos Rocha. Na sequência, no entanto, a reportagem parece se converter em uma obra de ficção, citando primeiro possíveis deformações nos fetos de mães consumidoras de LSD e depois que a imprensa estadunidense estaria relatado continuamente “a história de rapazes ou moças que embarcaram em 'viagens' lisérgicas e só saíram delas mortos”: “Houve o caso de alguns hippies que se encantaram com o sol e ficaram por mais de cinco horas fixando-o, atônitos e deslumbrados. Quando quiseram ver o resto do firmamento e das belezas terrestres não conseguiram: estavam cegos”.

Após salientar que também o consumo, além do tráfico, era proibido por lei no Brasil, o texto conclui afirmando que análises psiquiátricas feitas no mundo inteiro afirmariam que o LSD não cria dependência física ou psíquica: “Será isto um caminho para salvar da cadeia os prisioneiros do Rio ou de São Paulo? Só os juízes encarregados desses processos poderão dar a resposta, no tempo justo”. Uma semana depois, em sua edição seguinte, de 18 de fevereiro de 1970, a *Veja* voltou ao assunto, em nota intitulada "Sem definição". Segudo o texto, o Forum Criminal de São Paulo estria em dúvida: "usar ou vender LSD é ou não crime?". Para o advogado Alvim Passos, defensor de Antonio Peticov, não; já para a Delegacia de Entorpecentes, sim. "Quem está com a razão? É a pergunta que corre pelos corredores do Fórum. A resposta deverá ser dada nas próximas semanas", continua a matéria, que relata a soltura de Peticov após um habeas corpus. Ouvido pela revista, o

promotor do caso disse que essa medida seria revogada em breve, e que posteriormente a prisão preventiva de Peticov seria requisitada.

e tão monótona em suas eminências, tão pobre e limitada, que os desejos de fuga, os anseios para superar-se, ainda que por uns breves momentos, estão e têm estado sempre entre os principais apetites da alma"
Aldous Huxley

LSD NA PRISÃO



Peticov, o pintor: a viagem foi bacana

Barry, o australiano: a fonte é Miami

Ludovico: guardava 500 pílulas de LSD

O jato da Braniff saiu de Miami, EUA, e pousou no aeroporto do Galeão, Guanabara, no começo dêste ano. Os passageiros e tripulantes desceram e encaminharam-se para a inspeção da Alfândega. Fazia calor. O comissário de vôo Marcelo Brasil de Oliveira tirou o quepe e — displicentemente — jogou-o sôbre o balcão. Os fiscais aduaneiros fizeram o que tinham de fazer: examinaram os bolsos e as bagagens de todos. Depois, o comissário apanhou o quepe e foi embora.

Dias mais tarde, o detetive Vigmar Ribeiro entrou num apartamento da Avenida Copacabana e prendeu o estudante Álvaro Martins Caldeira, 22 anos. Motivo: em seu poder foram encontrados 210 comprimidos de LSD que chegaram ao país dentro do quepe do comissário Marcelo Brasil de Oliveira.

Mas o primeiro a trazer LSD dos Estados Unidos para o Brasil dessa forma foi o suiço André Dirac, outro comissário da Braniff. Marcelo e André, os traficantes pioneiros, estão na cadeia.

Em São Paulo, no dia 28 de janeiro, deu-se a segunda apreensão de LSD registrada nos anais policiais brasileiros. O pintor Antônio Peticov estava calmamente em seu apartamento quando os homens da polícia chegaram. Fôra denunciado por uma mulher. Ao ser interrogado no Setor de Entorpecentes do DEIC, Peticov revelou as identidades dos fornecedores da droga: o brasileiro Osmar Ludovico da Silva e o australiano Barry John Holohan. Osmar foi prêso num sítio em São Roque e tinha consigo quinhentas drágeas de LSD. Barry foi detido num hotel do centro de São Paulo. A primeira atitude da polícia para com Antônio Peticov foi cortar seus longos cabelos. Depois, submeteu-o a um cerrado bombardeio de perguntas e o autuou em flagrante quando descobriu onde estavam escondidas as cápsulas que êle fornecia a alguns amigos, cobrando 30 cruzeiros novos por cada "viagem" (nome dado à reação provoca pelo LSD).

Apesar de seu preço alto e de seu tráfico difícil (vem dos Estados Unidos, onde é industrializado em fábricas clandestinas da Califórnia), o LSD pouco a pouco começa a invadir o campo dos entorpecentes tradicionais em todo o mundo. No Brasil, o tráfico de LSD apanhou desprevenido o mecanismo policial do país. Os delegados e os agentes, acostumados ao combate de tóxicos, não conheciam até dias atrás o formato das cápsulas nem os efeitos da droga. Sua perícia se restringia a uma relativa capacidade de identificar consumidores de psicotrópicos, cocaína, maconha, haxixe ou heroína. Da mesma forma, o aparelho judiciário não tem grandes informações sôbre o LSD. Nilton Lourenço Jorge, o promotor que deverá funcionar no primeiro processo de tráfico de LSD na Guanabara, chega a chamar a droga de "tóxico violentíssimo".

Remédio psiquiátrico — Na verdade, o índice de toxicidade do LSD ou Dietilamida de Ácido Lisérgico é baixíssimo. Mas o LSD atua de maneira impressionante sôbre a estrutura psíquica de quem o consome. Foi descoberto no dia 2 de maio de 1938 pelo Doutor Albert Hoffmann, químico e diretor-adjunto do laboratório de pesquisas da Sandoz Chemical Works, em Basiléia, Suíça. O ácido lisérgico é obtido de um cogumelo que ataca o centeio. A êle o Doutor Hoffmann adicionou dietilamida. Ao resultado dessa combinação deu o nome alemão de Lyserg Saeure Diethylamid 25. O número final existe porque a droga resultou da vigésima quinta de uma série de observações experimentais. Ou porque sua descoberta se deu no dia 2 de maio. Cinco anos mais tarde, absorvendo por acaso uma dose mínima de LSD-25, Hoffmann conheceu suas propriedades alucinógenas. E mais de 2 000 experiências se realizaram com homens e animais em várias partes do mundo após 1943. Os órgãos militares encarregados de provar as armas da guerra futura testaram o LSD em soldados. O que se viu foi de espantar. Um batalhão inteiro foi drogado, na Inglaterra, com

Revista Veja de 11 de fevereiro de 1970

***

“Grã-finos tomavam LSD na 'Festa do Embalo'”

"O LSD procura novos viciados?". Sob essa manchete, e com a linha fina "O uso de LSD está sendo introduzido no Brasil por traficantes interessados em criar novos viciados que irão enriquecê-los? Essa é a grande dúvida do delegado de Narcóticos do DEIC", uma matéria em *O Estado de São Paulo*, de 20 de fevereiro de 1970, relatou outras prisões, feitas poucos dias depois das de Peticov, Ludovico e cia. O caso teve alguma repercussão na mídia, e alguns dos envolvidos também são citados no processo julgado por Geraldo Gomes e aqui analisado.

O texto afirma que seis pessoas foram presas enquanto “escutavam discos” na casa do "vendedor de quadros" Giuseppe Baccaro, italiano, que também foi levado pela polícia: Carlos Alberto Araújo, "conhecido nos meios artísticos como Carlos Lee", Sueli Rolnik, professora primária e estudante da USP, "que mora com Carlos Lee, com quem diz que vai casar", Marina “Tschip Tschin”, "psicóloga que teria recomendado ao casal tomar o alucinógeno como terapia para Sueli e como experiência para Lee", Bonnemaison Alban, de 20 anos, "solteiro, sem ocupação alguma, que informa ter tomado o LDS [sic] apenas duas vezes para poder melhor apreciar a natureza", Maria da Conceição Monteiro Cavalcante, "que se diz artista (pintora)", "ex amante de Bacaro - atualmente morando com um engenheiro que tomou a pílula, 'para experiência', por 2 vezes", e Raul Siqueira, estudante de farmacologia.

> Segundo a polícia, quando da prisão de Antonio Peticov, apontado como o homem que trouxe pílulas de LSD dos Estados Unidos para o Brasil, foi feita uma lista daqueles que haviam comprado o produto. Intimados, os consumidores compareceram à polícia e confirmaram as declarações de Peticov. Foram soltos e, na noite de anteontem, quando estavam na casa de Giuseppe, foram novamente presos e agora autuados em flagrantes [sic].
>
> Giuseppe não era conhecido da Polícia, que estava à procura de um italiano que estivera em Santa Cruz de La Sierra. Era amigo de um boliviano radicado no Brasil e condenado na Bolívia, por tráfico de tóxicos.
>
> Após a batida na casa de Giuseppe onde a polícia apreendeu alguns fragmentos de LSD e alguma maconha - nova batida foi realizada em um sítio de propriedade de Giuseppe, em Arujá, onde os policiais encontraram material destinado à destilação de cocaína.
>
> Ainda na tarde de ontem, após a lavratura do flagrante contra os elementos encontrados na casa de Giuseppe, foi preso Fernando Gonzales Zambrana, o boliviano que seria o encarregado da destilação da droga oriunda da Bolívia. Em seu poder, na casa de Giuseppe e no sítio, além do material tóxico, foram encontradas inúmeras fotos pornográficas.

Apesar de não detalhar exatamente de que forma isso ocorria, o texto aponta uma relação entre a prisão de Peticov e essas prisões na casa do italiano Giuseppe Baccaro. Sueli e Marna estavam entre as pessoas supostamente denunciadas por Peticov em seu depoimento na delegacia, logo após sua prisão. As acusações a Baccaro soam fantasiosas, pois ele, além de "vendedor de quadros" era também artista plástico e pintor, tendo construído uma carreira com reconhecimento entre seus pares. Além disso, para se produzir cocaína em São Paulo é preciso mais do que um amigo boliviano. Em seu obituário, publicado em 25 de agosto de 2016 pela *Folha de São Paulo*, está uma informação que encontrei em outras buscas pela Internet, a de que ele se mudou de São Paulo para Olinda, no Recife, nesse mesmo ano de 1970, ou seja, não ficou muito tempo preso.

Quando entrevistei Antonio Peticov para essa pesquisa, ele me relatou ter sido companheiro de prisão de Baccaro no Carandiru – não mencionou que a prisão do italiano tivesse qualquer relação com a sua, atribuindo-a na verdade à posse de maconha. Peticov na verdade descreve essa convivência como um "milagre dos tantos que aconteceram na minha vida", demonstrando grande admiração pelo pintor:

> Tinha um cara em São Paulo do mundo da cultura, do mundo das artes, muito importante, um italiano que eu não tinha nem coragem de passar na calçada da casa dele, um cara fudido. Um cara que esteve na casa da Tarsila do Amaral... Giuseppe Baccaro. Um gênio renascentista, ele tinha a segunda maior biblioteca do Brasil. Depois da semana que eu entrei ele dançou, por causa de um baseado. E lá ele caiu numa cela que só tinha delegados. Agora, delegado pra tá no Carandiru preso é porque aprontou pra caralho, então a cela dele era uma reunião de diabos. Eram caras que tinham poder dentro da polícia, poder que é exercido na bala. Tinha um deles lá, por exemplo que tinha descoberto um cemitério deles, particular. Aí todos os dias de tarde a gente passava as tardes juntos na cadeia, dando volta e ele me contando a história da arte no Brasil. Então aquele cara que eu estudava pra caralho passou a ser meu professor particular. Tudo isso foi uma coisa fantástica.

O episódio da prisão do pessoal que estava ouvindo discos na casa de Giuseppe Baccaro também foi noticiado pelo *Correio da Manhã*, em 20 de fevereiro de 1970, como estando conectado ao caso da detenção de Peticov. Com a manchete "Artistas tomavam LSD", a nota afirma que o DEIC prendeu sete pessoas "que fumavam maconha e tomavam LSD no interior da mansão da Rua Ana Cintra, 22/38, de propriedade do artista Giuseppe Baccaro, de 39 anos". Nesse material, Suely Rolnik é descrita não como namorada de Carlos Lee mas como "noiva do cantor hippie francês Bonnemaison (20 anos), filho de um funcionário da ONU, residente em São Paulo". "A detenção do grupo decorreu da prisão do hippie Antonio Peticov, que teria apontado locais onde se adquirem a droga, sendo a mansão um deles. Em suas declarações, Peticov apontou os nomes do cantor Ronnie Von,

Jorge Ben e do humorista Renato Corte Real e seus filhos como viciados em LSD".

A Revista *Veja* também noticiou esse episódio. Como apontado anteriormente, a publicação já vinha se interessando pelo LSD, tendo publicado uma reportagem de três páginas sobre o tema, a partir da prisão de Peticov e dos outros réus julgados por Gomes, em 11 de fevereiro, e outra nota sobre o tema em 18 de fevereiro. Em 25 de fevereiro, a revista aborda o tema pela terceira semana consecutiva, tendo como gancho dessa vez essa nova leva de prisões.O texto chama-se "O cerco ao LSD", e narra a entrada de seis "rapazes e moças, idade média de 21 anos" na sala do setor de entorpecentes da polícia paulista, onde estavam repórteres de TV e da imprensa escrita. Ali o delegado do DEIC apresentou os presos para os jornalistas:

> "Estamos no DEIC, na chamada divisão dos vícios, onde lutamos contra os narcóticos, os estelionatos, os jogos. Aqui, eu costumo chamar de clínica geral dos vícios. Vem para cá todo o lixo social. Esses jovens foram detidos ontem, na casa de um pintor, quando tomavam tóxicos e se preparavam para suas 'viagens' com LSD. Só que não permitimos. Viagem só se for de ônibus, trem, avião". Todos riem. Menos os seis jovens: uma pintora, dois estudantes, uma psicóloga, o cantor de música popular Carlos Lee[79] e sua companheira, Sueli.
>
> Um por um, os seis contaram sua prisão e suas experiências com tóxicos, respondendo, indistintamente a perguntas de jornalistas, de investigadores e do delegado Liberatori. Alguns admitiam que tomam LSD. Outros diziam que já fizeram algumas experiências mas não são viciados; preferem maconha.

Interessante observar, por essa reportagem, o procedimento dos policiais naquele momento, não só se aproveitando dessas prisões e supostas apreensões para ocupar espaço na mídia como também dando grande liberdade para esses jornalistas conversarem com presos, sequer condenados, que estavam sob responsabilidade do Estado – que na teoria deveria zelar não só por sua segurança como por suas imagens, e privacidade. Depois de mostrar aos jornalistas o "pozinho alaranjado", o delegado passa "ao momento mais importante": "a apresentação do pintor e vendedor de quadros

[79] Não encontrei praticamente nenhuma informação sobre Carlos Lee, que aparentemente não deslanchou em sua carreira musical. O jornal *O Globo* publicou, em 9 de abril de 2013, uma matéria intitulada "Espaço que pertenceu à gravadora Musidisc fecha as portas", que fala sobre o fechamento das portas dessa gravadora que produziu alguns discos de sucesso nos anos 1960 e funcionou em seus últimos anos mais como um estúdio. O último parágrafo da reportagem faz uma misteriosa referência a Carlos Lee: "Um disco de bossa nova muito simpático, chamado "Bossa maximus", foi um dos itens do catálogo da Musidisc que mais chamaram a atenção dos ingleses da Whatmusic. O balanço suave de faixas como "Meu Rio" e "Cantiguinha" garantiu lugar para o LP entre os relançamentos remasterizados do selo. Só que havia uma questão que nenhum dos ex-funcionários da gravadora, colecionadores de discos ou pesquisadores sabia responder: Quem afinal era Carlos Lee, o cantor que assinava o disco e que, supostamente, aparecia na capa, em uma foto num saveiro, na enseada da Urca? Segundo Nilo Sérgio, mesmo anos depois da reedição do disco no exterior, ninguém foi capaz de dizer qual o paradeiro do cantor ou mesmo dar alguma informação sobre ele." Disponível em https://oglobo.globo.com/cultura/espaco-que-pertenceu-gravadora-musidisc-fecha-as-portas-8061277

Giuseppe Baccaro, 35 anos, dono de uma galeria de arte e amigo de pessoas influentes na sociedade e entre os intelectuais paulistas". Segundo a revista, através dos seis presos na casa do italiano a polícia esperava "descobrir mais viciados e os principais traficantes desse alucinógeno que vem tomando áreas da maconha e da cocaína no submundo dos entorpecentes".

Por conta de Marina e Suely terem participado, como testemunhas, no processo envolvendo Peticov, Ludovico e os outros réus, algumas reportagens sobre este caso foram incluídas nos autos. Como veremos adiante, a ideia do juiz foi usar esses materiais para desacreditar as testemunhas, não pelo que teriam dito na delegacia mas por depois negarem essas primeiras declarações. Uma das reportagens anexadas é do jornal *Notícias Populares*, e foi publicada em 20 de fevereiro de 1970 com manchete bem ao estilo da publicação: “Grã-finos tomavam LSD na 'Festa do Embalo'”. Com essa prisão, os agentes policiais teriam conseguido, segundo o jornal, "desbaratar verdadeira quadrilha de traficantes e viciados em maconha e alucinógenos conhecidos por LSD". Os presos teriam declarado aos policiais que, sob os efeitos da droga, sentiam "coisas do outro mundo".

Outra reportagem anexada aos autos do processo é de *O Cruzeiro* de 3 de março de 1970, nomeada "A festa da bolinha". O texto aponta que “o ponto de partida" da operação teria sido a prisão de Peticov, e que as ações foram conduzidas por Angelino Moliterno. Baccaro é descrito como um "artista de expressão restrita e que se dedica ao comércio de quadros, pintando ocasionalmente". Sob o subtítulo "A polícia está aprendendo", a reportagem aponta que "só agora a polícia paulista está dando os primeiros passos na repressão ao LSD" e chama Russinho de "um Pelé das drogas"!

> Até bem pouco tempo, até analisá-lo era impossível. Dificilmente a nova modalidade de entorpecentes deixava chance aos policiais. O ácido estava ganhando de um a zero.
> Agora o jogo empatou, e a polícia conta no seu time até mesmo com um "Pelé" das drogas. É o investigador Angelino Moliterno, o "Russinho", que diz conhecer tudo sobre LSD. Eis alguns de seus conhecimentos:
> - Uma drágea de LSD contém 250 microgramas, e seu efeito dura cerca de oito horas. O preço chega a NCr$ 400, 00 aproximadamente.
> - A experiência da polícia com LSD ainda é nova, e não existe um sistema eficiente para combater o tráfico e o consumo da droga.
> - A cocaína é um vício caro e besta (custa NCr$ 60,00 o grama). Deixa os viciados elétricos. Quem aspira a coca, toma bolinha, ou fuma maconha, procura adquirir coragem e "botar pra quebrar". Já o LSD tem efeito contrário, e quem o toma quer sossego, tranquilidade, desfrutando ao máximo sua viagem.
> - Viagem é a expressão que os viciados usam para descrever as sensações que sentem após tomar a droga, sensação que costuma chegar cerca de 30 minutos após a aplicação.

- O LSD aumenta muito a percepção de quem o toma.

Outro material anexado ao processo foi publicado pela revista *Fatos & Fotos* de 12 de março de 1970, com título de "LSD: a viagem leva à prisão". Segundo o texto, "a prisão do pintor Antonio Peticov, do cantor Carlos Lee, do teatrólogo Antonio Bivar e de cinco estudantes envolvidos com o consumo e o tráfico de LSD e outros tóxicos, levou o pânico aos meios estudantis e artísticos de São Paulo". A polícia teria afirmado que "os traficantes constituem um poderoso exército de subversivos internacionais, cujo objetivo é destruir moralmente a juventude brasileira", e buscaria ao menos 30 traficantes em São Paulo.

Consta também dos autos do processo um documento de 13 de março de 1970, assinado pelo diretor do Presídio de Tiradantes, no qual ele afirma que Suely Rolnik foi solta de sua instituição no dia 7 do mesmo mês, "em virtude de haver sido rejeitada a denúncia contra a mesma e relaxado o referido flagrante". Podemos supor que se a denúncia não foi aceita para ela o mesmo provavelmente ocorreu com os outros seis presos – como vimos, Baccaro já estava solto e se mudando para Olinda em meados de 1970. Tentei ao menos em duas ocasiões, por diferentes caminhos e mediações, entrevistar Suely Rolnik, mas não obtive nenhuma resposta, nem explicando a falta de interesse. Psicanalista, crítica de arte e curadora, Rolnik é professora titular da PUC-SP desde 2007.

Na entrevista que concedeu para este trabalho, já citada anteriormente, eu perguntei ao escritor Raul Fiker como foi sua primeira experiência com LSD, com ele respondendo que ela ocorreu exatamente em 25 de janeiro de 1970, ou seja, três dias antes da prisão de Antonio Peticov. Fiker disse ter feito sua primeira “viagem” acompanhado do pintor Tomoshige Kusuno – os dois são citados no suposto depoimento de Petivoc na delegacia quando do flagrante de Russinho. Fiker qualifica esse ácido como sendo parte da “primeira remessa que chegou aqui em São Paulo, uns australianos aí que... que o Peticov foi conhecendo”.

Na sequência, Fiker caracterizou Peticov como “um cara desastrado”: “ele acabou entregando dezenas de pessoas, fez uma lista de nomes e foram na casa de um por um. ”. Perguntei se isso não teria acontecido por ter sido torturado, ao que o escritor respondeu: “Foi nada, o cara deve ter feito assim pra ele e ele já fez a lista” - ao falar “assim” ele fez o gestual de uma ameaça de tapa, uma levantada de mão, ou seja, para ele, falando sobre o caso mais de 40 anos depois, não teria havido tortura e esta não seria necessária para que o artista plástico entregasse seus conhecidos, apenas uma ameaça. Por esse depoimento é possível deduzir que essa é a imagem que ficou para parte dos envolvidos, por mais que Fiker tenha dito que depois ele e Peticov conviveram na Casa de Detenção

do Carandiru, para onde ambos foram mandados.

Essa entrevista com Raul Fiker, realizada em seu apartamento, já foi mencionada anteriormente, com ele relatando, entre outros eventos, o fato de ter sido preso três vezes no início dos anos 1970. A primeira delas foi justamente relacionada a esse caso, com o escritor sendo uma das pessoas que constavam da lista de supostos usuários de LSD que a polícia dizia ter sido fornecida por Antonio Peticov. Com a lista, os agentes da lei teriam ido em busca "de um por um" - se Fiker havia experimentado o ácido lisérgico pela primeira vez no fim de janeiro de 1970, no mês seguinte já foi preso pela primeira vez. Mesmo que seu nome não conste nas reportagens anteriormente citadas, o escritor me relatou ter sido preso nessa mesma ocasião, tendo passado 17 dias privado de sua liberdade, "com uniforme, cabelo raspado":

> Nós estávamos na casa do Bacaro, que era um marchant de quadros. Ficava lá na Bela Cintra, ele era um cara na época que o Sodré era governador, ele era amigo do Sodré, vendia pro Sodré e tudo. Ele era um cara de mais idade, a gente tinha 22, 23 nessa época ele tinha 44. Nós estávamos na casa dele e dessa lista do Peticov tava lá, eles foram lá entraram e pegaram em flagrante, fumando. Então eles foram, entraram e pegaram eu, o Bacaro, o Alban, a Maninha, a Suely e a Marília, fomos em cinco. Deu um puta esporro nos jornais, LSD, tal. Isso foi em fevereiro de 70.

***

Depoimentos dos réus em juízo

Em 24 de fevereiro, praticamente um mês após efetuados os flagrantes que deram início ao material que consta dos autos, o juiz Geraldo Gomes, anteriormente já citado por seu livro e por sua defesa da virgindade feminina, chamou os réus para testemunharem na 13ª Vara Criminal de São Paulo – eles já haviam prestado esclarecimentos na delegacia quando de suas prisões. O primeiro foi Barry John Holohan, que além de seus dois advogados contou também com uma intérprete para ajudá-lo a depor. Declarando-se solteiro e natural de Surfers Paradise (que é na verdade um subúrbio da cidade australiana de Gold Coast), tinha 29 anos, e apontou como seu endereço um hotel de Londres e como ocupação "dono de cassino". Declarou também ter curso superior, com bacharel em Letras.

Após a intérprete ter lido para Holohan as acusações que lhe imputavam, ele afirmou que conhecia John Emery há cerca de três ou quatro meses e Osmar Ludovico há cerca de um ano, tendo o

conhecido "em um hospital de Beirute, sendo que não o conheceu na prisão". "Que o interrogado esteve preso em Beirute por motivo de drogas entorpecentes de que se viu acusado mas afinal absolvido pela Justiça daquela localidade sendo que pode informar que Osmar também lá esteve preso mas por outro motivo qualquer", prossegue o depoimento, relatando depois ter conhecido Peticov três semanas antes de ser preso, tendo encontrado com ele apenas uma vez. Os outros réus, Proeietti, Ribeiro e DÁvila Junior ele também declarou conhecer "ligeiramente" dessse mesmo período.

Holohan declara que, depois de conhecer Emery, esse teria lhe contado que viria ao Brasil para o carnaval, ideia que achou boa e decidiu seguir. Chegando em São Paulo, teriam ligado para Ludovico, que os encontrou e indicou lugares, como "night clubs" e restaurantes, mas não pode encontrá-lo muitas vezes porque estava "sempre ocupado" trabalhando. Um desses restaurantes visitados, em companhia de John Emery, foi justamente o Gigeto, onde conheceu Antonio Peticov. "Atravez [sic] das roupas do aludido Antonio Peticov parecia que o mesmo era daqueles que se consideram 'Hippie'", aponta o depoimento, que prossegue acrescentando que Domingos Proeitti teria convidado Holohan e Emery para passarem o dia em uma casa de campo. O inglês pretendia ir para Inglaterra "visto que estava se divorciando de sua esposa", e depois voltar para o carnaval do Rio de Janeiro, destino que seu amigo australiano declarou ter quando saía do hotel e foi preso.

Na sequência Holohan denuncia ter sofrido tortura e nega as acusações de tráfico:

> Que na delegacia ali ao chegar o declarante foi submetido a espancamento, por diversos elementos policiais, submetido a choques e amarrado e também pendurado no denominado "Pau de Arara"; que para receber os choques foram colocados dois polos nos seus dedos das mãos e movimentada uma máquina manual; que tais sevícias lhe foram aplicadas em uma sala da delegacia que não era o xadrez; que fizeram isso cerca de 4 vezes; que de fato dentro da sua mala levava consigo uma capota azul marinho; que o interrogado não assistiu à revista de sua mala porque a mesma foi encaminhada para outra dependência da Polícia; que entretanto não é verdade que levasse no bolso do referido sobretudo qualquer quantia de substância entorpecente; que nunca viu nem usou a referida droga conhecido pelo designativo de LSD-25; que também não é verdade tenha trazido tal substância do exterior.

O próximo interrogado foi Antonio Peticov, então com 23 anos, que afirmou ter conhecido "superficialmente" José Roberto Martins Macedo, Nevile Vieira, Sueli Belinha Rolnik, Maria “Tiptim”, Ricardo Corte Real e Renato Corte Real, "não conhecendo os demais". Peticov relatou que no dia de sua prisão tinha ido ao dentista, voltando para casa e encontrando Nevile Vieira e Macedo lá, sendo que a este segundo ele dava aulas de desenho. Estaria dormindo quando a polícia

chegou, sob efeito de medicamentos. Esse estado de debilidade teria permanecido na delegacia, onde "assinou diversos papéis referentes a este flagrante mas que não teve a oportunidade de lê-los". A partir daí, passa a negar basicamente tudo que estava dito em seus dois supostos primeiros depoimentos, do dia prisão e do seguinte: confirma que seu apartamento era pequeno, que era frequentado por artistas e que esteve nos Estados Unidos e na Europa, mas fora isso nega tudo, dizendo não ser verdade ter declarado que "já tomara maconha", nem que pintara quadros sob efeito de LSD, nem que participara de experiências lisérgicas coletivas lideradas por um filósofo japonês, que não é verdade que o LSD seja vendido nas ruas de Los Angeles nem que ele tenha trazido qualquer quantidade da substância de lá.

Sobre o consumo de ácido lisérgico, declarou ter feito apenas uma vez, "e assim mesmo por prescrição médica em virtude de se achar deprimido e com a orientação do aludido médico de que a mesma não viciaria". Peticov negou também ter fornecido qualquer um dos nomes que compunham a lista de pessoas para as quais ele supostamente teria dado ou vendido "viagens", dizendo que até conhecia algumas delas mas jamais teria vendido. "Quanto a esse interrogatório como aos demais o declarante deve informar que os assinou debaixo de permanente coação da Polícia, sendo que a nenhum deles o declarante leu e nem lhe foi dito", aponta o depoimento, no qual o artista diz que na verdade prestou "inúmeras declarações" na delegacia de Polícia, com o conteúdo sendo selecionado e modificado arbitrariamente nos papéis que acabou assinando. A lista de nomes que ele teria oferecido à polícia na verdade teria sido apresentada pelas próprias autoridades, que lhe perguntavam quem era tal e tal pessoa, e ele respondia – as menções à venda de drogas teriam sido acrescentadas posteriormente. Por fim, afirmou que seu estado de saúde "se agravou" em virtude dos "maus tratos" sofridos e que, mesmo que não apresentasse no momento "nenhum vestígio de qualquer machucadura pelo seu corpo", fora "colocado no pau-de-arara e também recebeu choques elétricos; que inclusive tentaram práticas mais desastrosas com a introdução de objetos pelo ânus numa forma de tortura medieval".

O próximo depoimento que consta dos autos é de Osmar Ludovico da Silva, que disse não serem verdadeiras as acusações "porque nunca comprou, nunca vendeu, nunca ingeriu LSD". Ele relata o episódio da prisão em Beirute, mas qualificando-a como resultado do consumo, não da venda, de haxixe, com a estada no hospital psiquiátrico sendo apresentada como "tratamento de moléstias nervosas" devido ao alto consumo da substância. Após descrever sua vida profissional de aulas particulares de inglês, ele disse ter recebido a ligação já mencionada de Holohan, confirmando a história apresentada pelo australiano, de que este estaria no Brasil para conhecer o carnaval. Depois de ter dito que estava "muito atribulado de ocupações pelo que não poderia servir de cicerone", teria

sido questionado por Emery, não por Barry, sobre ter interesse em comprar LSD, o que teria respondido negativamente, inclusive desencorajando a venda no Brasil "porque a juventude brasileira era muito diversa da juventude europeia e além disso porque essa linha de atividade aqui no Brasil oferecia sério risco".

Ludovico relata ter sido espancado já no momento de sua prisão, na chácara de Domingos Proietti: os ácidos supostamente encontrados com ele, em um maço de cigarros, teriam sido plantados pela polícia. Depois de conduzido à delegacia, novas denúncias de tortura:

> Que ao chegar a repartição policial também ficara sabendo que sua genitora, sua irmã e uma tia já estariam detidas desde a véspera a noite naquela delegacia por causa desses fatos; que daí o delegado de Polícia passou a ditar ao escrivão o relato do encontro desses envelopes contendo a mercadoria proibida e passou a instar com o declarante para que o mesmo confessasse que lidava com a droga na compra e venda da mesma; que por isso debaixo da coação psicológica da detenção de seus familiares e ainda dos maus tratos e sevícias recebidos o declarante acabou assinando as declarações dos seus interrogatórios.

Na sequência estão as declarações de Gibrail D'Ávila Junior, então com 18 anos, residente do bairro de Perdizes. Na profissão, apontou ser estudante do segundo ano de Administração de Empresas do curso Técnico. Após afirmar jamais ter visto e que nem conhecia o aspecto do LSD, Gibrail disse que estava no bairro da Pompeia quando encontrou seu conhecido José Gaspar, que lhe teria pedido uma carona; tendo levado Gaspar até a rua Barão de Limeira, ele teria pedido para esperar uns minutos enquanto ia a um hotel, situação na qual depois foram todos presos. Dizendo ter sido ameaçado pela polícia no momento da prisão, o declarante ter assinado "diversos papéis" na delegacia, sem os ler, e o delegado lhe teria dito que se o ajudasse nas declarações logo seria colocado em liberdade - mesmo assim, ficou três dias preso. Declarou conhecer Osmar Ludovico só de vista, e nunca ter estado na chácara de Domingos Proeitti.

O próximo a falar nos autos é José Gaspar Vaz Ribeiro, então com 26 anos, morador da Pompeia, programador de computadores empregado em uma loja na Santa Ifigênia. Ribeiro diz ser "vizinho de bairro" de Gibrail e conhecer Osmar e Domingos desde a infância, e relata que estava na casa de sua mãe quando Osmar o procurou pedindo um favor: como precisaria encontrar uma garota, não poderia ir buscar um amigo que estava num hotel, e lhe pediu que fosse até lá e o acompanhasse depois a rodoviária. Ribeiro disse que não falava inglês mas mesmo assim topou ajudar o amigo, e esperava por um táxi quando viu Gibrail passando de carro e lhe pediu uma carona. José Gaspar é mais um a denunciar ter sofrido "toda a sorte de maus tratos, inclusive com choques e pau-de-

arara", com a polícia supostamente acreditando que ele era Osmar, por mais que ele mostrasse seus documentos. Depois de 28 horas preso é que conversou com o delegado, que lhe pediu que assinasse o depoimento sem ler para que pudesse ser solto - a seguir, negou ponto a ponto o conteúdo do suposto primeiro depoimento.

Pelo que vemos no texto dos depoimentos, Osmar Ludovico era o único dos presos que apresentava sinais de tortura explícitos, uma vez que já havia passado quase um mês desde as primeiras prisões. Por conta disso, o juiz Geraldo Gomes fez um ofício, datado de 26 de fevereiro de 1970, solicitando um exame de corpo de delito que pudesse comprovar a origem dos machucados apresentados – como veremos mais adiante, no entanto, a questão da tortura não era algo que sensibilizasse esse magistrado.

***

“A polícia queria entrar na onda, e ela mesma traficar”

Os autos do processo, divididos em quatro volumes, nem sempre apresentam os documentos na ordem cronológica em que foram produzidos. Assim, depois de anexados os depoimentos prestados em juízo, no final de fevereiro, podemos encontrar no processo algumas prestações de esclarecimento realizadas antes. É o caso do “Termo de declarações” do ator gaúcho Carlos Augusto de Campos Velho, de 23 anos, morador da Rua dos Ingleses, que foi ouvido pelo delegado Luis Carlos Rocha em 13 de fevereiro de 1970. Velho declara que no momento estava ensaiando para a peça “Hair”, em um teatro na Bela Vista, e que conheceria Peticov dos lugares que frequentava, os restaurantes Gigeto e Eduardo. "Que, o declarante sabia que Peticov vendia o Lsd, pois o viu oef, digo, oferecer várias vezes às pessoas suas conhecidas, contudo, diretamente ao declarante não houve oferta, contudo, qualquer pessoa que quisesse experimentar o ácido teria facilidade de consegui-lo, pois Peticov faria o negócio abertamente", teria afirmado.

No mesmo dia o delegado ouviu também Marina Cristina Melo Barreto Algodoal, de 22 anos, produtora de cinema, que diz ter conhecido Peticov quando este participou de um teste para um filme que ela produzia e que, posteriormente, no Gigeto, teria sido convidada para uma festa na casa dele, na qual o artista lhe deu de presente "um pó alaranjado" que seria LSD - ela declarou não ter consumido a droga, "pois a perdeu". O fotógrafo Cyro de Oliveira Pinto, de 38 anos, também teria declarado que Peticov lhe ofereceu "pírulas" de LSD, que ele teria comprado, mesmo que o preço lhe tenha parecido um pouco "exorbitante". Na sequência de seu depoimento há um "Auto de

exibição e apreensão" indicando que Pinto teria entregado cinco comprimidos de cor alaranjada para a polícia. Posteriormente, consta nos autos um documento de 12 de março de 1970, assinado pelo médico-legista toxicologista Nicanor Mathias, atestando positivo para essas substâncias serem de fato LSD, "enquadrado no Decreto Lei Federal nº 385 de 26-12-68".

No dia 23 de fevereiro foi a vez do dramaturgo Antonio Bivar prestar depoimento. Então com 28 anos e morador da República, ele teria afirmado que estava prestes a viajar para a Europa, financiado pelo "Prêmio Moliére" citado anteriormente. Bivar teria conhecido Peticov também no restaurante Gigeto, passando a frequentar seu apartamento desse dia em diante:

> Que, há uns dois meses atrás surgiu uma conversa de que Antonio teria consigo o ácido lisérgico e o declarante se interessou a fazer uma experiência, em complemento a uma muito boa que teve anteriormente, isto em maio de 1969, por intermédio de um amigo que veio do Estados Unidos [sic], que lhe trouxe uma drágea, GEORGE LAUTNER, o qual se encontra nos Estados Unidos atualmente, onde estuda arquitetura; Que, havia comprado uma blusa de couro de Peticov e este deu ao declarante uma "viagem", menos que uma, a qual foi raspada de uma pastilha; Que, o declarante fez uso, sozinho, desta dose, não se sentiu bem, pois era diferente da que havia tomado anteriormente, pois sentiu um formigamento no corpo; Que, não usou mais o ácido e depois disso se afastou de Peticov; Que, isso se deu às vésperas de Peticov ser preso. (...) Que, as duas vezes que experimentou o ácido o fez sozinho, não sabendo de outras pessoas que o fizeram; Que, algumas pessoas disseram que iam comprar o ácido de Peticov, e o declarante os dissuadiu do intento, pois contou-lhes que o ácido de Peticov era "fajuto", e dava o efeito normal de "bolinhas".

O contexto em que foi dado esse depoimento está relatado no livro *Vida afora mundo adentro*, escrito por Bivar (2014), constituindo esse trecho uma fonte de grandíssimo valor pois nos permite ir além do que está escrito, da versão oficial, vendo como ela na verdade, invariavelmente, apresenta só uma pequeníssima parte dos fatos. A partir de sua narrativa, podemos supor que também os outros depoimentos, ou ao menos parte deles, foram dados na mesma circunstância: após prisão e sob ameaça de tortura, algo que obviamente não está relatado nos autos. Ele conta também que os interrogadores teriam procedido com ele da mesma forma que em relação a Peticov quando conseguiram sua lista de amigos: teriam pego uma caderneta sua de telefones e foram perguntando os nomes das pessoas, para que ele as descrevesse; depois, essas informações poderiam ser incluídas no depoimento, no contexto em que os policiais bem entendessem. Bivar diz no livro que lançou mão de toda sua criatividade nesses interrogatórios, e quem sabe o fato de um dos personagens ser George Lautner, muito parecido com Jorge Mautner, talvez ajude a comprovar essa estratégia:

> Impressionante como nessas horas a presença de espírito me acudia: não me sentia culpado de absolutamente nada. Russinho pegou meu caderninho de endereços – não sei como foi parar na mão dele – e foi virando aleatoriamente as páginas, parando aqui e ali para perguntar entre os nomes quem era esse e aquele. Até eu ficava surpreso com as minhas respostas. De cada um dos nomes apontados, graças à minha técnica de ficcionista, eu dava um rápido perfil. Os que nada tinham que os denegrisse, eu os punha pra cima, e os que pudessem eventualmente ter alguma culpa no cartório, eu os ficcionava. (Bivar, 2014, p.208)

Bivar (2014, p.207) aponta que já estava com praticamente tudo pronto para viajar, inclusive a passagem comprada. Faltava tirar o passaporte e levantar o dinheiro para os primeiros dias. No entanto, "no Gigeto estávamos preocupados porque o Peticov estava preso", escreveu: "Apesar de o LSD no Brasil ainda não constar na lista das drogas ilegais, a polícia estava à cata dos cabeças, para que, ainda que torturados se preciso, explicassem que porra de droga era aquela, seus efeitos e principalmente sua fonte", apontou o dramaturgo, que levanta uma hipótese bastante consistente para tamanho interesse dos meganhas pela substância: "A polícia certamente queria entrar na onda, e ela mesma, em sua facção escusa, traficá-la". Ele narra da seguinte maneira momento da prisão, que teria sido motivada por seu nome constar da caderneta de Peticov – por essa afirmação vemos que Bivar não acreditou que seu amigo o tivesse delatado, como divulgado inclusive midiaticamente.

> À saída do Gigeto fui assediado por agentes do Setor de Narcóticos. Meu nome constava na agenda de Peticov apreendida pela polícia. Também, não fazia tempo eu havia sido entrevistado por Arthur Laranjeira para o *Jornal da Tarde*. O título da reportagem era: "Esqueça os Beatles, ora. E leia tudo sobre Antonio Bivar. Ele também toma LSD". Sábato Magaldi, crítico teatral do JT e nosso amigo, achara a matéria leviana e péssima para a imagem do teatro, imagem já tão corroída pela ditadura. Senti-me mal compreendido. Afinal, acreditava piamente, como dramaturgo e participante ativo da contracultura, ser meu dever viver meu tempo e divulgar minha época. A matéria até que não era má, ainda que transmitisse uma excessiva *joie de vivre*. Mas essa entrevista também estava lá, no arquivo do Setor de Entorpecentes da Polícia.

A prisão teria ocorrido depois da meia-noite de uma sexta-feira para sábado. A data do depoimento, disponível nos autos, é de 23 de fevereiro de 1970, uma segunda feira, o que corrobora o relato de Bivar, que aponta que um dos agentes teria lhe informado que ficaria preso até segunda, para só então encontrar com o delegado. Teve sua cabeça raspada e a cela na qual passou o fim de semana tinha mais de 30 pessoas, com a comida, que ele recusou para não ter que "defecar na frente de todos", servida em pratos de alumínio. Passado o fim de semana, ele foi recebido por Angelino Moliterno, "famoso por pertencer ao Esquadrão da Morte", que logo lhe exibiu um porrete,

ameaçando-o. No entanto, Bivar (2014, p.209) relata que não foi agredido, talvez por ter conseguido entreter Russinho com as informações que este buscava:

> Russinho, absorto, me ouvia como quem ouve um bem qualificado contador de lorota. Comentou o desgosto que lhe causara John Lennon e a amante japonesa posando nus e drogados na cama de um hotel no Canadá. Aquilo era um péssimo exemplo para a juventude. Dai ele quis saber qual era o efeito do LSD. Viciava? Não, absolutamente, não viciava – afirmei com convicção. Era uma substância séria, que fazia entender melhor a condição humana, ajudando as pessoas a se acharem, ou a se perderem (em viagens sem volta, se não ingerido com orientação e cautela). Russinho parecia interessado e perguntou se eu achava que ele devia experimentar. Respondi que sim, uma única experiência já daria para ele ter uma ideia abrangente. (…) Só sei que Russinho não me baixou o porrete. Mandou-me de volta à cela com a promessa de que na manhã seguinte, terça-feira, eu seria posto em liberdade. Promessa cumprida.

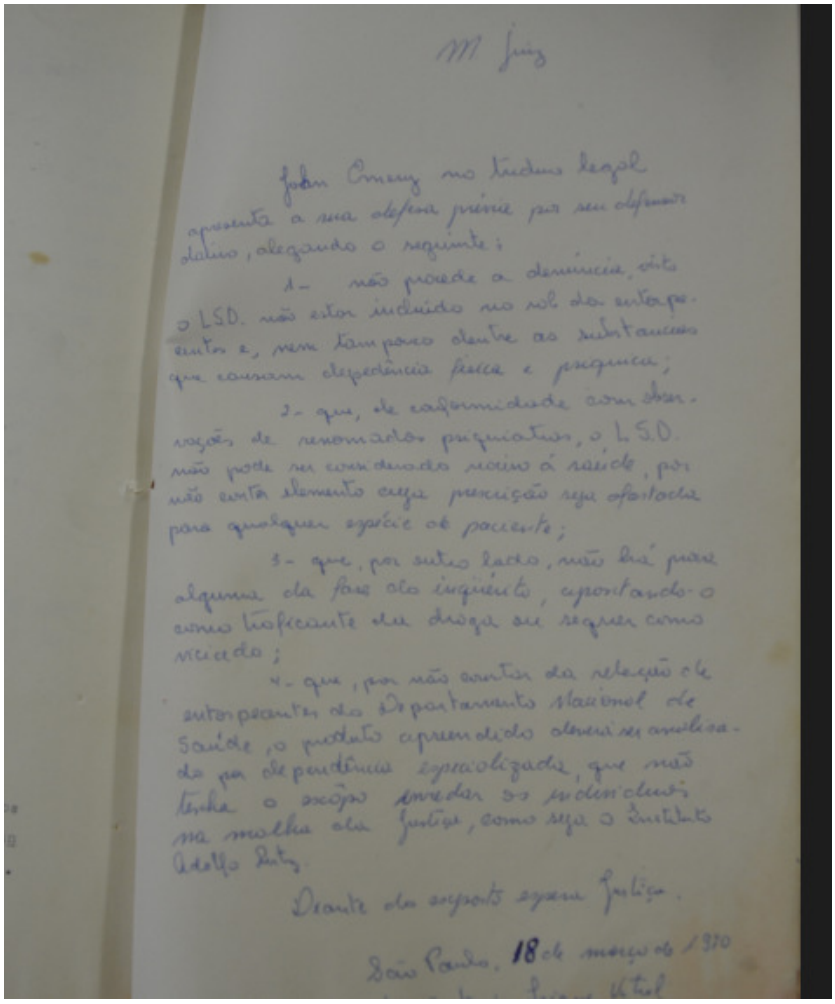
Em 24 de fevereiro, a prisão de Bivar foi noticiada pelo *O Estado de S.Paulo*, com a manchete "LSD envolve autor teatral". Citando o mencionado prêmio Moliere logo na primeira linha, afirma que o autor foi detido no restaurante Gigeto, "acusado de fazer experiências com LSD". "Após a prisão do pintor Antonio Peticov, acusado de traficante e viciado em LSD, vários políticos, artistas e personagens da sociedade foram envolvidos nas acusações", afirma a matéria, que prossegue: "Ontem foi a vez de Bivar prestar depoimento. Ele confirmou que fez experiências duas vezes com o ácido lisérgico". Ele teria negado "ser viciado ou incentivar o uso" da substância, e relatado o fato de sua viagem para Inglaterra já estar marcada, após ter concluído a peça *Passagem da Rainha*.

Assinada pelo advogado J.J. Alvim Passos, mesmo nome do escritório de advocacia que aparece no cabeçalho das quatro páginas do documento, uma petição em nome de Antonio Peticov está anexada nos autos, após os depoimentos prestados em juízo. Nesse documento, datado de 24 de fevereiro de 1970, o advogado defende que o LSD, por um lado, não é substância entorpecente e, por outro, não causa dependência física ou psíquica. Para isso, recorre inclusive aos livros de Alberto Fontana (traduzido por Jamil Haddad) e Cesário Morey Hossri, citados anteriormente. "É admissível e até recomendável que sua utilização seja restrita aos fins terapêuticos e mediante prescrição médica, mesmo porque é elementar que o uso abusivo de qualquer medicamento e nos casos contra indicados são nocivos à saúde", afirma o advogado, "mas, entender o LSD como entorpecente seria atentar contra os princípios básicos da ciência farmacológica". A petição pede novo teste para avaliar se a substância apreendida era mesmo ácido lisérgico, sem o que seria "inegável ser fundada a inexistência de prova sobre a materialidade da infração", e indica o doutor Edmundo Maia, também já citado anteriormente como prefaciador do livro de Hossri, para executar

a tarefa. Em 28 de fevereiro de 1970, o promotor Rubens Rebouças de Carvalho opinou que essa perícia a seu ver era “perfeitamente dispensável e viria a complicar a apuração dos fatos com discussões acadêmicas, que perdem sentido diante dos termos da legislação citada”.

Novo documento produzido por J.J. Passos, em nome de Peticov, foi enviado ao juiz em 11 de março, solicitando o relaxamento da prisão. O advogado enumera seis razões para isso: 1) o acusado, "em louvável e rigoroso acatamento à lei", teria se apresentado voluntariamente para interrogatório, mostrando seu "firme propósito" de colaborar com a Justiça; 2) essa atitude já o tornaria merecedor de liberdade provisória até o fim da instrução penal; 3) o Código Penal definiria como coação deixar alguém preso mais do que o necessário; 4) já passaram mais de 20 dias da instrução penal; 5) esse prazo irá aumentar, o que inviabiliza a manutenção da custódia do acusado e, 6) o acusado não tem antecedentes e se compromete a comparecer em juízo sempre que solicitado.

Há também ofícios buscando por John Emery, sem sucesso, o que leva à designação de um advogado que o defendeu à revelia, como está certificado em documento de 18 de março de 1970, que nomeia como seu defensor o advogado João Antônio Vittral. Este, aparentemente, não se esforçou muito: nos autos, na página seguinte e com data do mesmo dia, consta uma petição sua ao juiz, de apenas uma página e escrita à mão, "defendendo" Emery das acusações. São usados quatro argumentos, tão desenvolvidos como uma resposta de prova de escola: 1) o LSD não está incluído no "rol de entorpecentes e, nem tampouco dentre as substâncias que causam dependência física ou psíquica"; 2) o LSD não é nocivo à saúde; 3) não há provas no inquérito de que o que foi apreendido era ácido lisérgico; 4) o produto deveria ser analisado no Instituto Adolfo Lutz. Não me parece que esse tipo de documento fosse comum pois é a única comunicação de advogados não datilografada que consta do processo. Pensando que foi enviado na mesma data em que o defensor foi atribuído pelo juiz do caso, parece mais ter sido escrito na mesma hora, quem sabe de pé em algum balcão de padaria.



M. Juiz

John Emery no trídulo legal apresenta a sua defesa prévia por seu defensor dativo, alegando o seguinte:

1- não procede a denúncia, visto o LSD. não estar incluído no rol dos entorpecentes e, nem tampouco dentre as substâncias que causam dependência física e psíquica;

2- que, de conformidade com observações de renomados psiquiatras, o L.S.D. não pode ser considerado nocivo à saúde, por não conter elemento cuja prescrição seja afastada para qualquer espécie de paciente;

3- que, por outro lado, não há prova alguma da fase do inquérito, apontando-o como traficante da droga ou sequer como viciado;

4- que, por não constar da relação de entorpecentes do Departamento Nacional de Saúde, o produto apreendido deverá ser analisado por dependência especializada, que não tenha o escôpo enredar os indivíduos na malha da Justiça, como seja o Instituto Adolfo Lutz.

Diante do exposto espera Justiça.

São Paulo, 18 de março de 1970

Petição escrita à mão pelo defensor de John Emery. (Reprodução)

Os documentos anteriormente citados constam do primeiro volume do processo, disponível para consulta no Arquivo do Tribunal de Justiça de São Paulo. Abrindo o segundo volume estão os depoimentos das testemunhas de defesa e de acusação. Como eles foram sintetizados pelo juiz Geraldo Gomes em sua sentença, que serão detalhados na sequência, ali será melhor comentado o que foi depreendido desses testemunhos pelo magistrado em sua tomada de decisão. Por enquanto cabe que comentar que entre as testemunhas de acusação relacionadas especificamente a Antonio Peticov foram convocados amigos do pintor, que apresentaram posturas distintas em relação aos questionamentos.

Marina Tschiptschin, psicóloga de 28 anos, negou ter ganhado ou comprado LSD de Peticov,

desmentindo também boa parte do que lhe fora atribuído em seu suposto depoimento dado na delegacia. Voalidici Gregório Paganello, "artista e empresário teatral" de 24 anos, declarou conhecer o artista desde seis meses antes, e igualmente disse que não era verdade que tenha adquirido drogas dele em nenhuma oportunidade, negando também praticamente tudo que constava de um depoimento seu anterior, na delegacia. E foi além, dizendo ter ouvido de outras testemunhas que Peticov "havia sofrido maus tratos" enquanto detido, "inclusive com as mãos atadas e uma barra de ferro nas pernas, não sabendo dizer se isso era ou não pau de arara e inclusive com aplicação de choques elétricos, o que muito revoltou o depoente". Na sequência, depois de passada a palavra aos defensores do artista, que interrogaram Paganello, este levantou a hipótese da polícia ter agido de forma a colocar as testemunhas contra o pintor detido, encorajando-os a pensar que este os teria delatado:

> o depoente a rigor não sofreu nenhuma direta coação para acusar Peticov mas entende que a circunstância psicológica em que foi colocado constituiu coação inclusive podendo informar que na delegacia não se respeitou, como aqui se fez, no Fórum, no sentido de incomunicabilidade das testemunhas; que o declarante entende que algumas testemunhas tenham ficado revoltadas pelo fato de seus nomes terem sido envolvidos, na questão, por Peticov; que por isso por tais pessoas o referido Peticov foi até taxado de desleal.

Essas torturas não foram presenciadas por Renato Ferreira Corte Real, estudante de 20 anos, morador do bairro de Santo Amaro, que compareceu em juízo como testemunha de acusação juntamente com seu irmão Ricardo, então com 17 anos – ambos filhos do ator Renato Corte Real, então famoso por aparições em programas humorísticos de sucesso na televisão. Em seu depoimento, afirma que, por intervenção de seu pai e de um advogado, quando esteve na delegacia pode depor em uma sala separada, não tendo sofrido nenhum tipo de coação. Respondendo à defesa de Peticov, o juiz Geraldo Gomes, usando as vírgulas de maneira nada ortodoxa, nos apresenta na página 108 da sentença argumentos que apontam possíveis interesses dos irmãos Corte Real, e também de José Roberto Martins Macedo, o Baixinho, agora já com 18 anos, na acusação ao artista, que seria retribuída livrando-os de problemas pelo consumo ou posse de ácido que confessavam.

> Pretende-se infirmar este depoimento de desvalioso só e porque os Corte Real teriam sido poupados pela polícia. O mesmo se diz com referência à testemunha José Roberto Martins Macedo. Inclusive se pretende que vindo eles, os Corte Real, assessorados a Juízo com um advogado da família, disto se poderia extrair a conclusão de que essas três testemunhas foram "poupadas" pela polícia e, por isso seus depoimentos não mereceriam credibilidade. A arguição da Defesa, nesse passo, é improcedente. Naturalmente se procura desacreditá-los porque acusam frontalmente a Peticov. E reconhecem que eles próprios adquiriram a droga de Peticov. No entanto

> é interessante destacar, que nada se falou, a propósito, também, da "poupança", pela polícia, relativamente a várias outras pessoas que inclusive teriam ingerido LSD. Óra, nesta ordem de ideias, a polícia também teria poupado Suely, Marina, Carlos Alberto, Rafael, Voalidice, Jari, Marina Algodoal, Luis Carlos e Antonio Bivar (44, 45, 46, 52, 55, 90, 229, 248, fls.) pessoas que, na polícia, também haviam confirmado ter recebido droga LSD de Peticov, algumas delas mediante compra de cr$30,00. Iriam as pessoas comprar estas pastilhas por cr$30,00 para jogar fora? A mesma suspeição se poderá reconhecer com os Corte Real: iriam adquiri-las para jogar fora? É um tanto dúbio. Mas na verdade, desse confronto se pode estabelecer, que a polícia não pudera agir contra estas testemunhas posto que com elas nada encontrara, a não ser suas revelações. Portanto o proceder da autoridade policial, nesse passo, não merece qualquer crítica. Ficaram, inegavelmente, tais testemunhas em posição incômoda no processo, dadas as suas próprias revelações na polícia. Mas daí inferir-se tenham só por isso sofrido coação existe larga distância.

Renato Corte Real declarou em juízo que conhecia Peticov há sete anos, com a amizade tendo se tornado "mais intensa" ultimamente, quando artista lhe teria sido "muito útil no ensinamento de artes plásticas e pintura", e que sempre achou-o "um moço muito bom e merecedor de confiança". Na sequência, acusa-o de lhe ter dado ácido lisérgico como presente, que ele não negou mas não consumiu, antecipando em alguns anos o famoso "fumei mas não traguei" do ex-presidente estadunidense Bill Clinton:

> Que houve uma certa época em que o declarante já não manteve muitos contatos com Peticov e foi exatamente no período posteriormente em que Peticov retornou dos Estados Unidos sendo certo porém que o declarante chegou a considerar o Peticov como um verdadeiro "Ídolo" porque também o aludido Peticov auxiliara de muito ao declarante nas coisas em que dependia dele, Peticov (...) Recebeu papelzinho prateado tendo Peticov falado que o conteúdo era LSD e que lhe estimulando para que o depoente experimentasse como presente de natal. Que o depoente ficou surpreso com aquela dádiva mas pensando mesmo que fosse uma brincadeira e para ser considerado o depoente "para a frente" não recusou tal presente; que deve ter sido pelo fato de não querer se passar por elemento quadrado e por isso não recusou o presente.

Na sequência de seu depoimento, Renato invoca seu pai, dizendo que por terem uma relação "bastante franca" e de "muito diálogo" lhe contou o sucedido, pelo que seu "genitor" ficou "bastante bravo e determinou ao declarante que jogasse fora aquela substância que o depoente fez prontamente, atirando-a no vaso do banheiro". Posteriormente seu irmão Ricardo também teria comprado ácido de Peticov, e aí Renato disse que lhe sugeriu que jogasse fora igual ele fizera - após o irmão ter aceitado, os fatos teriam sido comunicados ao pai.

Outro amigo que depôs contra Peticov foi Raphael Thadeu Vilardi da Silva, de 22 anos, apresentado

como estudante universitário e morador da Vila Mariana. Ele diz conhecer Peticov há aproximadamente oito anos, ou seja, desde adolescente, com o artista plástico também depois atuando como empresário em um grupo musical que ele atuava. Em 1964, juntamente com Roberto Loyola e os irmãos Arnaldo Baptista e Cláudio César Dias Baptista, Raphael fundou o grupo The Wooden Faces.Rita Lee e o caçula dos Baptista, Sérgio, entrariam depois na banda, que passou a se chamar Six Sided Rockers, depois O Conjunto e ainda O´Seis. Em 1966 Raphael deixa o grupo, junto com Cláudio César e Roberto; Arnaldo, Rita e Sérgio o rebatizaram com o nome definitivo de Os Mutantes, grupo que faria bastante sucesso posteriormente, e com o qual Antonio Peticov trabalhou desde o início.

Raphael Vilardi, que inclusive é um dos compositores da música "Não vá se perder por aí", gravada pelos Mutantes, declarou ter ficado curioso em relação a substâncias psicodélicas depois de ter lido *As portas da percepção*, de Aldous Huxley, e que então, "sabendo que Peticov lidava com essa droga", decidiu procurá-lo, junto com seu amigo Claudio Cesar, que "comungava das ideias do declarante". Acabou recebendo um ácido sem pagar nada, resolvendo guardá-lo "inclusive em geladeira para não perder a sua validade para oportunamente ser ingerido por ambos". No entanto, após isso o estudante teria conversado com seu pai, "conhecedor de parapsicologia sendo ele professor de educação física", que lhe disse que a droga poderia ocasionar "efeitos desastrosos" com o "desligamento completo" do usuário e lhe aconselhou a jogá-la na privada, que ele fez.

Jary Guimarães Camargo Filho foi outra testemunha de acusação, uma vez que seu depoimento na delegacia, onde falou acompanhado de sua mãe, acusava Osmar Ludovico de ligações com o LSD. Em seu depoimento em juízo Jary nega o que lhe foi atribuído na delegacia, dizendo que foi abordado em seu bairro e preso por 24 horas antes de ser liberado, tendo na saída assinado um papel sem sequer lê-lo. Afirmou também não ter presenciado "nenhum espancamento mas chegou a ouvir gritos e viu também o estado em que os acusados chegavam às celas demonstrando estado de exaustão".

***

Outras estratégias das defesas

Como citado anteriormente, a defesa de Antonio Peticov solicitou que houvesse um parecer oficial por parte do médico Edmundo Maia acerca de algumas propriedades do LSD, suponho que buscando provar sobretudo a ausência de dependência “física ou psíquica”, como estabelecia a lei

de drogas. Como consta dos autos, em 12 de abril de 1970 o advogado J.J. Passos enviou 17 perguntas para Maia, com as respostas chegando em 20 de maio, em um documento que na verdade contém réplicas para 32 questionamentos, ao que deduzo que outros integrantes do processo, como promotor ou advogados de outros réus, acrescentaram também suas perguntas.

As cinco primeiras questões são sobre a química da substância, já a sexta questiona se o ácido lisérgico pode ser considerado alucinógeno, ao que Maia responde que, a rigor, trata-se de um produto "alucinósico e não propriamente alucinógeno, por manter o indivíduo lúcido e consciente durante a sua ação". Em resposta à questão 7, sobre a potência da substância, o médico aponta que o LSD seria sete mil vezes mais forte que a mescalina e 100 vezes mais potente do que os "cogumelos sagrados", e depois responde afirmativamente ao questionamento se seria o ácido lisérgico "despersonalisante [sic]". As questões de 9 a 13 são importantes, deixando certa margem para a argumentação da defesa nas respostas - a 11 aliás é bastante criativa, ao supor uma espécie de dependência que duraria apenas o período de efeito da substância, ou seja, o usuário só seria dependente na medida em que consome mais, se parasse estaria livre:

> 9 - P. - A dietilamida do ácido lisérgico ou "LSD-25", causam [sic] dependência física?
> R. - Não.
>
> 10 - P. A dietilamida do ácido lisérgico ou "LSD-25", causam [sic] dependência psíquica?
> R. - Pode causar, mas nos indivíduos desarmônicos, imaturos, instáveis, psicopatas, como qualquer outra droga, inclusive algumas de venda livre.
>
> 11 - P. Em caso positivo essa dependência física ou psíquica se restringe ao tempo de atuação da droga, quando ingerida?
> R. - No que concerne à dependência psíquica, de modo geral, sim.
>
> 12 - P. Qual o tempo de duração dos efeitos da droga?
> R. - Dependendo da dosagem de 2 a 12 horas, em média.
>
> 13 - P. Ainda, em caso positivo (de dependência), essa dependência acarreta hábito ou vício, no paciente, de tal forma que sua supressão ou abstenção causa transtornos físicos ou psíquicos?
> R. - De acordo com o que conhecemos sobre a experiência lisérgica, não.

Na sequência são feitas algumas perguntas sobre uso terapêutico do LSD e suas potencialidades, com Edmundo Maia destacando os usos para alcoolismo como os mais satisfatórios. Há ainda cinco perguntas sobre a volatilidade da substância, apenas pra confirmar que realmente não tinha por que alguém guardá-la na geladeira, como depôs Raphael Vilardi, e outra sobre ser "admissível o uso

indiscriminado dessa droga". Na resposta 31, Maia defende que, mesmo não sendo entorpecente ou narcótico, o LSD deve ter "vedada sua venda livre e seu uso sem indicação e sem assistência médica".

Outra inciativa relevante das defesas reunida nos autos do processo é um pedido de habeas corpus produzido pelos advogados de Osmar Ludovico da Silva, e enviada no dia 7 de abril de 1970. Como visto, a defesa de Peticov havia feito o mesmo em 11 de março. Segundo os advogados, não estava comprovada a materialidade da ação criminosa de seu cliente, uma vez que "nada de apreendeu em sua posse, e aquilo que se diz apreendido, o foi em uma chácara que não era da sua propriedade". "Por este único fato, já se imporia a liberdade do Suplicante", aponta que o texto, que continua defendendo a total nulidade do "auto de flagrante", em primeiro lugar, pois o policial que figurava como condutor do flagrante, Angelino Moliterno, não teria de fato efetuado a prisão dos acusados, em segundo por não ter sido respeitada a incomunicabilidade das testemunhas na hora de se lavrar o flagrante. Além disso, as testemunhas teriam relatado "o modo deplorável com que foram tratadas na esfera policial. Humilhadas, seviciadas, e mesmo recolhidas ao cárcere junto a delinquentes que se achavam presos por outros motivos, para assinalarem o que não sabiam, para assinarem o que não haviam afirmado", o que ficaria comprovado pelo fato dos depoimentos terem mudado diante do juiz.

O mesmo escritório de advogacia, com o mesmo papel timbrado e na mesma data de 7 de abril, protocolou também pedido de relaxamento da prisão de Barry John Holohan. Os advogados argumentam que seu cliente se recusou a assinar o que lhe pediram na delegacia, sendo que a lei determinaria nestes casos que duas testemunhas é que teriam que assinar, no caso de terem presenciado o interrogatório, fato que não teria acontecido no caso de uma das pessoas que supostamente assinou. Voltam a citar também o não cumprimento da incomunicabilidade das testemunhas, o fato do condutor que consta no flagrante não ter estado lá pessoalmente e as torturas sofridas na delegacia:

> [as pessoas ouvidas em juízo] dizem mais, de modo estarrecedor, que ficaram presas no "chiqueirinho" do Departamento Estadual de Investigações Criminais, até pelo espaço de vinte e quatro horas, sujeitas a toda espécie de humilhações, antes de assinarem o que consta como sendo suas declarações. Esta é mais uma nulidade e mais um fato demonstrador da injustificável, criticável e abominável arbitrariedade policial.

Lembrando das motivações midiáticas do caso, assumidas pelo próprio delegado, os advogados qualificam os fatos relatados nos autos como "fantasia policial" a fim de criar o primeiro caso por

tráfico e consumo de LSD em São Paulo. O juiz Geraldo Gomes não tardou a responder os pedidos de relaxamento de prisão, fazendo-o em 9 de abril. Gomes negou os pedidos de Barry e Osmar, e acatou o da defesa de Peticov, determinando sua soltura até que fosse dada a sentença. Era a segunda vez que o artista recebia um habeas corpus, com o primeiro, já mencionado, tendo como principal argumento a demora no processo e sido posteriormente derrubado. Os outros réus aguardariam o pronunciamento do magistrado presos. Em 21 de maio a defesa de Peticov conseguiu um Habeas Corpus no Supremo Tribunal Federal.

No dia 12 de junho, em nome do Ministério Público, o promotor Rubens Rebouças de Carvalho apresentou sua acusação ao juiz. "Trata o presente processo do primeiro caso de LSD no Brasil; ao que tudo indica, apropriadamente chamado de 'terrível alucinógeno'", dizem as primeiras frases do documento produzido pelo promotor, que inicia, na sequência, sua narrativa dos fatos a partir de um marco inicial diferente da acusação produzida pelo delegado alguns meses antes: se Luis Carlos Rocha havia começado seu relato contando como leu no jornal sobre a presença de um agente do FBI em busca de LSD no Brasil, o que motivou o começo das investigações, o promotor Carvalho inicia seu relato em 28 de janeiro, quando a polícia teria suspeitado, ele não explica como, "que algo diferente vinha passando no apartamento do artista plástico Antonio Peticov". Lá entrando, apreenderam LSD e prenderam Peticov, que depois teria delatado uma série de pessoas para quem tereia vendido ou dado a substância e confessado ter comprado os comprimidos do australiano Barry Holohan e do inglês John Emery. Com a prisão do artista se tornando pública, Osmar Ludovico da Silva, amigo de Barry desde o Líbano, teria ido esconder-se na chácara de um amigo seu, Domingos Proietti, antes tendo incumbido José Gaspar Vaz Ribeiro de ir avisar Holohan que este precisava fugir. Ribeiro foi acompanhado de Gibrail D'Ávila Júnior, que tinha carro, e ambos foram presos na saída do hotel onde o australiano estava hospedado. Depois de prender Holohan, a polícia teria localizado, também sem o documento informar como, o paradeiro de Osmar e o prendido, junto com Proietti. "Infelizmente John Emery não foi localizado, deixando provavelmente o país", afirma o promotor.

Carvalho segue então para a apresentação das provas, capítulo que inicia apontando que Peticov teria negado em juízo as declarações dadas na delegacia, "esquecido, porém, de que por seu intermédio é que foi possível chegar-se a descobrir os outros, todos com estreita vinculação por causa do LSD". O artista, ao alegar coação e maus tratos, teria "deslembrado" que sua prisão fora testemunhada por José Roberto Martins Macedo, que o teria visto assumir a propriedade do LSD, segundo posteriormente depôs. Além disso, haveria testemunhas que afirmaram "categoriamente" que teriam obtido LSD de Peticov, como os irmãos Corte Real e Rafael Tadeu Vilardi - que neste

relatório perdeu os Hs de seus dois nomes. "Está assim comprovado que Peticov possuía mesmo LSD e que ora vendia, ora presenteava, isto na eventualidade de arrumar um novo comprador, até porque sendo cara a droga, cr$30,00 a "viagem" (1/3 do comprimido), tinha ele necessidade de dinheiro para adquiri-la para seu próprio uso".

O promotor continua seu relato desqualificando outras testemunhas que em juízo voltaram atrás dos seus supostos depoimentos dados na delegacia, apontando que Voalidice Gregorio Fanganelo "deve ter recuado por temor de se envolver num processo. Quem o viu na audiência, teve esta nítida impressão" e que

> Marina Tshiptchin e Suely Belinha Rolnik voltaram atraz [sic] em seus depoimentos. Entretanto, isto é perfeitamente explicável, uma vez que dias depois de serem ouvidas no inquérito foram autuadas em flagrante por participarem de uma "festa de embalo", onde se consumia tóxicos, conforme vemos a fls. 526 a 559. A mudança da atitude de tais pessoas, nada mais é do que o resguardo a fim de evitar complicações em processo da mesma natureza, já que foram até presas em flagrante, naquela outra oportunidade. Aliás, não se compreende a alegada coação para justificar o depoimento anterior, tanto mais que Marina chegou a esclarecer que a imprensa e a televisão estavam presentes na Delegacia. Que espécie de coação feita na presença de tanta gente? Por sinal que no outro flagrante, cujo processo tramita pela 10ª Vara, tornaram a afirmar que conseguiram a droga de Peticov.

Outras provas citadas por Carvalho seriam os ácidos apreendidos tanto com Barry quanto com Osmar e Domingos, e as confissões. "Tudo se liga, dessa maneira, perfeitamente. Os fatos se encadeiam harmonicamente, numa sequência de elos impressionante, sem contradições", empolga-se o promotor, que qualifica as provas como "firmes, robustas e irrecusáveis". As defesas não teriam podido refutá-las, "ficando tudo na base do 'ouvi dizer', que nada de concreto positiva". Dizendo que as defesas "certamente" invocarão os maus tratos, ele cita duas testemunhas que atestariam o contrário, e depois apresenta a seguinte citação, proveniente da *Revista Tribunais*, que assim como o próprio promotor é mais uma representante dessa outra concepção do uso das vírgulas que o campo do Direito apresentava na época: "Eventuais maus tratos impostos ao réu, não infirmam valor probante de confissão que os demais elementos de convicção demonstram ter sido veraz".

Por fim, o promotor aponta que é "sabido que o LSD-25 é o mais potente alucinógeno até hoje descoberto" e que seu uso pode causar dependência psíquica, não restando dúvida que a substância "está ao alcance do dispositivo penal" e é sumamente perigosa "para quem o ingere, ficando horas à mercê do seu efeito". "Diante dos fatos, das provas e conclusões, os acusados devem ser

condenados. Não podem ficar impunes quem provocaram a facilitação do hábito desse perigoso psicotrópico da classe dos psicodislépticos, isto é que desnaturam a atividade mental, influindo diretamente sobre o sistema central e provocando alucinações", conclui o representante do Ministério Público.

***

A sentença

A sentença do juiz Geraldo Gomes inaugura o quarto volume do processo 88/70 e tem um tamanho considerável: são 147 páginas, incluindo três páginas só do índice dos seis capítulos (Relatório, A sustentação das partes, Exame da causa, Exame das provas, Exame das causas, de novo, e Dispositivo final). O magistrado indica inicialmente que, dos sete réus, cinco foram denunciados pelo artigo 281 do Código Penal, "comércio, posse ou facilitação do uso de entorpecentes": Barry John Holohan, John Emery (à revelia), Osmar Ludovico da Silva, Domingos Proietti e Antonio Peticov - sendo que este último também era acusado de "corrupção de menores" e "instigação ou induzimento ao uso de entorpecentes". Os outros dois réus, José Gaspar Vaz Ribeiro e Gibrail D'Avila Junior, que segundo a denúncia do promotor teriam participado apenas ajudando na tentativa de fuga de Barry Holohan, foram acusados de "incentivo ou difusão ao uso de entorpecentes", constante do mesmo artigo 281 do Código Penal e então com a mesma pena que comércio e uso.

Se o delegado começou sua narrativa do caso a partir dele mesmo lendo jornal, e o promotor iniciou seu recorte com a polícia de campana no apartamento de Peticov, o relato do juiz Gomes inicia com Barry Holohan e John Emery vindo da Europa para São Paulo em dezembro de 1969, "com certa quantia da droga conhecida por LSD-25, com o fim de vendê-las [sic] neste Capital, Santos e Rio de Janeiro". Ao chegar, teriam entrado em contato com Osmar Ludovico, que Barry conhecia do Líbano, tendo aquele passado a oferecer a droga a seus amigos da Pompeia, a preço de trinta cruzeiros novos pela terça parte de um comprimido, o que seria suficiente para uma "viagem". Isso teria acontecido com Domingos, José Gaspar, Gibrail, outros nomes que apenas testemunharam ou foram citados e Antonio Peticov.

"Por outro lado", continua a sentença, Antonio Peticov, "hippie, artista plástico e viciado", adquiriu de John Emery, "por intermédio de Barry", cerca de cem comprimidos de LSD, pagando seiscentos cruzeiros novos e ficando com mais quatrocentos de dívida - o total seria portanto de mil cruzeiros

novos para cem comprimidos, dez cruzeiros por comprimido, sendo que depois supostamente revenderia a trinta ou quarenta cruzeiros novos, cada comprimido. Na página de Internet de seu Acervo[80], o jornal *O Estado de São Paulo* oferece uma calculadora para converter em reais, na cotação atual, os valores das distintas moedas que o Brasil já teve. O método utilizado se baseia no valor de capa do jornal ao longo dos anos. Coloquei os mil cruzeiros novos[81] citados com a data de 1 de fevereiro de 1970, e o jornal atualizou o valor para dez mil reais (com isso se comprava dois mil e quinhentos jornais na época) - ou seja, cada comprimido, contendo três "viagens", supostamente custava cem reais para Petivoc , que os revendia a trezentos ou até quatrocentos reais. Cada “viagem” custaria então no mínimo 100 reais nos valores atuais: não é barato. Por isso vemos que o perfil dos envolvidos, ou acusados de terem envolvimento, com esse comércio é o de artistas, universitários, estudantes, quase todos brancos, filhos da classe média ou alta paulistana, de bairros como Perdizes, Pompeia e Vila Mariana.

Por conta da distribuição e venda a amigos como Suely Rolnik, Marina Tchiptchin (acredito que nunca saberei a real forma de escrever esse nome, em cada parte digitei como estava na fonte, e dificilmente a ordem dessa chuva de consoantes se manteve), Carlos Alberto de Araújo, Ricardo e Renato Ferreira Corte Real "e outros", é que a polícia teria prendido Antonio Peticov em seu apartamento. Diligências em 30 de janeiro foram responsáveis pelas novas prisões e supostas apreensões.

Na sequência da sentença, o juiz Gomes aponta que foram ouvidas no processo 14 testemunhas de acusação e 23 de defesa, além das alegações finais do MP e das defesas dos réus. Explica também que, quando se terminava a fase dos testemunhos da acusação, o processo foi desmembrado em dois, com Osmar Ludovico da Silva ficando em outro processo, separado dos outros seis réus - em outro momento dos autos, quando pedia o relaxamento da prisão, o advogado de Silva disse que ele passou um mês com problemas sérios de saúde enquanto esteve preso, o que atrasaria algumas das etapas do processo. O defensor utilizou a saúde de Ludovico como argumento para o relaxamento de sua prisão, dizendo que ela inclusive atrasaria a instrução do processo para além de seu limite - a resposta da Justiça não foi soltá-lo, e sim separar seu processo. No entanto, como esse desmembramento "se devera, exclusivamente, às constantes reclamações por excesso de prazo que

[80] https://acervo.estadao.com.br/

[81] O cruzeiro novo (NCr$) circulou no Brasil de forma temporária, no período entre 13 de fevereiro de 1967 e 14 de maio de 1970. Foi criado em virtude da desvalorização do Cruzeiro, moeda criada em 1942 e que voltou a ser utilizada após maio de 1970. Até 1975 as cédulas de cruzeiros novos ainda tinham valor, tendo sido retiradas gradualmente. O Cruzeiro perduraria até 1986, substituído de forma nada criativa pelo Cruzado, que durou até a chegada do Cruzado Novo em 1989. Entre 1990 e 1993, de novo Cruzeiro, em 1993 Cruzeiro Real e em 1994, finalmente, entrou em vigor o Real.

poderiam vir a encorajar a liberação dos custodiados", o juiz reuniu os dois processos nessa sentença, que portanto era aplicável também a Osmar.

Nos itens 6 e 7 do título terceiro do capítulo primeiro da sentença de Geraldo Gomes, o juiz explica que dos sete réus quatro foram presos em flagrante: Barry, Osmar, Peticov e Domingos. Como os dois últimos conseguiram habeas corpus durante o processo, apenas Barry e Osmar estavam presos no momento da sentença. No caso de Peticov, Gomes relata que não havia alternativa que não soltá-lo uma vez que Angelino Moliterno, que figurava inicialmente como "condutor" da prisão em flagrante do artista, posteriormente testemunhou dizendo não ter presenciado os fatos. Como visto anteriormente, a reputação de Moliterno, o Russinho, não era das mais ilibadas: na entrevista que me concedeu para esse trabalho, Peticov relatou que a mudança no depoimento de policiais foi conseguida através de suborno. O juiz Gomes evidentemente desconfiou, considerando "dos mais sérios e graves o incidente que gerou a soltura de Peticov". Destacando ser essa mudança de depoimentos algo não aceitável para alguém com 25 anos de profissão, o juiz apontou que a "confusão e contradição" de Russinho "é tão veemente que exige detalhado esclarecimento em inquérito policial, ao qual devem ser ouvidos, entre outros, o Dr Delegado de Polícia, Dr Carlos Rocha, investigadores Nelson e Ubirandir e outros elementos a critério do MP".

No capítulo segundo, que traz a sustentação das partes, Gomes começa a indicar as bases de sua decisão condenatória, concluindo que "todos os acusados tiveram nítida participação nos fatos criminosos". No segundo "título" do capítulo, o juiz apresenta de forma sintética alguns dos argumentos das defesas de cada réu - basicamente contestando as provas, a participação efetiva deles nos fatos e o status legal do LSD. Na sequência vem o terceiro capítulo, que começa a apresentar a pesquisa feita pelo juiz sobre o ácido lisérgico, posteriormente publicada no livro *Os alucinógenos e o Direito: LSD*.

O capítulo quarto se dedica a analisar as provas, sendo que primeiro comenta os laudos, tanto da polícia técnica quanto os requisitados pela defesa, como o produzido por Edmundo Maia citado anteriormente. Esses laudos teriam atestado que as substâncias apreendidas eram de fato LSD, que estaria listado em portaria de 1968 como proibido e também seria comprovadamente causador de dependência física e psíquica. "A DROGA É PROIBIDA", afirma em maiúsculas, antes de complementar que "a norma legal já não mais faz questão de rótulos, mas, isso sim, de uma situação de fato que caracterize uma situação de perigo. É o perigo da saúde pública que possa estar em jogo que interessa".

No quinto capítulo, sobre “o exame da causa”, o juiz aponta, no título segundo, que a materialidade dos fatos teria sido "exuberantemente comprovada" através dos exames feitos nas drogas apreendidas. Tomando como base os depoimentos dados na delegacia pelos réus, que se disseram torturados e posteriormente negaram estes conteúdos, e por testemunhas que também teriam sido tratadas como acusadas, Geraldo Gomes estima que Peticov tenha distribuído cerca de trinta comprimidos de LSD, que se somariam aos 43 apreendidos pela polícia. "Peticov, em Juízo, negou tivesse feito essa tão larga distribuição de LSD. Diz até que não deu, ou vendeu a ninguém. Insinua que tal relação de pessoas de suas amisades [sic] foi buscada pela polícia a cartões de visita e endereços que possuía em seu apartamento", afirma o juiz, que diz que não só a apreensão desmentiria isso como também a "coerência na questão dos preços", uma vez que depoimentos comprovariam o valor cobrado pelo artista. Dessas 37 pessoas estimadas por Gomes, 13 teriam confirmado o recebimento da droga, "ou por compra ou por dádiva".

"Dir-se-ia que tudo isso foi invencionice da polícia? Absolutamente. Não se pode por em dúvida a descoberta policial. Não é admissível tenha a policia inventado as declarações de 13 pessoas, letradas, todas confirmando terem recebido a droga de Peticov", afirma o juiz, não achando suficiente que boa parte dessas pessoas tenha negado em Juízo esses depoimentos inicias supostamente prestados na delegacia. Ele menciona essas negativas na sequência, qualificando as denúncias de coação e violência como fruto da imaginação dos réus:

> É bem verdade que na fase judicial estes RR. e testemunhas, conscientes do eventual comprometimento, trataram de voltar atrás, sob todos os pretextos. Chegou-se inclusive a invocar a presença da imprensa e da televisão, como fatores de coação, quando, na realidade, a presença destes elementos mais poderia demonstrar a inexistência da coação. Pretendeu-se mais, com os depoimentos dos Corte Real, que tais depoentes teriam sido orientados a manter a versão já dada na polícia, para não caírem em contradição ao depor em Juízo... Mas era mister buscar-se uma saída para depoimentos reconhecidamente valiosos. A fórmula, porém, infrutífera. Estas testemunhas, os RR. foram perquiridos minuciosamente em juízo. Nem mesmo se concebe tenham feita [sic] aquelas declarações na polícia apenas para agrado da mesma. E, por outro lado, como se compreender tenha a polícia obtido a tantas pessoas, algumas de projeção, informes inverídicos somente para comprometer os RR.? É, pois, fora de dúvida que as alegadas coações só existiram na imaginação dos que a alegam. Fazia-se necessário desacreditar o serviço policial dada a relevância do caso, a sua repercussão e a realidade da infração, estereotipada na apreensão, só com Peticov, de 43 drágeas de LSD.

Gomes segue refutando a hipótese da coação e da tortura, ao dizer que os acusados procuram sempre negar o crime, mas que nesse caso "não lograram disfarçar a realidade da infração".

Acontece que essa realidade da infração estava em grande parte baseada nos testemunhos ou de um policial, que não só era do Esquadrão da Morte como mudou seu depoimento por suborno, ou de testemunhas que alegaram tortura e depois negaram os depoimentos em juízo. Para o juiz, ao contrário, "a retratação em juízo deve ser admitida com reservas, posto que as primeiras informações obtidas na polícia, em época mais próxima do evento, em geral é mais consentânea com a realidade, mercê da ardência da flagrância". Sem experiência com "as coisas do direito", a testemunha relataria os fatos de forma mais "expontânea [sic]", uma vez que a assessoria dos advogados levaria a uma mudança de versões. “A retratação em juízo perde muito de seu valor”, conclui.

No título 4 deste mesmo capítulo, intitulado "A realidade dos fatos". Aqui, Gomes diz que o "enredo" dessa história começa não com Barry Holohan ou John Emery, mas com Osmar Ludovico, "elemento que se confessa, até em juízo, um frustrado e viciado, no haxixe e no LSD". Na prisão conhece Barry e fornece seu endereço no Brasil, para onde o australiano depois ruma junto com Emery. "Surge então a figura do R. Peticov", continua Gomes, "que também se confessa um elemento deprimido, imaturo, - e outro viciado, que também andara pela Europa e EE.UU., artista plástico, pintor, hippie (como também se confessa o R. Osmar de haver usado cabelos compridos), e se faz, então, a ligação do R. Peticov a Emery e Barry". "O quarteto estava formado para difusão e consumo das drogas", completa o juiz, para quem o uso de cabelos longos é algo a ser confessado, como um crime.

Além dos cabelos compridos, para o juiz outro indício de comportamento desviante por parte de Peticov seria o fato dele ter deixado a casa dos pais para viver sozinho, no centro de São Paulo. "Essa sua separação da casa paterna por sinal sintomática - visto que descende de boa família, sendo seu genitor pessoa edonea [sic] e homem de bons princípios, é explicado por Peticov quando alega que isso se devia a não querer ele perturbar a seus pais com as pessoas que o procuravam por seus artesanatos". Gomes qualifica essa justificativa de "infantil", pois ele poderia ter um ateliê e seguir vivendo com os pais, e qualifica a mudança como "um claro indício de sua atividade escusa. Diz que pretendia abrir uma loja - mas nunca abriu". Segundo o magistrado, o artista teria começado a “passar” a droga sem nem fazer segredo, de forma aberta, supostamente por não acreditar que fosse proibida.

De acordo com Geraldo Gomes, agora no título quinto ainda do mesmo capítulo, os crimes imputados a Peticov, Holohan, Emery, Ludovico da Silva e Proietti exigem as provas de corpo de delito, que ele acredita terem sido inquestionavelmente apresentadas pela acusação. Já nos casos de

José Gaspar e Gibrail não haveria essa necessidade, uma vez que foram acusados de incentivar a difusão de drogas, algo que, nas palavras do juiz, "pode ser feito por inúmeras formas". A acusação não seria de que os dois tivessem sido encontrados com as drogas, pois senão teriam sido enquadrados "na cabeça do art. 281", mas sim que "de certa forma eles também estavam contribuindo para as infrações, porque lançando mão de seus meios, recursos, transportes e comunicações estavam dando cobertura à fuga de Barry". Agora abrindo o título 6, chamado "A parte subjetiva da infração", o juiz fala como se conhecesse os "meios toxicômanos":

> Ficou deveras demonstrado, nas provas, que todos os RR. estavam plenamente conscientes da atividade que desempenhavam, sub-repticiamente, às voltas com o LSD. Já se denota, inclusive, um certo desinteresses nos meios toxicômanos, pela "cannabis sativa" e outros psicotrópicos. A volúpia se encaminha mais, agora, para o "ácido". Querem o ácido, e, dadas as divulgações deletérias que se têm feito em torno do mesmo, recrudesce a curiosidade e experimentação.

Para o juiz, a única ressalva que poderia ser feita à acusação seria o fato de não ter provado a corrupção de menor por parte de Peticov. No título sete do capítulo, Gomes apresenta as supostas provas testemunhais, baseando-se principalmente nos depoimentos dados na delegacia. No caso das testemunhas que posteriormente negaram em Juízo essas declarações, o juiz busca desacreditar essa mudança de versões, recorrendo a argumentos machistas ao fazê-lo, por exemplo, no caso dos testemunhos de Suely Rolnik e Marina Tchiptichin:

> Suely Belinha Rolnik é uma professora ginasial que mantinha relações de amisade [sic] com Peticov e que conhecia os demais amigos (...) declarou na polícia que ela própria obteve a Peticov e tomou LSD, confirmando que Marina e seu namorado Carlos também obtiveram de Peticov e tomaram LSD, os três em conjunto.
>
> Mas em Juízo procurou negar todas essas revelações, dizendo que não leu suas declarações na polícia. Entretanto, quem era Suely? Uma moça que em 3.2.70 era convocada à polícia para explicar suas relações com Peticov, um viciado, e apenas 16 dias após, em 19.2.70 já era encontrada, de madrugada, numa "festa do embalo" no Apartamento de Giusepe Bacaro, onde, no momento que se usava a maconha e inclusive onde havia pessoas em trajes sumários, algumas moças nuas, sendo que do rol dessa denúncia (...) as únicas duas moças que a integraram foram, exatamente, Suely e Marina, o que lhes valeu, inclusive, a sua prisão em flagrante, com os demais. (...) Fosse, realmente, Suely moça de hábitos recatados, já lhe poderia ter servido de séria advertência ter estado na polícia dias antes para esclarecer fatos e acontecimentos relativos a Peticov. Como se pode, pois, dar crédito às simplistas negativas desta testemunha em Juízo, quando negar ter tomado LSD e obtido de Peticov? Que desculpa apresentará ela nesse outro processo em curso pela 10ª Vara Criminal, para justificar sua presença naquele tal apartamento? E é uma professora ginasial!

Na sequência da sentença, mais já para o final, no item 11 do título nono ainda deste mesmo capítulo quinto, o juiz Geraldo Gomes, primeiro e único, mostra convicção de que as provas demonstrariam que os réus do processo "formavam uma verdadeira rede de distribuição, venda e dádiva do LSD e consumo do LSD". "Oxalá o resultado destas investigações sirva de alerta aos pais e à nossa juventude ainda não comprometida, livrando-os de uma mentalidade como a de High-Ashbury, de S. Francisco da Califórnia, onde se diz teve origem o movimento hippie", conclama.

Por fim, a sentença apresenta o capítulo sexto, “Dispositivo final”, que em seu título primeiro trata da “individualisação [sic] das penas”. Neste momento, falando sobre a "dosimetria das penas", o juiz salientou que Emery, Barry, Osmar e Peticov teriam tido participação "mais destacada" nos fatos, teriam agido com "dolo mais intenso" e, excetuando Emery, seriam "reconhecidamente viciados em psicotrópicos", merecendo por tudo isso uma pena mais alta. Em relação a Proietti, o Gomes aponta que "sua pena deverá ser fixada no grau mínimo, considerados todos os fatores como favoráveis a esse réu", assim como nos casos de José Gaspar e Gibrail.

O segundo título deste capítulo é “a decisão final”, na qual Geraldo Gomes absolve Peticov da acusação de corrupção de menores, e condena ele, Emery, Holohan, Ludovico e Proietti a um ano, nove meses e vinte e oito dias de reclusão, sendo que a pena de Proietti deveria ser reduzida em três meses por se tratar de menor de idade. Além disso, foi estabelecida multa de dez salários mínimos vigentes. Já José Gaspar e Gibrail foram condenados a seis meses de detenção e multa do mesmo valor - no caso de Girabil não pode haver a redução por ser menor uma vez que a pena já foi definida no grau mínimo.

Assim, deveriam ser expedidos imediatamente os mandados de prisão, além de deverem ser reconduzidos os réus que já se encontravam presos, afirma o juiz. Na sequência, no entanto, ele concede aos réus Domingos Proietti, José Gaspar Ribeiro e Gibrail D'avila Junior o benefício da condicional ou "sursis" pelo prazo de dois anos. Desse modo, dos sete réus apenas dois permaneceriam presos após a decisão judicial, datada de 22 de setembro de 1970: Barry John Holohan e Osmar Ludovico da Silva, justamente os dois únicos que responderam todo o processo presos. John Emery nunca foi pego e há muito já estava fora do país, Proietti, Ribeiro e D'avila Junior receberam o benefício da condicional e Peticov, como veremos, antes mesmo da conclusão do julgamento já havia deixado o país, rumo a Londres. Osmar Ludovico me contou, em entrevista que detalharei adiante, que ele e Barry ficaram presos até o final de 1970, sendo beneficiados com o indulto de Natal. Iniciado nos primeiros dias de 1970, o primeiro processo penal por porte e tráfico

de LSD do Brasil teve não só sua sentença como todo seu desenrolar acontecendo neste mesmo ano – que terminou já com todos, felizmente, livres e soltos.

Em 26 de setembro *O Estadao de São Paulo* repercutiu a sentença de Geraldo Gomes com a manchete "LSD dá um ano de prisão", que cita os réus e suas condenações, em dois parágrafos sem muito destaque na página. A *Folha de São Paulo* informaria o tema só no dia 30, ressaltando inclusive o tamanho da decisão, em nota de um parágrafo intitulada "Condenados no processo do LSD":

> Culminou com a condenação de todos os envolvidos na 13ª Vara Criminal, o primeiro processo instaurado na Justiça paulista sobre tráfico de LSD. O juiz de Direito Geraldo Gomes, em sentença de 150 laudas datilografadas na maior já proferida em sua longa carreira, impôs aos réus Barry John Holohan, John Emery, Oscar Ludovico da Silva, Antonio Peticov, José Gaspar Vaz Ribeiro e Gibrail Jr a pena de 1 ano, 9 meses e 28 dias de reclusão. Aos três últimos, o magistrado concedeu o benefício do "sursis" por dois anos. A todos acusados foi imposta ainda multa equivalente a dez salários mínimos da região.

Cronologicamente, o documento mais recente presente no processo, e também uma das últimas folhas acrescentadas ao quarto volume, é um “pedido de reabilitação” em nome de Osmar Ludovico, datado de 21 de dezembro de 1978. Apresentado agora como técnico em comércio exterior e como morador da Praia de Botafogo, no Rio de Janeiro, Osmar usou esse documento para pedir a retirada da condenação por LSD de sua ficha criminal, o que aparentemente foi feito. Um dos argumentos era sua posterior conversão religiosa. Por este documento é possível confirmar que o indulto a que ele se referiu foi assinado pela Presidência da República em 4 de dezembro de 1970.

***

Antonio Peticov: “o Papa do LSD”

No livro *Mundo adentro vida afora*, “autobiografia do berço aos trinta” de Antonio Bivar (2014, p.206), como diz o subtítulo da obra, o dramaturgo diz que seu xará Peticov, no momento de sua prisão no começo de 1970, era “tido como o 'Papa do LSD' em São Paulo”. Em outro trecho do livro (Bivar, 2014, p. 196), ele está falando sobre um projeto não concluído de filme que estava escrevedo com Rogério Sganzerla, logo após o lançamento de *A mulher de todos*, segundo filme do cineasta, que era amigo e frequentador da casa de Bivar. Antes de desistirem da produção do longa,

eles haviam convidado Dercy Gonçalves para estrelá-lo, passando a jantar todas as noites com ela e outros amigos no restaurante Gigeto. Peticov estaria já produzindo o cartaz para o filme, e é descrito assim por seu amigo escritor:

> Antonio Peticov, como todos, era muito jovem, mas já empenhado como artista plástico e animador cultural. Morava em cima do Gigeto. Seu apartamento era aberto feito um loft e dividido em ambientes. Era a residência de um artista jovem, organizado, sua grande mesa de trabalho com os desenhos, projetos e material. E os discos! Peticov tinha tudo que ninguém tinha. Discos importados, desde os melhores óbvios aos menos óbvios melhores, que iam do *Canned Heat* à *Incredible String Band*. E até nisso Peticov era generoso: emprestava-me discos que eu, pela eterna falta de dinheiro, nem podia sonhar em comprar. Sem peça em cartaz, eu agora vivia apenas da coluna semanal que escrevia para a revista *O Cruzeiro*, que nessa época já não ia bem das pernas.

Se Bivar descreve Peticov como "animador cultural", Rita Lee (2016, p.119) descreve-o como "sempre animado" num trecho de sua autobiografia em que está comentando a cena cultural de brasileiros em Londres, no começo dos anos 1970. Conta que encontrava o artista na rua e ele estava sempre informado sobre "tudo que rolava na cidade. A pedida para o dia seguinte era o Elton John no Crystal Palacae abrindo para o Yes". Ela também menciona Peticov em outro momento, quando está abordando uma série de shows realizados pelo grupo Os Mutantes, em Paris. Morando em Londres, "Toninho" teria ido encontrá-los levando "um vidro de maionese Hellmans cheio de Yellow Sunshines":

> Serginho não participava dessas coisas. Se a Torre Eiffel já era algo impressionante de se ver sóbria, imagine com um Sunshine na cabeça, um "Transformer voador de quinta galáxia perdida no universo paralelo do jardim do Éden, nos céus de Alice no país das cancâs".
> Passamos Arnaldo, Toninho e eu doze horas dentro da Notre-Dame sentados em profundo silêncio recebendo o Espírito Santo. Uma outra vez invetamos de tomar uma pedrinha em Versalhes e só faltou Maria Antonieta carregando uma bandeja com nossa cabeças rodeadas de brioches. (Lee, 2016, p. 102)

No prefácio do livro *Pinturas e Assemblages de Antonio Peticov* (2007), o poeta Ferreira Gullar diz que o artista é parte de "uma outra vertente da arte contemporânea, que ocupa o polo oposto àquele em que se situa o objetivismo racionalista e que reencontra a fantasia através do delírio". Depois de salientar que "a geração de artistas dos anos 70 redescobre 'a viagem' onírica dos surrealistas, com a ajuda do ácido lisérgico", alterando "sua relação com o real graças às drogas", ele aponta que no caso de Peticov "a opção pelo onírico não implica a rejeição da realidade objetiva nem tampouco da ciência e das novas tecnologias. Pelo contrário, (…) é como se todas as ideias e tendências, ainda

que antagônicas, se tornassem estímulo e matéria para sua imaginação inventadora". Para o poeta, o livro prefaciado demonstra "que estou diante de um artista em pleno domínio da sua técnica, maduro, e que, no entanto, mantém vivo dentro de si um menino ainda encantando com as formas e as cores do mundo". Quem também comenta a obra do artista é Jacob Klintowitz (2013), no livro *Antonio Peticov, Viajante*. Para ele, "Antonio Peticov talvez seja um artista surreal. Ou um artista fantástico. Quem sabe um esotérico a formalizar visualmente equações perdidas. Antonio Peticov, um realista a nos mostrar aspectos esquecidos da existência".

Animador cultural animado, artista maduro, um revelador de aspectos esquecidos da existência. Nada disso sensibilizou a mídia, para quem Peticov era, se não um traficante, no mínimo um hippie, e isso para eles não era boa coisa, ou o juiz Geraldo Gomes, que, como vimos, chegou a chamá-lo de "deprimido" e "viciado" na sentença do processo, na qual falou também, no título nono do capítulo quinto, que o artista era "o principal personagem do processo". Se talvez ele possa dividir esse "mérito" com Barry e Osmar, outras figuras centrais, como também já apontado por diversas fontes, certamente Peticov, por seu trabalho, é o mais notório dos réus.

Por ser o mais conhecido, foi também quem mais ficou relacionado ao caso, quem mais carregou o estigma de ser o primeiro traficante de ácido lisérgico do Brasil. Ao menos é o que ele acredita, tendo falado comigo, na entrevista que concedeu a esse trabalho, sobre essa questão do estigma, que ele diz ter superado "na raça":

> - Eu fiquei com o estigma, entendeu? Eu tirei esse estigma na raça, com trabalho com... Agora veja, em 1998, Copa do Mundo, o Pedro tinha oito anos, ele nasceu em 1990. Ele me liga da escola chorando, pai, tão aqui brigando comigo dizendo que você foi preso por drogas.
>
> - Os meninos amigos dele?
>
> - É. Aí eu sempre fugi da *Revista Caras*... Mas a *Caras* publicou duas páginas minhas, uma página da direita tinha um quadro sobre futebol que ocupava a página inteira. A outra página fizeram um quadro embaixo, uma foto minha e um texto desse tamanhinho onde o filha da puta, isso to falando de 1998, portanto são 28 anos depois de acontecido o fato, o cara fala assim esse quadro do Antonio Peticov, que foi preso por drogas em 1970. Quer dizer... 28 anos depois. Ele não falou as coisas que eu fiz de interessantes nesse tempo todo. Então isso me fez lembrar uma entrevista que o Paul McCartney deu em acho que em 67, 68, falando... Qual a tua má influência nos jovens a respeito do seu uso de drogas? Ele disse, meu uso de drogas é uma coisa pessoal, quem fala pros jovens são vocês. Mas é um pouco isso, a gente tem essa coisa do artista, um pouco libera, mas não libera, entendeu. Tem essa um pouco... Eu tenho certeza que tem alguns lugares que eu sou

> excluído por causa disso. Eu não tenho uma posição nada confortável no mundo das artes. Toda aquela posição que eventualmente eu possa vir a ter foi conquistada através do carinho de amigos, eventualmente da força que o meu trabalho tem pra essas pessoas, porque eu não tô no mercado secundário, é raro alguém comprar um quadro meu e revender, a pessoa compra porque comunga com aquilo que eu faço.

Entrevistei Antonio Peticov em sua casa, no fim da manhã do dia 13 de novembro de 2015. Um cachorro grande e bobalhão me recebeu, pulando e lambendo já alegrando minha chegada, seu filho ainda dormia no quarto e uma faxineira fazia a limpeza da parte debaixo da casa, próxima da Berrini, em São Paulo. Conversamos no amplo cômodo que funciona como ateliê no andar de cima da casa, por quase duas horas, que foram bastante agradáveis. Mas isso não quer dizer que tenha sido uma conversa linear ou bem organizada: agitado, Peticov esteve todo o tempo falando e fazendo outra coisa ao mesmo, seja fumando, lendo e-mails, mexendo ou falando no celular, andando, mostrando alguma coisa, mudando de assunto. Inclusive antes de começada a conversa fomos, de carro, buscar umas impressões suas em uma gráfica próxima. Foi uma entrevista, literalmente, movimentada. Isso sem falar nas interrupções de outras pessoas, presencialmente ou pelo telefone.

Peticov estava envolvido em negociações e reuniões que o deixavam claramente agitado e empolgado, pois, segundo ele, poderiam representar a transformação do imóvel onde vive em um centro cultural. “Essa casa aqui não é minha, é alugada há 24 anos. E quero tê-la, essa e as aqui do lado, pra fazer um instituto. Tá voltando o interesse das coisas de impressão manual”, contou, agregando que em sua casa recebe muitas crianças, podendo transformá-la num espaço “de arte e cultura, porque o Brasil é um arquipélago de excelência”.

Comecei a entrevista perguntando-lhe, de forma aberta, qual era a relação dele com as drogas, lícitas e ilícitas, e ele respondeu demonstrando já ter posições bem formadas, e formuladas, sobre o tema: "A minha experiência com drogas eu ainda era um bebê, quando me deram uma mamadeira com açúcar, foi a primeira injeção de droga pesada numa pobre criança, indefesa, desinformada, sem o poder de dizer nada". Na sequência, "quase que conseguiram me fazer ficar viciado em café, mas aí eu consegui escapar, já tava ficando um pouco mais espertinho, escapei", disse, antes de falar sobre maconha:

> - Depois falavam tão mal de uma tal de... até que deram o nome de má, de maconha, que eu ouvi falar certas coisas esquisitas, pra cada um que eu perguntava davam uma informação diferente. E pra algumas pessoas a explicação que davam tinha uma sombra de curiosidade, e isso pra mim se

> tornou uma realidade. Eu consegui um dinheiro, uma grande butucona de fumo, eu não sabia o que fazer peguei uma folha de papel de seda de um caderno de desenho, que não serve pra nada, não sabia nem dichavar o fumo.
>
> - Quantos anos isso?
>
> - Eu tinha 17. E lá na travessa da minha rua, numa tarde de garoa. Não deu pra fazer quase nada, mas deu um baratinho. Aí começou pouco a pouco e graças a Deus ela se tornou uma companheira dos últimos 52 anos da minha vida.

Ao falar desses períodos mais remotos, dos tempos em que não era acusado de corrupção de menores, sendo ele o menor de idade, naturalmente o entrevistado já se recordou de sua infância, passando a falar sobre isso. Relatou ter crescido "num lar batista muito rígido, meu pai era pastor e na minha casa álcool não existiu, nem vinho nem cerveja". Perguntei se nem sua mãe bebia: "não, nada. Eu lembro quando tinha ceia, o vinho era suco de uva". Um dia, curioso talvez por essa proibição do vinho, teria comprado uma garrafa e tomado-a inteira, sozinho, evidentemente passando mal depois, e esse evento o teria afastado do álcool por anos, até depois dos trinta anos.

Depois de conversarmos um pouco sobre alimentação e macrobiótica – eu disse que os temas se encadearam de forma pouco linear! - perguntei a Peticov sobre sua primeira experiência com ácido, que ele localiza no ano de 1968:

> - Primeira vez que eu tomei foi... ahn... foi aqui em São Paulo... foi em 68. Mas era um ácido que era fraquinho, não foi uma coisa... os ácidos bons que eu tomei foi quando pintou aquele sunshine.
>
> - Mas em 68 era o que, origem médica? Pois pelo que pesquisei tinha um pessoal que acessava por via médica.
>
> - O pessoal que tomou, veja bem. Em 63 eu acho... eu estava de noite lá na Mooca, lá no MMDC, uma escola pública. E lá tinha uma professora de história que foi a primeira pessoa que me falou sobre o ácido lisérgico, e ela falava com todo o respeito e...sobre a magia que era. Logo depois eu fiquei sabendo que o Wesley Duke Lee e o Mário Gruber participavam de experiências guiadas com o Cesário, o médico, mas era uma coisa distante.
>
> - Eles eram seus amigos?
>
> - Olha, eu preciso aqui revelar uma coisa muito importante. Eu morava na Mooca, a Mooca não existia, a Mooca era pra baixo da cidade. A Mooca era fora, ninguém... Então pessoalmente no mundo da cultura e da arte, quando eu consegui ultrapassar o espigão da Paulista foi assim uma

> espécie de vitória entre aspas, de conseguir ter acesso a um público que eu sempre desejei. Eu fui um adolescente muito solitário sempre fui muito curioso, lia muito mas era difícil achar uma pessoa que tivesse diálogo.

Na continuação, Peticov foi mudando o foco da pergunta e contando sobre como conseguiu uma bolsa de estudos no Colégio Mackenzie, sua relação de amizade com Jorge Mautner, a história de um professor seu demitido porque levaram o músico na escola, etc. A cada vez que mudava de assunto Peticov dizia "anyway". Para não ficar sem a resposta, aproveitei uma pausa, talvez para respiração, e voltei a perguntar:

> - Mas 68 qual era a fonte desse ácido, quem te deu?
>
> - Eu não lembro quem me deu...
>
> - Comprimido?
>
> - Era comprimido, cor de rosa.
>
> - E nem foi uma onda tão...
>
> - Não, nem foi tanto.
>
> - E você já tinha informação do que era o ácido, do...
>
> - Claro, claro.
>
> - Mas você tinha amigos que se interessavam, como era isso? Porque eu fico pensando como era essa situação de experimentar algo completamente novo, que não existia, diferente de hoje em que você experimenta algo que sabe o que é, tem uma história, pode pesquisar.
>
> - Eu fazia parte de uma elite underground de São Paulo. Ligada à música, ao rock and roll. à Jovem Guarda. O pessoal que gostava de curtir o rock foi uma grande decepção, porque finalmente temos um programa de rock mas era um programa domesticado, Ie-ie-iê, uma babaquice sem tamanho. Com o rei Roberto Carlos comandando. Então eu comecei a juntar o pessoal que fazia rock de verdade, e fiz dois shows memoráveis no auditório da *Folha de São Paulo*, você sabe disso?

Não, eu não sabia, e nisso fomos embora conversar sobre Os Mutantes, e outras bandas com as quais ele se envolveu, como produtor e empresário. Esse show que ele menciona foi em 1969. Contou depois também que trabalhou numa loja de discos na Galeria Metrópole, no centro da

cidade, local que também era ponto de encontro de hippies. Perguntei então se ele se considerava hippie naquele momento:

> - Já sim, claro, claro. Tinha uma afinidade no ar, tinha uma familiaridade.
>
> - E as outras pessoas já te consideravam hippie também?
>
> - Claro. Porque eu tinha... pera um pouquinho... [mexendo no computador pra mostrar uma revista, acaba entrando no e-mail]... Porque eu tinha uma atitude... Antes eu era beatnik. Eu comecei com a contracultura europeia, com a Novelle Vague, eu vi toda a Novelle Vague. [Mostra no computador alguns pôsteres que fez] Isso daí foi pra um festival que fiz na Itália, em 63. ...(...) Eu fui em San Francisco em 69 já tinha terminado tudo, já tinha virado um business. Tinha uns crioulinhos na esquina, de terno, limpando a unha, eram os drug dealers, era tudo assim barra pesada. No começo era love, tudo legal, depois começou a ficar tudo muito barra pesada, tudo virou business, tudo marca.

Perguntei quando ele foi para os Estados Unidos pela primeira vez e ele respondeu que em 1969. Isso foi depois dele ter viajado junto com Os Mutantes para Cannes - "dormi no quarto no chão" - , logo após tendo ido para Londres e depois aos Estados Unidos: Nova York e depois Califórnia. Seguirei transcrevendo a conversa para não perder nem o ritmo nem a noção de como ela, facilmente, podia escapar para qualquer assunto.

> - Foi lá que você virou hippie de vez?
>
> - Não, não... Eu já era, já vivia... Em 66, 67 já... já.. Quando eu fiz a Poster Shop [loja que teve na Rua Augusta, aberta em 1969] ali era um centro de hippies em São Paulo.
>
> - Quem que eram esses hippies de São Paulo, isso eu queria te perguntar, quem eram, eram muitos, poucos...?
>
> - Ah, tinha de tudo. Geralmente os caras de alta burguesia tinham seu negócio próprio, era tudo neguinho que viajava, cara que tinha acabado de voltar de São Francisco, roupas fantásticas que comprou lá, tinha grana. A gente, o pessoal, não tinha muita grana, a gente não fotografava, não tinha máquina fotográfica, era diferente, era uma vida muito simples, tecnologia, tudo.
>
> - Mas eram de classe média? Ou tinha também pobres?
>
> - Classe média de vários níveis né. Tinha de tudo, tinha de tudo. Porque eram... eram poucos os grandes encontros. O pessoal do teatro, do Oficina... Teve um cara muito importante, um aglutinador, o Agrippino, o José Agrippino, você já ouviu falar dele né.

- Sim.

- O Agrippino foi uma pessoa importantíssima, e põe importante aí cara. Ele fudeu a minha vida em termos de teatro, porque depois dele, olha, eu já de li de tudo, mas ele permaneceu como o nível mais alto, fazia um teatro de altíssima qualidade e criatividade, sem condições econômicas. Quando cheguei na Itália fiquei muito feliz porque o pessoal da" arte populo" tinha muito, eram os preceitos que norteavam o pessoal por aqui, o Zé Celso, o Teatro Oficina, o pessoal era muito ... e e e... com o fator ainda regime militar, isso agravava. Você sabe da minha história com o Costa e Silva na abertura da Bienal de 67?

Assim, de uma pergunta bem objetiva sobre a classe social dos hippies paulistanos passamos para digressões sobre arte italiana, Teatro Oficina e depois já vem a introdução de outra história, no caso a intervenção performática que Peticov fez na mencionada Bienal, que contava com a presença do General em sua abertura – a quem o artista entregou flores, num gesto que, se era provocativo, acabou caindo mal entre algumas pessoas da esquerda. O que às vezes fazia a conversa voltar ao chão, por incrível que pareça, eram as interrupções. Porque depois delas eu conseguia retomar alguma pergunta mais objetiva, como foi o caso quando, no meio desse assunto da Bienal, tocou o telefone e Peticov atendeu. Na volta, perguntei de novo sobre as informações disponíveis sobre drogas no momento:

- Uma coisa que eu tenho perguntado pra todo mundo também é em relação à questão das informações, porque hoje em dia temos muita informação sobre ácido mas naquela época não. Eu vi no *Lóki,* aquele documentário, falando que Os Mutantes iam pro sítio e levavam sei lá 200 ácidos, isso mostra talvez que não se tinha muita noção né.

- Isso aí foi depois. Antes não tinha ninguém, não tinha ácido, era muito difícil achar ácido por aqui. Era muito rarefeito, tinha que buscar longe. Agora, existia informações nitidamente claras e não preconceituosas que serviam pra caralho. Aqui o assunto é outro, não é eu que to falando, tinha maneira de você pesquisar as coisas. Havia informação. E quem levava 300 pro sítio era um babaca! E quer dizer, não levava pro sítio 300 nem fudendo!

- Bom, isso é o que diz no filme... Mas a sua fonte de informação qual era?

- Era muito variada. Pessoas.... Veja bem... Na Antiguidade as pessoas se reuniam em volta da fogueira e quando um falava, quando ia embora, as pessoas sabiam tudo que o outro tinha falado. Você tinha que... você dependia daquilo, não tinha outro jeito.(…)

- Não era assim que usava no escuro então.

> - Não, quem queria saber achava. Tem tal pessoa que é séria, ela te indicava, passava um livro. Por exemplo, na casa do Caetano, em 1968, foi a primeira vez que eu ouvi falar a palavra ayahuasca.

A entrevista foi interrompida por uma visita, que aparentemente chegou sem avisar. Eles foram conversar em outro cômodo, mas o gravador ainda registrou Peticov contando pra sua visitante que estava "dando uma entrevista muito legal". Passou um tempo conversando com essa pessoa, e quando voltou começamos uma espécie de segunda parte da entrevista, já que, percebendo que o tempo estava passando e que Peticov poderia a qualquer momento receber outra visita ou interferência, decidi perguntar especificamente sobre o episódio da prisão em janeiro de 1970.

Peticov começou relatando que passou nove dias preso na delegacia, antes de ser transferido à Casa de Detenção do Carandiru. Fiz uma cara de "nossa", ou "vish", ou de alguma outra interjeição próxima do terror, mas o artista afirmou que a ida ao temido presídio na verdade para ele foi "um alívio", devido tanto à superlotação da cela na delegacia, onde estavam em 39 pessoas e dormiam revezando porque não cabiam todos nem no chão, quanto à tortura. Depois de contar sobre as distintas celas e pavilhões nos quais ficou quando preso ali, Peticov falou sobre como, posteriormente, Russinho favoreceu o seu pedido de habeas corpus, e sobre como deixou o país antes mesmo do fim do processo – e por mais de uma vez ainda por cima:

> - Mas só pra dizer, a segunda vez que eu saí foi porque o Angelino Moliterno, esse cara o Russinho, contra uma grana, ele abriu um detalhe do processo não sei se você sabe disso...
>
> - Não fica tão claro ali no processo o que aconteceu, ele não tava na sua prisão?
>
> - Não tinha o nome dos quatro caras que foram ali me prender.
>
> - Ah isso eu vi, e a pessoa que assinou que foi não foi, não é? Eu achei até que isso tinha sido suborno.
>
> - Foi suborno pra abrir isso. Aí isso foi em março, em julho eu fui embora, eu consegui um visto de saída. Hoje você pode ir pra qualquer lugar que você quiser... Eu saí e inclusive eu saí duas vezes, eu quis voltar... O negócio é o seguinte, eu saí no fim de março, de 70. No dia 9 de junho eu conheci uma moça, depois de 22 dias casei com ela no civil e no religioso.
>
> - Você conheceu ela onde, fora?
>
> - Não, aqui, conheci em São Paulo. Em junho conheci essa menina, no dia primeiro de julho casei com ela, dia dois é meu aniversário e dia três nós mudamos pra Londres. Depois de uma semana lá

> a gente brigou, ela quis anular o casamento, eu trouxe ela de volta pra cá, me arriscando a ir em cana... Ainda não tinha o processo terminado, isso tava... Aí entreguei ela pra família dela, consegui uma passagem e voltei de novo. Aí fui e não voltei mais.

Segundo o artista, essa sua ida para Londres "foi muito interessante". Ele teria chegado às seis da manhã, carregando apenas uma "bolsinha de roupa e cento e vinte e poucos dólares. Fui lá sem saber meu futuro". Ao chegar, procurou por Gilberto Gil em sua casa, e não encontrou, procurou por Caetano Veloso e também não, tendo se dirigido então à casa do empresário dos dois, que avisou a ele: "foi todo mundo pra Ilha de Wight, num festival".

> Onde é que é? Ele falou não sei, vai na Victoria Station e pergunta. Eu tinha 24 anos completos aquele dia. Segui a multidão, peguei um trem até Southampton mais um barco, e aí quando chegava na ilha de Wight tinha uns ônibus verdes que te levavam até o lugar do festival. Quando chego lá no lugar do festival, tinha tenda a perder de vista, tinha 600 mil pessoas. Como é que eu vou achar os caras aqui? E achei em menos de 24 horas.

Perguntei quem estava tocando no festival, e Peticov me disse que diria apenas um nome: Jimi. Disse também que tomou ácido lisérgico todos os dias que esteve lá, "de manhã e de tarde, o que pintasse". O Festival da Ilha de Wight ocorreu entre 26 e 30 de agosto de 1970, e foi a última grande apresentação de Jimi Hendrix, que morreria poucos dias depois, em 18 de setembro.

***

Osmar Ludovico da Silva: traficante, hippie, pastor

Como mencionado anteriormente, um dos documentos que constava do processo era um pedido de Osmar Ludovico, de 1978, para que sua ficha fosse "limpa" de seus antecedentes criminais, ou seja, da condenação no processo aqui em questão. Comentei com Antonio Peticov, no dia que o entrevistei, que tinha visto esse documento, e ele disse: "Virou pastor o Osmar, é um cara fantástico". Falei que inicialmente achei que era mentira essa história da conversão, sendo mais uma justificativa pro pedido, mas o artista disse que não, que era verdade e que "o Osmar é um cara que eu tenho por ele um amor e um carinho raros", "é uma pessoa maravilhosa". Como, para variar, logo depois Peticov já emendou outro dos muitos assuntos de nossa entrevista, não voltamos a falar sobre isso e eu tinha apenas essa informação sobre Ludovico após o processo, que tinha se convertido.

Buscando na Internet acabei encontrando relatos sobre palestras e também livros dele sobre espiritualidade, meditação. Entrando em contato com a editora, consegui seu e-mail e marcamos uma entrevista, que foi feita em seu apartamento, próximo da Avenida Paulista, no dia 1º de novembro de 2017. Osmar estava terminando os detalhes de sua mudança para Portugal, onde passou a viver a partir do começo de 2018. Tinha então 72 anos.

Fiquei com uma lembrança boa da conversa e de Osmar, que me recebeu muito bem mesmo nesse momento atribulado de burocracias, me mostrou fotos antigas e até seus (vários) passaportes. Quando ele me mostrou uma pasta cheia de recortes de revistas e jornais da época do caso, que foram guardados por seu pai enquanto ele estava preso, chorei por dentro pensando "que merda que não trouxe nada pra tirar foto desse tesouro". Pra minha surpresa ele nem pestanejou quando falei isso de um jeito mais fino pra ele, e me deu todo o seu arquivo pessoal, que serve de fonte nessa tese. Além de tudo ele já havia me indicado um livro que também foi outro ótimo achado, como comentarei a seguir, ou seja, um cara prestativo e gente boa. Durão, de postura corporal firme, quase militar, fala grosso, devagar, desconfiado, mas sem nenhuma agressividade ou maldade.

Continuo achando isso, óbvio. Mas ouvindo as gravações da entrevista, percebo uma tensão forte que eu tinha esquecido. Não sei se vinha dele, ou de mim, ou se eu senti-lo tenso me deixou mais tenso, mas o fato é que na gravação ele fala pouco, e eu muito, ao menos muito mais do que agora penso que deveria, talvez agora já mais entendedor de seus silêncios, ou ao menos mais acostumado a eles. Talvez eu estivesse tentando ser simpático, penso ouvindo hoje, na hora imagino que estava só dando meu máximo pra fazer ele falar. Porque ele não falava muito, ao menos em boa parte da entrevista, quem sabe sua metade inicial. Parecia desconfiado, não sei se tinha entendido direito o que eu queria saber, mesmo tendo perguntado e eu tendo explicado. "Afinal por que raios alguém quer saber disso?" me pareceu que ele podia estar pensando, e mesmo que não evitasse nenhuma resposta também não desenvolvia nada. Sobretudo as perguntas mais pessoais, as mais gerais, sobre a época e sobre sua geração, ele falou mais, principalmente no final.

Por outro lado, também me pareceu, desde o começo, que ele se desarmou um pouco por conta de minha aparência, postura, até idade, apesar dela já não ser tão pouca. Creio que aconteceu com ele algo que também senti em alguns dos outros entrevistados, que foi uma certa identificação, um sentimento de que de alguma maneira ele já foi como eu, já foi assim, digamos, mais desleixado. Ou despreocupado, se quisermos pegar mais leve comigo mesmo. Não só uma identificação mas também, talvez, exista uma percepção de que há de minha parte algo de recíproco nisso, uma admiração minha por essas pessoas que viveram um tempo que não vivi mas fazem coisas que eu

fiz, faço, quero fazer – não necessariamente estou falando de tráfico internacional, que fique registrado. Creio que isso ajudou a que seguíssemos, que ele enfrentasse a conversa, por mais que estivesse visivelmente desconfortável não comigo, mas com o assunto em questão. E não só nas questões onde isso poderia ser mais óbvio, como as que envolvem prisão e tortura. Em dado momento, ele explicou, e explicitou, essa questão, quando falava do consumo de drogas na juventude: "mas isso faz mais de 50 anos, então é uma parte da minha vida que é difícil de acessar essa memória, minha vida já mudou tanto, foi indo, foi indo.... e eu não falo sobre isso".

> - Nem nas palestras que você dá, isso não é um tema? A conversão e tal?
>
> - Se eu to numa roda de gente que usa, ou to conversando com alguém que usa, daí eu posso contar, eu conto. Mas se não, não.

Mais adiante na conversa, quando já tínhamos falado de muitas outras coisas, ele explicou melhor essa opção por não tocar no assunto, após eu ter feito uma pergunta sobre o desenvolvimento de sua igreja, cujo surgimento comentaremos adiante:

> - Foi desenvolvendo [a igreja]. Eu fui pro Rio começar uma igreja lá. Depois eu fui me afastando dessas ideias, casei... Minha mulher é francesa... Filhos, fui estudar teologia... Aí fui... claro, hoje conversando com você aqui é um esforço enorme, parece que nem aconteceu. Faz cinquenta anos, não, faz pouco menos que cinquenta anos, eu tinha vinte e pouco anos, to com 72. E eu nunca me interessei porque, vamos dizer assim, eu já tive editora me pedindo pra escrever livro e eu falei não.
>
> - Mas isso pra não se tornar público ou pra não ficar mexendo nessas histórias?
>
> É, eu não quero mexer com isso. Ter que conversar sobre, fazer palestra sobre isso, dar entrevista, eu não to a fim. Até porque por isso, era um mundo interessante, desperta um interesse. Então, assim, logo que eu me converti eu ia contar essa história em algumas igrejas e perguntavam e aí como é que era isso, você tava no Woodstock, não sei o que.... Despertava um interesse, como você tá interessado nesse momento. Então você imagina que.... era um mundo diferente.
>
> - E você hoje tem interesse de iluminar outras questões?
>
> Sim... Mas tem... Claro, eu continuo sendo a mesma pessoa, eu não sou outra pessoa. Então eu, por exemplo, dentro da igreja eu tenho uma postura até alternativa dentro da igreja, sou conhecido mas eu não to no mainstream, eu não to na instituição. E eu trabalho muito com meditação cristã, eu estudei muito a monástica, esse período, a meditação, a contemplação... Eu faço aquilo que tá no meu DNA, mas dentro de uma moldura das escrituras e da história da igreja.

> - Que talvez tenha relação com essas suas buscas anteriores, vida em comunidade, etc.
>
> - Tem, tem. Porque a meditação ela altera a consciência, ela dá um baratinho. Quem medita mesmo, fica mais zen, não na agitação na correria, no tempo cronológico, é uma outra coisa.

Por esse trecho da conversa, vemos então que o passado de Osmar não o incomoda, mas também não é algo presente em sua vida, ele o deixou para atrás. Principalmente por conta da conversão religiosa, da mudança que isso acarretou em seu modo, e em seu meio, de vida. Essa história pode ser contada através dos recortes que o próprio Ludovico generosamente me deu. Neles há reportagens não só sobre a prisão aqui comentada, de janeiro de 1970, como também da outra detenção, no Líbano, quando ele conheceu Barry. Há ainda material sobre atividades realizadas já depois da conversão.

Um desses preciosos recortes é da Revista *O Cruzeiro* de 30 de março de 1968, onde há uma reportagem sobre a primeira prisão de Ludovico. Com fotos do "caderninho" dele ocupando mais de metade da página, e manchete de "Haxixe para minha amada", o texto é curto, com só dois parágrafos, e tom jocoso:

> Contrabandista internacional geralmente tem nome complicado. Pelo menos contrabandista que se preze. Nome de gringo. Ou de grego, com muitos kk e muitos ss. Ou, no máximo, um sonoro nome italiano. Além disso, o apelido *de guerra*, curtinho, fácil de sibilar no escuro, chave mágica para receber a muamba, de onde quer que ela venha. Todo mundo sabe disso. Acontece, porém, que um dia entra brasileiro na história, e a coisa vira piada. Como nesta notícia, que vem de Beirute, Líbano: "Osmar Ludovico da Silva, Rua Padre Chico, Vila Pompeia, São Paulo, é um dos dois latino-americanos presos aqui, sob a acusação de pertencerem a uma quadrilha internacional de contrabando de tóxicos". Com este nome sem mistério, Osmar Ludovico da Silva foi preso com 13 quilos de haxixe (uma espécie de maconha) em seu carro. Mas, para completar a piada, Osmar ainda botou banca com a polícia de Beirute:
> - Essa muamba aí era um presente que eu ia levar para a minha namorada, a Katuzkah, uma dançarina de um night-club dinamarquês. Eu não me passo pra esse troço. Eu sou mesmo é do LSD.

Impossível saber como, com tamanha distância, a reportagem teve acesso a esses supostos depoimentos de Ludovico. A foto que ilustra a matéria foi enviada por uma agência internacional, que talvez tenha enviado junto o texto, ou partes dele. O fato é que ele confirma essa prisão, confirmando também que a intenção era levar esse haxixe e vendê-lo na Europa, onde já vivia há cinco anos. O que é bem diferente de dizer que se tratasse de uma quadrilha internacional, ou algo próximo disso, como apontou o atual pastor na nossa conversa:

> - Na Dinamarca eu comecei a buscar haxixe no Oriente Médio. Mas era usuário, não tinha... Gastava tudo, o que entrava gastava.
>
> - Era mais pra financiar viagens?
>
> - E haxixe o custo-benefício não é.... É uma droga volumosa, não é tao cara e.... Então não é...
>
> - E você ia mais por você ou tinha um grupo?
>
> - Tinha umas pessoas, umas meninas. Mas não era uma organização, não. E todo o tráfico de drogas nessa época era feito assim, um quilo, dois... Na mala, no carro... Uma coisa assim. E ia de carona, voltava... Consumia grande parte disso. Então, não era um tráfico organizado, não.

O Estado de S.Paulo também noticiou essa prisão de Ludovico, em sua edição de 7 de março de 1968, com uma pequena nota intitulada "Um brasileiro traficava ópio", errada, portanto, desde seu título. "Osmar da Silva, de 25 anos, procedente de São Paulo, Brasil, foi detido quando, em companhia de um uruguaio, tentava contrabandear treze quilos de ópio no tanque e no painel de instrumentos de seu automóvel. Osmar tinha um mapa da Interpol, no qual estavam assinaladas as zonas onde é cultivado o ópio", diz o texto.

Na entrevista, Osmar relatou que, mesmo diante dos treze quilos, sustentou até o fim que era usuário na audiência que teve com o juiz responsável por seu caso. Disse que o magistrado até riu quando, questionado pela grande quantidade da droga, ele teria dito: "E vocês acham que eu vou ficar indo e voltando todo dia?". O fato é que ele acabou, de fato, sendo condenado como usuário, e encaminhado a uma espécie de manicômio judiciário. Foi lá que conheceu Barry Holohan, que também tinha sido preso pelo mesmo motivo. "Daí eu vim pro Brasil, com a ideia de levar cocaína pra Europa. Ele tava na Califórnia. Enquanto eu tava aqui a gente tava em contato, aí eu disse traz LSD pra cá porque tem demanda e não existe. Depois a gente volta com cocaína pra Europa", contou.

Segundo o relato de Osmar, o LSD era "pouco conhecido" no Brasil, "mas nessa cena do pessoal que usava droga, era". A sua remessa teria sido "a primeira vez que chegou no Brasil, foi a primeira vez. Era uma droga muito nova, era nova". De acordo com ele, o ácido ("Califórnia sunshine") veio em cápsulas, e eles trouxeram cerca de mil doses, "um punhado assim". Perguntei-o sobre a prisão de Peticov, e observe-se ao final como ele interrompe o assunto, visivelmente desconfortável, e me pergunta sobre o que eu queria conversar – sendo que já havia se passado 16 minutos de gravação

da entrevista, fora o tempo que conversamos antes de eu ligar o gravador.

> - E como foi, ele [Peticov] preso já foi preso todo mundo, você lembra?
>
> - Foi.
>
> - Não no mesmo lugar né?
>
> - Não. Porque daí, na cena da droga aqui em São Paulo, quando o LSD chegou o pessoal ficou sabendo. Porque era muita bandeira. E aí era uma questão de honra pra eles, então eles foram atrás. E foram pegando, torturando, torturando. até chegar.
>
> - Então antes do Peticov já tinham ido atrás de gente pra chegar nele?
>
> - Tinha umas boates assim, uns lugares que o pessoal se encontrava na Rua Augusta, tinha uns antros onde a droga rolava. Mais noturno tal...
>
> - E na hora da prisão você foi pra delegacia ou Casa de Detenção?
>
> - Não, delegacia. Ali onde é o DOPS. Não... Como é que chama aquele lugar, Palácio da Polícia. Perto ali do comecinho da Avenida Ipiranga. Mas o que você queria conversar?

Vemos por essa fala de Ludovico o que também fica muitas vezes explícito, outras só implícito, nos depoimentos e testemunhos do processo judicial aqui em questão, que a estratégia "investigativa" da polícia neste caso baseou-se, quase que totalmente, na tortura. Torturavam os presos para que ou assumissem o consumo ou compra do LSD ou entregassem mais nomes, ou localização de pessoas, para que fossem efetuadas novas prisões. Quando elas ocorriam, novas torturas para novas confissões e novos nomes.

Sobre John Emery, Osmar disse não saber muito, disse suspeitar que talvez ele fosse o financiador da operação. Sabe apenas que era inglês e amigo de Barry, mas não era hippie, "andava de terno, era meio mafioso". Outro dos réus que ele conhecia era José Gaspar Vaz Ribeiro, que Osmar afirma ter morrido há alguns anos atrás. "O Gaspar era usuário de droga desde 15 anos... História com a maconha", apontou. "Essa geração minha, que tinha 15, 16 anos na época, foi a geração que trouxe a maconha pra dentro da classe média, porque era um negócio meio restrito assim aos cortiços, aos afrodescendentes, à boemia, assim do baixo meretrício, não tinha estudantes".

Depois do período na delegacia, Osmar foi enviado para a Casa de Detenção, junto com Barry, com quem tiraria mais um tempo de cadeia junto. Neste caso, os dois entraram e saíram ao mesmo tempo, tendo sido os últimos entre os réus a ganharem liberdade, em dezembro de 1970. Foi durante essa segunda prisão, que não só Osmar mas também Barry (que na verdade foi o primeiro) se converteram, o que mudaria para sempre a vida de nosso entrevistado. Em suas palavras, o que aconteceu foi o seguinte:

- E quando você esteve preso esses outros réus estavam com você?

- O Barry. Um ano aqui na cadeia. A gente saiu junto com o indulto de natal.

- E aí quando você saiu como foi, o que aconteceu?

- Bom, eu tava com a ideia de voltar pra Europa mas aí [inaudível porque passou um avião]. Eu não tinha nem razão, hoje você entrava com mandato mas naquele tempo... Eu tentei... E aí foi quando eu me converti. Porque o Barry se converteu antes. Porque o Peticov é filho de pastor, e o pai do Peticov era um pastor conhecido da Igreja Batista. E quando a gente foi preso, a gente ganhou umas bíblias lá, e um missionário norte americano evangélico, a pedido do pai do Peticov, que falou que tinha americano lá e tal ,que não falava português, ele começou a visitar o Barry. Todo domingo ele ia lá.

- Por que ele queria falar inglês, ter alguém pra conversar?

- Isso.

- E o Barry se converteu então já preso, e você? Você era ateu?

- Eu tinha uma busca né, esotérica. A droga nessa época pros hippies tava muito ligada a uma coisa transcendente, mística de busca...

- E pra você também?

- Pra mim também, pra mim muito. Era paz e amor, essa coisa... Era de Aquarius. E meu interesse muito grande pelos gurus da Índia, muita gente foi pra Índia nessa época, Nepal. Todos esses códigos, esses sinais, tavam entre nós, uma coisa da geração.

Na entrevista, Osmar contou que sua ida para Europa foi “para conhecer o mundo, meio pé na estrada mesmo, on the road”. Soube do Golpe de 1964 através de jornais na Suécia, onde estava naquele momento. Questionei-o sobre esse momento e, como se pode ver na sequência, ele opinou sobre quais foram as causas da operação policial contra eles, e também sobre como ele via, e vê hoje, retroativamente, essa punição que eles sofreram:

- E aí, como você foi pra Europa antes do golpe, seu contato com a ditadura foi mais depois?

- E tava na Suécia né, lembro da Suécia. Passei numa banca de jornal e vi Brasil e uns tanques, pensei que será que tá acontecendo? Mas eu vi que... Aí quando eu voltei também... Tava em

plena ditadura. Mas eu não tava, eu tava numa outra... Mas a ditadura tava brava.

- A pior fase.

- Esquadrão da Morte, desaparecimentos...

- Você passou pelo sistema prisional no período mais duro da ditadura, pior época do mundo pra estar preso.

- Tinha uns caras que falavam isso, que era parte de um complô internacional pra destruir a juventude brasileira. E o DOPS né... [silencio longo] E os policiais eles achavam muito engraçado porque eles sabem o que é bandido né, então aquela garotada tudo dando risada, eles algemavam e metiam tudo no camburão... Um negócio... E achacavam né... Pai tinha que buscar lá...

- Imagino que o foco tava mais nas organizações de esquerda do que nos usuários.

- É, e na bandidagem, já tinha alguns bandidos assim assaltante, tinha estelionatário... Mas a polícia que tava atrás da subversão era uma outra policia né, não era policia civil era.... Era uma conjugação de uma polícia política, que era o DOPS mais Exército, Marinha, Aeronáutica... todos eles tinham um...

- E no caso de vocês eles não tentaram subornar vocês quando foram presos?

- Não. Não porque.... Também não.... Eles queriam faturar, saiu no jornal, todos policiais saíram no jornal, caso midiático. Até porque tinha... Eu nessa época era professor de inglês, então divulgou professor de inglês, artista plástico, o norte-americano, então tinha tudo... Era midiático. E era a primeira vez que tinha LSD, visibilidade pros caras. Quantos caras iam sair numa revista daquela, o Russinho ia sair na Manchete? Manchete e O Cruzeiro, então foi...

- E entre as pessoas ficou famoso o caso na época, entre os jovens, tal?

–[Pensa um pouco] Não.

- Foi mais mídia?

- É, não... Porque é noticia que... Que morre rápido. No dia seguinte já tem outra coisa. Só fica... Só cria visibilidade se fica se arrastando, toda semana tem notícia nova. Senão prenderam, pô, acabou, dia seguinte a vida continua e ninguém fala disso. Já tinha outros casos. Então não deu... nem...não tinha como...

- E parece que o interesse deles era mais fazer a prisão e tchau, queriam aquele momento.

> - Pra eles foi uma prisão importante isso. Pra gente não... Assim... Se for comparar com o delito né... A gente não era ladrão de banco, não era assassino, mas deu manchete como se fosse.
>
> - Mais até. Mesmo os valores envolvidos não era nada demais.
>
> - Era midiático...Você não ficou sabendo? Senão fosse, você não ia nem saber, se eu tivesse assaltado alguém na rua ia acabar lá, ninguém ia nem...
>
> - E eles tão pegando uma coisa menor como se tivessem atacando e na verdade estão dando mais interesse. Até pro futuro, deixando tudo registrado lá ne...
>
> - É, em termos da... do alcance do crime do....dos efeitos, do dano. É zero.
>
> - Ficaria entre vocês, ninguém saberia que tinha LSD, a maioria que não devia nem saber agora vê no jornal...
>
> - Ah, já era, a pessoa já sabia que tinha pessoal. Mas só nos Estados Unidos, na Holanda. E aí tinha o Bivar... não sei se é porque o Peticov vendia pro pessoal. Os Mutantes, a Rita Lee, o Bivar... Tinha um outro grupo que chamava Os Incríveis. Era uma farra, era farra, não era crime. Ninguém nunca se machucou, ninguém se feriu, ninguém foi aviltado em sua dignidade. E eram drogas assim que... o grau de dependência era muito pequeno, não é como o crack, a heroína, que o cara usa duas vezes e passa a usar todo dia.

Osmar e Barry foram soltos no final de 1970, e o australiano foi deportado. Perderam o contato. Um ano depois de solto, Osmar funda a Comunidade de Jesus, uma igreja presbiteriana. Seus primeiros fiéis, segundo ele relata, foram arrebanhados entre jovens hippies e ex-hippies, alguns deles também presos: “o início eram todos bem malucos”. “E eu tinha uma palavra muito forte pra dizer não às drogas e começar uma vida nova”, complementa.

No material que Ludovico me deu, há duas notícias exatamente sobre essa conversão. Ambas de 1971. A primeira foi publicada em 11 de março, em *A Gazeta*, e tem o título de “Jesus Cristo, eu estou aqui!”. Segundo o artigo, “tudo começou aos 16 anos”, quando Osmar precisava estudar para uma prova e, para isso, tomou Pervetin – a partir disso teria ficado “viciado”. Aos 18, começou a trabalhar, “mas as suas amizades eram com toxicômanos”: “experimentou maconha e desde então não passava sem o pacau. Aos 19 anos estava envolvido com drogas e prostituição”.

Como nem as drogas nem as mulheres o satisfaziam mais no Braisl, segundo o texto, viajou para a Europa, onde os problemas teriam começado quando o dinheiro começou a acabar. “Tinha que

tomar uma decisão: trabalhar honestamente ou partir para a barra pesada. Optei pela última", declarou ao jornal. Integrando o movimento hippie, em Paris, teria se tornado o intermediário de um "traficante libanês" e "com isso ganhou muito dinheiro". Teria experimentado LSD, heroína "e outras drogas". A ida ao Líbano seria "o ponto alto de sua carreira de traficante", mas acabou em prisão, primeiro lá e depois no Brasil, em 1970.

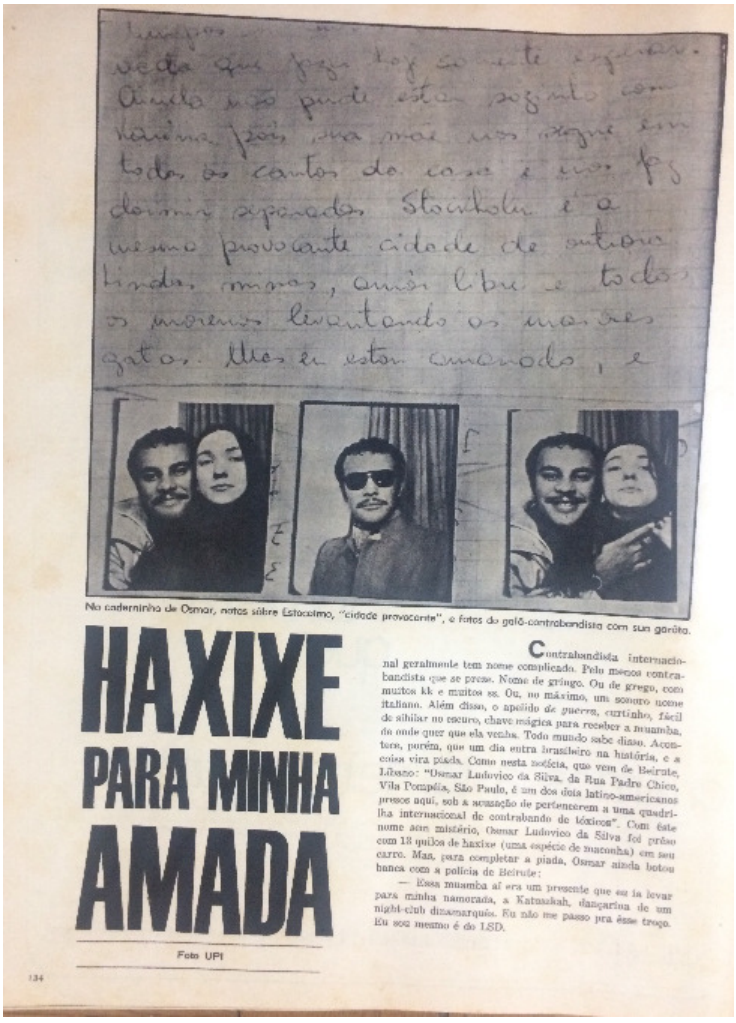
O jornal diz que ele e Barry ficaram quase um ano presos no Brasil, e nomeia o visitante que converteu nossos dois personagens: George Theis, "diretor dos clubes bíblicos Palavra da Vida". Segundo o texto, eles teriam combinado que, ao sair da prisão, iriam voltar para Europa e continuar seus planos de comerciantes de drogas, mas que, por conta da conversão, o australiano teria desistido dos planos. Diferente da versão que me contou Ludovico, de que Barry teria sido deportado e imediatamente deixado o país após a soltura de ambos, no natal de 1970, segundo o texto ele foi visitar o acampamento Palavra da Vida, em Atiabaia, para onde Osmar também se dirigiu a fim de se despedir do amigo. Gostou, e acabou ficando por lá os meses de janeiro e fevereiro de 1971. Sairia convertido. "Osmar vai ser missionário. E tem mais. Omar quer trabalhar justamente com toxicômanos", conta *A Gazeta.*

Já o outro artigo é um pouco menor, e foi publicado pela *Folha da Tarde* de 12 de maio de 1971, com manchete "Das drogas ao evangelho de Jesus Cristo". O texto diz que Osmar visitou a redação do jornal "demonstrando ótimas condições de saúde, com aspecto bem diferente do jvem de rosto macilento e olheiras profundas que foi apresentado à imprensa há um ano atrás". Também pudera, aquele jovem apresentado não era apenas um "viciado" como tinha sido preso e torturado, mas, ok, o jornal atribui isso às drogas. Ao seu lado, em vez de um policial estava George Theis, e debaixo do braço ele "conduzia uma bíblia em vez de um pacote de drogas", relata o material, assinado por Carlos Pizarro. No canto da página uma foto, dele e de Theis, que, de terno, cabelo à la JFK, parece um agente secreto de filme estadunidense. A história contada é basicamente a mesma, com o detalhe diferente que Osmar diz que, quando foi para o acampamento encontrar Barry, buscava dissuadi-lo dessa nova opção e trazê-lo de volta para a vida antiga. Acabou acontecendo o contrário.

Aparentemente, sequer a polícia política brasileira inicialmente acreditou nessa conversão de Osmar. É o que se pode observar consultando seu prontuário do DOPS, disponível para consulta no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Nele, há um "pedido de busca" de 5 de outubro de 1971, confidencial, emitido pelo DOPS de Santos: "consta que o indivíduo Osmar Ludovico da Silva compareceu dia 5 de agoto passado, no Colégio Estadual e Escola Normal de ITANHANHEM/SP, sendo introduzido na sala de aula, onde fez um ligeiro relato de sua vida particular, como introdutor

de entorpecentes no Brasil e outros fatos criminosos". O documento solicitava: a) veracidade do informe; e b) outros dados julgados úteis. Em 9 de novembro de 1971, a "seção de informações" da "Delegacia de Ordem Política e Social/ Derex" respondeu, dizendo não ter encontrado Osmar "na área de ação desta delegacia", mas que depois investigou que ele é membro do instituto bíblico Palavra da Vida. Osmar não seria mais vigiado ou incomodado pelo regime a partir de então.

Um último documento do arquivo pessoal de Ludovico que cabe mencionar diz respeito não a ele, mas a José Gaspar Vaz Ribeiro. Trata-se de reportagem do *Correio do Povo,* jornal de Porto Alegre, de 23 de novembro de 1972, intitulada "'Contatos de Alto Nível' Eram Traficantes de Entorpecentes", assim, tudo em maiúscula mesmo, que nem nome de disco. O texto relata que, "em movimentada diligência", a polícia da capital gaúcha prendeu José Gaspar, 28 anos, junto com Armando Varizo, gaúcho de Santa Maria, 25 anos. Ambos "mascarariam" suas atividades de traficantes ao fingirem ser "contatos de alto nível" no mercado financeiro, e seriam elementos "dos mais perigosos". A prisão anterior de Ribeiro em 1970 é citada, inclusive com o nome de Peticov e Ludovico sendo mencionados.



No caderninho de Osmar, notas sôbre Estocolmo, "cidade provocante", e fotos do galã-contrabandista com sua garôta.

HAXIXE PARA MINHA AMADA

Foto UPI

134

Contrabandista internacional geralmente tem nome complicado. Pelo menos contrabandista que se preze. Nome de gringo. Ou de grego, com muitos kk e muitos ss. Ou, no máximo, um sonoro nome italiano. Além disso, o apelido *de guerra*, curtinho, fácil de sibilar no escuro, chave mágica para receber a muamba, de onde quer que ela venha. Todo mundo sabe disso. Acontece, porém, que um dia outro brasileiro na história, e a coisa vira pasta. Como nesta notícia, que vem de Beirute, Líbano: "Osmar Ludovico da Silva, da Rua Padre Chico, Vila Pompéia, São Paulo, é um dos dois latino-americanos presos aqui, sob a acusação de pertencerem a uma quadrilha internacional de contrabando de tóxicos". Com êste nome aos mistério, Osmar Ludovico da Silva foi preso com 18 quilos de haxixe (uma espécie de maconha) em seu carro. Mas, para completar a piada, Osmar ainda botou banca com a polícia de Beirute:

— Essa muamba aí era um presente que eu ia levar para minha namorada, a Katmakah, dançarina de um night-club dinamarquês. Eu não me passo pra êsse troço. Eu sou mesmo é do LSD.

Revista *O Cruzeiro* sobre a prisão de Osmar, no Líbano

***

Barry John Holohan: “não importa como isso termine, um dia eu vou matar Antonio Peticov”

Na pesquisa que fiz nos arquivos do DOPS, encontrei prontuários tanto de John Emery quanto de Barry John Holohan, ambos contendo documentos da “Delegacia Especializada do Estrangeiro”, “setor de expulsandos”. No de Emery, qualificado como britânico de “aproximadamente 50 anos”, há a informação de que fora instaurado inquérito e dado início ao “rito expulsatório”, notificado via Diário Oficial por ele encontrar-se em "lugar incerto e não sabido", “encontrando-se até a presente data com paradeiro desconhecido”. O documento é de 25 de junho de 1974.

Já o prontuário de Barry contém relatório encaminhado ao Diretor Geral do Departamento de Justiça informando que o expulsando foi indultado em 30/12/1970, "pois encontrava-se preso na casa de detenção desta cidade”, e que há notícia de que teria viajado aos Estados Unidos em 26 ou 27 de março de 1971. Teria sido aberto um edital de notificação, sem atendimento, e o delegado chefe do setor de expulsandos afirma que estavam esperando pela defesa. A data desse documento é de 21 de janeiro de 1972. Há também uma cópia da publicação do aviso de deportação de Barry no Diário Oficial de 27 de novembro de 1971, contando como último endereço exatamente o Acampamento Palavra da Vida.

Como apontei anteriormente, graças a Ludovico fiquei sabendo que Barry publicou um livro no exterior, em inglês, sobre sua trajetória, e o comprei pela Internet. Publicado em 1980, por uma editora do Arizona, o livro se chama “Parrot's Perch”, uma tradução literal de “pau de arara”. Pelo título já podemos ver o que mais marcou o australiano em sua passagem pelo Brasil; esse é o primeiro parágrafo da obra:

> Blood-chilling screams, full of distorted words and disjointed phrases, punctuated the darkness of my prison cell. Although I could not translate into English these horrible cries that were coming from the other side of the thick cement wall that separated my cell from the next, I recognized the dialect. It was Giria, the hip street language of Brazil. And I understood the agony that permeated the Delegarcia [sic], the graty stone building in downtown São Paulo. Delegarcia [sic] – the name was synonymous with terror! (Holohan, 1980, p.1) [82]

[82] Gritos de gelar o sangue, cheios de palavras distorcidas e frases desconexas, pontuaram a escuridão da minha cela de prisão. Embora eu não pudesse traduzir para o inglês esses horríveis gritos vindos do outro lado da grossa parede de cimento que separava minha cela da outra, reconheci o dialeto. Era Gíria, a linguagem de rua do Brasil. E eu

Ignorando que a editora não tinha uma pessoa para revisar as palavras em português citadas por Barry no livro, vemos que a narrativa começa já com ele preso, citando o horror de uma "delegarcia" brasileira naquele período. Na página seguinte ele já menciona Russinho, citando casos como ele ter arrancado o olho de um estudante ou se orgulhar dos seus "presuntos". Na página 5, ele cita Antonio Peticov, ao falar que fora preso sem drogas e que sua acusação não poderia ser suficiente para condená-lo. Um pouquinho mais à frente, na mesma página, ele se torna mais incisivo ao falar do artista: "Whatever the outcome of this, I thought, one day I will kill Antonio Peticov" - qualquer que seja o desfecho disso, eu pensei, um dia irei matar Antonio Peticov.

Na página 7, ou seja, também bem no começo do relato, abrindo a narrativa, ele passa a descrever como foi submetido ao "pau de arara", em uma sala que inicialmente parecia mais o escritório de um contador. Segundo Holohan (1980, p.9) a partir de então foi torturado por seis dias consecutivos pela equipe do delegado Fleury, "um homem de aparência inofensiva, que parecia um Poodle Fancier, apertou manoplas de couro de oito polegadas de comprimento em torno de meus pulsos". "Os próximos seis dias foram o período mais baixo da minha vida", sintetizou [tradução minha].

Após descrever em detalhes as torturas sofridas, não só no pau de arara mas também com choques elétricos e outros estratagemas de grande covardia e crueldade, Holohan volta no tempo nos capítulos seguintes para contar sua trajetória até os dias de delegacia. Fã de jogos de carta, teria aberto um cassino na Inglaterra com o dinheiro que ganhou jogando. Depois de relatar ter ganho bastante dinheiro em três anos nesse mercado, dando destaque à descrição de seu carro, Holohan (1980, p.28) se descreve como um aventureiro, alguém que sentia grande insatisfação se não estava diante de mudanças, desafios. Pontuando, em diversos momentos, a educação católica que teve – chegando inclusive a comparar as torturas sofridas no Brasil aos castigos que recebia quando criança – Barry diz que consumia poucas drogas, e na verdade tinha medo delas, pois não entendia o que levava as pessoas a consumir. No período de jogatina, teria se disciplinado para evitar bebidas. Teria perdido o medo ao ir se envolvendo no espírito da época, e mais ainda ao reconhecer o alto potencial de lucros desse comércio. Sem contatos, escolheu ir ao Líbano por saber da fama do país como central na distribuição de haxixe.

Após relatar da prisão, Holohan (1980, p. 107) conta um rápido encontro com Osmar, quando este teria lhe passado uns livros e contado que já levava seis meses preso por traficar 40 quilos de

---

entendi a agonia que permeava a Delegarcia [sic], o prédio de pedra no centro de São Paulo. Delegarcia [sic] - o nome era sinônimo de terror. [Tradução minha]

haxixe, sem nenhuma sentença. Mais adiante (Holohah, 1980, p.115) teve oportunidade de encontrá-lo mais seguidamente, e aí começaram a desenvolver uma relação de amizade (agora ele fala em um ano preso e 20 quilos, alô, revisão!):

> Each day, as I went to exercise room, I spoke a few minutes with Osmar. He was arguing his own case before the tribunal against a charge of transporting twenty kilos of hashish out of the country in the gasoline tank of a Volkswagen. He had been standing on the deck of the ship when he saw the custom officers begin to tap every square inch of his car with tiny hammers. He knew before the drug was found that he would be arrested, but had no way of escape. He, too was trying to convince the judge that he was insane. He had been in the prison for more than a year, and no decision had been reached. [83]

Barry relata condições desumanas nas prisões do Líbano, com 60 pessoas por cela e também sofrendo agressões e torturas, como aconteceria depois no Brasil. Depois de convencer a justiça local a deixá-lo cumprir o restante de sua pena num sanatório, foi solto convicto de que deveria seguir no mercado das drogas. Com Ludovico no Brasil e ele se estabelecendo em Laguna Beach, na Califórnia, Holohan (1980, p.138) diz que viu um artigo sobre o carnaval do Rio de Janeiro em uma revista e decidiu telefonar para o amigo. Discutiram o potencial do mercado de drogas no Brasil, especialmente do LSD, que seria não só praticamente desconhecido no país como "unavaliable", com um potencial "ilimitado" entre "socialites and show business people". Por suas contas, uma primeira remessa depois de vendida lhes poderia render 24 mil dólares de lucro.

"Osmar encontrou um traficante de drogas com bons contatos que queria distribuir o LSD. Seu nome era Antonio Peticov, filho de um conhecido ministro religioso", continua Holohan (1980, p.139), que diz que confiava nos julgamentos de Osmar mas desde o início duvidou de Peticov, descrito como

> a slim, effeminate young man in his early twenties. His long wavy hair was framed a thin, sensitive face. Granny glasses magnified his watery eyes. A drooping moustache and a flowing crushed velvet cape completed the picture. He was obsviously a young Brazilian who was trying to conform of the image of the habitues of the King Road in Chelsea.[84]

---

[83] Todos os dias, quando ia ao ginásio, falava alguns minutos com Osmar. Ele estava defendendo seu próprio caso perante o tribunal contra a acusação de transportar vinte quilos de haxixe para fora do país no tanque de gasolina de um Volkswagen. Ele estava em pé no convés do navio quando viu os oficiais da alfândega começarem a bater cada centímetro quadrado de seu carro com pequenos martelos. Ele sabia antes que a droga foi encontrada que ele seria preso, mas não tinha como escapar. Ele também estava tentando convencer o juiz de que ele era louco. Ele estava na prisão há mais de um ano e nenhuma decisão tinha sido tomada. [Tradução minha]

[84] Um jovem magro e efeminado de vinte e poucos anos. Seu longo cabelo ondulado estava emoldurado por um rosto magro e sensível. Os óculos de vovó ampliavam seus olhos lacrimosos. Um bigode caído e uma capa de veludo

Nas palavras do australiano, Antonio estava tentando se tornar um pintor reconhecido, mas seu trabalho demonstraria apenas "the torment of his soul". Ao conhecer Peticov pela primeira vez, na companhia de Osmar, Barry diz ter fumado "marchona" com ele, a "marijuana brasileira, misturada com mel e selada em tubos ocos de bambu antes de ser enterrada por vários meses". A venda da "marchona" seria a principal fonte de renda de Peticov, segundo o autor, que lhe teria dado 100 doses de LSD. Pouco depois, Osmar teria sido avisado que o artista estava sob vigilância do DOPS, que seria conhecido por ter entre seus integrantes membros do Esquadrão da Morte ("Death Squad"), organização que aterrorizaria o submundo brasileiro e seria responsável pelo controle da venda de cocaína. "Era impossível estimar quantas vítimas indefesas caíram nas mãos sangrentas desses açougueiros", afirma. Sobre a polícia traficando cocaína, Holohan (1980, p.147) afirma:

> The police in Brazil deal mainly with cocaine that they import from Bolivia. Many of the preshuntos [sic] found on deserted highways around the towns and villages were dealers who had tried to cut themselves in on the lucrative cocaine traffic. It was the simplest way to eliminate the competition. The method of execution also discouraged potential dealers. The victim was shot first in the kneecaps, then his fingers were blasted from his hands; and finally, fifty os sixty bullets were emptied on his body, slowly and painfully, taking care not to kill him too quickly. [85]

Antes de serem presos, Barry diz que tentou ficar nos bastidores da operação, em Santos. Ali, teriam passado uma semana num "caleidoscópio" de drogas, praias e noitadas. Passou ainda duas semanas no Rio, tendo recebido a notícia que quase todo o LSD de Peticov já tinha sido vendido, retornando então para São Paulo, hospedando-se numa "fazenda" a quarenta milhas de distância. Ali teriam ficado sabendo da prisão de Peticov, mas Osmar teria dito que eles não tinham como saber deles, e que na verdade mal sabiam o que era LSD. "It was a serious mistake".

Cairiam então nas mãos de Russinho, que Holohan (1980, p.154) chama de "animal" e "lunático". Ele narra como teria sido seu primeiro encontro com Peticov na delegacia:

> After my arrest at the hotel, I was taken to the Delegarcia [sic] and brought face to face with Antonio.

---

amassada e flutuante completavam a fotografia. Ele era, obviamente, um jovem brasileiro que estava tentando se imitar a imagem dos habitués da King Road no Chelsea. [Tradução minha]

[85] A polícia no Brasil lida principalmente com cocaína que eles importam da Bolívia. Muitos dos presuntos encontrados em rodovias desertas ao redor das cidades e aldeias eram traficantes que haviam tentado se infiltrar no lucrativo tráfico de cocaína. Foi a maneira mais simples de eliminar a concorrência. O método de execução também desencorajava possíveis revendedores. A vítima era baleada primeiro nas rótulas, depois os dedos eram arrancados das mãos; e finalmente, cinquenta e sessenta balas esvaziadas em seu corpo, lenta e dolorosamente, tomando cuidado para não matá-la muito depressa.

> “They know everything, Barry. It's best if we help them”.
> My hatred for this sniveling piece of humanity knew no bounds. I spat in his face, and got slapped by a policeman for my trouble. My driver and I were dragged down to the basement cells, where we were locked in a space surrounded by bars. A dozen other prisioners were jammed into this space. It was from there that I was taken to my first experience with the Parrot's Perch. (Holohan, 1980, p.151) [86]

No caso de Osmar, Barry narra que o pau de arara não teria sido necessário: a polícia simplesmente deteve sua mãe, e o mandou falar. Isso pode ajudar a explicar um pouco do trauma de Ludovico, sua postura ressabiada na entrevista. Holohan (1980, p.156) narra um momento em que vários presos falaram (mal) sobre Peticov:

> “What did you tell him?”
> “Among other things, I told him that one day, when this was all over, I was coming back to kill him”.
> “Too good for him if you do it quickly”, interrupted one of the prisioners.
> “Where is he now?”, asked Osmar.
> “Crying for momma”, said the same man.
> “I heard that the police were going with him to make a swep of the nightclubs and restaurants. Antoio was going to point out anyone who bouht the acid”, I said.
> “What's the _____ trying to do?”
> “The police have faked him out. He thinks that things will go easier for him if he helps them”.
> “He's a moron. Everyone he fingers will turn up as a witness for the prosecution against him and us, although it should cause no problem for us. We made no deals on the street”.
> “Well”, one of the Osmar's friends said, “it will make no difference. His father will be along to spring him”.
> “Who is he?”
> “He's one of the best know preachers in Brazil”.
> “That explains why Antonio is such a weirdo. Every time I saw him he was carryng a fifteen-pound Bible in one hand”, I laughed, “and dealing marchona [sic] with the other hand. He's not only a a fool, but a liar and a cheat”.
> “Did he convert you?”
> “Yeah. From an agnostic to an atheist”.[87]

---

[86] Depois da minha prisão no hotel, fui levado à Delegarcia [sic] e fiquei cara a cara com o Antonio.“Eles sabem tudo, Barry. É melhor ajudarmos ”.Meu ódio por esse pedaço chorão de humanidade não conhecia limites. Eu cuspi na cara dele e fui esbofeteado por um policial por ter criado problema. Meu motorista e eu fomos arrastados para as celas do porão, onde estávamos trancados em um espaço cercado por grades. Uma dúzia de outros prisioneiros estavam atolados neste espaço. Foi de lá que fui levado para minha primeira experiência com o Pau de Arara. [Tradução minha]

[87] "O que você disse para ele?"
“Entre outras coisas, eu disse a ele que um dia, quando tudo isso acabasse, eu voltaria para matá-lo”.
“Bom demais para ele se você fizer isso rapidamente”, interrompeu um dos prisioneiros.
"Onde ele está agora?", perguntou Osmar.

Em outro momento, no entanto, Holohan (1980, p.159) aponta que Peticov poderia ser “um covarde”, mas ele sabia sobre a Bíblia, livro que o australiano nunca tinha se interessado, mas que na prisão, ao ler o exemplar do artista, teria se sentido tocado. “Eu senti como se Deus estivesse falando diretamente comigo”. Posteriormente, quando começou a receber as visitas do missionário George, enviado pelo pai de Peticov, Holohan teria começado a ler a Bíblia de fato: “Para alguém que não queria ter sua vida transformada, era uma coisa muito perigosa de ser fazer” [Tradução minha].

Na última página do livro, Holohan (1980, p.197) diz que, depois de solto da prisão e convertido, viveu na Austrália e depois por sete anos na Nova Zelândia. Teria passado ainda por Singapura e Tailândia, e escrito três livros e produzido dois filmes, “mas resistiu a pedidos para escrever sobre sua história sem Cristo”. Na Austrália, se casou uma professora do Texas que lecionava para imigrantes em Sidney. Tiveram dois filhos, Melody e Stephen. Segundo ele, a publicação desse livro buscava inspirar os jovens a que, inspirados por Deus, mudassem suas vidas, como ele.

"Chorando por mamãe", disse o mesmo homem.
“Ouvi dizer que a polícia estava indo com ele para dar uma olhada nas boates e restaurantes. Antoio ia apontar qualquer um que usasse o ácido ”, eu disse.
"O que o _____ está tentando fazer?"
“A polícia o enganou. Ele acha que as coisas serão mais fáceis para ele se ele os ajudar ”.
“Ele é um idiota. Todos que ele acusa aparecerão como testemunha da acusação contra ele e contra nós, embora isso não deva causar nenhum problema para nós. Não fazemos acordos na rua ”.
“Bem”, disse um dos amigos de Osmar, “não fará diferença. O pai dele vai vir para salvá-lo ”.
"Quem é ele?"
“Ele é um dos pregadores mais famosos do Brasil”.
“Isso explica porque Antonio é tão esquisito. Toda vez que eu o via, ele carregava uma Bíblia de quinze quilos em uma mão ”, ri,“ e vendia marchona [sic] com a outra mão. Ele não é apenas um tolo, mas um mentiroso e um trapaceiro”.
"Ele converteu você?"
"Sim. De agnóstico a ateu ”.

Considerações finais

Drogas e contracultura no Brasil nos anos 1960 e 1970. Esse era o mote do meu primeiro projeto de Doutorado, era isso que eu pretendia pesquisar. Entender e investigar, para depois relatar, aprofundar, desenvolver, essa relação entre os hippies brasileiros e o consumo de drogas. Qual era a importância, como eram as reflexões, as práticas. Sabia mais ou menos o que não queria fazer – falar só do ponto de vista de artistas ou de produtos culturais, fazer considerações genéricas, revisitar a história intelectual produzida no período ou a posteriori, tratar as drogas como se fossem sujeitos e não de forma relacional – mas não muito do que queria. Como já comentei anteriormente, encontrar o processo judicial abordado no quarto capítulo mudou um pouco as coisas.

Mas não tanto. Tive apenas a possibilidade de falar sobre o que eu queria falar – sobre drogas e contracultura no Brasil, sobre quem foram os integrantes da contracultura brasileira e como eles lidavam com as substâncias alteradoras de consciência, em processo de consolidação de sua criminalização e estigmatização – de uma forma mais micro-histórica, em uma escala menor. Não obtive um panorama geral do que foi essa relação e a vida dessa geração, mas, através de um olhar mais localizado, pude ver, e abordar, não só algumas questões concernentes a toda essa geração como também outros aspectos que eu não esperava encontrar, que algumas vezes sequer tem a ver diretamente com as drogas. Nesse aspecto, pode-se dizer que a pesquisa sobre drogas acabou sendo a porta de entrada para uma série de outros achados e de outras reflexões, enriquecendo e complexificando meu trabalho de investigação e redação.

Das mais de mil páginas do primeiro processo judicial por porte e tráfico de LSD no Brasil saltam não só as histórias individuais dos réus, as quais já são bastante interessantes por si sós. Vemos ali também a imprensa e seus diferentes, e mutias vezes caricatos, enfoques sobre a questão: o sensacionalismo, as informações distorcidas ou simplesmente “importadas” de agências internacionais ou de divulgadores ligados à indústria farmacêutica ou a governos, os termos, as preocupações, as brechas e os infiltrados, a mudança explícita de enfoque depois do lobby pró LSD por parte da empresa suíça que o produzia ter acabado. A pesquisa nos jornais e revistas da época, publicações que tinham sua relevância no cenário cultural daquele período histórico, revela a trajetória do ácido lisérgico na imprensa brasileira, desde sua chegada através de relatos e informes médicos até sua demonização, primeiro enfocando os movimentos estrangeiros e depois os riscos do consumo, e da venda, que se fazia no Brasil.

Vemos no processo judicial também aspectos da atuação do governo militar, em sua faceta mais brutal, em sua maldade banalizada: tortura, interesses econômicos, subornos, novamente preconceitos, moralismos. Mas vemos também penas relativamente baixas – ninguém ficou mais de um ano encarcerado -, o que nos permite afirmar que o enfoque de combate às drogas, de guerra às drogas como posteriormente seria conhecido, não era uma prioridade para os militares que dirigiam o país naquele momento. Ou que, mesmo que fosse, não era através do encarceramento massivo e prolongado, como também seria implementado posteriormente, que se daria uma parte desse combate.

Outro aspecto, complementar à análise de quem eram as pessoas que se identificavam com a contracultura brasileira e de que forma elas se relacionavam com as drogas e surgido durante a pesquisa, posteriormente sendo incorporado a essa tese que agora se encaminha para o final, é o mapeamento de alguns dos primeiros médicos que testaram, inclusive em si mesmos, o LSD com fins terapêuticos. A trajetória de alguns desses profissionais sustenta a hipótese da chegada medicinal da substância ao país, e um olhar mais atento a alguns deles nos traz outras ricas informações sobre seus métodos, resultados e opiniões sobre o uso médico do ácido lisérgico, naquele momento imaginado sobretudo para atividades ligadas à psicanálise e ou à psiquiatria.

***

Analisando as potencialidades da micro-história, Giovani Levi (2011, p.137) comenta como esse tipo de abordagem pode propiciar “uma investigação da extensão e da natureza da vontade livre dentro da estrutura geral da sociedade humana”. Neste estilo de investigação, o historiador estaria menos preocupado com a interpretação de significados e mais em “definir as ambiguidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais”. Levi descreve a micro-história como uma prática essencialmente baseada na redução da escala de observação, “em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”, e da seguinte maneira o trabalho de seus praticantes:

> Seu trabalho tem sempre se centralizado na busca de uma descrição mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação e conflito do comportamento do homem no mundo que reconhece sua – relativa – liberdade além, mas não fora, dos sistemas normativos prescritivos e opressivos. Assim, toda ação social é vista como o resultado de constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades

pessoais.

Ao executar uma análise microscópica e um estudo intensivo do material documental relativo ao processo judicial aqui em questão, nas linhas anteriores desse trabalho que aqui quase se encerra, creio que essa tese se alinha ao proposto e defendido acima por Giovani Levi, colocando em diálogo diferentes fontes e interpretações na composição, inevitavelmente fragmentada, do quadro narrado. Consequentemente, faz emergir também essas possibilidades de ação e de exercício de liberdade dentro dos sistemas normativos e opressivos, que são causa e consequência de qualquer formação e atuação estatal, e das especificidades de um momento específico, como era o caso da ditadura militar em seu período após o AI-5.

Antonio Peticov, Osmar Ludovico da Silva e Barry John Holohan, os principais personagens da história aqui relatada, invariavelmente reagem de forma diferente a situações parecidas nas quais foram se envolvendo. Holohan, em dado momento, diz que gostaria de matar Peticov, afirmando também ter cuspido em sua cara, por vê-lo como um covarde por supostamente o ter delatado à polícia. Antonio Bivar teria passado pela mesma situação, de inquisição sob ameaça de tortura (no seu caso não concretizada, como no caso de Peticov), de interrogatório conduzido pelo temido Russinho, e teria conseguido escapar sem ser torturado ou processado. Peticov não teve a mesma sorte, mesmo ambos estando diante do mesmo "sistema normativo". Ao ver, a posteriori, como se deram fatos, trajetórias, eventos, nem sempre vemos o quanto de circunstancial, de ocasional, também envolve esses contextos e ações. O mesmo Holohan que cuspia em Peticov teve sua vida completamente transformada, no sentido da conversão religiosa, graças ao pai do artista, que lhe apresentou um missionário que passou a visitá-lo toda semana na cadeia. Osmar, que queria sair da cadeia e voltar a traficar drogas na Europa, acabou também sendo convertido, no seu caso por Barry, ou seja, também teve sua vida completamente transformada não só por ter sido preso, mas por isso ter acontecido justamente junto com Barry e Antonio. Posteriormente, o único réu com o qual Osmar manteve uma relação de amizade foi justamente o mesmo Antonio que supostamente o teria entregado para a polícia, como acreditava o ainda não convertido Barry.

De traficante internacional, hippie aventureiro e mochileiro, Osmar passou a pastor, a fundador de igreja, a missionário, pregador. Escreve livros, dá palestras, a conversão representou uma mudança nos seus modos e nos seus meios de vida, passou a viver disso. Se não tivesse sido preso, isso aconteceria? Se Peticov tivesse tido a opção de não falar nada, se é que a teve, e fosse apenas ele preso, o que teria acontecido na vida dos outros réus? Quem pode saber? A questão não é responder essa questão, mas perceber como a liberdade das decisões conjugada com a imprevisibilidade das

relações e acontecimentos ocasionais faz com que cada trajetória seja única em sua individualidade, por mais que ajude a iluminar tudo que de social a atravessa. Creio que o trabalho do bom historiador é traduzir essas histórias numa narrativa coerente, que ilumine fatos, reflexões e conexões, que rememore trajetórias esquecidas ou perdidas, mas que também, quem sabe, abra portas para novas investigações, questionamentos, inquietações, descobertas.

Restringir a análise a poucas trajetórias também se conjugou aqui à fuga de uma narrativa biográfica completa, da vida inteira de algum dos personagens. Como me disse Osmar na entrevista que fiz com ele, esses fatos que conversávamos sobre tinham acontecido praticamente cinquenta anos antes, ele os rememorava com dificuldade, como se pertencessem a uma outra vida. De fato, pensando no seu cotidiano no momento em que conversamos, ou nos anos anteriores, de atividade de pastor, missionária, podemos pensar que realmente se trata de uma outra vida. E, como ele mesmo também disse, isso não quer dizer que se trate de outra pessoa. Não é o fato de ter sido preso por drogas que define Osmar, ou Peticov, como ele lembrou ao reclamar de uma reportagem que o estigmatizava por isso, que o reduzia a isso, 28 anos depois dos fatos. Por mais importantes e relevantes para a vida posterior dos personagens que os fatos anteriormente relatados tenham sido, e inquestionavelmente foram, eles não os definem, não resumem a vida deles. Constituem um período mais de suas vidas, ao qual estamos dando uma atenção e um sentido maiores exatamente porque estamos querendo narrar uma questão também maior, um processo mais amplo e mais coletivo, a história social do LSD no Brasil.

Em outro texto, Giovani Levi (1996, p.203) aponta que escolher uma escala de observação significa escolher um instrumento analítico que não é neutro, que a escala dos fenômenos não está inscrita na realidade. “A escala não é um dado preestabelecido, mas resulta de uma escolha estratégica que envolve a própria significação da pesquisa: o que vemos é aquilo que escolhemos fazer ver”, explica. Para o autor, é por meio de diferenças mínimas nos comportamentos cotidianos que é construída a complexidade social, “as diferenciações locais nas quais se enraízam histórias que são elas mesmas irredutivelmente diferentes e nas quais se exprimem as capacidades inventivas dos homens”. “Não oponho aqui termo a termo macro e micro-história, mas considero que a variação de escala de observação dos fenômenos constitui um instrumento heurístico essencial”, conclui Levi.

Ou seja, tão importante quanto a escolha “estratégica” da delimitação da escala da análise, é a capacidade de variar essa escalas ao observar os fenômenos históricos. Creio que isso, em alguma medida, foi tentado e realizado nessa tese, uma vez que a análise mais microscópica do processo judicial, desenvolvida no quarto e último capítulo, foi precedida de outras abordagens estratégicas

que dialogaram com, e em alguma medida sustentaram, a narrativa do processo judicial e seus personagens, como a recapitulação das origens da contracultura estadunidense e brasileira, as relações entre integrantes da contracultura e as drogas, e o resgate do desembarque medicinal do ácido lisérgico no Brasil.

E, além disso, mesmo a redução bem feita da escala não significa que não há outras possibilidades de abordagem e narrativa dos mesmos fatos e processos históricos, por mais ampla ou exaustiva que seja a variedade documental, das fontes. Inúmeros outros questionamentos podem ser feitos com base nos mesmos materiais com que eu trabalhei, e certamente muitas outras questões, informações e reflexões importantes apareceriam, ou seriam melhor desenvolvidas do que foram aqui. Penso em duas bastante óbvias, e que tangenciaram alguns momentos da pesquisa mas eu não soube enfrentar com profundidade, que são as questões de raça e gênero, por exemplo. Uma pesquisa tendo esses aspectos como centrais, como não foi o caso aqui, poderia não só observar o óbvio, salientando a pouca visibilidade e protagonismo que negros e mulheres têm nas narrativas aqui apresentadas – e consequentemente na narrativa aqui produzida, infelizmente – como poderia aprofundar uma investigação sobre as causas disso, ou sobre como superar os obstáculos que talvez eu não tenha superado, os obstáculos inerentes à própria produção das fontes e as relações de força que a determinaram, enfim.

O macro e o micro, o ocasional e o estratégico, a intenção e o que é viável, tudo isso conviveu no processo de pesquisa aqui em questão, assim como imagino que deve acontecer com qualquer trabalho e qualquer esforço como esse. Quanto mais se consegue variar não só escalas como o leque de fontes a que se recorre, mais interessante e completo fica o quadro retratado. Nos momentos que consegui, por exemplo, colocar os documentos oficiais em contraste com o que dizem atualmente os envolvidos, acrescentando ainda mídia ou relatos escritos por outros envolvidos em alguns dos momentos narrados, certamente se observa uma elevação da qualidade da narrativa e da discussão históricas. Mais ainda, mostra o quão subjetivos e parciais são os documentos se analisados separadamente, como nos contam apenas partes da história, obviamente delimitadas e contaminadas pelos interesses das pessoas, instituições e contextos sociais que os produziram. Se isso é inevitável, por um lado, por outro não deve ser naturalizado e, portanto, ignorado, é algo a se ter em mente sempre. E não precisa ser só nos casos mais óbvios, como quando se trata de polícia ou juízes, cujo grau de confiabilidade dos seus testemunhos e ações é justificadamente baixíssimo.

De forma complementar à questão da variação das escalas está o processo de variação das fontes na pesquisa histórica, sobretudo diante de objetos situados temporalmente próximos ao presente, a fim

de que se possa bem explorar “uma dimensão desconhecida do passado”, nas palavras de Hobsbawm (2013, p.284) quando fala sobre “rememorar a história da gente comum”. Neste sentido, o recurso a fontes orais e às discussões em torno da “História oral” podem frutificar e complementar o debate estabelecido anteriormente no que diz respeito à micro-história, propiciando que esta dimensão possa ser acessada por meio de outros documentos que não os escritos, importantes mas insuficientes em casos como esse, de práticas cotidianas, estigmatizadas socialmente e proibidas legalmente como as relativas ao consumo de drogas, ou de processos judicias que envolvem um componente grande de extrajudicialidade.

Como aponta Lozano (2006, p.23), o analista completo deve considerar a fonte oral para além de um status meramente ilustrativo de teorias pré-concebidas ou balizadas por outro tipo de documentação, aprioristicamente consideradas mais confiáveis, sobretudo por serem escritas. A fonte deve ser considerada em si mesma, problematizando-se assim seus possíveis limites e distorções, e também complementada por “fontes tradicionais do trabalho historiográfico” – algo que Burke (1996, p.14) reafirma ao enfatizar a necessidade da “maior variedade de evidências” possível. A boa análise, portanto, não se deve limitar a um método ou técnica, mas utilizá-los de forma combinada e complementar de modo a tornar mais complexa a abordagem e apresentação da situação em questão e a mostrar disposição para o contato com reflexões e metodologias provenientes de outras disciplinas.

Na definição de Alberti (1996), a peculiaridade da História Oral é “a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”. Ou como aponta Ecléa Bosi (2003, p.15), “construir a crônica do quotidiano” - trazendo pontos de vista distintos e fugindo da unilateralidade, o recurso às fontes orais pode ser útil para que fujamos de uma “história, que se apoia unicamente em documentos oficiais” e que, portanto, “não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”.

Conjugando essas abordagens, e as distintas fontes, espero ter contribuído aqui para desvelar uma dimensão desconhecida do passado como Hobsbawm propõe. No caso aqui em questão, de um passado marcado pela violência institucional e institucionalizada do regime militar brasileiro, pela tortura, e pela tentativa de repressão de qualquer forma de alteração de consciência que não fossem as já consagradas pelo ocidente proibicionista, como no caso do álcool, do tabaco, dos remédios. Marcado também pela rebeldia de uma geração e de um setor social que buscou politizar o cotidiano, exercendo seu espaço de liberdade mesmo num contexto de regime opressivo. Desvelados os primeiros usos medicinais e o início da repressão ao ácido lisérgico no Brasil, nessa

história social do LSD que aqui se apresenta, esperamos que se ajude a compreender não só a história das drogas e de sua arbitrária, e brutal, repressão, como também a história de nosso próprio país, com seus tantos Geraldos, Luíses e Russinhos, e também com seus tantos Osmares e Antonios, Cesários e Murilos, tão únicos e também tão típicos de onde viemos, de onde chegamos, de onde queremos ou podemos estar.

Bibliografia

ALBERTI. *O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado*. II Seminário de História Oral promovido pelo Grupo de História Oral e pelo Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, setembro de 1996.

ANDERSON, Perry. *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2016.

ANDERSON, Terry H. *The Movement and the Sixties: protest in America from Greensboro to Wounded Knee*. Oxford University Press, 1995.

ARAP, Fauzi. *Mare nostrum*. São Paulo: Editora Senac, 1998.

AUGUSTO, Sérgio. JAGUAR. (orgs). *O melhor do Pasquim – Antologia. Volume 1: 1969-1971.* Rio de Janeiro: Editora Desiderata. 2006.

AVELAR, Alexandre de Sá. *Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido*. In: AVELAR, Alexandre. SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafias da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. Sâo Paulo: Letra e Voz, 2012.

BARROS, Patrícia Marcondes de. *Provocações Brasileiras: a imprensa contracultural made in Brazil (1969-1974).* Tese de Doutorado em História, Unesp, Assis, 2007.

BENINSON, Carol. *O clube de jardineiros de fumaça.* São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

BIVAR, Antonio. *Mundo adentro vida afora: Autobiografia do berço aos trinta*. Porto Alegre: L &PM, 2014.

BIVAR, Antonio. *Verdes vales do fim do mundo*. Porto Alegre: L &PM, 1984.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.* Ateliê Editorial, São Paulo, 2003.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde,*

1960/70. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. PEREIRA, Carlos Alberto. *Patrulhas ideológicas*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

BRAUNSTEIN, Peter. DOYLE, Michael William. *Imagine Nation: The American Counterculture of the 1960s and 70s*. Nova York, London: 2002.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Cisne de feltro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.122-126.

CANESTRELI, Ana Paula. DIAS, Tatiane K. de Melo. RIDOL, Aline. *Psicodelia brasileira: um mergulho na geração bendita*. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, Faculdade Cásper Líbero, 2007.

CAPARRÓS, Martín. *Amor y anarquía: La vida urgente de Soledad Rosas (1974-1998)*. Buenos Aires: Booket, 2014.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c.1970)*. Mestrado em História Social, Universidade de São Paulo, 2007.

CARNEIRO, Henrique. *A odisséia psiconáutica: A História de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativa.* In:LABATE, Beatriz. GOULART, Sandra. (orgs.) O uso ritual das plantas de poder. Campinas: Mercado das Letras: Fapesp, 2005.

CARNEIRO, Henrique Soares. *As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX*, In: Outubro, nº 6, São Paulo, 2002, pp. 115-128.

CARLINI, Elisaldo Luiz de Araújo. *Abertura do simpósio Cérebro e Mente: Encontro Multidisciplinar (1982)*. In: ZANATTO, Rafael Morato (Org). *Quem disse que eu não diria?* São Paulo: Atheneu, 2017.

CARVALHO, Cesar Augusto. *Viagem ao mundo alternativo: A contracultura nos 80*. São Paulo:

Editora Unesp, 2008.

CARVALHO, Salo de. *A Política Criminal de Drogas No Brasil - Estudo Criminológico e Dogmático da Lei 11.343/06*. São Paulo: Editora Saraiva, 2013

CASHMAN, John. *LSD*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CESAR, Ana Cristina. *Escritos no Rio*. Editora Brasiliense e Editora UFRJ, 1993.

CHACAL. *Tudo (e mais um pouco): poesia reunida (1971-2016)*. São Paulo: Editora 34, 2016.

CHEVALIER, Scarlet Moon de. *Areias escaldantes: inventário de uma praia.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto Coelho. *A transformação social em questão: as práticas sociais alternativas durante o regime militar*. Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 1990.

COELHO, Frederico. *Confesso minha culpa e meu pecado: cultura marginal no Brasil das décadas de 1960 e 1970*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COELHO, Paulo. *Hippie*. São Paulo: Paralela, 2018.

COHN, Sergio (org.). *Encontros: Roberto Piva*. São Paulo: Azougue Editorial, 2011.

COHN, Sergio (org.). *Nuvem cigana: Poesia & delírio no Rio dos anos 70.* São Paulo: Azougue Editorial, 2007.

CYNTRÃO, Sylvia Helena (org.). *A forma da festa. Tropicalismo: a explosão e seus estilhaços.* Brasília: Editora da Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. 2000.

DAHL, Maria Lúcia. *Antonio Bivar: o explorador de emoções peregrinas*. Coleção Aplauso Perfil, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

DELMANTO, Júlio. *Camaradas caretas: drogas e esquerda no Brasil após 1961*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade

de São Paulo, São Paulo, 2013.

DIAS, Lucy. *Enquanto corria a barca.* São Paulo: Senac, 2003.

DIAS, Rafael Mendonça. *Experimentação e cuidado: um campo problemático das drogas e a emergência da Redução de Danos no Brasil.* Tese de doutorado em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2013.

DINIZ, Sheyla Castro. *Desbundados & Marginais: MPB e contracultura nos Anos de Chumbo (1969-1974)*. Tese de doutorado em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. 2017.

DUARTE, Rogério. *Tropicaos*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2003.

DUNN, Christopher. *"Nós somos os propositores": vanguarda e contracultura no Brasil, 1964-1974*. ArtCultura, v10, n17, págs 143-158. Uberlândia: jul-dez 2008.

ELCOCK, Chris. *High New York: The birth of a psychedelic subculture in the American City*. A Thesis Submitted to the College of Graduate Studies and Research in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy in the Department of History University of Saskatchewan, Saskatoon, 2015.

FARBER, David. The intoxicated state/ Illegal nation: drugs in the sixties counterculture. In:BRAUNSTEIN, Peter. DOYLE, Michael William. *Imagine Nation: The American Counterculture of the 1960s and 70s.* Nova York, London: 2002.

FONTANA, Alberto E. *Psicoterapia com LSD e outros alucinógenos*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber.* Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALVÃO, Luiz. *Geração baseada.* Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1982.

GALVÃO, Luiz. *Novos Baianos: a história do grupo que mudou a MPB.* São Paulo: Lazuli Editora, 2014.

GIL, Gilberto. *Gilberto Gil: Expresso 2222*. Org: Antonio Risério. Editora Corrupio Comércio Ltda. São Paulo: 1982.

GOMES, Geraldo. *Os alucinógenos e o direito: LSD*. São Paulo: Editora Juriscredi, 1972.

GOMES, Murilo Pereira. *Configuração de uma psicoterapia com o uso do LSD 25*. A Folha Médica, Volume 46, n 2, Fevereiro de 1963.

GUARNACCIA, Matteo. *Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura.* São Paulo: Conrad, 2010.

GUEDES, Paulo Luiz Viana. *Experiências com a dietilamina do ácido lisérgico (LSD-25)*. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, (19): 28-34, 1961.

GUERREIRO, Silas. *Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna*. Revista Nures, PUC-SP, número 12, maio/agosto de 2009.

GOOTEMBERG, Paul. CAMPOS, Isaac. *Toward a New Drug History of Latin America: A Research Frontier at the Center of Debates*. Hispanic American Historical Review 95:1, by Duke University Press. 2015.

GOMES, Geraldo. *Os alucinógenos e o direito: LSD*. São Paulo: Editora Juriscredi, 1972.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

HALE, Jeff A. The White Panthers "Total assault on the culture". In: BRAUNSTEIN, Peter. DOYLE, Michael William. *Imagine Nation: The American Counterculture of the 1960s and 70s.* Nova York, London: 2002.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOFMANN, Albert. *LSD, my problem child.* McGraw-Hill Book Company, 1980. Disponível em https://www.maps.org/images/pdf/books/lsdmyproblemchild.pdf

HOLOHAN, Barry John. *Parrot's Perch*. Scottsdale, Arizona: Good Life Productions, 1980.

HOSSRI, Cesário Morey. *Prática do treinamento autógeno & LSD.* São Paulo: Martin Claret, 1984.

HUNGRIA, Camila. D'ELIA, Renata. *Os dentes da memória: Piva, Willer, Franceschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia.* Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea.* In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (orgs). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

KALLEN, Stuart A. *Sixties Counterculture.* Greenheaven Press, 2001.

KEHL, Maria Rita. As duas décadas dos anos 70. In: Itau Cultural. *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras, Itau Cultural, 2005.

KLINTOWITZ, Jacob. *Antonio Peticov, Viajante.* São Paulo: Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural, 2013.

LEARY, Timothy. *The politcs of ecstasy.* Oakland: Ronin Publishing. 1998

LEE, Martin A. SHLAIN, Bruce. *Acid dreams: the complete social history of LSD.* Nova York: Grove Press, 1992.

LEE, Rita. *Uma autobiografia.* Rio de Janeiro: Globo Livros, 2016.

LEMINSKI, Paulo. *O sonho acabou. Vamos bater mais uma.* In: LEMINSKI, Paulo. *Anseios criptícos.* São Paulo: Editora Barba Ruiva, 2008.

LEVI, Giovani. *Comportamentos, recursos, processos: antes da "revolução" do consumo.* In: REVEL, Jacques (org.) Jogos de escala: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LEVI, Giovani. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas.* São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

LIMA, Sérgio. Notas acerca do movimento surrealista no Brasil (da década de 1920 aos dias de hoje). In: Löwy, Michael. *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LONG, John. *Drugs and the "Beats": the role of drugs in the lives and writings of Kerouac, Burroughs and Ginsberg.* Virtualbookwarm.com , 2005.

MAACK, Thomas. *Casa de Arnaldo, circa 1964: Considerações pessoais sobre a repressão interna na Faculdade de Medicina da USP no ano do Golpe Militar.* Revista USP, Junho/Julho/Agosto de 1991. Disponível em http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/52185/56225?fbclid=IwAR1wc5QbHJwXs39YH4lVQP4LuX8ekHc8k9WAtrM1Mxc8vj8z-6I0eaDv2js

MACIEL, Luiz Carlos. *Geração em transe: memórias do tempo do tropicalismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MACIEL, Luiz Carlos. O tao da contracultura. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. NAVES, Santuza Cambraia. (orgs.) "*Por que não?": rupturas e continuidades da contracultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella - o Guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

MAILER, Norman. *Os exércitos da noite.* Rio de Janeiro: Record. 1968.

MARTINEZ CORREA, José Celso. *Primeiro ato: cadernos, depoimentos, entrevistas (1958-1974).* São Paulo: Editora 34, 1998.

MARTINS, Clovis. *Psicose lisérgica: psicopatologia da percepção do espaço, da percepção do tempo e da despersonalização*. Tese para concurso de Livre Docência da Cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 1964.

MARSICANO, Alberto. *Crônicas Marsicanas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2007.

MAUTNER, Jorge, *Mitologia do Kaos*: Volume 2. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2002.

MILLER, Timothy. The Sixties-era communes. In: BRAUNSTEIN, Peter. DOYLE, Michael William. *Imagine Nation: The American Counterculture of the 1960s and 70*s. Nova York, London: 2002.

MUSGROVE, Frank. *Ecstasy and holiness: counterculture and the open society.* Indiana University Press, 1974.

NOSEK, Leopold (et.all). *Álbum de família: Imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NUNES FILHO, Eustachio Portella. *Investigação com a Dietilamina do Ácido Lisérgico*. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, , v. 4, p. 407 - 418, 01 out. 1954.

PAZ, Octavio. *Corriente alterna*. México: Siglo XXI Edcciones, 1969.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura.* São Paulo: Brasiliense, 1984.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Retrato de época: poesia marginal anos 70.* Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

PETICOV, Antonio. *Pinturas e Assemblages de Antonio Peticov.* São Paulo: J.J.Carol Editora, 2007.

PETUCO, Denis Roberto da Silva. *O pomo da Discórdia? a constituição de um campo de lutas em torno das políticas públicas e das técnicas de cuidado em saúde dirigidas a pessoas que usma álcool e outras drogas no Brasil*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

PIVA, Roberto. *Estranhos sinais de saturno: obras reunidas volume 3*. Organização Alcir Pécora. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2008.

PIVA, Roberto. *Mala na mão & asas pretas: obras reunidas volume 2.* Organização Alcir Pécora. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

QUEIROZ, Christina Stephano de. *O caixeiro viajante da poesia ou um estrangeiro inventado:*

ensaio biográfico sobre o poeta líbano-brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado em Letras, 2017.

RIDENTI, Marcelo. *Breve recapitulação de 1968 no Brasil.* In: Vieira, Maria Alice; e Garcia, Marco Aurélio. *Rebeldes e contestadores: 1968 Brasil, França e Alemanha*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

RISÉRIO, Antonio. *Duas ou três coisas sobre a contracultura no Brasil.* In: Itau Cultural, Anos 70: trajetórias. São Paulo: Iluminuras, Itau Cultural, 2005.

REICH, Charles. *O renascer da América: a revolução dos jovens*. Rio de Janeiro: Record, 1970.

ROSZAK, Theodore. *Para uma contracultura*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1971.

SALOMÃO, Waly. *Poesia total*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

SILVA FILHO, A.C.P. *LSD-25.* Revista da Associação Médica Brasileira. São Paulo,p. 178-179, 1964.

SIMÃO, José. *As dunas de Gal*. 2005. Disponível em http://www.galcosta.com.br/sec_textos_list.php?page=1&id=23

SIRKIS, Alfredo. *Os paradoxos de 1968.* In: Vieira, Maria Alice; e Garcia, Marco Aurélio. *Rebeldes e contestadores: 1968 Brasil, França e Alemanha*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

SOUZA, Adriana Barreto de. *Francisco de Lima e Silva na Confederação do Equador: Biografia e escrita da História.* In: AVELAR, Alexandre. SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafias da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

STALLER, Karen M. *Runaways: how the Sixties counterculture shaped today's practices and policies*. Columbia University Press, 2006.

STEPHENS, Julie. *Anti-disciplinary protest: the sixties radicalism and postmodernism.* Cambridge

University Press, 1998.

TORQUATO NETO. *Os últimos dias de Paupéria (Do lado de dentro).* Organizado por Waly Salomão e Ana Maria Silva de Araújo Duarte. Rio de Janeiro: Editora Max Limonad, 1982.

TORGOFF, Martin. *Can't find my way home: America in the Great Stoned Age 1945-2000.* Simon & Schuster Paperbacks, 2004.

VELOSO, Caetano. *Alegria, Alegria*. Organizado por Waly Salomão. Rio de Janeiro: Editora Pedra Q Ronca, 1977.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical.* São Paulo: Cia das Letras, 1997.

VELHO, Gilberto. *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia.* Rio de Janeiro; Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VELHO, Gilberto. Mudança social, universidade e contracultura. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. NAVES, Santuza Cambraia. (orgs.) *"Por que não?": rupturas e continuidades da contracultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

VERGUEIRO, Maria Alice. *Tapa na pantera na íntegra.* São Paulo : Ficções Editora, 2012.

WALDMAN, Anne (org.). *The Beat Book: writings from the Beat Generation.* Boston: Shambala, 2007.

WILLER, Claudio. *Geração Beat.* Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

WILLER, Claudio. *Os rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

WOLFE, Tom. *O teste do ácido do refresco elétrico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

YABLONSKY, Lewis. *The Hippie Trip.* Califórnia: toExcel, 2000.

Processo Judicial

Penal, Arquivo de Primeira Instância, 13ª Vara Criminal, Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo. Processo número 88/70. Réus: Antonio Peticov, Osmar Ludovico da Silva, José Gaspar Vaz Ribeiro, Domingos Proietti, Gibrail D'Ávila Junior, John Emery (qualificação indireta) e Barry John Holohan. Disponível e consultado no Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo – TJ-SP.

Outras pesquisas em Arquivos

Acervo digital de O Estado de São Paulo

Acervo digital da Folha de S. Paulo

Acervo digital da Revista Veja

Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas, Unesp, São Paulo

Arquivo do Público Estado de São Paulo - acervos DEOPS/SP, DOPS/Santos e DCS

Arquivo Nacional – Rio de Janeiro

Entrevistas

- Cláudio Willer, em 26 de agosto de 2015
- Luiz Carlos Maciel, em 28 de agosto de 2015
- Raul Fiker, em 1 de novembro de 2015
- Antonio Peticov, em 13 de novembro de 2015
- Zé Brasil, por e-mail, em novembro de 2015
- Daher Gattaz, por telefone, 29 de fevereiro de 2016
- Marina Gruber, por telefone, 7 de março de 2016
- André Luiz de Oliveira, 26 de novembro de 2016
- Neville D'Almeida, 12 de setembro de 2017
- Osmar Ludovico, 1 de novembro de 2017